

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**

GUILHERME HORST DUQUE

**DO PÉ À LETRA: OS *AMORES* DE OVÍDIO EM
TRADUÇÃO POÉTICA**

VITÓRIA

2015

GUILHERME HORST DUQUE

**DO PÉ À LETRA: OS *AMORES* DE OVÍDIO EM
TRADUÇÃO POÉTICA**

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado em Letras do Programa de Pós-Graduação em Letras do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientador: Prof. Raimundo Nonato Barbosa de Carvalho

VITÓRIA
2015

GUILHERME HORST DUQUE

**DO PÉ À LETRA: OS AMORES DE OVÍDIO EM TRADUÇÃO
POÉTICA**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Letras do Programa de Pós-Graduação em Letras do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Aprovada em _____ por:

Prof. Dr. Raimundo Nonato Barbosa de Carvalho (Orientador)
Universidade Federal do Espírito Santo

Prof. Dr. Guilherme Gontijo Flores
Universidade Federal do Paraná

Prof. Dr. Wilberth Claython Ferreira Salgueiro
Universidade Federal do Espírito Santo

Profa. Dra. Isabella Tardin Cardoso (Membro suplente)
Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP

Profa. Dra. Leni Ribeiro Leite (Membro suplente)
Universidade Federal do Espírito Santo

Para a Leandra: minha melhor parte.

AGRADECIMENTOS

Ao meus pais, Valeria e Ulisses, tia Tânia, Ruben e Renata, Debora e Vitor, em primeiro lugar, pelo suporte sem o qual não teria sido possível a realização deste e de tantos outros trabalhos; pelo carinho, à Leandra; pelo dengo, à Luna – quem acompanhou mais de perto as traduções; ao Nelson, à Rafa, à Flora e à Marihá pelos jogos – e ao Hervan, que começou tudo; ao Gabriel, pelo Gabriel; ao Lucas, leitor assíduo destas e outras traduções, ao Cavalcanti e ao Trindade; ao Bith e à Maria, ao Paulo, à Leni, à Fabíola, pelas aulas, conselhos, leituras e pelo exemplo; ao meu orientador, Prof. Dr. Raimundo Nonato Barbosa de Carvalho, quem me incitou à tarefa e me guiou pelo processo; à CAPES, pela bolsa concedida,

Obrigado.

*Eine Welt zwar bist du, o Rom; doch ohne die Liebe
Wäre die Welt nicht die Welt, wäre denn Rom auch nicht Rom
(W. von Goethe, Römische Elegien, I)*

Um mundo é certo que és, ó Roma; mas sem o Amor
Nem mesmo mundo era o mundo, Roma tampouco era Roma.
(Trad. Guilherme Duque)

RESUMO

Partindo da premissa de que a tradução, tomada como uma tarefa que supõe o estudo e leitura atentos do material traduzido, é constituída por momento de investigação do texto seguido da sua reelaboração, planejada de modo a compartilhar com o original aspectos significativos de sua composição, entendemos, em consonância com o que escreveu Haroldo de Campos sobre tradução, que ela, nestas proporções descritas, se difere muito pouco do exercício da crítica literária. Com isto em mente, e tomando trabalhos como os de João Angelo Oliva Neto, Raimundo Carvalho, Guilherme G. Flores e João Paulo Matedi como modelo, apresentamos agora a tradução integral dos *Amores* de P. Ovídio Nasão acompanhada por um ensaio introdutório que, de maneira panorâmica, mostra algo da reflexão que acompanhou a tarefa de verter em português as elegias do poeta de Sulmona.

Palavras-chave: Tradução. Elegia Erótica Romana. Ovídio. *Amores*.

ABSTRACT

Based on the writings of Haroldo de Campos, we understand that translating differs very little from the exercise of literary criticism. As an activity that presumes the keen study and close reading of the material to be translated, translating is constituted by an analysis of the text followed by its reworking, executed in such a way as to share meaningful aspects of the original's composition. With that in mind, and taking as point of departure the works of João Angelo Oliva Neto, Raimundo Carvalho, Guilherme G. Flores and João Paulo Matedi, I present here the full translation of the Amores from P. Ovid Naso along with an introductory essay, which exposes, in a panoramic way, part of the reflections that were developed throughout the task of converting to Portuguese the elegies of the poet of Sulmo.

Keywords: Translation. Roman Love Elegy. Ovid. Amores.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 DA TRADUÇÃO, DO TRADUTOR	12
1.1 PERCURSOS TEÓRICOS.....	12
1.2 CRITÉRIOS DA TRADUÇÃO.....	19
1.2.1 Métrica.....	20
1.2.2 Princípios gerais.....	28
2 DA ELEGIA, DOS AMORES	30
2.1 ANTECEDENTES E PRECURSORES.....	30
2.2 OS <i>AMORES</i> E A TRADIÇÃO ELEGÍACA.....	37
2.3 <i>PERSONAE</i> DE OVÍDIO NOS <i>AMORES</i>	54
3 TRADUÇÃO	69
LIVRO I.....	69
LIVRO II.....	100
LIVRO III.....	135
4 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	172
5 ANEXOS	177
5.1 ANEXO A – <i>AMORES</i>	178

INTRODUÇÃO

Desde o princípio a preocupação deste trabalho foi produzir uma tradução poética integral dos *Amores* de Ovídio, tarefa que concentrou minha atenção durante a maior parte do tempo disponível para a realização desta dissertação, motivo por que o principal produto das minhas pesquisas nestes últimos anos é, de fato, a tradução que aqui se encontra. Em consonância com as escolhas que fiz ao priorizar esta tarefa, a divisão dos capítulos reflete o curso percorrido. Gostaria de adiantar que o ensaio de abertura à tradução que segue adiante não pretende explorar profundamente questões teóricas ligadas à prática tradutória, mas que, lançando mão do que escreveram sobre o assunto George Steiner, Antoine Berman, Ezra Pound, Haroldo de Campos e Boris Schnaiderman (sem excluir as contribuições mais breves, porque bem pontuais, mas não menos importantes de J. W. von Goethe, W. von Humboldt, F. Nietzsche e W. Benjamin, por exemplo), escolhi ser o mais direto possível e expor um pouco do que penso sobre qual é a importância de se traduzir, qual é a melhor maneira de o fazer – considerando, é claro, o texto trabalhado, pois os métodos de tradução são tão variados quanto os textos de que se ocupam – e o que guiou, enfim, o meu trabalho com os *Amores* de Ovídio. Visitarei brevemente alguns pontos por que passa quem se dedica ao estudo das teorias da tradução: as contradições teóricas a que a prática tradutória está sujeita, o princípio da intraduzibilidade (principalmente se tratando do texto literário) e a necessidade social e cultural da mesma.

Haroldo de Campos em “Da tradução como criação e como crítica” mostra como Ezra Pound identifica no gesto do tradutor um exercício similar ao da crítica literária. Existiria, para Pound, duas coincidências nas suas funções: a tentativa teórica de “antecipar a criação” e a seleção e ordenação do conhecimento, de modo que alguém “possa o mais rápido possível encontrar-lhe [do texto] a parte mais viva e perca o menos tempo possível com questões obsoletas” (CAMPOS, 2013, p. 6). Muito semelhante é o que diz George Steiner, no tocante à leitura e ao gesto interpretativo:

Lá onde ocorre a mais completa interpretação possível, onde nossa sensibilidade se apropria do seu objeto e, ao mesmo tempo que o faz, preserva e anima a vida de tal objeto, o processo é de “repetição do original”. Nós, dentro dos limites de nossa consciência erudita [...], reproduzimos a criação do artista. (STEINER, 2005, p. 52)

A aproximação também pode ser feita através da tese de Walter Benjamin *O conceito de crítica de arte no romantismo alemão* (2011a): para o pensamento romântico

alemão, a obra de arte seria um médium de reflexão, sua forma mais sublime, cabendo à crítica da arte despertar o conhecimento contido nesse médium e levá-lo à consciência: “a crítica é, então, diante da obra de arte, o mesmo que a observação é diante do objeto” (BENJAMIN, 2011a, p. 74). No entanto, ela ultrapassa a observação, ela é “um grau de consciência mais elevado” da obra de arte (*idem*, p. 76). A crítica, ela própria um médium, é o que liga a obra singular à “infinitude da arte” através da pluralidade de respostas (entenda-se julgamentos críticos) que a compõem. Disto se conclui que a crítica *faz parte* da obra de arte, “para os românticos, a crítica é muito menos o julgamento de uma obra do que o método do seu acabamento” (*idem*, p. 77). No seminal ensaio “A tarefa do tradutor”, Benjamin reconhece na tradução um meio de sobrevivência (ou “pervivência”, como prefere Susana Kampff Lages) da obra literária, lembrando, também então, dos românticos alemães:

Eles possuíram, antes de outros, uma consciência da vida das obras, cujo mais alto testemunho é dado pela tradução. Sem dúvida, eles praticamente não a reconheciam enquanto tal, dirigindo toda a sua atenção à crítica literária, a qual também representa um momento, ainda que menor, da “pervivência” das obras. [meus grifos] (BENJAMIN, 2011b, p. 111)

Entretanto, apesar de os textos que citamos tenderem a fazer acreditar que sim, não podemos afirmar que a tarefa do crítico e a do tradutor é a mesma, mas concluímos que, se a atividade tradutória não é *igual* à atividade crítica, esta está ao menos incluída na primeira: é com um olhar crítico que o tradutor deve, em primeiro lugar, se aproximar do seu objeto, porém sua atividade demanda ainda um trabalho técnico, a ressignificação do objeto.

O texto que precede a tradução dos *Amores* é composto de duas partes: na primeira, que engloba os dois primeiros capítulos, discuto algumas questões teóricas dos estudos de tradução para em seguida explicar alguns critérios que elegi para traduzir os poemas. A segunda parte dá conta do material traduzido. De início são abordadas em linhas gerais as origens, características e expoentes da Elegia Erótica Romana, fornecendo a base para a apresentação dos *Amores* de Ovídio e o lugar que a coletânea tem nesta tradição elegíaca, o que dela acata e o que rejeita. Dediquei, por fim, algum tempo à descrição da *persona* criada por Ovídio, tantas vezes abordada pelos críticos como se fosse o próprio Ovídio, autor empírico. Nesta última seção resgato as reflexões de John T. Davis em *Fictus adulter: poet as an actor in the Amores* (1989) para dar ênfase ao caráter performático do amante ovidiano.

Já existem pelo menos duas traduções completas dos *Amores*, além da tradução-paráfrase de Antônio Feliciano de Castilho, e uma grande variedade de poemas isolados como partes de coletâneas ou artigos acadêmicos. A tradução que se segue, no entanto, se difere delas não só pelo motivo óbvio de constituir uma experiência textual diferente das anteriores – como qualquer tradução seria –, mas também, das últimas, pelo fôlego e, das primeiras, pelo método.

1 DA TRADUÇÃO, DO TRADUTOR

1.1 PERCURSOS TEÓRICOS

O trabalho com textos antigos, quer de origem grega ou latina, faz com que a tradução (compreendida, grosso modo, como a operação de verter escritos de uma determinada língua para outra) seja praticamente uma exigência nos Estudos Clássicos. Mesmo sem se fazer um levantamento minucioso, é possível afirmar com certa segurança que todos os trabalhos feitos hoje no contexto brasileiro que se dedicam ao estudo dos autores da Antiguidade clássica incluem em alguma instância a tradução – prática já há muito tempo consolidada pela cortesia acadêmica em fornecer uma tradução ao leitor não familiarizado com o idioma de determinado excerto, cuja reprodução se faça necessária em um estudo, de modo a esclarecer seu uso, no caso de uma citação, ou sua análise. No entanto, o número de estudiosos que se dedicam a refletir com mais cuidado sobre a prática tradutória ainda representa uma pequena parcela dos envolvidos com os Estudos Clássicos, o que mostra que, embora clássicos da teoria da tradução, como o *Depois de Babel* de George Steiner, já tenham batido a marca dos 30 anos de idade, os estudos de tradução ainda são uma área a que pouca atenção é dada.

São de grande valor as reflexões de Raimundo Carvalho na sua tradução integral das Bucólicas de Virgílio, por exemplo, e João Angelo Oliva Neto, organizador e tradutor d’*O livro de Catulo*, precursores, em certa medida, de trabalhos mais recentes que se propõem a traduzir os poetas clássicos dando atenção para as particularidades de cada poética, buscando descrevê-las e, na medida do possível, propor soluções em vernáculo com vistas às equivalências pretendidas. São exemplo disso os trabalhos de Guilherme Gontijo com Propércio e Horácio, de Carlos Leonardo Antunes com a poesia lírica grega, de Marcelo Tápia com a *Odisseia*, de Leandro Cardoso e Rodrigo Gonçalves com a comédia latina e de João Paulo Matedi com Tibulo, para lembrar apenas uns poucos nomes, mas a postura que impera nos Estudos Clássicos ainda é a que pode ser descrita pelo *topos* referido por Paulo Sérgio de Vasconcellos em artigo publicado na revista *Scientia Translationis*: “a profissão de fé de que, na tradução de textos literários, sobretudo poéticos, preferiu-se ser *fiel* ao original.” (2011, p. 69). As chamadas “traduções de estudo”, alcunha que denota, ao fim e ao cabo, a reprodução do “conteúdo” dos textos

poéticos em detrimento aos “efeitos estéticos” do mesmo. Esta é a prática que norteia a maior parte das traduções presentes nas teses e dissertações que se produzem no cenário brasileiro atual, quase sempre reduzidas ao papel de apêndice (embora nem sempre nomeadas como tal). O que resiste por trás desse *modus operandi*, da lamentação das “perdas” que sofre um texto quando o tradutor se engaja no encaixe ao que é dado o rótulo de “efeito estético” senão a ultrapassada dicotomia forma/conteúdo? Isso não quer dizer, evidentemente, que os próprios tradutores desconheçam as teorias que desmantelam essa divisão e tampouco que este exercício mereça ser desqualificado, o que está longe de ser verdade. O que apontamos é: conquanto muito se traduza, pouco se reflete sobre o ato de se traduzir e a tradução literária levanta, ainda hoje, olhares de censura em certos grupos no meio acadêmico. Na verdade, a tradução se apresenta como um problema teórico desde a sua base, sendo a chamada tradução literária – esta que procura reproduzir mais do que simplesmente a informação semântica dos poemas – apenas a prática que inspira, talvez, mais suspeitas.

Paulo Henriques Britto, em *A tradução literária* (2012, p. 12), lista alguns mitos que o senso comum reproduz sobre a atividade tradutória: que traduzir é uma tarefa relativamente fácil cujo principal requisito (e desafio) é conhecer as palavras correspondentes em dois idiomas, o que é resolvido com a consulta a dicionários bilíngues e que, por isso, com o avanço da tecnologia se tornará cada vez mais uma atividade automatizada, deixada ao encargo de *softwares* especializados. O tradutor admite, então, que essas noções dão conta, ao menos em parte, de descrever o processo de tradução de alguns tipos de texto cuja preocupação imediata é meramente a veiculação de determinada informação (manuais de máquinas, por exemplo) – no entanto, que seja uma tarefa fácil e que o principal problema que o tradutor enfrenta é vocabular são ideias ilusórias (p. 13). É claro, porém, que a tradução de textos mais complexos demandará uma atenção e cuidado maiores, cobrando ao tradutor competências para além do domínio do idioma em que o texto original se encontra e o de chegada – caso da obra literária.

Não creio que seja possível (ou produtivo) repetir neste ensaio como a teoria literária moderna reiterou a participação ativa e central que o *significante* e a *forma* têm no processo de significação da obra literária, ou lembrar de tudo o que difere a literatura dos outros usos da comunicação verbal, sem me delongar em um assunto que não faz parte propriamente dos interesses deste trabalho. Gostaria, porém, de retomar brevemente algumas características atribuídas pela crítica especializada mais recente ao texto literário úteis para a discussão que pretendemos. Em primeiro lugar, não se tratando da expressão

de um sentimento, uma ideia ou ideologia de um sujeito (autor), mas de uma elaboração verbal que visa a produzir determinado efeito estético, a obra literária não deve ser compreendida senão como uma criação artística. Em segundo, como criação artística, a obra literária é um acontecimento *único*, conforme Haroldo de Campos (2013, p. 1-18) demonstra através da ideia de Albrecht Fabri de “sentença absoluta”, própria da linguagem literária, que “não tem outro conteúdo senão sua estrutura” (p. 1). Como acontecimento único, a *informação estética* – para repetir o conceito de Max Bense em que Haroldo se ampara – não se distingue de sua realização singular (p. 3), o que pode ser exemplificado por um exercício escolar popular: a reelaboração dos dois primeiros versos do Hino Nacional na ordem natural da fala: “As margens plácidas do Ipiranga ouviram um brado retumbante de um povo heroico”. Ainda que a *informação semântica* (outro conceito de Bense) tenha se conservado, dissipou-se o encadeamento silábico, de modo que seria impossível reproduzir a melodia que acompanha o Hino com esse ajuste. Quanto ao *significado* da obra, ainda poderíamos pensar nos impactos do estruturalismo, por exemplo, nas abordagens críticas, e na modificação do entendimento da relação entre autor/obra, desde a morte do autor barthesiana, que abalaram irreversivelmente a crença em um sentido único do texto, legando aos leitores uma participação central no processo de produção de significados – potencialmente tão variados quanto o público que os lê. Por vias diversas a teoria literária encaminha-se, portanto, à assertiva de que a tradução de um texto literário, pelos motivos arrolados acima, é uma tarefa impossível, uma vez que a reprodução *fiel e completa* da obra é inatingível.

No outro lado do debate, a própria teoria linguística não colhe de seu desenvolvimento outra conclusão senão a de que a tradução, do ponto de vista teórico, é uma prática irrealizável, como demonstra Susana Kampff Lages, em seu estudo intitulado *Walter Benjamin – tradução e melancolia* (2007), ao retomar o pensamento de Georges Mounin, segundo o qual

a atividade de tradução suscita um problema teórico para a linguística contemporânea: se aceitarmos as teses correntes a respeito das estruturas dos léxicos, das morfologias e das sintaxes, seremos levados a afirmar que a tradução deveria ser impossível. (MOUNIN, *apud* LAGES, 2007, p. 68)

Não que não tenha havido tentativas de se chegar a uma língua – ou ao menos a uma gramática – universal. Desde os trabalhos de Roger Bacon, na Idade Média, sobre a linguagem, passando pela gramática de Port-Royal até as gramáticas gerativas de Chomsky, estudiosos da linguagem procuraram descrever a linguagem humana sob a

premissa de que ela se assentaria em uma estrutura universal, não importando o quão diferente fossem no âmbito superficial da expressão concreta (STEINER, 2005, p. 100-101). No entanto, todas essas teorias esbarram no problema incontornável da impressionante variedade (em quantidade e em funcionamento) de línguas que existem e na consequente conclusão da irrealidade de uma estrutura que abarque todas elas. Entretanto, como observa Mounin, a despeito do desafio teórico de descobrir pontos de contato entre a gama enorme de línguas faladas, tradutores existem, e embora a prática da tradução tenha que conviver com tantos paradoxos, ela sempre foi um importante componente da relação humana, uma necessidade social.

George Steiner defende em *Depois de Babel* que ela é um componente essencial da própria linguagem humana, quando amplia o entendimento de tradução como um processo que se dá entre duas línguas para abordá-lo *dentro* de uma mesma língua. No capítulo intitulado “A compreensão como tradução” ele diz: “qualquer leitura abrangente de um texto do passado escrito na própria língua do leitor e pertencente a sua literatura é um complexo ato de interpretação” (2005, p. 43), pois a língua se transforma, ela “muda tão rapidamente e em tão diferentes formas como a própria experiência humana” (2005, p. 45). O tanto que uma leitura atenta do teatro de Shakespeare, exemplo que o autor usa, demanda a consulta a dicionários é testemunha do quanto essa atividade se assemelha à de um tradutor.

A distância de centenas de anos entre a produção do texto shakespeariano e o leitor imaginado por Steiner talvez cause a impressão de ser a reprodução de uma obviedade, mas o autor demonstra que o mesmo abismo que o tempo pode criar também pode ser criado por disparidades regionais (igualmente óbvias), *sociais* – “a dicção da classe alta do inglês [...] funciona tanto como um código de reconhecimento mútuo [...] quanto como um instrumento de exclusão” (STEINER, 2005, p. 58) –, *ideológicas* – “traduzir um texto stalinista sobre a paz ou a liberdade sob a ditadura do proletariado para um idioma não stalinista [...] é produzir uma glosa polêmica” (p. 59) –, *etárias* – “as crianças usam diferentes frases, entoações e gestos quando se dirigem a um adulto e quando falam com elas mesmas” (p. 62) –, e *genéricas* – vide os estereótipos da mulher tagarela e do homem mentiroso. Tudo isso leva o autor à conclusão de que

Qualquer modelo de comunicação é simultaneamente um modelo da tradução, de uma transferência horizontal ou vertical de significação. Não há duas épocas históricas, duas classes sociais, duas localidades que usem as palavras e a sintaxe para expressar as *mesmas coisas*, para enviar *sinais idênticos* de valoração e inferência. *Nem dois seres humanos*. [Meus grifos] (STEINER, 2005, p. 70)

O próprio conceito de uma língua padrão é posta em xeque por Steiner, por mais uniformes que as expressões pareçam ser (p. 71). Toda comunicação pressupõe uma atividade tradutória, pois todo ser humano “realiza um ato de tradução, no sentido completo da palavra, quando recebe uma mensagem verbal de qualquer outro ser humano” (p. 71).

A despeito da aparente impenetrabilidade dos sistemas linguísticos, através do princípio da semiótica de Peirce de que um signo (verbal ou não) *sempre* se explica por meio de outros signos previamente conhecidos por quem entra em contato com ele pela primeira vez, Roman Jakobson, em outro texto, chama de “tradução” a aplicação do princípio peirceano ao uso da língua, exemplificando com o vocábulo “solteiro”, que pode ser explicitado pelo conjunto de signos verbais “homem não casado” (JAKOBSON, 1977, p. 63). O linguista chega, enfim, à conclusão de que

toda experiência cognitiva pode ser traduzida e classificada em qualquer língua existente. Onde houver uma deficiência, a terminologia poderá ser modificada por empréstimos, calços, neologismos, transferências semânticas e, finalmente, por circunlóquios. (JAKOBSON, 1977, p. 66)

Se por certo exagero teórico a tradução foi (e é) declarada tantas vezes uma tarefa impossível, recaindo sobre a figura do tradutor a sombra melancólica da consciência de se engendrar um esforço vão, a tradução se torna a condição de existência de qualquer tipo de comunicação, na esteira do que dizem Steiner e Jakobson. No entanto, a tradução não é apenas uma necessidade social, mas também uma necessidade cultural. Poucas épocas levaram tão a sério o papel da tradução – entenda-se de literatura – na formação do patrimônio cultural do que o romantismo alemão. As teorias então elaboradas constituem, para Antoine Berman (2002, p. 314), a base das principais correntes de tradução modernas. Tendo sido o “alemão literário” fundado justamente por uma tradução, muito cedo a cultura alemã definiu sua atitude ante as culturas estrangeiras com uma postura que antagonizava, então, a dos franceses, a quem era atribuída a prática de se traduzir modificando a bel-prazer o texto estrangeiro de modo a embelezá-lo e apresentá-lo conforme os gostos literários da época (BERMAN, 2002, p. 68). Friedrich Nietzsche, ao abordar o problema da tradução, lembra negativamente a prática francesa:

Pode-se avaliar o senso histórico de uma época pelo modo como nela são realizadas as traduções e pelo modo como se incorporam o passado e os livros. Os franceses da escola de Corneille, e também os da Revolução, *se apropriaram* [*bemächtigen*] da Antiguidade romana de um modo hoje inadmissível graças à nossa compreensão histórica superior. [Meus grifos] (NIETZSCHE, 2010, p. 195)

É notável o emprego do verbo *bemächtigen* (apoderar-se, apossar-se, usurpar) para descrever a relação que os franceses manteriam com a Antiguidade na visão alemã – ecoada pelo filósofo no século XIX. O mesmo gesto conquistador, violento, Nietzsche também enxerga na relação que a cultura romana estabeleceu com a grega, seu modo de se apoderar dos metros e repertório literário, chamando – impropriamente, diríamos hoje – de *tradução* o que Horácio faz com Alceu e Propércio com Calímaco.

O conceito que melhor exprime, segundo defende Berman, o pensamento alemão referente à formação de uma cultura é o de *Bildung*, o processo por que passam “um indivíduo, um povo, uma nação, mas também uma língua, uma obra de arte em geral” (BERMAN, 2002, p. 80) para adquirirem uma forma (*Bild*). Essencial para esse processo é a experiência da alteridade, que exige a entrega completa de um sujeito a uma realidade estranha a ele, de modo a transformá-lo (BERMAN, 2002, p. 81). A experiência da alteridade não pode, desse modo, ser confundida com a simples apropriação, que, ao contrário, é um gesto oposto, pois é um movimento de dominação e não de entrega, é reduzir o outro ao mesmo (BERMAN, 2002, p. 84). No entanto, deve-se ressaltar que as transformações por que passa o sujeito exposto a essas condições são sempre em direção a ele próprio: ainda que haja um movimento de *outrar-se*, para que o processo se complete é necessário um retorno ao *mesmo*: a forma que ele adquire, enfim, é uma forma *própria*. Berman diz que “A *Bildung* nunca pode, em virtude de sua natureza de experiência [da alteridade], ser uma simples imitação do estrangeiro” (BERMAN, 2002, p. 88).

A partir disso, compreende-se o valor dado à tradução como meio de ampliar a própria cultura. Na introdução à sua tradução (publicada pela primeira vez em 1816) da tragédia *Agamêmnon*, de Ésquilo, Humboldt defende que “a tradução, sobretudo a dos poetas, é uma das tarefas mais necessárias dentro de uma literatura” (HUMBOLDT, 2010, p. 107), à qual atribui duas funções: a de permitir ao público não familiarizado com a língua do original o contato com “formas da arte e da humanidade que de outro modo lhes permaneceriam desconhecidas” (2010, p. 107) e a de “aumentar a importância e a capacidade expressiva da própria língua” (*ibidem*), esta segunda ecoada por Benjamin em seu já mencionado ensaio, quando ele diz que “a tarefa do tradutor é redimir [*erlösen*], na própria, a pura língua, exilada na estrangeira, liberar [*befreien*] a língua do cativo da obra por meio da recriação” (BENJAMIN, 2011b, p. 117). Chamo atenção aos verbos destacados em alemão. Um e outro reforçam a imagem da *libertação* da própria língua presente na metáfora do “cativo da obra”. Em Benjamin, no entanto, esse movimento de expansão toma uma dimensão messiânica que não figura em Humboldt, mas é

característica da teoria benjaminiana da linguagem, sabidamente influenciada pela cabala judaica.

No mesmo texto Humboldt lembra o quanto a literatura alemã ganhou, por exemplo, com a transposição dos metros clássicos para o alemão – meta que, para o poeta e tradutor, ninguém completou melhor do que J. H. Voss. A ampliação da capacidade expressiva da língua, via tradução, se dá justamente pela contaminação dos modos de expressão do *outro* com os da língua de chegada: em lugar de submeter o texto e a língua estrangeira à língua de chegada, uma tradução desse tipo submete a língua de chegada à língua estrangeira, explorando potências expressivas da própria língua que o uso corrente eclipsa. Existe, no entanto, um limite imposto pela inteligibilidade agindo sobre esse princípio, pois, ao assumir “um certo colorido estranho” (HUMBOLDT, 2010, p. 111), o leitor deverá “sentir o estranho ao invés da estranheza” (*idem, ibidem*).

Retomando o que foi dito até aqui, chegamos às conclusões de que: a) a tradução, tomada como a reprodução integral, completa e idêntica de determinado texto em outra língua, é uma atividade teoricamente impossível; b) fora o papel fundamental no contato entre povos de idiomas distintos, a tradução é uma importante ferramenta de ampliação da língua e da cultura de chegada, disso derivando que certas traduções, quer pelo impacto que causam à cultura que as recebeu, quer por determinado marco que representaram, entraram para o cânone nacional juntamente com outras produções autóctones. O que tiramos de tudo isso é que toda tradução constituirá sempre um texto novo, mesmo que paire sobre ele a sombra de um texto primevo, e histórico, na medida em que dialoga com múltiplas tradições, mas principalmente com certas tendências contemporâneas – o que é facilmente observável ao compararmos traduções de um mesmo texto, em uma mesma língua, em épocas distantes. Muitas vezes se lamenta, como já dissemos, as perdas que uma tradução poética acarreta, mas isso é verdade para qualquer tipo de tradução: ao verter um texto de um idioma em outro, perde-se exatamente tudo. O tradutor constrói um novo texto. Muitas vezes a ele é imputada uma meta inalcançável, e por isso mesmo triste, no entanto, sob uma ótica invertida, Paul Valéry demonstra o quão libertador é o conhecimento da natureza recriadora da atividade tradutória.

Para Haroldo de Campos, o texto mais importante do poeta francês sobre a tradução é a introdução às *Bucólicas* de Virgílio por ele traduzidas (CAMPOS, 2013, p. 61). Raimundo Carvalho, ao traduzir os poemas pastoris de Virgílio para o português, lançou mão abundantemente das reflexões do ensaio do poeta francês, tendo-o também traduzido (VALÉRY, 1999). Muito do que Valéry postula em sua discussão já foi aqui

mencionado por meio de outras fontes – a saber, a valorização do estranhamento como elemento constituinte da tradução e a “negação do caráter *intermediário* da linguagem” (CAMPOS, 2013, p. 63) –, mas fundamental para a compreensão do que significa traduzir poeticamente um texto, é a “desconstrução do dogma da fidelidade à mensagem, [isto é] ao conteúdo cognitivo” (CAMPOS, 2013, p. 62) defendida pelo poeta francês. A fidelidade é uma questão central para a tradução, pois é o que a diferencia do “texto criativo”. Mal compreendida, ela costuma ser o principal argumento *contra* as traduções poéticas. O que Valéry propõe não é de forma alguma, como os detratores desta prática tradutória afirmam, que se relegue a um segundo plano o conteúdo semântico do texto (retomando a expressão de Bense) pela primazia de certo efeito estético buscado pelo tradutor, mas que o tradutor se mantenha fiel à *forma*. A tradução de um poema *deve* ser um novo poema. A operação tradutória seria, de fato, a operação poética por excelência, pois

Livre da tarefa de inventar um conteúdo novo para o seu texto, o poeta-tradutor pode se ater mais detidamente no trabalho de criação propriamente poético, que é o de criar, através de harmonias e ressonâncias musicais, a aparência de um objeto perfeito, cuja forma esteja reconciliada com o seu conteúdo e pareçam unidos por laços necessários, um a demandar o outro. (CARVALHO, 2005, p. 113)

Ponderar o que se deve priorizar em determinada tradução e, assim, eleger os critérios que deverão conduzir a atividade tradutória constitui uma verdadeira ética da tradução – para retomar o termo empregado por Berman em *A tradução e a letra* (2007) – e é provavelmente o maior desafio do tradutor. Ao determinar as bases em que seu trabalho irá operar, o tradutor determina o fio condutor da sua prática, o que será responsável pela unidade do produto do seu labor, seu *projeto* tradutório, enfim. É a este projeto que sua fidelidade deve responder. Portanto, esclarecerei a seguir os critérios que guiaram a tradução dos *Amores* que ora apresento, para que se estabeleçam os critérios por que espero que ela seja avaliada.

1.2 CRITÉRIOS DA TRADUÇÃO

Tratando-se de um texto antigo, a escolha da edição do original se torna de especial relevância. Tal escolha pode se apresentar como um problema em particular, no caso de obras em que o dissenso sobre a organização dos livros ou poemas ainda é grande. Felizmente, para mim, os *Amores* de Ovídio não são alvo deste tipo de disputa, embora

coexistam mais de uma edição do texto. Foi possível, por isso, a consulta a múltiplas edições simultaneamente: a de Jeffrey Henderson, publicada pela Loeb Classical Collection, a de Henri Bornecque, publicada pela *Les Belles Lettres*, e a de E. J. Kenney, encontrada na tese de doutoramento de Lucy Ana de Bem “Confluência genérica nos *Amores* de Ovídio”. As diferenças entre as edições eram mínimas, reduzidas a divergências entre “*quid*” e “*quod*”, a grafia de algumas palavras como “*inrumpo*” e “*irrumpo*”. Em um caso apenas a mudança foi algo significativa, porém, ainda branda: no final do verso 3 de Am. II, 1 lê-se ora “*procul hinc, procul este, seuerae*”, ora “*procul hinc, procul este, seueri*”, alternando o gênero daqueles a quem a *persona* poética se dirige: às *austeras*, no primeiro caso (edição de Henri Bornecque), aos *austeros*, no segundo (edição de Jeffrey Henderson). Confesso não ter o domínio dos conhecimentos necessários para avaliar com propriedade uma e outra edição, portanto, escolhi me amparar em uma para normatizar a tradução: o texto fixado por Henri Bornecque, publicado pela editora francesa *Les Belles Lettres*.

1.2.1 Métrica

A primeira decisão que tomei quanto à forma da tradução diz respeito à versificação. Os versos, na Antiguidade clássica, eram nomeados segundo o número de pés que os compunha, unidade métrica adotada que consistia em um conjunto de duas ou mais sílabas de duração variável: longas (–) ou breves (v). Um iambo, por exemplo, formase a partir de uma sílaba breve seguida de uma longa (v –). Os *Amores* de Ovídio foram compostos em dísticos elegíacos, caracterizados pela alternância entre hexâmetros datílicos e pentâmetros datílicos (“|” indicam o fim dos pés e “||” indicam a cesura):

$$\begin{array}{l} - \underline{v} \underline{v} | - \underline{v} \underline{v} | - \underline{v} \underline{v} | - \underline{v} \underline{v} | - \underline{v} \underline{v} | - \underline{v} \\ - \underline{v} \underline{v} | - \underline{v} \underline{v} | - || - \underline{v} \underline{v} | - \underline{v} \underline{v} | - \end{array}$$

O hexâmetro tradicional, representado graficamente acima, era composto por seis dáctilos, uma sílaba longa seguida de duas breves (– v v), no entanto, à época dos elegistas romanos, dentre os quais se inclui Ovídio, era comumente aceita a substituição do dáctilo por um espondeu, duas sílabas longas (– –), exceto no quinto pé do verso, que deveria ser sempre um dáctilo (PLATNAUER, 2013, p. 36). O que ocorria efetivamente era a substituição das duas sílabas breves que compunham o dáctilo por uma sílaba longa. O

pentâmetro, diferente do que o seu nome sugere, consiste em um hexâmetro duplamente catalético: ele começa como um hexâmetro regular com uma cesura forte que quebra o terceiro pé na sílaba longa (– ◡ ◡ | – ◡ ◡ | –), no entanto, o segundo hemistíquio começa com um novo dátilo, deixando o anterior incompleto, e se encerra novamente em um dátilo incompleto.

Há desde a Renascença tentativas de se adaptar em vernáculo o esquema métrico clássico, de se resolver a grande questão da reprodução de um sistema baseado na duração das sílabas em línguas que perderam esta característica, conforme escreve Marcelo Tápia (2014, p. 205). O hexâmetro datílico recebeu neste percurso uma particular atenção: verso de prestígio na Antiguidade, foi abundantemente mimetizado por poetas mais modernos. Constituindo a metade dos versos dos *Amores*, nos interessa fazer um breve levantamento de algumas soluções a que chegaram poetas em língua portuguesa para reproduzi-lo, a partir das quais pensaremos a tradução do pentâmetro datílico – que, não custa lembrar, possui a *base* hexamétrica.

Dos poetas que tentaram trazer o hexâmetro datílico ao português, João Angelo Oliva Neto (2014, p. 186-187) conta cinco portugueses, José Anastácio da Cunha (1744-1787), Vicente Pedro Nolasco da Cunha (1773-1844), José Maria da Costa e Silva (1788-1854), Júlio de Castilho (1840-1919) e Fernando Pessoa (1888-1935), e dois brasileiros, Carlos Magalhães de Azeredo (1872-1963) e Carlos Alberto Nunes (1897-1990). De todos esses nomes, o que merece maior destaque, no tocante à adaptação do hexâmetro datílico em português, é o de Carlos Alberto Nunes: prolífico tradutor, Nunes traduziu as três grandes epopeias clássicas, a *Ilíada* e a *Odisseia* homéricas e a *Eneida* de Virgílio, para o português, equivalendo à sequência de uma sílaba longa seguida de duas breves, que caracteriza o hexâmetro datílico, uma sílaba tônica seguida de duas átonas. A seguir, o início da *Eneida* (I, 1-7):

*Arma uirumque cano, Troiae qui primus abo ris
Italiam, Fato profugus, Lauíniaque uenit
Litora, multum ille et terris iactatus et alto
Ui superum saeuae memorem Iunonis ob iram,
Multa quoque et bello passus, dum conderet urbem,
Inferretque deos Latio, genus unde Latinum
Albaniaque patres, atque altae moenia Romae.*

As armas **canto** e o **varão** que, **fugindo** das **plagas** de **Troia** **por** **injunções** do **Destino**, **instalou-se** na **Itália** **primeiro** e de **Lavínio** nas **praias**. A **impulso** dos **deuses** por **muito**

tempo nos mares e em terras vagou sob as iras de Juno, guerras sem fim sustentou para as bases lançar da cidade e ao Lácio os deuses trazer – o começo da gente latina, dos pais albanos primevos e os muros de Roma alternados.

No mesmo trabalho acima referido, João Angelo descreve detidamente o verso núnico, como ficou conhecido. Em resumo, o hexâmetro de Nunes: a) não admite a substituição das duas sílabas breves por uma sílaba longa (o que equivaleria, conforme o padrão criado por Nunes, à sucessão de uma sílaba tônica a outra tônica), atitude que, na interpretação de Neto, aponta para a crença, por parte do tradutor, na absoluta “inexistência de quantidades em português” (OLIVA NETO, 2014, p. 191); b) os versos, dada a manutenção ininterrupta do ritmo datílico, têm regularmente 16 sílabas (OLIVA NETO, 2014, p. 191), sendo, no entanto, fendido por cesuras em versos menores: quando por uma cesura pentemímera, em um verso de sete sílabas e um de nove – “**Cabe tão fero rancor // no’ imo peito dos deuses eternos?**” (*Eneida* I, 11) – (OLIVA NETO, 2014, p. 195); quando por uma cesura trimímera seguida de uma heptemímera, em um verso de quatro sílabas e dois de cinco – “**No meu cortejo // se encontram quatorze // belíssimas ninfas**” (*Eneida*, I, 71) – (OLIVA NETO, 2014, p. 196). Esta segunda opção sendo menos comum do que a primeira.

Em uma tentativa de emular os versos núnicos, empreguei o mesmo procedimento à realidade do dístico elegíaco: ao hexâmetro bastou aplicar as regras estabelecidas por Nunes, ao pentâmetro me coube adaptá-las seguindo o princípio de equivaler às sílabas longas as tônicas e às breves as átonas, mantendo a regularidade tradicional, podendo o verso ser dividido em dois versos de sete sílabas ao se obedecer à pausa da cesura. Segue a tradução, nesses moldes, dos primeiros quatro versos de *Amores* I, 1:

*Arma gravi numero uiolentaque bella parabam
Edere, materia conveniente modis.
Par erat inferior versus; risisse Cupido
Dicitur atque unum surripuisse pedem.*

**Armas e guerras violentas // num ritmo mais grave eu ia,
cantar: assunto adequado // ao metro’ então empregado.
Tal como o verso primeiro // era o próximo; contam, porém,
que’ às gargalhadas roubou // um dos seus pés o Cupido.**

Dissuadiu-me do método, em primeiro lugar, a dificuldade em finalizar o primeiro hemistíquio dos pentâmetros com uma sílaba tônica. No trecho acima, por exemplo, no

segundo verso é preciso desconsiderar a última sílaba da palavra “adequado” para que ele se encaixe na proposta – com o deslocamento da sílaba tônica de “cantar”, por outro lado, estou relativamente confortável (pelo menos até achar uma solução melhor), fiado na elasticidade melódica que o português me permite neste ponto. Em segundo lugar, cabe a crítica de Haroldo de Campos ao metro, lembrada por João Angelo (2014, p. 194), de que, porque muito extenso, o verso mais se assemelharia à prosa ritmada. É verdade que o problema é mitigado quando se respeitam as cesuras, porém é difícil escapar à prolixidade que versos tão longos ocasionam – que se faz sentir menos em poemas narrativos, como os traduzidos por Nunes, do que nos de tradição lírico-elegíaca, dentre cujos atributos se conta a brevidade (*breuitas*). Além disso, pelo menos no contexto da poesia augustana, em que a *Eneida* se inscreve, a manutenção ininterrupta do ritmo datílico – e a monotonia dela advinda – era uma prática que os poetas buscavam evitar.

Renunciando à tentativa de fazer corresponder o sistema de quantidade em vernáculo, recentemente Érico Nogueira (2012) chegou a uma solução interessante a partir da proposta de Nunes: a manutenção dos acentos no verso sem que, no entanto, eles sejam necessariamente intervalados sempre por duas sílabas fracas. Nogueira cria, assim, versos não hexamétricos, mas “hexatônicos” (TÁPIA, 2014, p. 215). Marcelo Tápia, descrevendo este modelo que adota na tradução (ainda em curso) da épica homérica, diz que os versos: a) não possuem número fixo de sílabas; (TÁPIA, 2014, p. 215) b) são constituídos por cinco ou seis acentos, conforme a marcação rítmica; (2014, p. 216) c) apesar da variação do ritmo no verso, o final conserva-se segundo o modelo hexamétrico clássico (– ◡ ◡ | – ◡) (2014, p. 216). Tápia inclui ao final de seu artigo um excerto da sua tradução do canto XI da *Odisseia*, do qual reproduzo um trecho (XI, 1-5):

**Quando, depois, descemos ao mar e ao navio,
primeiro ao mar divino o navio empurramos,
e, da negra nau, o mastro e as velas erguemos;
levadas a bordo as ovelhas pegas, seguimos
tristes, aflitos, vertendo lágrimas fartas.**

Assim procedendo, porém, muito pouco resta do ritmo datílico, e o tradutor se desvia por muito pouco do dodecassílabo heroico. Apesar de ser uma proposta interessante, não vejo motivo para adotá-la em lugar de determinado verso já existente em língua portuguesa, opção de muitos tradutores, dos quais veremos alguns agora.

Muito antes de Nunes, no entanto, ainda no século XIX, Manuel Odorico Mendes traduzira as mesmas grandes epopeias da Antiguidade, optando por lançar mão de um

verso tradicional da literatura portuguesa em lugar de criar um metro novo: o decassílabo heroico. Com efeito, a obra tradutória de Mendes não teve em geral uma boa recepção, recebendo juízos pesados – como o de Silvio Romero, que lhe chama as traduções de monstruosidades escritas em português macarrônico (ROMERO *apud* CAMPOS, 2013, p. 9) – principalmente devido à difícil compreensão do texto em português. Foi Haroldo de Campos que o resgatou ao reconhecer os méritos de sua empresa, então inédita em língua portuguesa, laureando-o com o título de transcriador *avant la lettre* (CAMPOS, 1991, p. 144), sem deixar de fazer ressalvas a alguns aspectos do projeto tradutório de Mendes. Haroldo inaugurou assim a revalorização do poeta, tendo sido republicadas pela editora da Unicamp em parceria com a Ateliê Editorial as versões da *Ilíada*, *Odisseia*, *Eneida* e das *Bucólicas* (poemas pastoris) de Virgílio. Segue o mesmo trecho da *Eneida* reproduzido acima na tradução de Nunes:

Armas canto, e o varão que, lá de Troia
Prófugo, à Itália e de Lavínio às praias
Trouxe-o primeiro o fado. Em mar e em terra
Muito o agitou violenta mão suprema,
E o lembrado rancor da seva Juno;
Muito em guerras sofreu, na Ausônia quando
Funda a cidade e lhe introduz os deuses:
Donde a nação latina e albanos padres,
E os muros vêm da sublimada Roma.

Movido por um esforço de concisão (CAMPOS, 2013, p. 9), Mendes condensa o quanto pode os versos latinos, acomodando-os em dez sílabas. A correspondência verso a verso entre tradução e original, no entanto, é quebrada: observe-se que os sete versos iniciais da *Eneida* viram nove na tradução de Mendes. As *Bucólicas* de Virgílio, também escritas em hexâmetros datílicos e também vertidas por Mendes em decassílabos, passam de 830 versos, no total, a 848 (apenas uma bucólica, a VII, possui a mesma quantidade de versos em português e em latim). Voltaremos a falar na possibilidade de se traduzir o hexâmetro datílico com o decassílabo heroico mais à frente, por ora resta dizer que Haroldo de Campos, em sua tradução da *Ilíada*, Raimundo Carvalho, nas suas *Bucólicas*, e Trajano Vieira, na sua *Odisseia*, rejeitam a solução, preferindo o dodecassílabo, que também tem seu lugar entre os versos de prestígio na tradição métrica de língua portuguesa e oferece ao tradutor um espaço um pouco maior – além de que, em decassílabos, já existiam das três obras as traduções de Odorico Mendes.

Quanto ao dístico elegíaco propriamente dito, existem em português quatro soluções que gostaria de comentar brevemente antes de expor a linha que segui. José Paulo Paes, de cujo vasto repertório tradutório sua coletânea de *Poesia erótica em tradução* (2006) é testemunha, traduziu excertos dos *Amores* e dos *Tristia* ovidianos – além de outros poetas da literatura greco-romana que também compuseram poemas em dísticos elegíacos – em versos de quatorze e doze sílabas. Segue um dístico (*Am. I, 5, 1-2*)

*Aestus erat mediamque dies exegerat horam;
Adposui medio membra leuanda toro.*

Era intenso o calor, passava já do meio-dia;
estendi-me na cama a repousar os membros.

Lançando mão de versos mais familiares à prática poética de língua portuguesa, Márcio Thamos publicou na revista *Letras Clássicas* nº 10 (2006, p. 215-224) a tradução de algumas elegias de Propércio por meio de pequenas estrofes de três versos – dois decassílabos¹ e um hexassílabo – no lugar do dístico elegíaco. Tradicionalmente usados em conjunto, os versos criam, para Thamos, um ritmo fluido através do acento constante na sexta sílaba (THAMOS, 2006, p. 217), além de reproduzirem algo do esquema estrófico elegíaco:

*Cynthia prima suis miserum me cepit
contactum nullis ante Cupidinibus.*

Cíntia com seus olhinhos me prendeu
a mim, pobre infeliz, jamais tocado
por nenhuma paixão.

A escolha por três versos se dá para que o número de sílabas disponíveis em português esteja mais próximo do original, ela quebra, porém, a unidade métrica que o verso representa e o seu potencial de produzir significado.

Pensem no primeiro dístico de *Am. I, 1*, por exemplo (“*Arma gravi numero violentaque bella parabam / edere; materia conveniente modis*”): Ovídio inicia o livro dizendo “As armas, em ritmo grave, e a guerra violenta eu [me] preparava para compor”. O objeto de “*parabam*” (v. 1), “eu preparava”, é “*edere*” (v.2), “compor”, primeira palavra do segundo verso. O primeiro verso, porém, possui duas palavras no acusativo

¹ Em outro artigo (2011, p. 201-213), Thamos defende a equivalência do hexâmetro datílico ao decassílabo brasileiro a partir de uma tradução de Bocage das *Metamorfoses* de Ovídio e uma que ele próprio faz como experimento.

que bem seriam elegíveis como objeto de “*parabam*”, “*arma*”, as armas, e “*bella*”, as guerras. É possível, portanto, à primeira vista, ler o verso como “As armas, em ritmo grave, e a guerra violenta eu preparava”, um verso com todas as características do *épos*. Ovídio inaugura, portanto, seu livro com um verso tipicamente épico, escolha dificilmente fortuita. O *double entendre* se desfaz de maneira brusca no verso seguinte: em primeiro lugar, por modificar a compreensão da frase lida acima; em segundo, pela utilização do pentâmetro, que explicita que a forma do poema é elegíaca. Voltando à estrofe de Thamos, pode até ser que se consiga fazer o decassílabo de abertura anunciando um conteúdo épico, mas dificilmente o tradutor conseguirá impedir que os conteúdos de um e outro verso se misturem no segundo decassílabo e no hexassílabo que completam a estrofe. É claro que isto não constituirá um problema sempre, mas em alguns casos, sim.

Por último, Rafael Falcón (2009, p. 71-79) propõe a tradução dos dísticos pela alternância entre decassílabos heroicos (com acento obrigatório na sexta sílaba) e sáficos (com acentos obrigatórios na quarta e oitava sílabas). É importante notar, entretanto, que nas tradições poéticas em língua portuguesa não se fez forte distinção entre um e outro verso, sendo bastante comum, ao contrário, a convivência pacífica dos dois. Ademais, a escolha reduz o espaço que sobra para o trabalho do tradutor, e a isomorfia que o poema adquire desse modo o distancia da variação repetidamente evocada² do dístico elegíaco. Mais interessante para mim foi seguir a opção do emprego do dodecassílabo no lugar do hexâmetro, seguido do decassílabo no lugar do pentâmetro. Foi este o esquema métrico empregado por João Angelo (1996) na tradução dos poemas de Catulo escritos em versos elegíacos, assim como por Guilherme Gontijo Flores (2014) na tradução das elegias de Propércio e por João Paulo Matedi na recentemente concluída e ainda inédita tradução das elegias de Tibulo. Se pensamos ainda nos tradutores que empregaram o dodecassílabo na transposição dos hexâmetros datílicos, a tradução dos *Amores* que ora apresento se insere em uma tradição mais ou menos estabelecida, e, ao fazê-lo, se difere fundamentalmente das traduções integrais já existentes em língua portuguesa.

Quanto aos acentos dos dodecassílabos, o único critério que usei foi evitar a quinta e sétima sílabas, o que gerou esquemas variados de acentuação: 3-6-9-12; 2-6-10-12; 4-8-10-12 etc. Os decassílabos, por outro lado, são todos ou heroicos ou sáficos. Um alerta final, no que diz respeito à métrica: tendo em vista que o dístico elegíaco constitui também uma unidade métrica dentro do poema, quando o dodecassílabo se encerra em uma vogal

² Cf. Am. I, 1; III, 1; III, 9.

e o decassílabo seguinte dá continuidade à ideia desenvolvida no verso anterior e se inicia com uma vogal, em alguns casos (principalmente quando a última vogal do dodecassílabo e a primeira do decassílabo são coincidentes) a contagem silábica para o **decassílabo** só se inicia na segunda sílaba.

Embora as traduções mencionadas de Carlos Ascenso André e Lucy Ana de Bem apresentem a organização visual do poema em harmonia com a divisão do original, isto é, para cada verso uma linha, não há qualquer sinal de regularidade rítmica ou métrica em suas traduções, que caracterizaria o trabalho de versificação propriamente dito. O texto em si não se difere, portanto, da tradução em prosa, exceto pela organização visual. Seguem como exemplo os primeiros dois dísticos do poema Am. I, 1:

“Armas, em ritmo pesado, e combates violentos, estava eu prestes
a cantá-los – o assunto assentava bem ao metro;
era igual o segundo verso [ao primeiro]; Cupido soltou uma gargalhada,
diz-se, e surrupiou-lhe um pé.”

(Trad. Carlos Ascenso André)

“Armas e violentas guerras em ritmo grave eu me preparava
para cantar, com uma matéria adequada ao metro.
Semelhante era o verso inferior, Cupido riu,
dizem, e surrupiou um pé.

(Trad. Lucy Ana de Bem)

Há de se fazer justiça à opção dos tradutores e os fins a que seus trabalhos se destinam: as traduções de Lucy Ana de Bem são parte de sua dissertação de mestrado e tese de doutoramento e têm mais uma função descritiva do texto latino do que uma função estética propriamente dita. Embora eu não acredite que seja esta a melhor forma de trabalhar com o texto latino, será injusto avaliá-las segundo critérios que a própria tradutora não elegeu. Para Carlos Ascenso André, por outro lado, a escolha pela não adoção de uma métrica regular parece ter sido de ordem estética. Na introdução que prepara para o seu texto (2011, p. 79-100) há uma curta nota sobre a tradução em que ele fala do público abrangente que pretende atingir com sua tradução – incluídos os leitores não familiarizados com a literatura clássica – e da conseqüente opção “por uma linguagem que, sem se distanciar excessivamente do original, fosse acessível ao leitor moderno” (2011, p. 99-100). O tradutor não explicita claramente a escolha dos “versos livres”, sequer a menciona, na verdade, mas creio, baseado no que ele diz, que ela esteja incluída na noção de “linguagem mais acessível” de que ele fala.

Existe, por fim, um aspecto das traduções de André e de Bem que se deixa transparecer nestes dois dísticos citados e é levado adiante nos demais poemas do livro: a extensão dos versos. Enquanto Lucy Ana de Bem opta pela concisão, Carlos Ascenso André não economiza palavras para verter as elegias de Ovídio para o português.

1.2.2 Princípios gerais

Adotei ainda dois critérios importantes, importados das lições tradutórias de Raimundo Carvalho nas *Bucólicas* de Virgílio: o primeiro, de caráter formal, diz respeito ao aspecto melódico da poesia latina. Este é um traço particularmente importante nas *Bucólicas*, como mostram os estudos das aliterações nesta obra consultados pelo tradutor brasileiro (2005, p. 139-141), mas também encontra seu lugar nos *Amores*. Na elegia I, 2, 9-10, por exemplo, lê-se: “*Cedimus an subitum luctando accendimus ignem? / Cedamus; leue fit, quod bene fertur, onus.*”, dístico riquíssimo em aliterações: no primeiro verso temos “*cedimus*” e “*accendimus*”, além da proliferação de vogais nasalizadas e da vogal “u” em especial (destacada em negrito); no segundo, além da repetição do verbo que inicia o verso anterior, “*cedamus*”, há um paralelismo entre “*leue fit*” e “*bene fertur*” criado pela repetição da vogal “e” e da fricativa [f]. Na tradução, o resultado foi: “Aceito, ou lutando excito mais o fogo? / Aceito! Leve é o fardo se bem-vindo”.

O segundo critério, mais ligado ao conteúdo verbal, foi o de não fugir às referências mitológicas (CARVALHO, 2005, p. 109), não substituindo, portanto, o nome dos deuses e heróis pelo domínio que exercem – “Vênus” por “deusa do amor”, por exemplo – nem os inserindo, por outro lado, quando não constam no texto de modo a clarificá-lo – “o Ascreu” por “Hesíodo”. Tal escolha prejudica a compreensão do texto a um leitor não habituado ao repertório cultural greco-romano, mas reproduz um componente fundamental da poética clássica sob a influência de práticas alexandrinas – a trama alusiva, o diálogo intertextual e o gosto pelo difícil e erudito.

Outra postura que tomei quanto ao conteúdo verbal consistiu na atenção aos elementos simbólicos que compõem a expressão elegíaca. Conforme se verá logo a seguir, para Gian Biagio Conte a filiação genérica de um texto é sempre um recorte da realidade empírica retrabalhado (CONTE, 1989), o que condiz com as afirmações de Paul Veyne sobre o mundo que os poetas elegíacos constroem: eles se apossam de um estilo de vida galante cultivado pela juventude romana não para espelhá-lo em seus poemas mas para recriá-lo poeticamente (VEYNE, 1983, p. 116). Este *demi-monde* elegíaco tem seus

personagens típicos, suas situações típicas e modos de expressão típicos: em suma, um conjunto de signos próprio do universo que se fabrica. Na recriação desse universo elegíaco em português, foi preciso estar atento a estes elementos que o compõem e escolher com cuidado as palavras na tradução de modo a reproduzir a uniformidade do significante.

Dentro do universo elegíaco, cada poema, por sua vez, possui uma coerência interna e funciona como um microcosmo, muitas vezes se apropriando de outras esferas da realidade empírica – a vida pública romana ou o litígio forense, por exemplo – e trazendo delas o conjunto de signos que as compõem incorporados pelo mundo elegíaco. Temos assim a atmosfera onírica de *Am. I, 5*, por exemplo, e o ar lúgubre – e ainda assim um tanto exagerado a ponto de se tornar cômico – de *Am. II, 6* ou o tom jurídico de *Am. III, 14*.

Na seção seguinte falarei sobre os precursores desse mundo elegíaco e o lugar que os *Amores* ocupam nele, como eles se inserem na tradição inaugurada por Galo na poesia latina e ao mesmo tempo de certa forma a rejeita – ou subverte, para usar um termo mais brando. Deixarei para esta porção do texto o comentário mais detido de alguns dos poemas, tocando em alguns pontos que considero seminais para a compreensão da obra ovidiana.

2 DA ELEGIA, DOS AMORES

2.1 ANTECEDENTES E PRECURSORES

Deve-se, de início, ter em mente que ainda há muito dissenso entre os estudiosos no que concerne à elegia erótica romana. Roy Gibson lembra das palavras de Quintiliano para afirmar que não é possível falar, a rigor, de um “gênero elegíaco” como se fala, por exemplo, em gênero épico (GIBSON, 2005, p. 159):

Elegia quoque Graecos prouocamus, cuius mihi tersus atque elegans maxime uidetur auctor Tibullus. Sunt qui Propertium malint. Ouidius utroque lasciuior, sicut durior Gallus. (Inst. X, I, 93)

Na elegia desafiamos até mesmo os gregos. Deste gênero, a mim me parece Tibulo o autor mais enxuto e maximamente elegante. Há os que preferem Propércio. Ovídio é mais lascivo que os dois, da mesma forma que Galo é mais severo.

Segundo a leitura de Gibson, quando Quintiliano põe em pé de igualdade os quatro elegistas eróticos romanos com os elegistas gregos, cujas tradições elegíacas são um fenômeno bastante complexo e diversificado, como se verá, o autor da *Institutio Oratoria* elimina a distinção entre o que esses quatro poetas faziam enquanto elegistas (que na verdade possui, sim, um aspecto de projeto poético mais bem definido do que Gibson sugere) e as tradições gregas. Gian Biagio Conte, por outro lado, ao considerar um *gênero literário* como “o horizonte que marca os limites do seu [do texto] significado e restringe as suas possibilidades reais dentro de um sistema de codificação literária” (CONTE, 1989, p. 442), como redução do universo de significações possíveis de um texto em um microcosmo menor, entende que a elegia erótica romana tem grande êxito na operação de definir seus limites de significação. Ele continua: “O poeta elegíaco estabelece sua identidade como diversidade, asseverando que ele está contido em uma parte do mundo (o amor) que para ele parece autossuficiente” (CONTE, 1989, p. 443). “Diversidade” de fato diz muito sobre o caráter dessa elegia, não só da variedade que comporta, mas, derivando a palavra do adjetivo “diverso”, da sua definição em negativo: ela nunca diz o que *é*, mas sempre o que *não é* e, ao contrário do que ocorre com outros gêneros literários, não existem até o momento manuais retóricos descrevendo o seu funcionamento e regras de composição. As características a ela imputadas são fruto da observação crítica moderna (SERIGNOLLI, 2010, p. 7).

As origens da elegia são bastante incertas, e, compreendida como foi na Antiguidade grega que lhe deu origem, como “poema escrito em versos elegíacos”, isto é, segundo um critério formal, e não temático, ela servia a uma gama variada de usos, como canções de marcha, aconselhamento, epitáfios, dentre as quais o tema erótico aparecia mas sem maior destaque (FANTHAM, 1999, p. 106), e se hoje é atribuído a ela quase que exclusivamente a dedicação a temas tristes e lamentosos – dentre os quais o amor tem um lugar proeminente –, este nem sempre foi o seu assunto.

Os expoentes mais antigos do dístico elegíaco remontam ao século VII a.C.: Calino, Arquíloco e Tirteu (HUNTER, 2014, s.n.), mas infelizmente o material que sobreviveu até nós é escasso. O que se depreende destas composições arcaicas – e que talvez seja o único traço que se conserva (pelo menos em parte) na produção elegíaca posterior, além do uso do dístico elegíaco – é uma poética que se constrói, quase sempre, em oposição à tradição bélica homérica – cujo meio de expressão será sempre hexamétrico. A rejeição do *épos* se dá, no entanto, pelo gesto de abrir mão da narrativa épica: um dos temas de que a elegia arcaica se ocupa é, na verdade, relacionado ao mundo bélico: a exortação ao jovem à bravura. Não se excluem, no entanto, temas mais leves como o amor e a juventude.

No período helenístico, o dístico elegíaco já abarcava uma gama bastante variada de assuntos, estendendo-se, nas palavras de Richard Hunter (2014, s.n.), a “virtualmente todas as áreas da empresa poética”, exceto à narrativa bélica: poemas deliberativos de temática civil, didáticos, encomiásticos, vituperiosos, mítico-narrativos e de lamento fúnebre (ao qual está ligada a tradição de inscrições funerárias em dísticos elegíacos). Em maior ou menor grau, esta variação é absorvida pela elegia erótica romana, mas não tanto por um vínculo especial com elas quanto por fazer parte de uma cultura literária arraigada em um estilo de composição alexandrino.

Para que se compreenda o impacto que essas práticas chamadas alexandrinas tiveram não só na elegia erótica, mas na literatura romana como um todo, é preciso que se mencionem as mudanças significativas que o exercício literário sofreu na Grécia a partir do final do séc. IV a.C., oriundas, por sua vez, das mudanças no universo sociocultural grego: o fim da *pólis* como a “microcós mica instância pela qual o homem grego, o cidadão, [...] participava de tudo” (OLIVA NETO, 1996, p. 19), inaugura uma concepção universalista do homem, substituindo o critério da cidade de origem como identificação cultural pelo da língua falada. Somado a isso, tem-se o desenvolvimento e a valorização da cultura letrada, depreciada em um período anterior, fundado sob a égide

da memória e da oralidade, e o universo do saber começa a adquirir as feições que tem hoje: fundam-se as primeiras sociedades que poderiam ser chamadas com ressalvas de “científicas”, destinadas exclusivamente ao debate investigativo (OLIVA NETO, 1996, p. 24), e, principalmente, funda-se prédio-ícone da produção literária que então se constrói: a biblioteca. Dois dos três poetas mais importantes do período foram bibliotecários (OLIVA NETO, 1996, p. 25) – Calímaco de Cirene e Apolônio de Rodes – e o terceiro, Teócrito de Siracusa, viveu em Alexandria, sede da memorável biblioteca que se perdeu. *Escrever* poesia se tornava, então, uma atividade intelectualizada, à medida que se introduzia a prática de acomodar nas criações o legado poético da cultura grega: *escrever* poesia significava cada vez mais “referir, mencionar, citar o passado” (OLIVA NETO, 1996, p. 25). Neste contexto, a *brevitas* (brevidade) e a *levitas* (leveza) são valorizadas em oposição à extensão e ao tom grave do *épos*: leve, curta e erudita são os três adjetivos que melhor condensam as características que formam a base da poética alexandrina.

Na literatura latina, estas práticas foram introduzidas por um grupo de poetas do séc. I a.C. que se apropriaram delas como modelo em lugar da tradição latina – de que Ênio (*Anais*) era o principal representante – e chamados pejorativamente por Cícero (*Orator*, 161) de “*poetae novi*” (poetas novos). Caio Valério Catulo é o único representante deste grupo cuja obra chegou até nós em bom estado. A ligação de Catulo com os poetas elegíacos é abundantemente atestada pela crítica moderna, sendo ele, dentre os poetas da literatura latina, o principal precursor da elegia erótica romana. No entanto, mesmo compartilhando com estes certos valores da poética alexandrina e mesmo que muitos identifiquem na relação que sua *persona* poética estabelece com Lésbia o protótipo da relação elegíaca, será impróprio incluí-lo no rol de poetas elegíacos como se faz algumas vezes. O primeiro poeta elegíaco, conforme a tradição que Ovídio estabelece nos *Tristia* e que é comumente aceita, foi Caio Cornélio Galo, mas, devido à referida semelhança impossível de se ignorar entre determinados poemas de Catulo com o gênero que se desenvolveria mais tarde, Paul Miller marca a carreira deste como o surgimento da elegia erótica em Roma.

É verdade que muito destas tradições elegíacas e epigramáticas gregas – que em alguns pontos se confundem – será absorvido pela elegia romana, passando pelo filtro dos *poetae novi*, isto é, de Catulo. Da herança grega, a elegia erótica incorpora, além da métrica, a valorização da citação literária – muitas vezes mitológicas – e a filiação aos gêneros menores – em relação à tragédia (*Am.* III, 1) e à poesia épica (*Am.* I, 9). Porém,

ao contrário da elegia grega, é possível descrever os contornos do gênero desenvolvido em Roma com mais precisão. A definição de elegia erótica romana mais comumente evocada é a de Paul Veyne em *L'élégie érotique romaine* (1983), segundo a qual na elegia um poeta canta em primeira pessoa, sob seu nome verdadeiro, poemas em ritmo elegíaco de temática amorosa dedicados a uma mesma amada (*puella*) que se esconde atrás de um pseudônimo mitológico (VEYNE, 1983, p. 10). Temos assim: a Lícoris de Galo, a Cíntia de Propércio, a Délia de Tibulo³ e a Corina de Ovídio. Apesar de simples, e a despeito da desatualização de algumas análises que o autor propõe ao longo do livro, a definição de Veyne toca, de fato, nos pontos mais marcantes do gênero, equilibrando-se entre elementos temáticos e estruturais: em primeiro lugar, são poemas em *primeira pessoa*, o que implica uma abordagem mais pessoal, distanciando-os do *épos* e da poesia de temas elevados, conforme a tradição que brevemente descrevemos acima. Veyne chama atenção, em seguida, para o fato de que o sujeito que fala nos poemas refere-se a si mesmo não raras vezes pelo nome do poeta que os escreve (*Am.* II, 1; *Prop.* II, 8), dado que incentivou desde a Antiguidade leituras biografistas das coletâneas e julgamentos do caráter dos poetas. Em terceiro lugar, o autor destaca que as obras são escritas em dísticos elegíacos e que nelas predomina a temática amorosa (que pode vir à luz, acrescente-se, em situações e discursos variados). Por último, há a ênfase na figura da *puella* amada, cuja identidade é preservada por um pseudônimo e cuja existência real, aliás, não pode sequer ser comprovada se levados em consideração somente os poemas. Deve-se fazer a ressalva de que, embora o enfoque de Veyne seja no conteúdo erótico, que é de fato predominante nos livros, ele não é exclusivo. Herdeiros que são da *poikilia* (ou *uariatio*) tipicamente alexandrina (FEDELI, 2010, p. 298), Duncan F. Kennedy, ao refletir sobre *o que* os poetas elegíacos escrevem, lista os temas: política, patronado e o próprio estatuto da poesia (KENNEDY, 1993, p. 24). Este último é de especial relevância: nas composições de Tibulo, Propércio e Ovídio há um forte teor metapoético.

A princípio, portanto, dois são os principais personagens envolvidos na elegia (mas não os únicos): o poeta amante, que se coloca a serviço de uma *puella* por quem suspira e sofre. A *puella*, enquanto objeto que desperta o amor da *persona* elegíaca, é a força motriz dos poemas, cujo domínio sobre ele se faz ver no lugar-comum clássico do *seruitium amoris*, a escravidão do amor. “*Domina*”, senhora, é como muitas vezes ela será chamada pelos poetas, que se colocam na submissa posição de seus servos. A ela o

³ Apesar de faltarem à menção de Veyne, Tibulo dedica elegias ainda a Nêmesis (Cf. *Am.* III, 9) e Márato.

poeta promete fidelidade e imortalidade através de seus poemas (*Am.* I, 3; *Prop.* III, 2) – tópico, aliás, comumente associado a Horácio mas também presente na lírica grega.

Assumindo que o afeto fabricado pelos elegistas encontrava paralelos com a realidade, muito tempo foi dedicado – desde Apuleio em *Apologia* – à busca das reais identidades das amadas protegidas sob o pseudônimo mitológico. A “sinceridade” dos poetas elegíacos passou a ser combatida na mesma época em que as correntes teóricas do século XX se insurgiam contra a ideia de que a obra literária veicularia os sentimentos e ideias do autor. Desde então têm sido produzidos estudos muito interessantes concernentes ao discurso amoroso, por exemplo, a coletânea de 5 ensaios de Duncan Kennedy, *The arts of love* (1993), e mesmo o próprio *L'élégie érotique romaine* (1983) de Paul Veyne.

Em primeiro lugar, o discurso elegíaco é geralmente um discurso de sofrimento: são comuns as representações do amor como loucura (*Prop.* I, 1) ou como doença (*Am.* I, 2), por exemplo, mas, além disso, a relação entre os amantes se alternará entre a catástrofe e a glória; o êxito ocasional e o malogro (SERIGNOLLI, 2010, p. 11). Fantham diz que “o código do amor elegíaco, sujeição glorificante à amada, também depende de rejeição, ciúmes e frustração” (1999, p. 108), como se lê nos versos jocosos de Ovídio, quando ele censura um marido que oferece muita facilidade para que o poeta mantenha um caso com sua esposa (*Am.* II, 19):

*Si tibi non opus est seruada, stulte, puella,
At mihi fac serues, quo magis ipse velim!
Quod licet, ingratum est; quod non licet acrius urit.
Ferreus est, siquis, quod sinit alter, amat,
Speremus pariter, pariter metuamus amantes, 5
Et faciat uoto rara repulsa locum.
Quo mihi fortunam, quae nunquam fallere curet?
Nil ego, quod tempore laedat, amo!*

Se não guardas por ti, ó tolo, tua menina,
faça-o por mim, pra que eu a queira mais!
O fácil não compensa; o ilícito é o que abrasa,
insensível é quem ama o que outro deixa. 5
Tenhamos pares esperança e medo, amantes;
que a recusa casual sustenha as súplicas.
Pra que sorte que nunca cuida em malograr?
Tampouco amo o que em tempo algum me fere.

O tom metapoético do trecho é evidente: Ovídio presta ironicamente tributo à convenção literária mostrando que tem consciência dela. Por supor tantas vezes o

malogro, um cenário típico se construiu no gênero: o do amante impedido por algum obstáculo de se encontrar com a sua amada. O que efetivamente impede o encontro varia: a porta vigiada por um guarda que mantém o amante fora da casa (*Am.* I, 6; III, 2; III, 3; *Prop.* I, 16; *Tib.* I, 2;), a distância (*Am.* II, 11; *Tib.* I, 3) ou um rival rico (*Am.* III, 8).

Um tópico também muito comum e que merece atenção particular é a *militia amoris*. Ao afirmar-se em oposição à poesia bélica, a elegia rejeita os valores da cultura marcial, escolhendo a indolência e descartando a carreira militar como forma de alcançar a glória. Como bem lembra Matheus Trevizam, no entanto, “amiúde ocorre na obra dos elegíacos o gesto de ‘reintegrar’ o mundo alheio a seu ambiente restrito” (2006, p. 143), e a atividade amorosa é muitas vezes aproximada à militar. Na elegia *Am.* I, 9, por exemplo, Ovídio compara o ofício do soldado com o do amante, mostrando como as tarefas de um e outro não são de todo diferentes. Ele começa:

Militat omnis amans et habet sua castra Cupido;
Attice, crede mihi, militat omnis amans.
Quae bello est habilis, ueneri quoque conuenit aetas;
Turpe senex miles; turpe senelis amor.
Quos petiere duces animos in milite forti, 5
Hos petit in socio bella puella uiro.
Peruigilant ambo; terra requiescit uterque;
Ille fores dominae seruat, at ille ducis;
Militis officium longa est uia: mitte puellam,
Strenuus exempto fine sequetur amans. 10

Milita todo amante, e tem quartéis Cupido;
 Ático, crê, milita todo amante.
 A idade própria à guerra a Vênus também serve;
 Torpe é soldado velho e amor senil!
 O vigor que ao soldado o general exige, 5
 este exige ao parceiro a bela moça.
 Pernoitam ambos; deitam-se à terra; um guarda
 a porta da amada; a do general o outro.
 Cabe ao soldado a marcha; tome-se lhe a amada
 e o amante a seguirá até os confins. 10

Na elegia, os amantes são colocados na categoria de soldados do exército de Cupido, seguindo-se uma série de aproximações entre um e outro ofício: ambos são exclusivos dos jovens (v. 3-4) e no exercício de suas atividades acabam dormindo pouco (v. 7-8) e eventualmente enfrentando longos deslocamentos (v. 9-10): ambas tarefas que remetem a tópicos que citamos acima, a vigília à porta e a separação pela distância. O símile continua até que no verso 33 o foco deixa de ser nas figuras específicas do amante e do soldado e passa a ser a poesia épica:

*Ardet in abducta Briseide maestus Achilles
 Dum licet, Argiuas frangite, Troes, opes.
 Hector ab Andromaches complexibus ibat ad arma, 35
 Et, galeam capiti quae daret, uxor erat.
 Summa ducum, Atrides, uisa Priameide fertur
 Maenadis effusis obstipuisse comis.
 Mars quoque deprensus fabrilia uincula sensit;
 Notior in caelo fabula nulla fuit. 40*

Aquiles arde pelo rapto de Briseida;
 (mói, Tróia, enquanto há tempo, a força argiva!)
 Heitor ia dos braços de Andrômaca às armas, 35
 e foi sua esposa que lhe deu um elmo.
 Vendo a Priameide, foi o Atrida, sumo líder,
 pelas comas da mênade atraído.
 Retido, sentiu Marte os laços do ferreiro;
 não há história mais célebre entre os deuses. 40

Se foi demonstrado que o universo bélico está inserido no erótico, o poeta mostra então como o amor está inserido na épica remetendo aos cantos épicos por excelência: a *Ilíada* – ao citar o amor de Aquiles, Heitor e Agamêmnon (v. 33-38) – e a *Odisseia* – é narrada no canto VIII pelo aedo Demódoco a história referida, em que Marte e Vênus, esposa de Vulcano, são capturados pela armadilha do marido da deusa em flagrante adultério e expostos ao riso dos demais deuses. A lembrança do episódio é o que fecha o argumento: nem o deus da guerra pôde escapar dos encantos da deusa do amor.

Em outra elegia, *Am.* II, 9a, Ovídio dá um tratamento diferente ao tópico. O amante se queixa de Cupido – que ocupa, como no poema anterior, a posição de general – por não poupar o próprio exército, de que ele, amante, já faz parte:

*O nunquam pro me satis indignate Cupido,
 O in corde meo desidiose puer,
 Quid me, qui miles numquam tua signa reliqui,
 Laedis, et in castris uulneror ipse meis?
 Cur tua fax urit, figit tuus arcus amicos? 5
 Gloria pugnantes uincere maior erat.
 [...]
 Nos tua sentimus, populus tibi deditus, arma; 11
 Pigra reluctanti cessat in hoste manus.
 Quid iuuat in nudis hamata retundere tela
 Ossibus? Ossa mihi nuda relinquit Amor.
 Tot sine amore uiri, tot sunt sine amore puellae: 15
 Hinc tibi cum magna laude triumphus eat.
 Roma, nisi inmensum uires promosset in orbem,
 Stramineis esset nunc quoque tecta casis.*

Ó Cupido, a quem nunca cansa desprezar-me,
ó menino indolente no meu peito,
por que a mim, que nunca deixei tuas **insígnias,**
danas, e sou ferido em **meus campos?**
Por que tua **tocha** queima e o **arco espeta** amigos? 5
Maior glória é **vencer** os insurgentes.
[...]
Nós, povo entregue a ti, sentimos tuas **armas;** 11
lenta, poupa tua mão os **relutantes.**
De que vale fincar em ossos nus **afiadas**
flechas? Amor deixou meus ossos nus.
Há tantos homens sem amor; tantas meninas: 15
aqui está, com loas, teu **triunfo!**
Roma, se não tivesse expandido-se n'orbe,
seria ainda feita de palhoças.

O vocabulário usado é típico do universo bélico: as insígnias (*signa*, v. 3), o acampamento militar (*castra*, v. 4) e as armas (*arma*, v. 11), das quais fazem parte as tochas (*fax*, v. 5) usadas para ferir os inimigos e as flechas afiadas (*hamata tela*, v. 13). Ele exorta-o, então, a ir em busca de novas conquistas e a deixar em paz os amantes que já conquistou (“*nos [...] populus tibi deditur*” v. 11), usando a expansão romana como exemplo (v. 15-16) – o que, dado o contexto erótico, não deixa de ter um tom cômico.

2.2 OS AMORES E A TRADIÇÃO ELEGÍACA

Na abertura do prefácio à edição mais recente dos *Amores* e d’*A Arte de Amar* publicada em português pela Companhia das Letras, Peter Green diz que “é possível reconstruir a vida de Públio Ovídio Nasão com mais detalhes do que a de qualquer outro poeta romano” (2011, p. 12). Em grande parte, como o próprio crítico coloca, isso se deve ao próprio Ovídio, cujos poemas são a principal fonte de informações sobre si, com destaque para o *Tristia* IV, 10, chamado autobiográfico, que consiste em um “relato seletivo e esquematizado dos antecedentes familiares e da carreira poética de Ovídio, notável tanto pelo que omite quanto pelo que revela” (GREEN, 2011, p. 12). Se são fiéis os seus relatos, ele nasceu em 43 a.C. em Sulmona, mas foi educado em Roma. Sua obra poética pode ser dividida em quatro categorias: considera-se que a obra amatória, toda escrita em dísticos elegíacos, tenha sido a primeira empresa poética de Ovídio e nela estão incluídos: os *Amores* – coletânea de elegias eróticas –, as *Heroides* – conjunto de cartas das heroínas da mitologia aos seus respectivos maridos e amantes, como a de Penélope

para Odisseu, de Helena para Páris e de Medeia para Jasão, além de algumas respostas dos amantes à sua amada – e dois manuais eróticos, um dedicado à conquista amorosa, *Arte de amar*, e o outro ao abandono do amor, *Remédios do Amor*; a obra etiológica compreende os *Fastos*, poemas em dísticos elegíacos que narram as origens dos ritos e das festas de Roma, e as *Metamorfoses*, epopeia mitológica escrita em hexâmetros cuja proposta é narrar a história do mundo desde o começo até os tempos do império de Augusto. Segundo a tradição, o poeta teria sido exilado por Augusto por volta do ano 8 d.C. por algum motivo misterioso – a licenciosidade da *Arte de amar*, aparentemente, e algo mais que é calado –, e do exílio escreve as *Cartas Pônticas* e os *Tristia*. O último grupo consiste em poemas que só se agrupam por serem consideravelmente menores que as demais obras e não serem encaixados nos outros eixos temáticos: os *Medicamentos para a face da mulher*, um manual cosmético, e o *Íbico*, poema invectivo em dísticos elegíacos contra Íbis.⁴

Segundo ele mesmo, ele é o quarto (e último) poeta na cronologia dos elegíacos consagrados: Galo (de quem não sobreviveram senão uns poucos versos) teria sido o primeiro, seguido de Tibulo. Propércio vem em terceiro, logo antes de Ovídio. Os *Amores* são compostos por três livros, que contêm respectivamente 15, 19 e 15 elegias, e um epigrama que prefacia a edição. Nele se lê:

*Qui modo Nasonis fueramus quinque libelli,
Tres sumus; hoc illi praetulit auctor opus;
Vt iam nulla tibi nos sit legisse uoluptas,
At leuior demptis poena duobus erit.*

Nós, de Nasão, que há pouco fomos cinco livros,
três somos: preferiu o autor tal forma.
Se já não tens vontade alguma de nos ler,
será mais leve a pena, dois a menos.

Um dado que tem passado despercebido muitas vezes ao se tentar localizar cronologicamente a produção dos *Amores* na carreira poética de Ovídio é que nesta abertura é deixado claro que a coletânea que chegou até nós se trata de uma "segunda edição revista" – e aparentemente reduzida – pelo autor. Isto torna questionável a premissa da qual muitos partem de que os *Amores* seriam os poemas da juventude de Ovídio, obra de um poeta imaturo que ainda não desenvolvera um estilo próprio, pois, ante a ausência de qualquer outra marca temporal a não ser o aviso mencionado, a coleção

⁴ Conta-se ainda uma tragédia hoje perdida, *Medeia*.

de elegias que temos pode ter sido compilada (e por que não reescrita?) virtualmente em qualquer momento da carreira de Ovídio. Por este motivo, devo concordar com Barbara Boyd quando ela diz que os *Amores* devem ser lidos não apenas em relação às obras dos demais elegistas que os precederam mas também em relação à obra do próprio Ovídio supostamente posterior (BOYD, 1997, p. 5), não necessariamente como prelúdio, mas também como um possível ponto de diálogo com a tradição.

Dirigindo-se ao leitor, os livros roubam o lugar de primazia do poeta, a quem cabia, conforme as convenções de produção, deixar nos primeiros versos claro o que a obra que se abre busca alcançar. Os livros revelam, então, que sofreram uma redução a partir de uma publicação presumivelmente anterior que contaria com cinco e não três rolos (*Qui modo Nasonis fueramur cinque libelli / tres sumus*, v. 1-2), “esta forma” (*hoc... opus*, v. 2), eles dizem, “o autor preferiu àquela” (*illi praetulit auctor*, v. 2). O motivo do corte vem na *excusatio* que se segue: se já nenhum prazer se tem em ler os poemas que os compõem, ao menos a leitura será mais breve (*ut iam nulla tibi nos sit legisse uoluptas / at leuior demptis poena duobus erit*, v. 3-4). Não podemos deixar de notar alguns elementos da poética helenística neste próêmio, a começar pela própria forma epigramática: há logo de início a referência ao suporte da escrita, o livro (“*libelli*”, v. 1), seguida mais adiante da vontade de ler (“*legisse uoluptas*”, v. 3). O público a que os poemas se dirigem é um público leitor e, poder-se-ia assumir, culto. Na *excusatio*, por sua vez, os livros tomam como traço valorativo da segunda edição da coletânea o fato de ela ser menor, e o emprego especificamente do adjetivo *leuior* (v. 4), mais leve, confirma a filiação helenística. Tornarei a falar mais adiante desta abertura e do porquê a informação de que o que temos em mãos seria a segunda edição dos *Amores* é importante.

As elegias contidas nos *Amores* (mesmo nome da coletânea de poemas de Galo) parecem ter sido escritas na juventude de Ovídio, o que deixa a obra em uma posição duplamente desfavorável à luz do que Barbara Boyd chama de “falácia do progresso” (1997, p. 5-6): ela denuncia dois clichês críticos que se baseiam em dados cronológicos para avaliar negativamente textos literários: “o que vem antes é pior” e “o que vem depois é pior”.

Ambos os clichês ranqueiam as obras que avaliam em comparação a outras, porém, enquanto o primeiro é aplicado geralmente no *corpus* produzido por um autor em particular, o segundo articula sua avaliação usando um quadro mais amplo: uma época ou um gênero, por exemplo. O clichê “o que vem antes é pior” postula que as primeiras obras de determinado autor são inferiores às posteriores, justificando a proposição pela

ideia de que, no início da carreira, ele não teria ainda desenvolvido bem seu estilo, nem amadurecido o bastante como artista. Por esta ótica, as *Bucólicas* de Virgílio foram consideradas inferiores à *Eneida*, por exemplo, tal como, no caso de Ovídio, os *Amores* tantas vezes são ofuscados pelas *Metamorfoses*. Note-se bem que o princípio em si não é necessariamente equivocado: ninguém negará que um artista aperfeiçoa sua técnica ao longo da carreira, nem que o tempo favorece, se não o desenvolvimento, a consolidação de certo “estilo”, no entanto, o grande perigo em que se incorre com este tipo de pensamento é medir em pé de igualdade obras que não têm o mesmo funcionamento nem partem dos mesmos objetivos de composição (BOYD, 1997, p. 6) – tal como as *Bucólicas* e a *Eneida* ou os *Amores* e as *Metamorfoses*.

O segundo clichê opera em vários níveis sobre os *Amores*: considerando que o que vem primeiro representa a excelência e que o que se segue vive à sombra do anterior, chega-se à discutível conclusão de que a literatura grega é superior à latina, mera cópia da primeira, como a literatura do período augustano é superior à do período imperial (crença que cunhou os títulos respectivos de “era de ouro” da literatura latina e “era de prata”) e como os *Amores*, marcando o fim do gênero elegíaco erótico em Roma, são mera repetição de Galo, Tibulo e Propércio. No capítulo que dedica à literatura augustana em *O século de Augusto* (2008), Pierre Grimal não faz mais do que reduzir Ovídio a um lascivo imitador – porém nunca à altura – de Propércio: desde os paralelos nos *Amores* até o tema da *Arte de amar* e dos *Fastos*, toda a produção ovidiana teria sido emprestada do amante de Cíntia. Atitude similar é denunciada por Boyd em John T. Davis, que, segundo a autora, encontra tantas imitações de Propércio nos *Amores* que é quase como se ele entendesse que Propércio ocupa o lugar de Musa para Ovídio (BOYD, 1997, p. 11). Acredito que esteja claro a esse ponto que rejeito esta apreciação do texto, mas não farei dela o objeto de minha análise, embora comece prestando-lhe o meu tributo. Se o fizesse, estaria corroborando a prática de se ler os *Amores* à luz do texto properciano. Gostaria de, ao contrário, demonstrar a seguir como Ovídio trabalha as duas figuras centrais da relação elegíaca, o amante e a amada, e tirar daí algumas conclusões acerca da coletânea de elegias, abordando-a como um objeto autônomo.

Começemos pela *puella*. Um contraponto tradicional é feito entre o lugar que ela ocupa nas elegias de Propércio e nas elegias de Ovídio através da evocação da primeira elegia de cada coletânea. Vejamos primeiro os versos de Propércio:

*Cynthia prima suis miserum me cepit ocellis,
Contactum nullis ante Cupidinibus.*

*Tum mihi constantis deiecit lumina fastus
 Et caput impositis pressit Amor pedibus,
 donec me docuit castas odisse puellas* 5
*Improbis, et nullo uiuere consilio.
 Et mihi iam toto furor hic non déficit anno,
 Cum tamen aduersos cogor habere Deos.*

Cíntia, a primeira, me prendeu com seus olhinhos,
 um coitado intocado por Cupidos.
 Então Amor tirou-me a altivez do olhar
 e esmagou minha testa com seus pés
 até que me ensinou sem pejo a odiar 5
 moça casta e a viver em desatino.
 Já faz um ano que o furor não me abandona
 e ainda sofro os Deuses contra mim.⁵

Lançando mão do comum recurso de iniciar a obra pelo objeto cantado (FLORES, 2014, p. 324), Propércio abre o livro com as palavras “*Cynthia prima*” (v. 1): Cíntia, a primeira, que é apresentada, assim, como assunto principal das elegias que se seguem. No mesmo verso a vemos capturar o poeta com o olhar (“*suis [...] me cepit ocellis*” v. 1). Em ação conjunta com os olhos de Cíntia, Amor, o Cupido, subjuga o poeta pisando em sua cabeça com os pés (“*et caput impositis pressit Amor pedibus*” v. 4), gesto símile de um conquistador que domina seu oponente (KENNEDY, 1993, p. 48), típico, portanto, do universo bélico. Ao dizer, porém, que Cupido impôs os *pés* sobre a sua cabeça, Propércio alude simultaneamente à unidade métrica da poesia latina, o que abre o trecho para a leitura em chave metalinguística: Cupido impõe que o poeta escreva em *dísticos elegíacos*, o ritmo devido a poemas de amor, ao que instrui (“*docuit*” v. 5) o poeta como fazer. A cena conta muitas semelhanças com a primeira elegia dos *Amores* de Ovídio, como se mostra a seguir:

*Arma graui numero uiolentaque bella parabam
 Edere, materia conueniente modis.
 Par erat inferior uersus; rississe Cupido
 Dicitur atque unum surripuisse pedem.*

Armas, em ritmo grave, e a guerra eu me dispunha
 a cantar: matéria que convém ao metro.
 Qual o primeiro, o segundo verso era: contam
 que, rindo-se, Cupido um pé furtou.

⁵ Tradução de Guilherme Gontijo Flores.

A primeira diferença marcante entre esta elegia e a de Propércio é a abertura: não há de início nenhuma menção a uma *puella*, mas, como dito na seção anterior, o primeiro verso anunciaria, na verdade, um poema bélico, aludindo inclusive, através da primeira palavra *Arma*, as armas, ao primeiro verso da *Eneida* de Virgílio: “*Arma uirumque cano [...]*” (“As armas canto e o varão [...]”). O poeta se diz preparado a cantar as armas e a guerra violenta (“*arma [...] uiolentaque bella*” v. 1), no entanto, Cupido furta um pé do segundo verso às gargalhadas (“*rississe Cupido / dicitur atque unum surripuisse pedem*” v. 3-4), transformando o segundo verso em um pentâmetro e, assim, fazendo com que o que antes foram dois hexâmetros se tornassem um dístico elegíaco. O teor é francamente metapoético, diferente de Propércio, porém a crueldade do deus do amor será explicitada no discurso que o poeta inicia no verso 5:

“ <i>Quis tibi, saeue puer, dedit hoc in carmina iuris?</i>	5
<i>Pieridum uates, non tua turba sumus.</i>	
<i>Quid, si praeripiat flauae Venus arma Mineruae,</i>	
<i>Ventilet accensas flaua Minerua faces?</i>	
<i>Quis probet in siluis Cererem regnare iugosis,</i>	
<i>Lege pharetratae uirginis arua coli?</i>	10
<i>Crinibus insignem quis acuta cuspide Phoebum</i>	
<i>Instruat, Aoniam Marte mouente lyram?</i>	
<i>Sunt tibi magna, puer, nimiumque potentia regna;</i>	
<i>Cur opus adfectas, ambitiose, nouum?</i>	
<i>An, quod ubique, tuum est? Tua sunt Heliconia tempe?</i>	15
<i>Vix etiam Phoebo iam lyra tuta sua est?</i>	
<i>Cum bene surrexit uersu noua pagina primo,</i>	
<i>Attenuat neruos proximus ille meos.</i>	
<i>Nec mihi materia est numeris leuioribus apta,</i>	
<i>Aut puer aut longas compta puella comas.”</i>	20
“Quem te deu, tiraninho, poder sobre o canto?	5
Vates somos das Piérides, não teus!	
E se Vênus furtasse as armas de Minerva	
e Minerva excitasse acesas tochas?	
Quem aprova que Ceres reine em altos bosques,	
que a arqueira virgem guarde a lei dos campos?	10
Quem a Febo de insignes cabelos oferta	
lança, tangendo Marte a lira aônia?	
Tu tens, menino, vastos e potentes reinos,	
por que procuras outros, ambicioso?	
É teu tudo que há? São teus os vales do Hélicon?	15
A custo guarda Febo a própria lira?	
Quando ergo com o primo verso nova página,	
o seguinte amolece o meu vigor.	
Nem tenho assunto a ritmos mais leves; quer moço	
ou moça de enfeitadas longas comas.”	20

O discurso se inicia com uma acusação em tom interrogativo dirigida ao Cupido, referido ironicamente como menino cruel (“*saeue puer*” v. 5): “quem te deu jurisdição sobre a poesia?” (“*quis tibi [...] dedit hoc in carmina iuris?*” v. 5). Ao escolher a expressão “tiraninho”, antecipo o perfil que o poeta constrói para Cupido ao longo do discurso, isto é, o de um conquistador voraz, ao mesmo tempo que conservo a acidez da ironia através do diminutivo. Nos versos que se seguem, o deus do amor continua a ser interrogado sobre a possibilidade de algum deus interferir no domínio de outros deuses: se Vênus, a deusa do amor, se apropriasse das armas de Minerva, deusa da guerra (v. 7-8); se Ceres, deusa das colheitas, regesse os bosques de Diana – identificada pelo epíteto de “virgem de aljavas” (“*pharetratae uirginis*” v. 10) – e Diana cuidasse dos campos de cultivo (“*arua*”, v. 10) (v. 9-10); ou se Febo, deus da poesia, tomasse as lanças de Marte, o deus da guerra, enquanto este tocasse a lira (v. 11-12). Ainda que possua um grande reino (“*magna [...] regna*” v. 13), o reino do amor, Cupido é acusado de tentar se apropriar de outros (v. 14), isto é, o da poesia, motivo por que o poeta pergunta se Febo guarda com dificuldade a própria lira (v. 16). Por fim, o poeta termina o lamento dizendo que *sequer tem um objeto de amor* (v. 19-20): dois terços do poema e não há nenhuma menção a uma *puella*, mas, ao contrário, o poeta nega que possa escrever poemas de amor para quem quer que seja. Finalizado o discurso, Cupido reage:

*Questus eram, pharetra cum protinus ille soluta
Legit in exitium spicula facta meum
Lunauitque genu sinuosum fortiter arcum
“Quod”que “canas, uates, accipe” dixit “opus!”
Me miserum! Certas habuit puer ille saggitas. 25
Vror, et in uacuo pectore regnat Amor.
Sex mihi surgat opus numeris, in quinque residat!
Ferrea cum uestris bella ualete modis!
Cingere litorea flauentia tempora myrto,
Musa, per undenos emodulanda pedes. 30*

Queixava-me quando ele, abrindo a aljava em tempo,
escolheu setas para o meu arraso;
vergando com poder o arco no joelho,
disse: “Eis teu assunto, vate, aceita-o!”
Pobre de mim! Certeiras setas tem o menino! 25
Ardo, e no peito vago Amor governa.
Com seis pés se ergue a obra, com cinco resolve-se.
Adeus, guerra feroz com teus compassos!
Cinge as têmporas loiras com mirto das praias
Musa – que em onze pés és modulada. 30

Tendo o poeta se queixado, Cupido colhe da aljava flechas e decreta no verso 24: “Eis teu assunto, vate, aceita-o!” (“*quod [...] canas, uates, accipe [...] opus!*”). Retribuindo a ironia, Cupido dirige-se ao poeta como “vate”, como ele próprio se identificara no início do seu discurso (v. 6), palavra que remete à função oracular, sagrada, da poesia. Com as flechas que acerta o poeta, Cupido o domina como o faz também na elegia de Propércio. É possível até mesmo afirmar que em ambas as elegias ele de fato consegue concretizar aquilo de que é acusado: usurpar a posição de Febo (Apolo) – e frente à imagem dele envergando o arco sobre o joelho (v. 23) é difícil não lembrar do arco apolíneo. O poeta enfim cede ao Cupido e aceita a incumbência de escrever elegias eróticas

Ademais, a elegia inteira funciona como uma *recusatio* jocosa. A *recusatio* consiste na rejeição de um tema elevado – épico ou trágico, no caso específico das elegias – em prol de um mais leve sob a justificativa de que o poeta não teria habilidade para compor um canto cuja excelência seja párea ao tema cantado (nos *Amores* um exemplo é a elegia III, 1). Aqui, no entanto, o poeta *não* se diz inapto à poesia elevada, mas, ao contrário, diz que é inapto aos ritmos mais leves (“*numeris leuioribus*” v. 19).

Como se pode ver, os elementos elegíacos introduzidos pelos poetas são os mesmos, porém, a *ordem* é invertida (SHARROCK, 2002, p. 156): em Propércio, temos Cíntia levando o poeta ao amor, que o leva aos dísticos elegíacos, que o levam à elegia; em Ovídio, Cupido o leva aos dísticos, que o levam à elegia, e só depois o poeta é levado ao seu objeto de amor. Temos, portanto, duas atitudes opostas com relação à *puella* elegíaca: em Propércio, ela é a primeira, o tema central dos poemas; em Ovídio, não se verá sinal dela antes do terceiro poema da coletânea:⁶

Iusta precor; quae me nuper praedata puella est
Aut amet aut faciat cur ego semper amem.
A, nimium uolui; tantum patiatur amari;
Audierit nostras tot Cytherea preces.
Accipe, per longos tibi qui deseruiat annos, 5
Accipe, qui pura norit amare fide.
Si non me ueterum commendant magna parentum
Nomina, si nostri sanguinis auctor eques
Nec meus innumeris renouatur campus aratri
Temperat et sumptus parcus uterque parens, 10
At Phoebus comitesque nouem uitisque repertor
Hinc faciunt, at me qui tibi donat, Amor.

⁶ Procedimento semelhante adota Tibulo. Na elegia primeira elegia de sua coletânea, a temática elegíaca é adiada até o final.

Peço o justo: a menina que presa me fez,
 que me ame ou me faça sempre amá-la.
 Ai, me excedi! Consinta em ser amada apenas
 e terá me atendido a Citereia!
 Aceita quem por longo tempo a servirá, 5
 quem saberá amar com lealdade.
 Se não me estima o nobre nome dos meus pais,
 se a minha estirpe vem de um cavaleiro;
 nem meu campo cultivam arados inúmeros,
 e despesas meus pais têm que evitar; 10
 Ao menos Febo, as Musas e o inventor do vinho
 cá estão; e quem me dá a ti: Amor;

Vimos que no final de *Am. I, 1* o poeta se diz flechado por Cupido e amando. Em *Am. I, 3* aparece a moça a quem Cupido deu o poeta escravizado (“*at me qui tibi donat, Amor*” v. 12). O agora poeta amante abre o poema com uma prece a Vênus, identificada como Citereia, a de Chipre, pedindo-lhe que ou faça a sua amada amá-lo de volta ou que ao menos faça com que o seu amor por ela perdure (v. 2-4). A partir do quinto verso ele se dirige à *puella*, pedindo que ela o aceite como servo (“*Accipe, per longos tibi qui deseruiat annos*” v. 5) e como amante fiel (“*accipe, qui pura norit amare fide*” v. 6). Nos versos seguintes ele se caracteriza como o *pauper amans*: ele não descende de uma estirpe nobre (v. 7-8) nem possui riquezas (v. 9-10), mas tem ao seu lado Baco (“*uitis repertor*” v. 11), Febo e as Musas, além do próprio Amor (v. 11-12). Logo em seguida ele começa a listar suas promessas, novamente um lugar-comum erótico, as juras dos amantes:

At nulli cessura fides, sine crimine mores
Nudaque simplicitas purpureusque pudor.
Non mihi mille placent, non sum desultor amoris. 15
Tu mihi, siqua fides, cura perennis eris.
Tecum, quos dederint annos mihi fila sororum
Viuere contigat teque dolente mori.

Lealdade incessante e hábitos sem mácula;
 desnuda ingenuidade e pudor rubro.
 Não me aprazem centenas, nem revezo amores; 15
 se há boa fé, serás meu bem perene.
 Viver contigo os anos que as Irmãs me teçam
 caiba a mim – e morrer, sob o teu pranto.

Um motivo se repete nos seis versos acima reproduzidos: a fidelidade. No sexto verso a qualidade já fora introduzida, aqui ela é enfatizada em companhia de “hábitos sem mácula” (“*sine crimine mores*” v. 13), “desnuda ingenuidade” (“*nuda simplicitas*” v. 14) e um “pudor rubro” (“*purpureus pudor*” v. 14), reforçando a ideia de que a fidelidade que é ofertada não tem dolo. No verso 15, é introduzida a imagem do *desultor*, o saltador, que

consistia em um número circense em que o artista, em uma arena cheia de cavalos correndo soltos, exibia sua habilidade saltando de um cavalo a outro (GREEN, 2011, p. 402). Aqui o poeta diz que não é um *desultor amoris*, isto é, um “saltador do amor”. Minha escolha por traduzir “nem revezo amores” deriva da tentativa de fazer ecoar nos versos a modalidade olímpica do revezamento, mas mesmo que a alusão não seja tão clara, a imagem é: o amante não passa de uma paixão a outra. Seu amor é perene, durará o resto da vida – pendente aos fios das Parcas, as três irmãs (“*sororum*” v. 17) que controlam a vida dos mortais. O poema termina com um último convite: que a *puella* consinta em ser o objeto do canto do poeta:

<i>Te mihi materiem felicem in carmina praebe;</i>	
<i>Prouenient causa carmina digna sua.</i>	20
<i>Carminum nomen habent exterrita cornibus Io</i>	
<i>Et quam fluminea lusit Adulter aue,</i>	
<i>Quaeque super pontum simulato uecta iuueno</i>	
<i>Virginea tenuit cornua uara manu.</i>	
<i>Nos quoque per totum cantabimur orbem,</i>	25
<i>Iunctaque semper erunt nomina nostra tuis.</i>	
Vem a mim como rica matéria de canto,	
surgirão cantos dignos de sua causa.	20
No canto Io, louca com os chifres, tem fama	
e a quem o adúltero enganou como ave;	
ou a por falso touro sobre o mar levada	
que com mão virginal reteve os chifres.	
Nós também pelo mundo seremos cantados,	25
meu nome sempre ao teu será ligado.	

O convite a transformar-se em canto (v. 19-20) vem com a promessa de renome: tal como ter sido amada por Júpiter fez Io (v. 21) – transformada em vaca para que o rei dos deuses escondesse o adultério de Juno, sua esposa –, Leda (v. 22) – a quem Júpiter seduziu transformando-se em cisne – e Europa (v. 23-24) – raptada por Júpiter transformado em touro – famosas, a *puella* se tornará também famosa se ceder ao amor do poeta, e os nomes de ambos estarão para sempre ligados (v. 25-26). Ironicamente, mais uma vez ela permanece não nomeada. A primeira aparição do nome de Corina nos *Amores* se dá na elegia I, 5, provavelmente a mais erótica da coletânea:

<i>Aestus erat mediamque dies exegerat horam;</i>	
<i>Adposui medio membra leuanda toro.</i>	
<i>Pars adaptata fuit, pars altera clausa fenestrae,</i>	
<i>Quale fere siluae lumen habere solent,</i>	
<i>qualia sublucent fugiente crepuscula Phoebus,</i>	5
<i>Aut ubi nox abiit nec tamen orta dies;</i>	
<i>illa uerecundis lux est praebenda puellis,</i>	

*Qua timidus latebras speret habere pudor.
Ecce Corinna uenit, tunica uelata recincta,
Candida diuidua colla tegente coma;* 10

Calor intenso, já passara o meio-dia;
deitei-me ao leito, os membros repousando.
Em parte aberta, em parte cerrada a janela;
luz como a que costumam ter os bosques,
qual reluz o crepúsculo, ausente já Febo, 5
ou quando a noite foge e o dia hesita.
Tal luz é a que convém às moças comedidas,
nela o pudor espera achar abrigo.
Eis que Corina vem, com a túnica entreaberta,
em desalinho a coma sobre a nuca; 10

Nos primeiros 8 versos do poema é descrita uma atmosfera lúbrica: está quente (“*aestus erat*” v. 1), no quarto escuro de janelas semiabertas (v. 3) o poeta repousa o corpo (“*membra leuanda*” v. 2), ambientação que remete, para John Barsby (1991, p. 67), à sesta vespertina. A digressão sobre a iluminação do quarto – comparada aos bosques (“*siluae*” v. 4), e ao crepúsculo (v. 5-6), conduzindo o poeta à conclusão de que este é o cenário ideal para a sedução de uma menina tímida (v. 7-8) – torna mesmo o andamento do poema mais lento ao se estender por 6 versos (v. 3-8). Montado o quadro, a aparição de Corina se dá de forma abrupta: “*Ecce Corinna uenit*” (v. 9). A manifestação da *puella* carrega algo de onírico, que é reforçado pelas semelhanças com *Am.* III, 5, em que o poeta narra um sonho a uma vidente para que ela o interprete para ele:

*“Nox erat et somnus lassos sobmisit ocellos;
Terruerunt animum talia uisa meum.
Colle sub aprico creberrimus ilice **lucus**
Stabat et in ramis multa latebat auis.
Area gramineo suberat uiridissima prato, 5
Umida de guttis lene sonantes aquae.
Ipse sub arboreis uitabam frondibus **aestum**;
Fronde sub arborea sed tamen **aestus erat**.
Ecce, petens uariis inmixtas floribus herbas,
Constitit ante oculos **candida uacca meos.**” 10*

“Era noite, domava o sono os olhos lassos,
apavorou-me a alma tal visão:
Ao pé de ensolarada encosta, **um bosque erguia-se**
de azinheiras – nos ramos muitas aves.
Abaixo, na planície, um prado verdejante, 5
banhava-o um brando e ressonante córrego.
Eu fugia ao **calor** sob as frondosas árvores,
e sob as árvores, **calor intenso**.
Eis que, buscando a relva com flores mesclada,

parou-me, à vista, uma **vaca branca.**” 10

No sonho, o poeta encontra-se em um bosque de azinheiras (“*ilice lucus*” v. 3) buscando sob as árvores abrigo contra o calor (v. 7-8). Os dois elementos, o bosque e o calor, se encontram também em *Am. I, 5*, mas o elemento que mais nos chama atenção é a manifestação da vaca e de Corina: ambas são introduzidas pela mesma palavra, “*ecce*”, ambas no verso 9 das respectivas elegias, ambas recebem o adjetivo *candida* (v. 10), “branca” ou “pura”. Não seria absurdo considerar, portanto, que a Corina de *Am. I, 5* se manifesta como uma visão. Lucy Ana de Bem (2006, p. 119-138) aproxima ainda a cena de *Am. I, 5* à descrita em *Am. III, 1*, onde o poeta se vê alvo da disputa entre duas *puellae*, a Elegia e a Tragédia personificadas, particularmente no tocante à entrada da Elegia.

Stat uetus et multos incaedus silua per annos;
Credibile est illi numen inesse loco;
Fons sacer in medio speluncaque pumice pendens,
Et latere ex omni dulce queruntur aues.
Hic ego dum spatior tectus nemoralibus umbris 5
(Quod mea, quaerebam, Musa mouere opus),
Venit odoratos Elegeia nexa capillos,
Et, puto, pes illi longior alter erat.
Forma decens, uestis tenuissima, uultus amantis,
Et pedibus uitium causa decoris erat. 10

Existe um bosque antigo há anos intocado,
 é de se crer que um nume lá habita.
 Fonte sacra há no centro e uma gruta de púmices,
 por toda parte há doces queixas de aves.
 Enquanto aqui passeio, em sombras abrigado 5
 – busco obra que a minha Musa inspire –,
 veio a Elegia, de cheirosas comas presas,
 e, creio, um pé maior que o outro era.
 Forma adequada, veste tênue, amável face
 e o desvio dos pés razão de encanto. 10

O poeta encontra-se em um bosque, como em *Am. III, 5*: ele é antigo (“*uetus*” v. 1) e possivelmente a morada de um deus (“*numen*” v. 2). Há nele uma fonte sacra (“*fons sacer*” v. 3) e, como no bosque de *Am. III, 5* (v. 4), é um recôndito de aves (v. 4). O poeta, à busca de inspiração (v. 6), vaga pelo bosque quando a Elegia aparece personificada em uma *puella*: “Forma adequada, veste tênue, amável face” (“*Forma decens, uestis tenuissima, uultus amantis*” v. 9). Em seguida aparece a Tragédia, também personificada, tentando seduzir o poeta:

Venit et ingenti uiolenta Tragoedia passu
(Fronte comae torua, palla iacebat humi;

*Cacua manus sceptrum late regale mouebat,
Ludius alta pedum uincla cothurnus erat)*

E veio Tragédia violenta, em passos largos,
(comas na frente turva, manto ao chão,
a mão esquerda o cetro brandia amplamente,
os pés atados em coturnos lídios)

Este é um dos poemas que se utilizam para defender uma interpretação em chave metapoética da *puella* elegíaca (SHARROCK, 2002, p. 151), e, de fato, há muitos indícios que apontam para essa leitura, a começar pelo próprio nome *Corinna*, que deriva de *kóre*, palavra grega para *puella* (MCKEOWN *apud* BOYD, 1997, p. 134); assim como *Cynthia* parece ter sido o nome com que circulou na Antiguidade a coletânea de elegias de Propércio (KENNEDY, 1993, p. 51). Assim entendida, conforme Lucy Ana de Bem defende (2011, p. 200), a *puella* ovidiana seria muito mais presente na obra do que se supõe. A elegia III, 12 é especialmente convidativa a este debate. Com uma fina ironia, ela é, a meu ver, o maior testemunho nos *Amores* do grau de consciência poética que Ovídio tem:

*Quis fuit ille dies, quo tristia semper amanti
Omina non albae concinuistis aues?
Quodue putem sidus nostris occurrere fatis,
Quosue deos in me bella mouere querar? 5
Quae modo dicta mea est, quam coepi solus amare,
Cum multis uereor ne sit habenda mihi.
Fallimur an nostris innotuit illa libellis?
Sic erit; ingenio prostitit illa meo.
Et merito! Quid enim formae praeconia feci? 10
Vendibilis culpa facta puella mea est.
Me lenone placet, duce me perductus amator,
Ianua per nostras est adaperta manus.
An prosint, dubium, nocuerunt carmina semper;
Inuidiae nostris illa fuere bonis.
Cum Thebe, cum Troia foret, cum Caesaris acta, 15
Ingenium mouit sola Corinna meum.
Auersis utinam tetigissem carmina Musis,
Phoebus et inceptum destituisset opus!
Nec tamen ut testes mos est audire poetas;
Malueram uerbis pondus abesse meis. 20
Per nos Scylla patri caros furata capillos
Pube premit rabidos inguinibusque canes.
Nos pedibus pinnas dedimus, nos crinibus angues;
Victor Abantiades alite fertur equo.
Idem per spatium Tityon porreximus ingens 25
Et tria uipereo fecimus ora cani.
Fecimus Enceladum iaculantem mille lacertis,*

*Ambiguae captos uirginis ore uiros,
 Aeolios Ithacis inclusimus utribus Euros;
 Proditor in medio Tantalus amne sitit; 30
 De Niobe silicem, de uirgine fecimus ursam;
 Concinit Odrysium Cecropis ales Ityn;
 Iuppiter aut in aues aut se transformat in aurum
 Aut secat inposita uirgine taurus aquas.
 Protea quid referam Thebanaque semina, dentes; 35
 Qui uomerent flammis ore, fuisse boues,
 flere genis electra tuas, Auriga, sorores,
 Quaeque rates fuerint, nunc maris esse deas,
 auersumque diem mensis furialibus Atrei
 Duraque percussam saxa secuta lyram? 40
 Exit in inmensum fecunda licentia uatum,
 Obligat historica nec sua uerba fide.
 Et mea debuerat falso laudata uideri
 Femina; credulitas nunc mihi uestra nocet.*

Que dia foi, no qual cantastes ao que sempre
 ama, escuras aves, maus agouros?
 Qual estrela suponho cruzar nosso fado,
 qual deus acuso de fazer-me guerra?
 A que há pouco diziam por mim só amada, 5
 com muitos temo ter de partilhar.
 Engano-me, ou meus livros que lhe deram fama?
 Isso, prostitui-a o meu engenho.
 Pois bem feito! Por que fiz pregão de suas formas?
 Por minha culpa a moça está à venda. 10
 Sou eu o cafetão; sou eu que guio o amante;
 a porta é pelas minhas mãos aberta.
 Versos são úteis? Não sei: sempre me lesaram;
 atraíram inveja ao bem que eu tinha.
 Havendo Tebas, Troia, ou os feitos de César; 15
 Corina apenas comoveu meu estro.
 Ai, se eu tivesse ao versejar, Musas adversas!
 E Febo a obra em curso abandonasse!
 No entanto, não é hábito crer em poetas;
 melhor seria não pesar-me a fala. 20
 Por nós, Cila furtou ao pai as caras mechas
 e ao púbis e à virilha traz cães rábidos;
 demos penas aos pés; aos cabelos serpentes;
 sobre alado corcel vence o Abantíada.
 Também nós estendemos Tício em largo abismo, 25
 e ao cão vipéreo demos três cabeças;
 fizemos dardejar com mil braços Encélado,
 e homens presos à voz de ambíguas virgens.
 Cerramos Euro Eólico em odre do Itácio;
 tem sede em meio ao rio o loquaz Tântalo. 30
 Níobe, em rocha; em ursa uma ninfa tornamos.
 Cecrópia ave entoa o odrísio Ítis.

Júpiter se transforma ora em ave, ora em ouro,
 ora, touro, com virgem cruza o mar.
 Como lembrar Proteu e as sementes de Tebas, 35
 dentes; e os bois que vomitavam chamas;
 e chorarem, Auriga, tuas irmãs âmbar;
 e as naus de outrora serem hoje deusas;
 o banquete funesto de Atreu apartando
 o dia; a rocha movida pela lira? 40
 Corre infinda a fecunda licença dos vates,
 sem impor às palavras fé histórica.
 Devíeis ter por falso o louvor da amada,
 vossa credulidade me é nociva!

O poema pode ser dividido em dois momentos: de início, o poeta queixa-se de astros agourentos e deuses cruéis que o teriam amaldiçoado, porque a moça que antigamente fora só dele teria passado a atender vários outros pretendentes (v. 1-6). Logo ele reconhece a própria culpa pelo infortúnio, pois foram os seus livros que lhe trouxeram fama (v. 7-8). Metapoético ou não, em um aspecto o texto é claro: se Corina andava acessível demais, era devido à fama de seu poeta – apesar de esta figurar no texto apenas pela notoriedade *dela*, Corina. Tal fama, no entanto, não traz para Ovídio nenhuma vantagem; antes, como os versos, só traz a ele e à sua amada prejuízos (*An prosint, dubium, nocuerunt carmina semper*, v. 13): aquele vê-se obrigado a dividir seu bem com inúmeros rivais; esta é anunciada nas ruas qual uma prostituta (*ingenio prostitit illa meo*, v. 14). Ovídio passa, então, a se lamentar por ter divulgado os dotes de sua *puella* – se ela passa a ser cortesã, é ele seu alcoviteiro (*me lenone placet*, v. 11) – e a desejar nunca lhe ter dedicado versos (*auersis utinam tetigissem carmina Musis*, v. 17).

O dístico dos versos 19 e 20 marca uma ruptura: “No entanto, não é hábito crer em poetas / Melhor seria não pesar-me a fala” (“*Nec tamen ut testes mos est audire poetas; / malueram uerbis pondus abesse meis*”). Daí em diante, Ovídio dedica-se a demonstrar a fecunda liberdade dos poetas que, nas palavras de Isabelle Jouteur, quebra a dialética do verdadeiro e do falso. Buscando associar a poesia que pratica com a mitologia, ele lista uma série de criaturas e eventos fantásticos extraídos da literatura com o argumento de que, assim como nenhuma das aberrações listadas são tidas como reais, tampouco era tudo o que ele falara a respeito de Corina.

Debruçando-se sobre as figuras listadas por Ovídio, Jouteur destaca nelas dois aspectos predominantes: em primeiro lugar, o seu caráter *híbrido*; em segundo, as *metamorfoses* que sofrem. A primeira evocada é Cila (*Scylla*, v. 21) que, na verdade, são duas – apesar de nomeada como se fosse uma figura única. Ovídio cita primeiro a história

de Cila, filha de Niso, que, cortando os cabelos do pai (fonte de sua invencibilidade), o entrega nas mãos dos inimigos. No verso seguinte, ele segue descrevendo-a como se fosse ela o monstro de mesmo nome por que passam Odisseu e seus companheiros na Odisseia ao chamar atenção aos cães e serpentes que leva junto ao púbis (“*pube premit rabidos inguinibusque canes*”, v. 22), atribuindo à jovem, portanto, a origem do monstro marinho. Temos, através da palavra, uma Cila se transformando em outra. Além do monstro, encontram lugar na lista dos seres mistos a Medusa (*dedimus... crinibus... angues*, v. 23), o cavalo Pégaso (*alite... equo*, v. 24), Cérbero, cão de guarda do inferno (*et tria uipereo fecimus ora cani*, v. 26) e as sereias (*ambiguae... uirginis*, v. 28).

A desarmonia dos seres não costuma ser bem vista na cultura clássica. Pensemos, por exemplo, em Horácio que, na *Epistola ad Pisones*, compara a uma besta formada da junção de vários animais um poema em que não se respeitem as convenções do gênero. Quando Ovídio enumera essas figuras monstruosas, porém, as expõe como símbolo da imaginação sem limites dos poetas, subvertendo o valor negativo do inverossímil. Joueur ainda aponta nesse trecho a recorrência de expressões que indicam serem os monstros produto de um trabalho: *per nos* (v. 21), *dedimus* (v. 23) e *fecimus* (v. 26), esta última aparecendo duas vezes. A imaginação – quiçá, o poema – é apresentada como uma força criativa, uma atividade do espírito, da mente do poeta, que decompõe o real e o reconstrói a bel-prazer. A literatura não responde, portanto, à realidade, mas ao imaginário, ainda que a voz seja identificada pelo nome Ovídio, ainda que haja a mistura de dados biográficos e ficcionais.

O mesmo trecho, como já dissemos, chama atenção pelas figuras que sofrem metamorfoses: Níobe é transformada em rocha (v. 31), Calisto em urso (v. 31) e Ítis em pássaro (v. 32). Júpiter acumula em torno de si pelo menos três transformações, que opera segundo a própria vontade (v. 33-34): ora ave (*aves*, v. 33) (certa vez um cisne, em outra uma águia), ora chuva de ouro (*aurum*, v. 33), ora touro (*taurus*, v. 34). Neste ponto, é impossível não lembrar que também Corina é alvo de uma metamorfose por intermédio da poesia, posto que, de musa celebrada, amada exclusiva do poeta, passa a prostituta.

Ovídio encerra o poema, enfim, como quem em tom de autoridade profere uma lição: “Corre infinda a fecunda licença dos vates / Sem impor às palavras fê histórica” (“*Exit in inmensum fecunda licentia uatum / obligat histórica nec sua uerba fides*” v. 41-42) e então migra para um tom um pouco mais agressivo, “Devíeis ter por falso o louvor da amada / Vossa credulidade me é nociva!” (“*Et mea debueruat falso laudata uideri / femina; credulitas nunc uestra mihi nocet*” v. 43-44), ele não deixa claro, entretanto, se a

credulidade do público é nociva por este fazer a leitura equivocada dos poemas ou se o é por lhe tirar os privilégios de amante exclusivo.

É verdade que o poeta suscita o debate sobre a ficcionalidade ou não da *puella* ovidiana, tanto que Peter Green (2011), comentando este poema, nos informa que ele foi usado muitas vezes como prova da natureza fictícia de Corina (p. 472). No entanto, o que o final atesta é uma preocupação de ordem *literária*, a má leitura dos poemas, que se disfarça de preocupação afetiva.

A esta altura creio que esteja evidente pelas análises que foram conduzidas a predominância do teor metapoético nos *Amores*. Fora os poemas programáticos, que são explicitamente metapoéticos, desde a abertura dos livros com o epigrama ele vem sendo reforçado mesmo imiscuído ao conteúdo erótico: lembre-se que os livros tomam a palavra para se introduzirem, anunciando que a reunião de elegias de Nasão (“*Nasonis*”, v. 1) se trata de uma segunda edição reduzida. Barbara Boyd (1997, p. 143) nota que no próêmio não há nenhuma menção a Apolo, às Musas, a Baco ou a qualquer outra divindade inspiradora; nem a Corina. O único nome a que os poemas respondem é o do próprio autor, que assegura, assim, seu controle sobre a obra. O fato de se tratar de uma segunda edição testifica ainda mais esse controle, pois, à forma anterior, “preferiu o autor *tal* forma” (“*hoc illi praetulit auctor opus*” v. 2), verso que chama atenção ao trabalho editorial – com o perdão do anacronismo – do poeta, trabalho que vem não da tentativa de exprimir poeticamente um afeto, mas ofertar ao público leitor uma boa coletânea de poemas (BOYD, 1997, p. 143). Vimos em seguida, em *Am.* I, 1, que a razão de o poeta escrever elegias ao invés de algum outro gênero elevado não é sua imperícia, mas a coação de Cupido, distorção da *excusatio* que encontra um paralelo em *Am.* II, 1, onde, no entanto, Ovídio sugere que estaria se preparando para compor poemas épicos (especificamente uma Gigantomaquia), deixando claro que tinha o talento para tal (“Ousei cantar, me lembro, as guerras celestiais, / Giges cem-braços – **e levava jeito** –”; “*Ausus eram, memini, caelestia dicere bella / Centimanumque Gygen (et satis oris erat)*”, *Am.* II, 1, 11-12), mas, compelido pela rejeição da amada, retoma os versos elegíacos e a poesia amorosa (v. 21-22).

Muitas vezes, ainda, o próprio contexto amoroso vem carregado de um teor metaliterário. Vemos, por exemplo, *Am.* III, 1, elegia em que a Tragédia e a Elegia vêm ao poeta na tentativa de seduzi-lo, lançar sobre *Am.* II, 10 (1-4), que à primeira vista é de pura temática erótica, a possibilidade de uma leitura metapoética:

Tu mihi, tu certe, memini, Graccine, negabas

*uno posse aliquem tempore amare duas.
Per te ego decipior, per te deprensus inermis,
ecce, duas uno tempore turpis amo.*

Tu, Gracino, sim, tu, me lembro que negavas
poder-se amar a um só tempo duas.
Por tua culpa me enganei, fui pego inerte:
e eis-me a um só tempo amando duas.

Esta proeminência do conteúdo metapoético levou Barbara Boyd a defender em *Ovid's literary loves: influence and innovation in the Amores* (1997) a tese muito interessante de que nos *Amores* há em paralelo à narrativa de uma relação amorosa a narração da carreira poética do próprio Ovídio, e dois perfis distintos e complementares vão sendo traçados ao longo das elegias: o do amante Ovídio e o do poeta Ovídio. E se Conte tem razão ao atribuir ao poema inicial das coletâneas a função de anunciar as pretensões literárias da obra que se abre (1994, p. 253), concluiremos por tudo que se disse sobre *Am. I, 1* que, de fato, muito mais do que o amor por Corina, nos *Amores* Ovídio canta a própria carreira poética. No processo, ele constrói uma *persona* poética para si, de cuja descrição me ocuparei agora.

2.3 PERSONAE DE OVÍDIO NOS AMORES

“... – *nam vos mutatis et illas* – ”

Dos testemunhos mais antigos aos mais recentes, se conserva nos comentários acerca da *persona*⁷ ovidiana um traço: a licenciosidade. Quintiliano (*Inst. Orat. X, 93*), por exemplo, diz que Ovídio é dos elegíacos o mais lascivo;⁸ Pierre Grimal, conhecido

⁷ Entenda-se que o emprego da palavra *persona* implica um distanciamento entre o personagem criado por Ovídio nos *Amores* e o autor empírico P. Ovídio Nasão. Esta leitura de cunho biografista tem sido frequentemente apontada como herança do romantismo, de bases calcadas na valorização da subjetividade e que vê na arte um meio de expressão de sentimentos e impressões – imagem escolar do romantismo, tão ingênua quanto a imagem que se pinta dos poetas românticos. Como Paulo Sérgio Vasconcellos (2008) demonstrou em “Horácio, *Odes I, 33* e a recepção da poesia amorosa”, a indistinção entre autor empírico e *persona* poética era comum na Antiguidade, não sendo, portanto, um efeito pós-romântico. Acredito, no entanto, que o debate abordando o conflito entre biográfico e ficcional não cabe aqui. Escrevi algumas considerações sobre o assunto em “*Fictus amans*: Ovídio, ficção e biografia em uma leitura de *Amores III, 12*”, apresentado na XV Semana de Estudos Clássicos da UFF, cotejando o poema referido e a obra de Ovídio com certas questões levantadas pelos teóricos da chamada “autoficção”.

⁸ Sigo aqui a tradução de Antônio Martinez Rezende (2010), pois *lascivus* também pode ser traduzido como “brincalhão” ou “jovial” (SARAIVA, 2006, p. 662).

historiador francês, em seu livro *O século de Augusto*, no capítulo sobre literatura augustana, nos apresenta com a pérola:

formado na sociedade galante de Roma, Ovídio apenas sabe escrever sobre amor, sem nunca o ter talvez provado, sem nunca ter tido outra coisa a não ser “agradáveis aventuras”, mas não uma verdadeira paixão. Antes de ser um enamorado, Ovídio é um homem de letras. E compreendem-se as razões da profunda antipatia que lhe tinha Augusto. (GRIMAL, 2008, p. 87)

Com efeito, o próprio Ovídio se apresenta sob a alcunha de promíscuo, como se vê na elegia que abre o segundo livro dos *Amores* (*Am. II, 1, 1-2*):

*Hoc quoque composui Paelignis natus aquosis,
Ille ego nequitiae Naso poeta meae.*

Também este eu compus, nato em pelignos úmidos:
eu, o Nasão, poeta das malícias;

A identificação nominal do poeta se dá com o uso de “*ille*” e “*ego*” (v. 2), este carregando a função de enfatizar um sujeito que se afirma e o primeiro, pronome demonstrativo, evocando ao leitor a *fama* de libertino que o poeta tem: “eu, *aquele* Nasão, poeta das minhas malícias”.

Um dos fatores que contribui para a consolidação dessa reputação é a referência a variadas parceiras sexuais ao longo dos *Amores*. Em *Am. III, 7*, por exemplo, o poeta narra um infortúnio amoroso e faz ameaças ao próprio pênis, que faltou ao seu dever na cama (v. 1-6):

*At non formosa est, at non bene culta puella,
At, puto, non uotis saepe petita meis?
Hanc tamen in nullos tenui male languidus usus,
Sed iacui pigro crimen onusque toro
Nec potui cupiens, pariter cupiente puella, 5
Inguinis effeti parte iuuante frui.*

Pois não é bela? Pois não é bem arrumada?
Não a buscam amiúde os meus desejos?
Porém, mal a possuo e, sem proveito, mole
no leito jazo imóvel, peso morto.
Não pude, desejando (e ela tanto quanto), 5
fruir da boa parte da virilha.

Em dado momento, o poeta mostra-se consternado com a situação, pois, há não muito tempo, tivera sucesso múltiplas vezes (v. 23-26):

*At nuper bis flava Chlide, ter candida Pitho,
Ter Libas officio continuata meo est.
Exigere a nobis augusta nocte Corinnam, 25
Me memini numeros sustinuisse nouem.*

E há pouco à loira Clides duas, a Pito três
vezes servi, e a Libas três seguidas.
Cobrou de mim Corina numa noite excelsa, 25
lembro-me, nove atos encenar.

Ele cita três mulheres que teriam recebido sem prejuízo o seu serviço além da própria Corina, o que explicita que não é ela a parceira com quem o contratempo lamentado no poema se passou.

Mais do que a manutenção de variadas parceiras sexuais por si só, há um par de elegias no Livro II que diz muito sobre a licenciosidade do caráter deste protagonista ovidiano. É um recurso bastante utilizado por Ovídio nos *Amores* a composição de pares de elegias que tratem de um mesmo tema sob pontos de vista ora contrastantes ora completamente opostos, muitas vezes lançando mão de recursos expressivos e estruturais bem próximos, como o vimos fazer em *Am. I, 5* e *III, 5*. Também são um bom exemplo *Am. I, 4* e *II, 5*: o primeiro é um poema instrutivo que dita a uma jovem amante do poeta como se comportar em um banquete em que virá acompanhada do marido; no segundo, o poeta flagra sua acompanhante em um banquete utilizando os mesmos sinais que ele ensinara para traí-lo com outro conviva. O par de que tratarei a seguir é composto pelas elegias *II, 7* e *II, 8*. No primeiro, o poeta se dirige a Corina dizendo-se vítima de ciúmes injustificáveis e de acusações de traição infundadas (v. 1-8):

Ergo sufficiam reus in noua crimina semper?
Vt uincam, totiens dimicuisse piget.
Siue ego marmorei respexi summa theatri,
Eligis e multis unde dolere uelis,
Candida seu tacito uidit me femina uultu, 5
In uultu tacitas arguis esse notas;
Siquam laudauit, misero petis unguis capillos;
Si culpo, crimen dissimulare putas.

Sempre te servirei de réu de novos crimes?
Embora vença, tanta luta enfada-me.
Se me volto para o alto do teatro de mármore,
de muitas uma escolhes que te ofenda;
se uma pura mulher me fita em silêncio, 5
afirmas no silêncio haver mensagens;
se uma elogio, atacam as unhas meu cabelo;
se outra critico, um crime dissimulo;

A acusação de que ele de fato se defende aparece apenas no verso 17 (v. 17-28):

Ecce nouum crimen. Sollers ornare Cypassis
Obicitur dominae contemerasse torum.

Di melius! Quam me, se sit pecasse libido,
Sordida contemptae sortis amica iuuet! 20
Quis ueneris famulae conubia liber inire
Tergaque complecti uerbere secta uelit?
Adde quod ornandis illa est operata capillis
Et tibi per doctas grata ministra manus;
Scilicet ancillam, quae tam tibi fida, rogarem? 25
Quid, nisi ut indicio iuncta repulsa foret?
Per Venerem iuro puerique uolatilis arcus
Me non admissi criminis esse reum.

Eis novo crime: a hábil em ornar, Cipássis,
 acusam de violar da dona o leito.
 Algo melhor me deem os deuses, se eu quiser
 trair-te, que uma amante de vil sina. 20
 Que homem livre quer núpcias de uma humilde Vênus
 e abraçar costas por chicote abertas?
 Pondera: ela ocupa-se dos teus cabelos
 e pelas doutas mãos te é grata serva.
 Pois eu cortejaria a escrava a ti fiel? 25
 Pra quê? Pra ter repúdio e delação?
 Por Vênus juro, e pelo arco de Cupido,
 que desses crimes eu não sou culpado.

Chegou aos ouvidos de Corina (“*obicitur*” v. 18) a informação de que sua escrava, Cipássis, estaria mantendo relações sexuais com o poeta, ao que este responde que se ele tivesse de fato algum desejo de trair sua consorte, não o faria com uma escrava (v. 19-20). Nem ele nem ninguém, como os versos 21 e 22 deixam claro. Ademais, ele argumenta, teria sido uma péssima ideia cortejar uma escrava fiel à sua dona, empresa de que ele apenas colheria repúdio e delação (“*indicio iuncta repulsa*” v. 26). Por fim, o poeta termina jurando por Vênus e pelo arco de Cupido (“*pueri uolatilis*” v. 27) a sua inocência. No poema seguinte, no entanto, ele se dirige a Cipássis, indagando-se sobre quem teria sido o delator do amor dos dois:

Ponendis in mille modos perfecta capillis,
Comere sed solas digna, Cypassi, deas,
et mihi iucundo non rustica cónita furto,
Apta quidem dominae, sed magis apta mihi,
Quis fuit inter nos sociati corporis index? 5

Perfeita em arranjar de mil modos cabelos,
 digna, Cipássis, de pentear deusas,
 que por um doce furto aprendi não ser rústica,
 apta à dona, mas mais ainda a mim,
 quem foi de nossos corpos juntos delator? 5

O poeta diz não entender como Corina poderia ter ficado sabendo do seu caso com a escrava, pois ele mesmo a teria convencido de sua inocência. Nos versos 9 e 10 ele retoma o argumento que ele próprio usara no poema anterior de que ninguém em sã consciência preferiria uma escrava a uma mulher livre, refutando-o logo em seguida:

*Quid, quod in ancilla siquis delinquere possit
 Illum ego contendi mente carere bona? 10
 Thessalus ancillae facie Briseidos arsit;
 Serua Mycenaco Phoebas amata duci;
 Nec sum ego Tantalide maior, nec maior Achille;
 Quod decuit reges, cur mihi turpe putem?*

Como, se quem com escrava comete delitos
 eu disse de bom senso carecer? 10
 Pela bela Briseida inflamou-se o Tessálio,
 e o Miceneu amou de Febo a serva.
 Maior não sou que o Tantálide ou Aquiles,
 por que o que convém a reis me é torpe?

Reportando-se à célebre guerra da *Ilíada*, o poeta lembra que ambos Aquiles (“*Thessalus*” v. 11; “*Achille*” v. 13) e Agamêmnon (“*Mycenaco*” v. 12; “*Tantalide*” v. 13) apaixonaram-se por escravas, Briseida e Cassandra (“*Serua... Phoebas*” v. 12) respectivamente, e que, portanto, não seria mal a ele manter relações com Cipássis. O motivo da desconfiança de Corina, segundo o poeta, vem logo em seguida: “Mas quando irados olhos ela em ti cravou, / eu vi enrubescer-te toda a face” (“*Vt tamen iratos in te defixit ocellos, / vidi te totis erubuisse genis*” v. 15-16). Lê-se então:

*At quanto, si forte refers, praesentior ipse
 Per Veneris feci numina magna fidem!
 Tu, dea, tu iubeas animi periuria nostri
 Carphatium tepidos per mare ferre Notos. 20*

Porém, se te recordas, com que prontidão
 eu fiz juras em nome da grã Vênus!
 Tu, ó deusa, comandas que os nossos perjúrios
 os Notos levem pelo mar de Cárpatos. 20

Mais uma vez ele retoma *Am. II*, 7 para mostrar como ele lidou com a situação, demonstrando que o que dissera a Corina era apenas uma encenação: o argumento por ele utilizado ele mesmo refuta, recorrendo a *exempla* míticos; as juras em nome da deusa do amor são abertamente confessadas falsas. Assim fazendo, o poeta tenta persuadir Cipássis de que o que ela o testemunhara dizer (“*si forte refers*” v. 17) não passava de uma performance retórica, cobrando ao favor que lhe prestara novos favores sexuais:

Pro quibus officiis pretium mihi dulce repende,

*Concubitus hodie, fusca Cypassis, tuos.
 Quid renuis fingisque novos, ingrata, timores?
 Vnum est e dominis emeruisse satis.
 Quod si stulta negas, index anteacta fatebor 25
 Et ueniam culpa proditor ipse meae,
 Quoque loco tecum fuerim, quotiensque, Cypassi,
 Narrabo dominae, quotque quibusque modis.*

Este serviço retribui com um doce prêmio:
 hoje unir-me, Cipássis, ao teu corpo.
 Por que negas, ingrata, e arranjas novos medos?
 Ter cativado um dos senhores basta.
 Se o negares, os atos passados direi 25
 e serei delator da própria culpa:
 Onde te possuí, quantas vezes, Cipássis,
 contarei à senhora, e de que modos.

Ao ser cobrada, Cipássis nega o pedido do poeta, despertando a sua ira. A máscara da doçura cai e o amante rejeitado ameaça-a então dizendo que, caso não ceda, ele revelará a Corina tudo o que se passou entre os dois sem poupá-la dos detalhes. Davis (1989, p. 60) observa que a palavra que fecha o poema, “*modis*”, é a mesma utilizada para elogiar a habilidade da escrava em fazer penteados no primeiro verso, cruel ironia.

Seria muito fácil tirar a partir daí conclusões de cunho moralista e dizer que o amante ovidiano, confrontado com os demais amantes elegíacos, seria mentiroso, inescrupuloso ou, para lançar mão de um termo mais brando e mais comumente usado, o menos sincero.⁹ Acredito, entretanto, que seja mais proveitoso olhar o episódio na linha do que John T. Davis defende em *Fictus adulter: poet as an actor in the Amores* (1989) e nos indagar sobre o lugar da performance no jogo amoroso ovidiano. Temos, de fato, revelando-se para nós uma *persona* que não mede esforços para conseguir o que quer, de um caráter volátil, adaptável àquilo que o contexto demanda que se defenda: um *performer*, portanto, além de um *Don Juan*, que assume diversos perfis de acordo com os seus interesses. Ainda na esteira de Davis, nos *Amores* Ovídio dá sinais de que este componente da *persona* do amante que ele constrói é parte de um projeto literário consciente, o que é demonstrável pela leitura de *Am. I, 3*, que ora se retoma:

*Te mihi materiem felicem in carmina praebe;
 Prouenient causa carmina digna sua. 20
 Carmine nomen habent exterrita cornibus Io*

⁹ Carlos de Miguel Mora (2008), na verdade, tenta subverter a imagem de poeta insincero de Ovídio. Partindo da premissa de que os sentimentos e afetos expressados nos poemas são puramente literários, ele defende que, uma vez que em grande parte de sua obra Ovídio fala da própria prática poética, ele seria, na verdade, o mais sincero dos poetas elegíacos.

*Et quam fluminea lusit Adulter aue,
quaeque super pontum simulato uecta iuueno
Virginea tenuit cornua uara manu.
Nos quoque per totum cantabimur orbem, 25
Iunctaque semper erunt nomina nostra tuis.*

Vem a mim como rica matéria de canto,
surgirão cantos dignos de sua causa. 20
No canto Io, louca com os chifres, tem fama
e a quem o adúltero enganou como ave;
ou a por falso touro sobre o mar levada
que com mão virginal reteve os chifres.
Nós também pelo mundo seremos cantados, 25
meu nome sempre ao teu estará ligado.

Recapitulando o que foi dito sobre esta elegia anteriormente: o poeta faz uma prece a Vênus para que a amada ceda ao seu amor (v. 1-4). À amada, o convite vem com promessas de fidelidade (v. 5-6), que se deduz do contexto se tratar de fidelidade *literária* – disfarçada de fidelidade conjugal –, isto é, a promessa de que apenas ela será o assunto dos cantos dele. A consequência disto, conforme os versos acima reescritos, será para a amada a fama perene, uma vez que ao nome do poeta o seu nome estará ligado, e para convencê-la de anuir ao apelo Ovídio cita três personagens da mitologia que por causa do amante que tiveram em comum, Júpiter, ganharam renome: Io (v. 21), Leda (v. 22) e Europa (v. 23-24). Assim ficam estabelecidos os paradigmas amada – Io, Leda, Europa; poeta – Júpiter, o que leva Davis (1989, p. 72) à conclusão de que Júpiter é para Ovídio o modelo de amante ao longo dos *Amores*.

A eleição de Júpiter como modelo deriva de uma mudança radical no perfil de amante elegíaco construído na coletânea de elegias, que é a sua atitude ante ao insucesso. O amante ovidiano está longe de ser o admirador distante que enfrenta a impossibilidade de concretizar o seu desejo com paciência e resignação, embora em mais de uma ocasião ele se caracterize desta forma, mas, ao contrário, ele reage ao fracasso com ira, ameaças e insultos, a exemplo da elegia há pouco lida. Na coletânea, aproximadamente 25 elegias terminam com o poeta não conseguindo alcançar os seus objetivos, e em pelo menos metade deles, nos diz Davis (1989, p. 44), o desfecho se dá com ofensas a quem o atrapalha. Ao amante sofredor, Ovídio prefere o que lança mão de todos os artifícios ao seu dispor para atingir suas metas, e é aí que aparece Júpiter como seu modelo, em particular por causa de uma propriedade herdada de Proteu: a habilidade se se metamorfosear, de assumir “praticamente qualquer aparência ou emoção para atingir seus

objetivos amorosos ou, como Proteu, para se esgueirar de situações difíceis” (DAVIS, 1989, p. 37).

Nos *Amores*, em múltiplas ocasiões, Júpiter aparece associado à sua capacidade de se transformar na conquista amorosa, do que são exemplos as elegias *Am. I, 3; I, 10; II, 19; III, 4 e III, 8*, e é de especial relevância mencionar que apesar de o deus ser usado como *exemplum* por Propércio e Tibulo, apenas em Ovídio este atributo aparece em destaque (DAVIS, 1989, p. 73). Seria possível argumentar contra esta proposta de Davis a partir da rejeição que Júpiter sofre em *Am. II, 1*, quando o poeta, que dizia estar pronto a cantar as guerras celestiais (“*caelestia [...] bella*”, *Am. II, 1, 11*), tendo à mão Júpiter e os seus raios (“*In manibus nimbos et cum Ioue fulmen habebam*”, v. 15), tudo abandona e se desculpa com Júpiter ao lhe fechar a porta a *puella*. Ele diz (v. 19-22): “Júpiter, me perdoa: em nada me ajudavas; / mais poder tem a porta que o teu raio. / À elegia e à brandura, m’nhas armas, tornei, / doces palavras afrouxaram as portas.” (“*Iuppiter, ignoscas; nil me tua tela iuuabant; / Clausa tuo maius ianua fulmen habet; / Blanditias elegosque leuis, mea tela, resumpsi; / Mollierunt duras lenia uerba fores.*”). Como se pode ver, porém, a rejeição do poeta ao deus é enquanto material poético, sendo apenas parte da *excusatio* na presente elegia.

Em um aspecto importante, no entanto, o poeta e seu modelo se afastam: Júpiter é representado ao longo dos *Amores* não só como o amante das metamorfoses, mas, sobretudo, como o amante bem-sucedido – ao contrário de Ovídio. Isto não foi notado apenas por Davis. Lucy Ana de Bem, em um artigo sobre metapoesia nos *Amores* – tema de que ela se ocupou em sua tese de doutorado (2011) –, afirma que a “ideia de ‘fracasso’ está sempre presente ao longo da obra [*Amores*]: o poeta fracassa ao argumentar contra Cupido em *Am. I, 1*; fracassa, da mesma forma, ao tentar persuadir Aurora em *Am. I, 13*, o guardião em *Am. I, 6 e II, 3 e 4*, e o rio em *III, 6.*” (BEM, 2006, p. 134).

Um segundo ponto merece destaque: no que diz respeito às estratégias de conquista, enquanto Júpiter opera metamorfoses físicas para satisfazer seus desejos, é por meio da retórica que o protagonista dos *Amores* transmuta-se – ainda que em uma ocasião (*Am. II, 15, 9-26*) ele expresse o desejo de passar por uma transformação física e tornar-se o anel que oferta de presente à sua amada – e passa de inocente ultrajado a amante pedindo favores (*Am. II, 7; II, 8*), e se algo mais pode ser dito a respeito deste *amator*, é que ele demonstra repetidamente o domínio que tem sobre os recursos retóricos. Um dos meios que ele encontra para o fazer foi citado logo acima, a defesa de dois pontos de vista conflitantes, do qual apresento a seguir mais um exemplo.

Em *Am. II*, 19 e *Am. III*, 4 o poeta se dirige ao marido de uma moça que corteja censurando-o, no primeiro, por deixar a guarda muito baixa e facilitar ao poeta o acesso à *puella*, e, no segundo, por se esforçar demais em conservar a *puella* só para si quando, na verdade, tudo que ele faz é em vão: os amantes encontram meios de burlar as medidas de segurança do marido. O cotejo das duas elegias revelará que, embora pleiteem causas opostas, ambos possuem semelhanças estruturais difíceis de se ignorar:

Am. II, 19:

*Si tibi non opus est seruata, stulte, puella,
At mihi fac serues, quo magis ipse uelim.
Quod licet, ingratum est; quod non licet, acrius urit;
Ferreus est, siquis, quod sinit alter, amat.
Speremus pariter, pariter metuamus amantes, 5
Et faciat uoto rara repulsa locum.
Quo mihi fortunam, quae numquam fallere curet?
Nil ego, quod nullo tempore laedat, amo.*

Se não guardas por ti, ó tolo, tua menina,
faze-o por mim, pra que eu a queira mais!
O fácil não compensa; o ilícito é o que abrasa,
insensível é quem ama o que outro deixa. 5
Tenhamos pares esperança e medo, amantes;
que a recusa casual sustenha as súplicas.
Pra que sorte que nunca cuida em malograr?
Tampouco amo o que em tempo algum me fere.

Am. III, 4:

*Dure uir, inposito tenerae custode puellae
Nil agis; ingenio est quaeque tuenda suo.
Siqua metu dempto casta est, ea denique casta est;
Quae, quia non licuit, non facit, illa facit.
Vt iam seruaris bene corpus, adultera mens est. 5
Nec custodiri, ni uelit, ulla potest,
Nec corpus seruare potes, licet omnia claudas;
Omnibus oclusis intus adulter erit.
Cui peccare licet, peccat minus; ipsa potestas 10
Semina nequitiae linguidiora facit.
Desine, crede mihi, uitia inritare uetando;
Obsequio uinces aptius illa tuo.*

Duro homem, impondo guarda à doce jovem
nada ganhas: defende-a o seu caráter.
Se sem temê-lo ela for casta, então é casta,
a que não faz porque não pode, o faz. 5
Por mais que o corpo guardes, a mente é adúltera,
se ela não quer, não podes vigiá-la;
mesmo trancando tudo, nem o corpo guardas:
fechou-se tudo – o amante entrou primeiro.

Quem tem chance adúltera menos: tal poder
 enfraquece as sementes da malícia. 10
 Ouve bem: deixa de incitar vícios vetando-os.
 Com teu favor, terás melhor vitória.

Os dois poemas se abrem com um insulto ao marido – em *Am.* II, 19 ele é estúpido (“*stulte*” v.1), em *Am.* III, 4, duro (“*dure*” v. 1) –, e em ambos o primeiro dístico anuncia a queixa que o poeta traz contra o seu rival, e ao passo que em II, 19 existe uma ordem direta – que, se por nenhum outro motivo, o homem guarde a sua parceira por consideração ao amante que quer ter suas vias dificultadas (II, 19, 1-2) –, o tom de III, 4 é mais exortativo, mas não menos agressivo. Nos versos seguintes, os motivos são desenvolvidos: em II, 9 é explicado que o amor ilícito é o que abrasa (II, 19, 3), e que o poeta não encontra prazer em um amor que nunca rende a ele sofrimento (II, 19, 7-8); em III, 4 o argumento é o de que a mulher que é casta (que no contexto pode ser entendido como “fiel”) porque é impedida de adúltera não é de fato casta (III, 4, 3-4), que, ainda que o marido empreenda meios de prevenir as traições, ela encontrará outros de os burlar (III, 4, 7-8). A postura recomendada pelo poeta a esse respeito é dar à mulher ocasião de adúltera (III, 4, 9-10), não que ela vá deixar de o fazer, mas o fará menos.

Apesar de serem duas recomendações completamente opostas, os argumentos utilizados são bastante semelhantes, a começar pelos *exempla*:

Am. II, 19
Si numquam Danaen habuisset aenea turris,
Non esset Danae de Ioue facta parens;
Dum seruat Iuno mutatam cornibus Io,
Facta est, quam fuerat, gratior illa Ioui. 30

Não tivesse uma torre encarcerado Dânae,
 não a teria engravidado Jove.
 Enquanto Juno a Io, a de chifres, guardava,
 ela era a Jove mais graciosa que antes. 30

Am. III, 4
Centum fronte oculos, centum ceruice gerebat
Argus, et hos ununs saepe fefellit Amor. 20
In thalamum Danae ferro saxoque perennem
Quae fuerat uirgo tradita, mater erat.
Penelope mansit, quamuis custode carebat,
Inter tot iuuenis intemerata procos.

Argos tinha cem olhos na frente, mais cem
 na nuca, e a todos enganou o Amor. 20

Num quarto bem seguro, de aço e pedra, Dânae,
 que foi levada virgem, virou mãe.
 Penélope manteve-se, ausente o guarda,
 em meio a tantos pretendentes pura.

Duas histórias são usadas em II, 19 para demonstrar como o bloqueio do acesso à amada faz dela mais desejável: a ninfa Io, que Júpiter visitava com frequência, foi transformada por ele mesmo em uma vaca para esconder de Juno, sua esposa, o adultério em uma ocasião em que ela os flagrou juntos, e enquanto conservou esta forma foi mais desejável ao rei dos deuses porque ele não a podia possuir (II, 19, 29-30); já Dânae, por causa de uma profecia revelada a Acrísio, seu pai, de que ela daria à luz um filho que o mataria, foi trancada em uma torre isolada onde Júpiter a viu, a amou e, transformando-se em chuva de ouro, a possuiu. A história aparece com o argumento de que *porque* esteve trancada a virgem era mais atraente ao deus (II, 19, 27-28). Ora, os exatos mesmos *exempla* se repetem em *Am.* III, 4, tendo apenas a ordem de aparição invertida, porém nesta elegia eles figuram com um sentido diferente: Ovídio lembra que mesmo Argos, o cão de múltiplas cabeças que Juno mandou guardar Io, não foi o suficiente para manter Júpiter distante (III, 4, 19-20), e que, mesmo a trancando e isolando, Acrísio não conseguiu impedir sua filha de engravidar (III, 4, 21-22). Aos dois exemplos de fracasso em montar guarda, se segue o de Penélope que, apesar de ter o marido ausente (que é referido no poema como “*custode*”, “*vigia*”), conservou-se intocada mesmo cercada de pretendentes (III, 4, 23-24).

Assistimos, portanto, não só a uma transformação na postura do amante, que de amante irritado com a falta de zelo do marido de sua amante passa a amante incomodado com a proteção excessiva, mas também na própria argumentação, que *uno tempore* se mantém a mesma e ajusta-se à causa pleiteada. Podemos observar ainda que em ambos os casos a base da argumentação é uma só: a premissa de que o esforço em impedir que os amantes consumam seus desejos só faz incitá-los mais a esses desejos.

Por fim, lemos em Davis (1989, p. 45-53) que ambos os poemas terminam com uma alusão às políticas do imperador Otaviano Augusto contra o *lenocinium*, lenocínio, que consistia em uma lei promulgada em 18-17 a.C., a *Lex Iulia de adulteriis coercendis*, que previa duras punições não só para o acusado de adultério mas também a qualquer terceiro que tenha ajudado de alguma forma a acobertar a violação (DAVIS, 1989, p. 46). Na lei está prevista especificamente a punição do marido que tiver lucro com o adultério da esposa, sendo o crime caracterizado por prática de lenocínio: “*Lenocinii quidem*

crimen lege Iulia de adulteris praescriptum est, cum sit in eum maritum poena statua, qui de adulterio uxoris suae quid ceperit, item in eum, qui in adulterio deprehensam retinuerit.” (*Digest.* 48.5.2), “O crime de lenocínio foi prescrito pela Lei Júlia contra o adultério, sendo a pena imputável ao marido que com o adultério de sua esposa recebe algo, como também àquele que manteve a [esposa] flagrada em adultério.” Voltemos a *Am.* II, 19:

<i>Ille potest uacuo furari litore harenas,</i>	45
<i>Uxorem stulti siquis amare potest.</i>	
<i>Iamque ego praemoneo; nisi tu seruare puellam</i>	
<i>Incipis, incipiet desinere esse mea.</i>	
[...]	
<i>Quid mihi cum facili, quid cum lenone marito?</i>	
<i>Corrumpit uitio gaudia nostra suo.</i>	
<i>Quin alium, quem tanta iuuat patientia, quaeris?</i>	
<i>Me tibi riualet si iuuat esse, ueta!</i>	60
Pode furtar de praias desertas a areia	45
quem pode amar a esposa de um estulto.	
Eu o previno: se não comesças a vigiar	
tua menina, ela deixa de ser minha.	
[...]	
De que me vale o trouxa, o cafetão marido ?	
O seu vício corrompe o meu prazer!	
Por que não buscas quem tua tolerância agrade?	
Se te agrada me ter rival, impede-me!	60

Nos versos 45 e 46, lê-se a comparação cômica de quem é amante da esposa de um estulto com um ladrão de areias de praia, seguida de um novo aviso: se o homem a quem o poeta se dirige não começar a vigiar melhor a própria esposa, ele perderá o interesse por ela (v. 47-48). Já nos dísticos finais do poema, em um novo ataque ao marido, o poeta se pergunta: “de que me vale o trouxa, o cafetão marido?” (“*quid mihi cum facili, quid cum lenone marito?*” v. 57), e Davis (1989, p. 49) enxerga no uso da expressão “*lenone marito*” uma tentativa de ecoar o próprio texto da lei, conforme foi acima transcrito, chegando à conclusão de que, curiosamente, o amante ovidiano, o adúltero, parece neste trecho anuir à lei de Augusto contra o adultério. O mesmo não pode ser dito sobre *Am.* III, 4, a que passo agora:

<i>Rusticus est nimium, quem laedit adultera coniunx,</i>	
<i>Et notos mores non satis Urbis habet,</i>	
<i>In qua Martigenae non sunt sine crimine nati</i>	
<i>Romulus Iliades Iliadesque Remus.</i>	40
<i>Quo tibi formosam, si non sis casta placebat?</i>	

*Non possunt ullis ista coire modis!
 Si sapis, indulge dominae uultusque seueros
 Exue **nec rigidi iura tuere uiri**
 Et cole, quos dederit (multos dabit!) uxor, amicos. 45
 Gratia sic minimo magna labore uenit;
 Sic poteris iuuenum conuiuia semper inire
 Et, quae non dederis, multa uidere domi.*

Tão rude é quem se ofende com consorte adúltera,
 não sabe bem os costumes da cidade,
 onde, não sem delito, nasceram de Marte
 Remo Ilíade, Rômulo de Ília. 40
 Como querias formas, não sem castidade?
 Não podem uma e outra conviver.
 Se és sábio, favorece a dona. Despe a austera
 face e **não sigas leis de homens rígidos.**
 Preza os amigos que ela te der – serão muitos! 45
 Vêm assim grandes graças sem labor.
 Assim, sempre hás de ir aos banquetes dos jovens,
 verás em casa dons que não compraste.

Se em *Am.* II, 19 lemos o poeta chamando de estulto o homem que não vigia bem sua esposa, aqui o insulto se repete para agredir aquele que tenta a todo custo impedir a esposa de o trair (“*rusticus est nimium, quem laedit adultera coniunx*” v. 37), no entanto, o adjetivo empregado, “*rusticus*”, significa também “campestre” e serve para endossar a crítica que vem a seguir no verso 38 de que ele não estaria habituado aos costumes da cidade, que, como lembra Ovídio (v. 39-40), foi fundada por causa da violação por parte de Marte de uma virgem vestal, Reia Sílvia, que deu à luz Rômulo e Remo, o primeiro considerado pelos romanos ser o fundador de Roma. Uma vez que belas formas e castidade não podem coexistir (v. 41-42), o conselho do poeta ao marido é que ele deixe de se preocupar tanto com isto e deixe de seguir “leis de homens rígidos” (“*rigidi iura tuere uiri*” v. 44). Já pelo contexto poderíamos supor que homens rígidos seriam esses, e os versos seguintes apenas confirmam as suspeitas: eles descrevem os benefícios que o homem terá ao deixar que sua esposa o traia: amigos (v. 45), convites a banquetes (v. 47) e presentes diversos (v. 48). O conselho do poeta ao marido é fazer justamente o que é criminalizado pela *Lex Iulia de adulteriis coercendis*, obter lucros com o adultério da esposa.

Já caminhando para a conclusão, o que poderemos dizer, enfim, sobre a *persona* que se desdobra nos *Amores* de Ovídio? Um *bom vivant* que carrega a juventude e o amor como brasões (*Am.* I, 9, 3-4), com um vasto repertório cultural a que alude nas elegias, e que demonstra ter um bom domínio da retórica, o qual não hesita em usar para alcançar

seus objetivos – apesar de amiúde encontrar o fracasso. Esta é a personagem que espero ter recriado para o leitor na tradução que vem a seguir.

É verdade que muitas questões que abordei neste ensaio mereciam ser mais aprofundadas do que de fato foram, no entanto, o tempo exíguo e a dedicação à tradução não o permitiram. Em lugar de me deter em um tema específico, escolhi esta aproximação mais panorâmica de aspectos que julgo serem importantes para a apreciação dos *Amores*. Se por um lado o que foi ofertado não será suficiente para saciar um leitor interessado em discutir questões mais específicas de poética clássica – conto com a seleção bibliográfica para o conduzir daqui em diante –, espero que ao menos o tenha feito atentar para nuances porventura não percebidas anteriormente, e que, ao leitor não-especialista, o texto possa servir de introdução à poética clássica, à elegia e à obra de Ovídio.

LIVRO I

Nós, de Nasão, que há pouco fomos cinco livros,
três somos: preferiu o autor tal forma.
Se já não tens prazer algum em nos ter lido,
será mais leve a pena, dois a menos.

I, 1

Armas, em ritmo grave, e a guerra atroz eu ia
 cantar: matéria que convém ao metro.
 Qual o primeiro, era o segundo verso; contam
 que, rindo-se, Cupido um pé furtou.
 “Quem te deu, tiraninho, poder sobre o canto? 5
 Vates somos das Piérides, não teus!
 E se Vênus furtasse as armas de Minerva
 e Minerva excitasse acesas tochas?
 Quem aprova que Ceres reine em altos bosques,
 que a arqueira virgem guarde a lei dos campos? 10
 Quem a Febo de insignes cabelos oferta
 lança, tangendo Marte a lira aônia?
 Tu tens, menino, vastos e potentes reinos,
 por que procuras outros, ambicioso?
 É teu tudo que há? São teus os vales do Hélicon? 15
 A custo guarda Febo a própria lira?
 Quando ergo com o primo verso nova página,
 o seguinte amolece¹⁰ o meu vigor.
 Nem tenho assunto a ritmos mais leves; quer moço
 ou moça de enfeitadas longas comas.” 20
 Eu me queixava quando ele, abrindo a aljava,
 escolheu setas para o meu arraso;
 vergando com poder o arco no joelho,
 disse: “Eis teu assunto, vate, aceita-o!”
 Ai de mim! O menino tem setas certas! 25
 Ardo e no peito vago Amor governa.
 Com seis pés se ergue a obra, com cinco resolve-se.
 Adeus, guerra feroz com teus compassos!
 Cinge as têmporas loiras com mirto das praias,
 Musa – que em onze pés és modulada. 30

¹⁰ “*Neruos*”, aqui traduzido como “vigor”, também pode significar “pênis” (GAFFIOT, 1985, p. 1026: “*membre viril*”). Tendo em vistas um possível *jeu de mot*, o efeito foi deslocado para o verbo “amolece”.

I, 2

Que razão dou pro leito parecer tão duro
 que nem cobertas nele permanecem,
 e sem sono eu passar a noite – como é longa! –,
 doerem os ossos do agitado corpo?
 Se um amor me tentasse eu saberia, creio. 5
 Ou, astuto, ele ataca com arte oculta?
 Assim será: feriram o peito tênues flechas
 e um fero Amor revolve a sua posse.
 Aceito? Ou lutando excito mais o fogo?
 Aceito! Leve é o fardo se bem-vindo. 10
 Eu vi crescerem as chamas de uma tocha inquieta
 e morrerem, porém, quando intocadas;
 Mais do que o boi afeito ao arado, padece
 o que rejeita o peso do seu jugo;
 ao cavalo bravio o freio arrasa a boca; 15
 sente-o menos se ajusta-se aos arreios.
 Ao insurgente fere com muito mais fúria
 do que a quem cede ao seu serviço o Amor.
 Ah! confesso, Cupido: sou teu novo espólio;
 estendo as mãos vencidas ao teu mando. 20
 De nada vale a guerra – rogo pela paz;
 não há glória em vencer um desarmado.
 Cinge os cachos com mirto e atrela as pombas mátrias;
 terás de teu padraсто o carro digno,
 de pé, no carro, o povo aclamando o triunfo, 25
 guiarás habilmente as tuas aves,
 conduzirás cativos rapazes e moças:
 será triunfo excelso teu cortejo!
 Eu mesmo, presa nova, fresca ainda a chaga,

trarei na mente¹¹ escrava algemas novas. 30

Bom-Senso as mãos suspensas leva atrás de si,
 Pudor e o que os quartéis de Amor afronta:
 todos tremem; a ti estende o povo os braços
 cantando em alta voz: “Triunfo! Eia!”

Carícias, Ilusão e Loucura tens cúmplices, 35
 tal turba a toda parte te acompanha.
 Com tal milícia, os deuses e os homens superas;
 sem tal vantagem, estarás desnudo.

Do Sumo Olimpo, a mãe contente aplaudirá
 e espargirá sobre a tua face rosas. 40

Tu – as asas com joias – com joias nos cachos
 irás, em áureas rodas, também áureo.

Mesmo então, muitos, bem se sabe, abrasarás.
 Passando, muitos danos causarás.

Nem se o quiseres podem tuas setas cessar; 45
 a chama ardente lesa com calor.

Tal como Baco as terras do Ganges tomou:
 tu com teus pássaros, com tigres ele.

Se faço parte, então, de teu sacro triunfo,
 poupa em mim, vencedor, os teus recursos! 50

Contempla as férteis armas do parente César:
 com a mão que vence ele o vencido acolhe.

¹¹ Embora o mais usual seja traduzir “*mens*” neste contexto como “alma”, preferi “mente” para aproveitar o som de “bom-*senso*” no verso abaixo.

I, 3¹²

Peço o justo: a menina que presa me fez,
 que me ame ou me faça sempre amá-la.
 Ai, me excedi! Consinta em ser amada apenas,
 e terá me atendido a Citereia!
 Aceita quem por longo tempo a servirá, 5
 quem saberá amar com lealdade.
 Se não me estima o nobre nome dos meus pais,
 nem minha estirpe vem de um cavaleiro;
 nem cultivam meu campo inúmeros arados,
 e despesas meus pais têm que evitar; 10
 ao menos Febo, as musas e o inventor do vinho
 vêm cá; e quem me dá a ti: Amor;
 lealdade incessante e hábitos sem mácula;
 desnuda ingenuidade e pudor rubro.
 Não me aprazem centenas, nem revezo amores; 15
 se há boa fé, serás meu bem perene.
 Viver contigo os anos que as Irmãs me teçam
 caiba a mim – e morrer, sob o teu pranto.
 Vem a mim como rica matéria de canto,
 surgirão cantos dignos de tua causa. 20
 No canto Io, louca com chifres, tem fama
 e a quem o adúltero enganou em ave;
 ou a por falso touro sobre o mar levada
 que com mão virginal reteve os chifres.
 Nós também pelo mundo seremos cantados, 25
 meu nome sempre ao teu será ligado.

¹² O argumento da elegia se aproxima bastante de *Prop.* III, 2, 11-18, em especial o trecho que corresponde aos versos 7 a 14.

I, 4

Vai teu parceiro ao mesmo banquete que nós,
 seja pra ele o último jantar!
 Pois como amigo apenas a menina amada
 contemplarei? Será tocado um outro,
 o colo de outro reclinada aquecerás? 5
 Tocará à vontade o teu pescoço?
 Não te espantes porque, servido o vinho, a cândida
 Atrácida às armas trouxe ambíguos homens.¹³
 Não moro em bosques, nem me ligo a corpo equino,
 pareço a custo as mãos conter de ti. 10
 Porém, observa o que fazer, não deixes que Euro
 ou mornos Notos levem minha fala.
 Vem antes que ele; o que lograr, se vieres antes,
 não prevejo; mas vem, contudo, antes.¹⁴
 Pousando-se ele ao leito, tu, de ares modestos, 15
 lá deitando-te, toca-me no pé.
 Olha meus gestos, meu semblante tagarela;
 colhe os sinais furtivos e os responde.
 Direi palavras mudas com as sobranceiras;
 palavras há de ler em vinho escritas. 20
 Ao furtar-te a lascívia de nossos prazeres,¹⁵
 toca com o tenro dedo a face púrpura.
 Se houver de mim motivo de queixa na mente,
 pese à ponta da orelha a doce mão.
 Se o que eu fizer, luz minha, ou disser te agradar, 25
 revira entre os teus dedos teu anel.
 Toca com a mão a mesa, como os que suplicam,

¹³ Centauros.

¹⁴ No verso 13, o verbo “*ueneris*” é ambíguo, pois consiste na mesma forma que o genitivo de Vênus, que aparecerá novamente no verso 21, referindo-se à deusa. A carga de erotismo projetada nos versos pelo nome da deusa, dada a sua impossível reprodução *ipsis litteris* em português, foi transferida para o verso seguinte com “vem, contudo, antes”.

¹⁵ “*Veneris lascivia nostrae*”. Vênus, porém, é neste verso a personificação do desejo, ou antes do próprio ato, sexual, motivo por que escolhi traduzir como “a lascívia de nossos prazeres”.

ao desejares mal ao que o merece.
 O que ele preparar-te, prova e o faz beber;
 pede ao menino, alígera,¹⁶ o que queres. 30
 Teus copos devolvidos pegarei primeiro,
 na parte onde bebeste beberei.
 Se acaso ele te der do que ele degustou,
 nega o alimento que tocou-lhe a boca.
 Não deixes que pendure os braços em tua nuca, 35
 nem repouses a fronte em duro peito.
 Não aprove o teu colo dedos pelos seios
 e, sobretudo, beijo algum o dê.
 Se o deres beijos, hei de me expor como amante,
 direi: “são meus!” as mãos em ti lançando. 40
 Isto, porém, verei. Mas o que os panos vedam
 será pra mim razão de medos cegos.
 Não unas coxa a coxa, não juntes as pernas,
 teus tenros pés não juntes aos seus duros.
 Infeliz, muito temo – muito fiz sem pejo –, 45
 me aflige o medo do meu próprio exemplo.
 Amiúde em minha dona e em mim adiantou-se
 o prazer – sob a veste consumou-se.
 Não o farás; pra não pensarem que o fizeste,
 dos teus ombros remove os panos cúmplices. 50
 Pede que beba sem cessar (sem beijos!) ele,
 enquanto bebe, às cegas dá mais vinho.
 Se bem regado a sono e vinho ele deitar-se,
 um plano nos dará a ocasião.
 Quando fores pra casa, todos levantemos, 55
 lembra de andar no meio da balbúrdia.
 Na balbúrdia ou me achas ou serás achada;

¹⁶ O *puer*, nesse caso, pode ser tanto o escravo que serve no banquete quanto o próprio Cupido, tantas vezes chamado *puer* nos *Amores*. Contribui para essa associação o modo por que o poeta orienta à sua amante a pedir o que ela quer: “*leuiter*”, ligeiramente, advérbio derivado de “*leuis*”, adjetivo que tantas vezes acompanha Cupido e a elegia.

o que de mim puderes tocar, toca-o.
Infeliz! Ensinei-lhe o útil a poucas horas,
a noite me separa de minha dona. 60
À noite ele trancar-te-á, e eu, em lágrimas,
seguir-te-ei até as cruéis portas.
Já lhe toma ele beijos, mais que beijos toma,
o que a furto me dás, por lei dar-lhe-ás.
Mas dá sem gosto (o podes!), como se obrigada, 65
má seja Vênus, calem-se as carícias!
Se têm valor meus votos, prazer nenhum sinta
ele – ou tu, pelo menos, nada sintas.
Porém, seja o que for que se seguir à noite,
firme, amanhã, me nega o que fizeste. 70

I, 5

Calor intenso, já passara o meio-dia;

deitei-me ao leito, os membros repousando.

Em parte aberta, em parte cerrada a janela;

luz como a que costumam ter os bosques,
qual reluz o crepúsculo, ausente já Febo, 5
ou quando a noite foge e o dia hesita.

Tal luz é que convém às moças comedidas,
nela o pudor espera achar abrigo.

Eis que Corina vem, a túnica entreaberta,
em desalinho as comas sobre a nuca; 10
entrava assim no quarto a formosa Semíramis,
diz-se, e Laís, amada pelos homens.

Tomei-lhe a túnica que, fina, mal se opunha;
no entanto, ela lutava por cobrir-se.

Como lutasse tal qual quem não quer vencer, 15
venceu-a sem esforço sua perfídia.

Quando surgiu, deposta a veste, ante os meus olhos,
não havia em seu corpo falha alguma.

Ah, que ombros eu vi! Que braços eu toquei!
Seios propícios às carícias minhas! 20

Como era liso o ventre sob os peitos firmes!
Que ancas fartas! Que coxas juvenis!

O que mais eu direi? Nada vi não louvável
e, nua, a estreitei contra o meu corpo.

O resto, quem não sabe? Repousamos lassos. 25
Que me ocorram mais tardes como essa!

I, 6

Vigia atado a duras correntes (que injusto!),
 movido o gonzo, abre a árdua porta.
 Peço pouco: que faças que a porta apertada
 receba, semiaberta, um corpo exíguo,
 um longo amor meu corpo afinou com este fim 5
 e ao que subtraíu deu membros fortes.
 Ele como passar por guardas em vigília
 mostra, e guia os desimpedidos pés.
 Mas outrora eu temia a noite e vãos fantasmas,
 admirava o que andava pelas sombras. 10
 Riu-se, para eu ouvir, com sua terna mãe
 Cupido e disse “torna-te valente!”
 Sem demora o Amor veio: nem sombras da noite
 nem mãos cerradas contra mim eu temo;
 a ti, imóvel, eu temo; e só a ti adulo. 15
 Tu tens o raio para a minha ruína.
 Vê (para isso as ásperas trancas afrouxa)
 como molharam a porta as minhas lágrimas.
 Quando estavas com as vestes depostas pra golpes,
 à senhora falei em teu favor. 20
 Então aquela graça que outrora ajudou-te
 – que crime! – agora pouco vale a mim?
 Retribuí o favor; ser grato é permitido.
 O tempo voa, arranca à porta a tranca!
 Arranca; um dia assim te saíam as cadeias 25
 e da escravidão não bebas mais a água.
 Férreo ouves, vigia, o que clama em vão,
 a porta de carvalho se enrijece.
 À cidade cercada a proteção das trancas
 é útil; em meio à paz, que armas temes? 30
 Que fazes ao inimigo, se o amante assim trata?
 O tempo voa, arranca à porta a tranca!

Não venho acompanhado de armas e milícias,
 viria só, não fosse o amor cruel.

Não posso, mesmo desejando, apartá-lo 35
 ou antes perderia um dos meus membros.

Amor, pois, e um pequeno vime em minhas têmporas
 levo; e a coroa vã nas comas úmidas.

Estas armas quem teme? Quem lhes fugiria?
 O tempo voa, arranca à porta a tranca! 40

És de pedra ou o sono, que o corrompe, ao vento
 dá as palavras do amante repelidas?

Mas lembro-me de quando eu queria enganar-te.
 Guardavas as estrelas pela noite.

Talvez descanse agora tua amada contigo, 45
 como é melhor que a minha a tua sorte!

Se assim for, passem para mim, duras cadeias!
 O tempo voa, arranca à porta a tranca!

Engano-me ou no umbral sou um gonzo aberto?
 Sons roucos vêm da porta sacudida? 50

Engano-me: por vento forte foi movida,
 a brisa lançou longe a expectativa.

Se te lembras do rapto de Oritia, Bóreas,
 vem com teu sopro e ataca as surdas portas!

Tudo se cala na cidade; sob o orvalho 55
 o tempo voa, arranca à porta a tranca,
 ou, já mais preparado, atacarei com ferro
 e fogo da tocha a tão soberba casa!

A noite, o Amor e o vinho exortam-me a loucuras.
 Ela não tem pudor; nem eles medo. 60

Tentei de tudo, nem ameaças nem preces
 moveram-te, ó mais duro que tuas portas.

Não te convém guardar os umbrais da formosa
 jovem, do inquieto cárcere eras digno.

Já prepara os seus carros o gelado Lúcifer, 65
 dá o galo os tristes homens ao serviço,

mas tu, coroa aos tristes cachos arrancada,
jazes sobre o limiar por toda a noite.

Tu à senhora, quando ela a vir de manhã,
serás prova do tempo aqui perdido.

70

Adeus, seja quem for, a minha estima tenhas,
torpe por não deixar entrar o amante.

E vós, cruéis umbrais, também, com degraus rígidos
e portas de madeira dura, adeus.

I, 7

Põe-me nas mãos algemas (merecem cadeias!),
se és meu amigo, enquanto o furor cede!

Pois Furor incitou os braços contra a dona;
feriu a insana mão a minha amada.

Assim eu bem podia agredir os meus pais, 5
ou golpes deferir nos santos deuses.

Ora, o senhor do escudo septêmplice, Ajax,
não tombou pelos campos um rebanho?

E o defensor do pai, mau vingador, Orestes
que ousou armas pedir de encontro às deusas? 10

Então pude arrancar cabelos arrumados?

O caos nas comas não lhe caiu mal:
estava bela, como a Esqueneida, que as feras
de Mênalos com arco provocava;

e as velas e promessas do falso Teseu 15
que a cretense chorou (lavara-as Noto).

Assim, Cassandra, usando os cabelos com fitas,
em teu templo, Minerva, se prostrou.

Quem não me chamaria de louco ou de bárbaro?
Não ela: o medo lhe reteve a língua. 20

Porém, mesmo calada o seu rosto gritava,
a boca muda fez-me réu com lágrimas.

Ah, se antes caíssem-me os braços dos ombros!
Melhor seria me faltar tal parte.

Usei de insanas forças em meu prejuízo 25
e apliquei bravamente a própria pena.

O que tenho eu convosco, ministras do crime?
Tomai grilhão devido, mãos sacrílegas.

Se agredisse o menor dos Quirites, eu era

condenado, mas contra a dona não?¹⁷ 30

Trouxe a pior memória de um crime o Tidide:
 primeiro a ferir deusas; eu, segundo.

E eu pior que ele: a que gozava amar
 ferir; ele atacou seus inimigos.

Vai, vencedor, erguer magníficos triunfos, 35
 cinge a coma com louro, louva Júpiter,
 a turba que o acompanha seguirá teus carros,
 dirá: “Viva! Uma jovem ele venceu!”

À frente de cabelos soltos vá a cativa,
 alva, se o permitirem as feridas. 40

Melhor seria os lábios machucar com beijos
 e o pescoço marcar com dentes brandos.

Bem, se me conduzi feito torrente tímida
 e a ira fez-me presa cega sua, 45
 não bastaria ter gritado com a menina,
 e trovejado duras ameaças?

Ou ter-lhe a túnica arrancado torpemente
 até a cintura (ali o cinto a ajuda)?

Mas agora, depois de arrancar-lhe os cabelos,
 marco com as unhas, férreo, a pura face. 50

Fora de si ficou, o rosto inteiro pálido,
 qual de Paros as pedras esculpidas.

Juntas eu vi sem forças e os membros tremendo,
 como a brisa que abana as cãs do choupo, 55
 como a cana agitada pelo brando Zéfiro,
 quando à crista da onda enruga o Noto.

Presas por muito tempo, as lágrimas rolaram,
 qual da neve caída emana água.

Só então comecei a me sentir culpado;
 meu sangue eram as lágrimas vertidas. 60

¹⁷ A autodenúncia neste dístico vem do contraste entre as relações do poeta com os seus concidadãos e com a sua senhora: se agredir um igual perante a lei lhe acarretaria punições, por que agredir sua senhora (*domina*), a quem ele serve (conforme o código elegíaco), não lhe acarretará nada?

Mas eu três vezes quis prostrar-me aos seus pés súplice,

ela três vezes repeliu-me as mãos.

Não hesites, porém (o castigo atenua

a dor) em vir com unhas ao meu rosto.

Não poupes os meus olhos nem os meus cabelos.

65

A ira, a bel-prazer, dá força às mãos.

E, para que não restem tão tristes sinais

do meu crime, compõe os teus cabelos!

I, 8

Existe (quem quiser saber de alcoviteira
 ouça) uma velha cujo nome é Dípsade.
 Tem nome do que é: jamais viu sóbria a mãe
 do negro Mêmnon nos corcéis rosados.
 Ela aprendeu encantos e as artes de Eeia, 5
 com a qual faz voltar a água à fonte.
 Bem sabe que erva e quais os fios agitados
 por fuso usar; e o sumo de égua em cio.
 Quando quer, nuvens se aglomeram em todo o céu;
 quando quer, raia o dia ao puro orbe. 10
 Sangue, se podes crer, eu vi pingar de estrelas;
 e a face lunar rubra como o sangue.
 Transformada suspeito que voe por sombras
 da noite, o corpo velho envolto em penas;
 suspeito e é o que se diz; pupilas duplas fulgem 15
 nos olhos, brota luz das gêmeas órbitas.
 Evoca bisavós, tataravós dos túmulos
 e a dura terra fende com seu canto.
 A si mesma dispôs a violar leitos castos,
 mas não falta palavra má à língua. 20
 Testemunha me fez o acaso; ela assim
 aconselhava (a porta me ocultava):
 “Sabes, minha luz, que um jovem ontem encantaste?
 Imóvel, não tirou de ti os olhos.
 E a quem tu não encantas? Mais bela não há. 25
 Ai de mim, falta ao corpo trato digno!
 Quisera fosses tão ditosa quanto bela,
 se enriqueceres não ficarei pobre.
 Prejudicou-te a estrela contrária de Marte,
 Marte se foi; tens Vênus favorável. 30
 Chegando te é propícia, veja! Um amante rico
 te desejou: o inquieta o que te falta.

De uma beleza párea à tua a dele é.

Não te comprando, o próprio era comprável.”

Corou. “Pudor convém, de fato, à alva face; 35

o fingido te ajuda, o vero estorva.

Quando com olhos baixos olhares pro colo,

deves, conforme o que ele traz, fitá-lo.

Talvez, Tácio reinando, não quisessem as tolas

Sabinas se entregar a homens múltiplos, 40

Marte hoje incita em armas externas os ânimos,

reina Vênus na urbe de seu filho.

Festejam as belas: casta é quem ninguém buscou;

ou, se a rudeza o deixa, ela busca.

Também a estas, que na frente levam rugas, 45

perscruta: caem das rugas muitos crimes.

No arco a força dos jovens tentava Penélope;

pra provar-lhes o flanco, era córneo.

Oculto, o tempo alígero corre e se vai,

com cavalos sem freio corre o ano. 50

Bronze, ao uso, reluz; quer dono a boa veste,

caduca a casa abandonada ao mofo:

a beleza, se o vetas, sem uso, envelhece;

não são bastantes um ou dois amantes.

Mais certo e menos odioso é roubar muitos, 55

de um rebanho vem presa aos lobos brancos.

Vê, o que além de novos cantos o teu vate

te dá? Mil coisas colherás do amante.

O próprio deus dos vates, belo em áureo manto,

toca da lira as cordas harmoniosas. 60

Seja maior que Homero quem te dá presentes;

creia-me, dar presente é uma arte.

Nem tu de quem pagou pela própria cabeça

desdenhes: vão é o pé marcado a giz.

Nem te enganem no átrio as ceras ancestrais: 65

vai-te com teus avós, amante pobre.

Um, por ser belo, exige noite sem pagar?
 O que dará, inquires o amante antes.

Cobra um preço menor enquanto a rede estendes,
 pra que não fuja, e com tuas leis abrasa-o. 70

Não é mau falso amor, deixa-o crer que é amado,
 cuida que não te saia a noite grátis.

Rejeita noites; ora dores de cabeça,
 ora Ísis dará ocasião.

Recebe-o logo, pra que não se adapte à mágoa, 75
 nem esfrie um amor assaz negado.

Seja surda ao clamor a porta e frouxa à oferta,
 ouça o acolhido a fala do enxotado.

E, como se ofendida, ira-te antes dele;
 rebatida por ti, a queixa some. 80

Mas nunca deixes que se demore a tua ira,
 uma ira constante leva ao ódio.

Aprendam ainda os olhos a chorar coagidos,
 tornem-se úmidas as tuas bochechas.

Tampouco temas, neste engodo, perjurar: 85
 pros jogos Vênus faz os deuses surdos.

Hábeis preparem-se ao papel o servo e serva,
 que o instruem sobre o que comprar pra ti
 peçam pra si um pouco; se a muitos pedirem,
 logo haverá do pouco um grande acervo. 90

Irmã, mãe e nutriz explorem ainda o amante:
 à presa abatem muitas mãos mais rápido.

Se faltarem motivos pra pedir presentes,
 com um bolo indique o teu aniversário.

Cuida que ele não ame sem rivais, seguro: 95
 o amor não dura muito sem contendias.

Que ele veja no leito vestígios de outros
 e o pescoço marcado de lascívia.

Veja, acima de tudo, os presentes do outro.
 Se não os houver, recorre à Via Sacra. 100

Depois de muito lhe tomar, pra que não dê

tudo, pede emprestado e não devolvas.

Que a língua a ajude e encubra a razão; fere e afaga:

ímpios venenos sob o mel se escondem.

Se tais coisas guardares, sei de longa prática,

105

e o vento não levar a minha fala,

eu viva, amiúde me bendirás; rogarás,

eu morta, que descansem em paz meus ossos.”

Falava, quando a minha sombra me entregou,

mas por pouco contive as minhas mãos

110

de lhe arrancarem a rala coma alva, os úmidos

olhos ébrios e as rugas da sua face.

Que os deuses lar nenhum te deem; velhice pobre

tenhas, inverno longo e eterna sede.

I, 9

Milita todo amante, e tem quartéis Cupido;

Ático, crê, milita todo amante.

A idade própria à guerra a Vênus também serve;

torpe é soldado velho e amor senil!

O vigor que ao soldado o general exige,

5

este exige ao parceiro a bela moça.

Pernoitam ambos; deitam-se à terra; um guarda

a porta da amada; a do general o outro.

Cabe ao soldado a marcha; tome-se-lhe a amada

e o amante a seguirá até os confins.

10

Sairá contra as montanhas e os rios que a chuva

transbordou; pisará a neve espessa.

Ao cruzar mares, não se queixará de tímidos

Euros, nem buscará propícios astros.

Quem, senão o soldado e o amante, a noite fria,

15

densa chuva com neve aguentará?

Um é enviado à espreita do inimigo; o outro

tem olhos no rival, como inimigo.

Fortes cidades um; outro a casa da amada

cerca. Um quebra portões, o outro portas.

20

Muitas vezes foi útil o sono do inimigo,

matar à mão armada o vulgo inerme.

Assim tombaram tropas de Reso, da Trácia,

e desertastes vosso dono, potros.

Certamente usa o sono do marido o amante

25

e, enquanto aquele dorme, as armas brande.

Transpor turbas de guardas, tropas de vigias

obra é do pobre amante e do soldado.

É dúbio Marte, Vênus incerta; o vencido

ressurge e cai quem julgam invencível.

30

Portanto, quem chamava a amor calaçaria

cale-se; amor é dos experientes.

Aquiles arde pelo rapto de Briseida;

(mói, Tróia, enquanto há tempo, a força argiva!)

Heitor ia dos braços de Andrômaca às armas, 35

e foi sua esposa que lhe deu um elmo.

Vendo a Priameide, foi o Atrida, sumo líder,

pelas comas da mênade atraído.

Retido, sentiu Marte os laços do ferreiro;

não há história mais célebre entre os deuses. 40

Eu mesmo era indolente, nascido pro ócio,

sombra e leito abrandaram meu espírito.

Atiçou este inútil o amor de uma menina,

forçou-me a ganhar soldo nos seus campos,

desde então vês-me a praticar guerras noturnas. 45

Quem não quiser ficar parado: ame!

I, 10

Qual a que foi do Eurotas levada em naus frígias,
 causa da guerra entre dois maridos;
 qual Leda, a quem em plumas alvas disfarçado
 em falsa ave enganou o esperto adúltero;
 qual Amimone, que vagou por seca Argos 5
 com uma urna prensando-lhe os cabelos,
 tal eras: eu por ti temia touro e águia
 e tudo que Amor fizera do grão Júpiter.
 Agora foi-se o medo, curou-se a loucura,
 tua face já meus olhos não cativa. 10
 Por que mudei, perguntas? Pois pedes presentes;
 tal causa impede-te de me agradar.
 Quando eras simples, eu te amei em corpo e alma,
 agora o vício estraga a tua imagem.
 Menino é Amor, e nu; sem anos de imundícia; 15
 vestes não tem, qual fosse um indefeso.
 Por que ordenas vender-se o menino de Vênus?
 Bolsa onde guarde o ganho ele não tem.
 Nem Vênus nem seu filho são aptos à guerra:
 a deuses imbélicos não cabe o soldo. 20
 Por valor fixo a prostituta é de quem queira,
 do corpo usado vêm-lhe ganhos míseros.
 Mas maldiz o poder do cafetão avaro,
 e o que fazeis querendo, faz coagida.
 Tomai de exemplo as bestas de razão carentes: 25
 vergonha é terem índole mais branda.
 A égua ao cavalo, ao touro a vaca mimos não
 pede; o carneiro à amada ovelha os nega.
 Só a mulher se alegra com espólios tomados,
 ela somente aluga as suas noites, 30
 vende o que agrada a ambos, o que ambos querem;
 e cobra pelo quanto se agrada.

Se Vênus igualmente é agradável aos dois,
 por que a vende uma e o outro compra?
 Por que é a mim dano e a ti lucro o desejo, 35
 que em parceria moça e moço nutrem?
 Não é bom que o perjúrio vendam as testemunhas,
 nem que os juízes abram-se ao suborno;
 torpe é defender réus com palavras compradas,
 e o tribunal que ajunta grandes rendas; 40
 torpe é aumentar as posses paternas no leito
 e sua face prostituir por lucro.
 Justo é ser grato pelo que é dado de graça,
 não por um leito pago injustamente:
 pagantes têm acesso a tudo com dinheiro, 45
 pelo serviço não estão em débito.
 Deixai, moças, de designar um preço à noite,
 um ganho sórdido não traz bons fados.
 Não foi lucro pedir braceletes sabinos,
 quando brasões à virgem soterraram;¹⁸ 50
 o ventre de onde veio atravessou a ferro
 o filho, um colar foi a causa desta pena.
 Porém não é indigno pedir dons ao rico:
 dinheiro tem pra dar à que pedir;
 colhei de vinhas plenas as uvas pendentes; 55
 ofertem os pomares de Alcínoo frutos.
 Zelo, cuidado e lealdade o pobre paga:
 cada um dê o que tiver à amada.
 Nos cantos celebrar meninas que o merecem
 é meu dom! Minha arte traz renome. 60
 Vestes rasgam-se, ouro e diamantes quebram-se,
 os cantos rendem fama que é perene.

¹⁸ O trecho se refere à traição de Tarpeia: apaixonada pelo general Sabino, ela o ajudou a invadir o Capitólio pedindo em troca o que os soldados sabinos levavam no braço: braceletes. Mais tarde, cumprindo sua palavra, Tácio mandou que a cobrissem não com os braceletes mas com os escudos, que os soldados também levavam ao braço. No dístico, a palavra *armillas* (braceletes) ecoa a palavra *arma* (armas) do verso seguinte. Procurei repetir a aproximação através de “presentes” e “prensaram”.

Não é dar, é o preço exigido que odeio;
nego o pedido; dou ao desistires.

I, 11

Em pentear cabelos, domando-os revoltos,
 és douta e acima de outras servas, Napa;
 útil pelos favores da furtiva noite,
 tão engenhosa em reportar recados,
 sempre exortando a vir a mim Corina em dúvida, 5
 sempre a postos, fiel a meus propósitos,
 toma, à dona as tabuinhas de manhã escritas
 leva, e, atenta, a espera obstante aparta!
 Não tens veias de pedra, nem ferro no peito,
 nem és ingênua mais do que convém. 10
 Provável que sentiste o arco de Cupido;
 em mim leva o pendão da tua milícia.
 Se ela pergunta como vou: vivo na espera,
 dirás; o resto a branda cera leva.
 Enquanto falo o tempo voa: à ociosa entrega 15
 as tabuinhas, faz porém com que ela as leia.
 Vigia, mando, os olhos e a fronte leitora,
 no rosto tácito o futuro mostra-se.
 Farás que sem demora escreva-me a resposta,
 odeio quando a cera volta limpa. 20
 Comprime em ordem as linhas, e prendam-se os olhos
 meus às letras grafadas pelas margens.
 De que vale cansar os dedos com estilete?
 Isto tenha a tabuinha escrito: “vem!”
 Que a ornar as tabuinhas invictas com louro 25
 e a Vênus as mandar eu não hesite.
 Subscreverei: “A Vênus Nasão fiéis servas
 que antes foram vil madeiro oferta”

I, 12

Chorai meu infortúnio: voltaram as tabuinhas,
 letra infeliz me diz que hoje não pode.
 Presságios são reais: há pouco, ao ir-se embora,
 topou Napa com os dedos no degrau.
 De novo enviada, lembra de o degrau transpor 5
 com cautela, e erguer sóbria alto o pé.
 Ide, mortais madeiras, difíceis tabuinhas,
 e tu, cera que leva a negação,
 que recolhida, penso, da flor de cicuta,
 sob mel infame pôs abelha córsica. 10
 Como se fosse em mínio tratada, coravas:
 esta cor, na verdade, era de sangue.
 Lançadas à estrada estais, madeiras vãs,
 esmague-vos o peso de uma roda.
 Também ele, que de árvore vos extraiu, 15
 comprovarei que puras mãos não tem.
 Fez tal árvore ao infeliz pescoço a forca,
 ao carrasco fez ela horrendas cruces.
 Ela deu torpes sombras às roucas corujas,
 ovos de abutres carregou nos ramos. 20
 A isto eu, louco, meus amores confiei,
 e amenos versos fiz levar à amada.
 Mais apta a carregar sentenças esta cera,
 leia-a o procurador de dura boca.
 Em tábuas de finanças melhor estaria, 25
 em que o avaro lamenta a pouca renda.
 Neste caso sois dúbias, o vi pelo nome:
 de auspício bom não era o próprio número.
 O que pedir, senão que vos roa a cariosa
 velhice, e que a alva cera em lixo esteja. 30

I, 13

Já sobre o mar, deixando o velho esposo, vem
a loura, em seu frio carro traz o dia.

Para que pressa, Aurora? Demora-te: e à sombra
de Mêmnon honre a ave em ritos fúnebres.

Agora me faz bem deitar em tenros braços; 5
quando ela está bem junta do meu corpo.

Agora o sono é farto, os ares são gelados,
e canta com suave voz um pássaro.

Pra que a pressa, ingrata dos moços, das moças?
Com a rubra mão retém as rédeas úmidas! 10

Antes do teu nascer, melhor vigia os astros
o marinheiro, e não sai errante em águas;
ao vires, mesmo exausto o viajante levanta-se
e o soldado as mãos cruéis ajusta às armas.

Cedo vês campos pelo arado cultivados, 15
cedo chamas ao jugo curvo os bois.

Tiras do sono e entrega aos mestres os meninos,
pra exporem as tenras mãos a golpes brutos.

Também tu muitos pões a prometerem no Átrio,
pra de uma só palavra terem danos. 20

Agradável não és a juiz ou advogado,
a cada qual levas a litígios novos.

Quando as mulheres podem cessar o trabalho,
chamas às suas lãs a mão que fia.

Tudo aguento; mas cedo acordarem as meninas 25
quem, senão pra quem não há uma, atura?

Quantas vezes eu quis que a noite não cedesse,
não fugissem à tua face inquietos astros.

Quantas vezes eu quis que o vento arrebetasse
o carro, e cavalo preso fosse em nuvem! 30

[E se por Céfalo ela não ardesse em amor?

Ou pensa que o seu caso é secreto?]¹⁹
 Pra que pressa, invejosa? Por isso é o teu filho
 negro: do coração da mãe a cor.
 Ah, se fosse falar de ti viável a Títono: 35
 não haveria no céu mulher mais torpe.
 Fugindo dele, pois é mais velho que o tempo,
 vens em maldito carro de manhã.
 Mas se a Céfaló, o preferido, te abraçasses,
 dirias: “devagar, corcéis da noite!” 40
 Por que sofro se o esposo a ultrapassa em idade?
 Acaso com meu conselho te casaste?
 Veja o quanto de sono deu ao jovem amado
 a Lua, não menos bela que tu mesma.
 O próprio Pai dos deuses, pra não te ver tanto, 45
 juntou em seus prazeres duas noites.
 Findei a queixa: sabes que ela ouviu: corava;
 porém o dia não nasceu mais tarde.

¹⁹ Há discordância entre os autores sobre a colocação deste dístico; sequer é certo que ele figurasse no poema original. Ver de BEM, 2010, p. 225; BARSBY, 1991, p. 144.

I, 14

Eu te dizia: “para de pintar cabelos”.

Já não tens fio algum para tingir.

Mas, se os poupasses, qual mais longa ficaria?

Escorreria exposta até o quadril.

Além disso, eram finos, temias penteá-los, 5

da cor que as sedas dos chineses têm,

qual o fio que a aranha tece com gracioso pé,

entre os galhos vazios traçando a obra.

Porém não era negro, tampouco era loiro,

mas, neutro, uma mistura de ambas cores, 10

qual nos úmidos vales do montuoso Ida

o cedro com o tronco decepado tem.

E ainda: dóceis eram, aptos a mil estilos,

e nunca eram causa a ti de dores.

Não os arrancou um grampo, nem os dentes do pente, 15

sempre cuidava do seu corpo a escrava:

ante os meus olhos muitas vezes foi penteada,

nunca, tirado o grampo, foi ferida.

Também amiúde, de manhã, sem arranjá-los

jazias reclinada ao leito púrpuro, 20

bela mesmo que desleixada, qual bacante

trácia à relva largada repousando.

Mas, sendo tênues, semelhantes a penugem,

quantos males sofreram as pobres comas!

Com que paciência a fogo e ferro se entregaram 25

pra formar cachos em anéis atados.

Eu clamava: “isto é um crime, queimar mechas! Já

são belas! Poupa, ó férrea, tua cabeça.

Longe com a violência! Não são o que se queime;

o próprio cabelo instrui os grampos próximos.” 30

Se foram as belas comas, que Apolo querereria,

que quereria Baco em sua cabeça;

eu as compararia às que outrora Dione
sustentou na pintura nas mãos úmidas.

Por que te queixas de perder mechas sem ordem? 35
Por que depões o espelho com a mão triste?
Não é bom se ver com olhos a ti habituados,
pra te agradares, esquece o que antes tinhas.

Não te lesaram as ervas mágicas de outra,
nem bruxa te lavou em água hemônia, 40
nem uma doença fez-te mal (vá longe a praga!),
nem minguou densa coma língua ínvada.

Sentes as perdas feitas pela própria mão:
tu que davas veneno à tua cabeça.

A Germânia te manda agora cabelos cativos: 45
pelo espólio do derrotado és salva.

Sendo admirada, o quanto te enrubescerás
e dirás: “por bem comprado sou louvada;
não a mim, a uma não sei que sicambra louvam.

Lembro-me que esta fama um dia eu tive.” 50

Pobre de mim, as lágrimas mal contém, cobre
com as mãos o rubor que tinge a face.

Sustém no colo e mira os antigos cabelos,
ai, um espólio indigno do lugar.

Recompõe-te de rosto e alma: há jeito ao dano, 55
logo hás de ver os cachos de nascença.

I, 15

Por que, voraz Inveja, ociosos anos cobras
 de mim, e os versos chamas de obra fútil?
 Não busco, enquanto a idade ajuda, à moda antiga
 empoeirados prêmios militares?
 Nem leis loquazes memorizo, nem no foro 5
 ingrato prostituo a minha voz?
 Mortal é o que reclamas; eu perene fama
 reclamo, e ser cantado em todo o mundo.
 Viverá o Meônida enquanto houver Tênedos,
 e Ida, e o Simoente ao mar lançando-se; 10
 também o Ascreu, enquanto a uva inchar com mosto
 e tombar Ceres fendida a foice curva.
 Será sempre cantado no mundo o Batíada;
 embora engenho falte, arte sobra-lhe.
 Nenhum dano virá ao coturno de Sófocles; 15
 sempre estará com o sol e a lua Arato.
 Se o escravo esperto, o pai severo e alcoviteira
 vivem, e a cortesã; Menandro vive.
 De Ênio, em arte pobre, e de Ácio, boca ousada,
 o nome tempo algum apagará. 20
 Que época ignorará Varrão e a prima barca;
 velo de ouro que o Esônio resgatou?
 Do sublime Lucrécio os versos sumirão
 quando findar a Terra um dia único.
 Títiro e a ceifa e as armas de Enéias cantadas 25
 serão enquanto Roma reger o orbe,
 e enquanto houver armas, fogo e arco, para Cupido,
 se ensinarão teus metros, ó Tibulo.
 Galo na Hespéria e no Oriente há de ser
 conhecido, e com Galo sua Lícoris. 30
 Pois, perecendo as rochas e os dentes do arado
 com o tempo, aos versos morte faltará.

Rendam-se aos versos reis e os triunfos dos reis,
renda-se do Tejo a margem aurífera.

Admire o vulgo o que é vil; que o louro Apolo 35
taças plenas me dê de água castálide,
sustente eu nos cabelos o mirto que teme
o frio, e leia-me o inquieto amante.

Pasta a Inveja entre os vivos; descansa na morte,
e a cada um a própria honra assiste. 40

Assim, ao consumir-me o fogo derradeiro,
de mim a grande parte ficará.

LIVRO II

II, 1

Também este eu compus, nato em pelignos úmidos:

eu, o Nasão,²⁰ poeta das malícias;
 também este ordenou-me Amor; fora, severas!²¹
 Não sois plateia apta a versos leves.
 Leia-me a virgem diante do noivo não frígida, 5
 o moço simples por novo Amor tocado;
 que algum jovem, ferido pelo mesmo arco,
 reconheça os sinais da sua chama
 e diga admirado: “quais indícios ensinaram²²
 tal poeta a compor meus infortúnios?” 10
 Ousei cantar, me lembro, as guerras celestiais,
 Giges cem-braços – e levava jeito –,
 quando Terra foi mal vingada e sobre o Olimpo
 o alto Ossa levou o Pélion íngreme.
 Nas mãos eu tinha nuvens e os raios com Júpiter, 15
 que em defesa do céu ele lançara.
 Fechou-me a amada a porta: os raios eu larguei;
 fugiu ao meu engenho o próprio Júpiter.
 Júpiter, me perdoa: em nada me ajudavas;
 mais poder tem a porta que o teu raio. 20
 À elegia e à brandura, minhas armas, tornei,
 doces palavras afrouxaram as portas.
 O canto conduz os cornos da lua sangrenta,
 faz voltarem os cavalos do Sol poente;
 com o canto rasgam-se serpentes em pedaços, 25
 e de volta às suas fontes correm as águas;
 ao canto as portas se dobraram e, no umbral posta,

²⁰ O pronome pessoal *ego*, cujo emprego em latim é de caráter enfático, aqui é reforçado pelo pronome demonstrativo *ille*, recurso que foi transposto ao português pelo artigo definido precedendo o nome do poeta: “Eu, o Nasão, [...]”.

²¹ Na edição de Kenney consta “*seueri*” e não “*seuerae*”.

²² É importante notar que o emprego em latim do participio “*doctus [est]*”, “foi instruído”, corresponde a um dos valores da poesia alexandrina, o que poderia sugerir que a instrução referida seja de ordem literária – sugestão reforçada pelo fato de se tratar de uma elegia programática.

a tranca – de carvalho! – foi vencida.
De que terá valido cantar o ágil Aquiles?
Que podem me fazer os dois Atridas? 30
E o que perdeu errante e em guerra tantos anos
e Heitor, levado por corcéis hemônios?
Mas ao louvar as formas da tenra menina,
vem ela mesma como prêmio ao vate.
Um grande soldo é dado! adeus, ilustres nomes 35
dos heróis, vossa graça não me cabe.
Formosas faces de meninas, aproximem-se
dos cantos que o purpúreo Amor me dita!

II, 2

Tu, a quem cabe vigiar a dona, Bágoas,
 ouve o pouco, mas justo, que eu exponho.
 Vi no dia de ontem uma moça vagando
 pelo pórtico onde ficam as Dânaas.
 Logo, pois me atraiu, escrevi-lhe um pedido. 5
 Com mão trêmula respondeu “não posso”
 e, sendo perguntada “por que não?”, me disse
 que porque grande é o teu cuidado e incômodo.
 Se és sábio, guarda, para de merecer, creia-me,
 ódio; quem teme alguém quer que ele morra. 10
 Tampouco é sábio o esposo, por que vigiar tanto
 o que mesmo indefeso não se perde?
 Mas seja ele por seu amor arrebatado,
 julgue casto o que a muitos apetece.
 Consente em dar-lhe uma furtiva liberdade, 15
 o que a deres devolva ela a ti.
 Sê cúmplice – a senhora ao servo é devedora;
 temes sê-lo? Dissimulá-lo podes.
 Ela, a sós, cartas lê – diz que a mãe as mandou;
 veio um estranho – agora é conhecido. 20
 Vai visitar a amiga enferma (que nem está
 doente); esteja, a teu juízo, enferma.
 Se demora, que a longa espera não o canse,
 com a cabeça no colo dormir podes.
 E não questiones o que acontece no templo 25
 de Ísis, nem teatro arqueado temas.
 Cúmplice de segredo assíduas honras ganha,
 que trabalho é menor que se calar?
 Ele agrada e frequenta a casa, não apanha;
 tem poder; os demais jazem a seus pés. 30
 Para encobrir o que se passa, inventa engodos:
 o que a senhora aprova os dois aprovam.

O esposo, ainda que se irrite e enrugue a testa,
o que a menina tenra pede faz.

Mas que ela lance, às vezes, a ti invectivas 35
e finja lágrimas chamando-o algoz;
e tu, retruca o que de todo ela refute.
Com ataques falsos podas a verdade.
Sempre assim ganhes honras, cresçam-te as reservas.
Faz assim e serás em breve livre. 40
Vês delatores com cadeias no pescoço,
o cárcere guarda os peitos não confiáveis.
Na água águas busca e a fruta que foge persegue
Tântalo – isto lhe deu tagarelar.
Enquanto a Io o guarda de Juno vigia, 45
morre antes do seu tempo; ela é deusa.
Vi um que as pernas roxas presas arrastava,
por quem um esposo soube de adultério.
Pena menor que a merecida, a dois feriu:
pela dor, ele; ela, pela fama. 50
Cria-me, acusações não são ao esposo graça,
embora as ouça, a nenhum ajudam.
Se é morno, denuncias a ouvidos plácidos,
se ama, tu o fazes miserável.
Mesmo óbvia, não é fácil demonstrar a culpa. 55
Ela segura vai ao seu juiz.
Pode ele até ter visto, mas crê na que nega,
condena os olhos e se amaldiçoa.
Vendo as lágrimas dela, também chorará.
Dirá: “terá castigo o tagarela!” 60
Por que vais a embates díspares? Vencido
apanhas; ela ao seu juiz se estreita.
Não empreendemos crimes, nem poções fazemos
nos unindo, nem brande a mão espada.
Pedimos que, por ti seguros, nos amemos. 65
O que há mais brande que estas nossas preces?

II, 3

Ai de mim, tu, nem homem nem mulher, que a amada
guardas, Vênus não podes conhecer.

Quem primeiro amputou o membro de um menino
deveria passar pelo que fez.

Complacente serias e brando com os que rogam 5
se de amor te inflamasses por alguém.

À montaria não nasceste, nem às armas,
a lança não convém à tua destra.

Deixa as buscas viris, os machos cuidam disso,
cabem a ti as bandeiras da senhora. 10

Enche-a com teus serviços, sua graça te é útil.
Não fosse ela, em que terias uso?

Sua idade e beleza são próprios aos jogos,
tais formas não merecem abandono.

Podia ela enganar-te, apesar da tua fama; 15
não faltam resultados se dois querem-nos,
mas é melhor sondá-lo com preces; suplico-te,
enquanto podes conceder favores.

II, 4

Defender maus costumes eu não ousarei,
 nem mover falsas armas por meus vícios.

Confesso, se for útil confessar delitos,
 e, louco, volto aos crimes confessados.

Odeio e não me furto a desejar o odiado, 5
 duro é levar o que se quer deixar.

Por me faltarem forças pra me controlar,
 sou levado qual barco em águas bravas.

Não uma certa forma atíça-me os amores,
 cem são as causas de eu sempre amar. 10

Se uma abaixa os modestos olhos para si,
 ardo e é pra mim cilada tal pudor;

se outra é ousada, sou fisgado pois não é rústica,
 dá esperanças de ao leito ser flexível;

se parece severa e, qual Sabina, rígida, 15
 creio que o quer mas dissimula altiva;

se és douta, por teus raros dons d'arte me agradas,
 se és bruta, apraz-me tua simplicidade.

Uma diz que ante os meus os versos de Calímaco
 são toscos: se eu a agrado, ela agrada-me. 20

Outra a mim, como vate, e minhas obras censura;
 censurado sentir-lhe as coxas quero.

A de andar gracioso cativa; a que é dura
 pode ao toque de um homem ter mais graça.

Esta que canta e a voz modula facilmente, 25
 beijinhos eu queria lhe furtar.

E a cujos dedos correm nas melosas cordas?
 Quem não haverá de amar tão doutas mãos?

Esta atrai-me por dança, por braços ritmados,
 tenros quadris contorce com perícia. 30

Pra não falar de mim, a quem tudo comove,
 põe cá Hipólito: terás Priapo.

Igualas, tu que és longa, antigas heroínas
e és capaz de ocupar o leito inteiro;
esta em sua brevidade se assenta: ambas tocam-me, 35
convêm ao meu desejo a longa e a breve.
Não é arrumada: vem quem lhe possa arrumar;
é ornada: que exiba os próprios dotes.
A rósea me cativa, cativa-me a cândida
e até a pele fosca é grata a Vênus. 40
Se à nívea fronte pendem cabelos escuros,
Leda notável foi por negras comas.
Se é loira, Aurora tem cabelos de açafão:
a todo conto meu amor se ajusta!
Atrai-me a jovem, toca-me a de mais idade: 45
aquela tem corpo; esta, experiência.
Enfim, toda e qualquer mulher que Roma aplaude,
a todas elas meu amor rodeia.

II, 5

Amor não vale tanto – sai, Cupido armado –
 que tantas vezes eu suplique a morte.
 Suplico a morte ao recordar-me do teu crime,
 ó menina nascida pro meu mal.
 A mim não desnudaram as tabuinhas teus feitos, 5
 nem presentes furtivos mostram os crimes.
 Quem dera eu acusasse sem poder provar,
 pobre de mim! Por que meu caso é justo?
 Tem sorte o que a defesa de quem ama aceita,
 cuja amada “não fiz” dizer-lhe pode. 10
 Férreo é quem muito pela própria dor se empenha,
 que quer com mão sangrenta a ré vencer.
 Ai, vi eu mesmo, quando achavas que eu dormia,
 teus crimes. Sóbrio, após parar com o vinho.
 Muitas coisas eu vi falarem as sobrancelhas, 15
 teus gestos eram boa parte vozes.
 Não se calavam os olhos, ou a mesa a vinho
 riscada, nem faltavam aos dedos letras.
 Vi discursos dizendo mais do que fingiam,
 palavras combinadas como código. 20
 Já os convivas mais assíduos se ausentavam,
 restava um ou outro jovem quieto:
 então de fato a vi unida a beijos ímprobos
 (as línguas claramente entrelaçadas),
 os quais a irmã ao irmão austero não daria, 25
 mas que a amada daria ao seu querido;
 que a Diana, decerto, Febo não daria,
 mas Vênus muitas vezes deu a Marte.
 “Que fazes?” – grito – “onde levas minhas delícias?
 lançarei sobre os bens as mãos que os têm. 30
 Estes teus bens são meus, como são teus os meus,
 por que um terceiro avança em nossos dons?”

Isto e o que a dor ditou à língua eu disse; à face
culpada veio um púrpuro pudor,
como se cora o céu quando a esposa de Títono 35
surge, e a menina sob o olhar do esposo;
como entre os lírios misturadas brilham rosas
quando se eclipsa a lua e seus cavalos;
como, pra que não fique amarelo com o tempo,
tingem o marfim as jovens da Meônia. 40
Era esta sua cor, ou uma semelhante.
Ai, nunca estive (e sem querer!) mais bela.
Mirava o chão, mirar o chão bem lhe ficava,
ao rosto o sofrimento dava graça.
Arrancar-lhe os cabelos (estavam arrumados), 45
isto eu quis, e atacar a tenra face.
Quando a beleza vi, cederam os fortes braços:
defendida ela foi por suas armas.
Eu, há pouco furioso, súplice roguei
que beijos inferiores não me desse. 50
Riu-se e da alma deu-me beijos que o tridente
arrancariam a um irado Júpiter,
me atormento pois outro os experimentou
– ai, que não tenham sido como esses!
Melhores foram do que aqueles que ensinei, 55
parecem ter alguma coisa nova.
Um prazer excessivo é mau: tua língua inteira
ter entre os lábios e entre os teus a minha.
Porém não sofro só por isso; não só íntimos
beijos lamento, embora eu os lamente: 60
onde, senão no leito, os terá aprendido?
Não sei que imensa paga o mestre teve.

II, 6

O papagaio, ave mímica das Índias,
 morreu – ao funeral, ó aves, vinde!
 Vinde, batei no peito as asas, pios pássaros,
 com unha rígida marcai as faces,
 as penas como tristes comas arrancai, 5
 ressoem vossos cantos como tuba!
 Pois o crime choraste do tirano Ismário,
 Filomela, tua queixa terminou.
 Chegai ao triste funeral da ave rara:
 grande, porém antiga, é a dor de Ítis. 10
 Todas vós, que no mole ar medis sua rota,
 – tu sobretudo, rola – lamentai.
 Plenas foram as vossas vidas de concórdia,
 tenaz fidelidade até o fim.
 O que o jovem da Fócida foi para Orestes, 15
 a ti, enquanto pôde, foi a rola.
 Mas de que a amizade, as tuas raras cores,
 de que com hábil voz sons modulares
 te serviu, e agradares minha amada?
 Jazes morto, infeliz, das aves glória. 20
 Podias ofuscar com as penas esmeraldas,
 bico com rubro açafração tingido.
 Ave nenhuma vozes imitou melhor –
 repetia tua voz tão bem palavras.
 Inveja arrebatou-te – não movias guerras; 25
 eras da doce paz amante gárrulo.
 Veja: as codornas vivem entre os seus combates,
 talvez por isso cheguem à velhice.
 Com pouco estavas cheio e, ante o amor à palra,
 passava bem o bico sem comida. 30
 Teu sustento: uma noz e papoulas do sono,
 saciava-te a sede a gota d'água.

Vive o faminto abutre, o milhafre, que os ares
 circunda e a chuca, artífice da chuva.

Vive também a gralha, a quem Minerva odeia 35
 – perdura mais de nove gerações –
 e morreu o loquaz, da voz humana cópia,
 o papagaio: dom dos fins do mundo.

O valioso é sempre raptado por mãos
 avaras; o que é vil completa anos. 40

Viu Tersites a triste pira do Filácida;
 cinzas já era Heitor, os irmãos vivos.

O que direi dos votos por ti da menina –
 votos que Noto pelo mar levou?

Veio o sétimo dia, outro não virá, 45
 com vácuo fuso aguarda-o a Parca.

Mas na boca as palavras não se entorpeceram,
 clamou na morte a língua: “adeus, Corina!”

Na encosta do Elísio há bosque de azinheiras,
 de eterna relva a terra reverdece. 50

Se há verdade nas lendas, dizem, é o lugar
 de aves pias, vedado às agourentas.

Ali se nutrem brandos cisnes à vontade
 e Fênix vivaz, que é sempre a mesma ave;

estende as próprias penas a ave de Juno, 55
 doce pomba dá beijos em seu macho.

O papagaio, neste bosque recebido,
 atrai às suas palavras aves pias.

Aos ossos cobre um túmulo ajustado ao corpo,
 em cuja lápide um canto exíguo: 60

VÊS PELO MEU SEPVLRO QUE À DONA AGRADEI;
 MAIS QUE OVTRAS AVES DOVTA FVI DE FALA.

II, 7

Sempre te servirei de réu de novos crimes?

Embora vença, tanta luta enfada-me.

Se ao alto do teatro marmóreo eu me volto,

de muitas uma escolhes que te ofenda;

se uma pura mulher me fitar em silêncio,

5

afirmas no silêncio haver mensagens;

se uma elogio, atacam as unhas meu cabelo;

se outra critico, um crime dissimulo;

se tenho boa cor, sou insensível a ti;

se ando pálido, sofro de outro amor.

10

Ora, os meus erros gostaria de saber.

O que merece acata alegre a pena.

Acusas-me ao acaso agora; em tudo crendo,

tiras à própria ira a gravidade.

Olha o burro orelhudo, triste sorte, como

15

domado a assíduos golpes anda lento.

Eis novo crime: com Cipássis, que hábil orna,

me acusam de violar da dona o leito.

Algo melhor me deem os deuses, se eu quiser

trair-te, que uma amante de vil sina.

20

Que homem livre quer núpcias com Vênus servil

e abraçar costas por chicote abertas?

Pensa bem: ela ocupa-se dos teus cabelos

e pelas doutas mãos te é grata serva.

Pois eu cortejaria a escrava a ti fiel?

25

Pra quê? Pra ter repúdio e delação?

Por Vênus juro, e pelo arco de Cupido,

que desses crimes eu não sou culpado.

II, 8

Perfeita em arranjar de mil modos cabelos,
 digna, Cipássis, de pentear deusas,
 que por um doce furto aprendi não ser rústica,
 apta à dona, mas mais ainda a mim,
 quem foi o delator de nossos corpos juntos? 5
 Como notou Corina os teus favores?
 Por acaso corei? Por alguma palavra
 fi-la saber nossa furtiva Vênus?
 Como, se quem com escrava comete delitos
 eu disse de bom senso carecer? 10
 Pela bela Briseida inflamou-se o Tessálio,
 e o Micineu amou de Febo a serva.
 Maior não sou do que o Tantálide ou Aquiles,
 por que o que convém a reis me é torpe?
 Mas quando irados olhos ela em ti cravou, 15
 eu vi enrubescer-te toda a face.
 Porém, se te recordas, com que prontidão
 eu fiz juras em nome da grã Vênus.
 Tu, ó deusa, comandas que os nossos perjúrios
 os Notos levem pelo mar de Cárpatos. 20
 Este serviço retribui com doce prêmio:
 hoje unir-me, Cipássis, ao teu corpo.
 Por que negas, ingrata, e arranjas novos medos?
 Ter cativado um dos senhores basta.
 Se o negares, os atos passados direi 25
 e serei delator da própria culpa:
 onde te possuí, quantas vezes, Cipássis,
 eu contarei à dona, e de que modos.

II, 9a

Ó Cupido, a quem nunca cansa desprezar-me,
 ó menino indolente no meu peito,
 por que a mim, que nunca deixei tuas insígnias,
 danas, e sou ferido nos meus campos?
 Por que tua tocha queima e o arco espeta amigos? 5
 Maior glória é vencer os insurgentes.
 Quê? Não curou o herói Hemônio a quem sua lança
 atravessara, mais tarde, com remédios?
 Persegue o caçador quem foge; solta sempre
 o cativo e, além deste, busca outros. 10
 Nós, povo entregue a ti, sentimos tuas armas;
 lenta, poupa tua mão os relutantes.
 De que vale fincar em ossos nus afiadas
 flechas? Amor deixou meus ossos nus.
 Há tantos homens sem amor; tantas meninas: 15
 aqui está, com loas, teu triunfo!
 Roma, se não tivesse no mundo expandido-se,
 seria ainda feita de palhoças.
 Vai cansado o soldado aos campos recebidos,
 o cavalo liberto vai aos pastos, 20
 estaleiros conservam naus postas a seco,
 deposta a espada, a vara é reclamada.²³
 Pra mim também, que o amor de uma jovem servi,
 é tempo de viver desonerado.

²³ Alusão à cerimônia de libertação do gladiador, a quem era entregue um bastão como sinal da liberdade.

II, 9b²⁴

- “Vive”, se um deus disser, “e renuncia o amor”, (25)
 recusarei, tão doce mal faz moça;²⁵
 quando me esgoto e o ardor abate-se em meu peito,
 não sei que turbilhão da mente toma-me.
 Como arrasta ao abismo o dono que de balde 5
 luta com os freios o bravio cavalo; (30)
 como ao navio prestes a tocar a margem
 arrouba ao alto-mar um vento súbito,
 assim conduz-me a incerta brisa de Cupido,
 retoma os notos dardos rubro Amor. 10
 Fere, menino! Eis-me nu, de armas depostas; (35)
 eis cá tuas forças; cá tua destra reina.
 Lá vêm, como mandadas, por instinto, as setas;
 perto de mim, a aljava mal conhecem.
 Infeliz quem defende que por toda a noite 15
 se descanse e de prêmio chama o sono. (40)
 Tolo, o que é “sono”? A imagem gélida da morte;
 longo descanso os fados te darão.
 Ora enganem-me as falsas palavras da amante
 (grandes prazeres me trará a espera), 20
 diga-me, ora, doçuras; ora trave intrigas; (45)
 ora gozo terei, ora recusa.
 Se é dúbio Marte, o é por tua causa, Cupido,
 brande o padraço a teu exemplo as armas.
 És leve e muito mais inflado que tuas asas, 25

²⁴ Na edição de Bornecque, embora o primeiro poema venha marcado como “9a”, ambas as partes formam um só poema, não existindo marcação de onde começa 9b. Apesar de se seguir aqui o texto estabelecido pelo francês, preferi separá-los, como consta nas demais edições consultadas. Como faz Lucy Ana de Bem (2011, p. 293-295), conservo aqui as duas numerações possíveis dos versos, mas, ao contrário do que ela faz, entre parênteses se apresenta a numeração como seria se se tratasse de um poema apenas.

²⁵ Carlos Ascenso André e Lucy Ana de Bem parecem divergir na interpretação deste verso. *Deprecer*, o primeiro traduz flacidamente como “eu irei cair em súplicas diante dele [o deus]”, enquanto Lucy Ana de Bem traduz: “eu recusaria”. A despeito da mudança do tempo verbal, o que está em questão é a atitude da *persona* diante da ordem de renúncia ao amor emitida pelo deus. Grant Showerman e Jean-Pierre Néraudau seguem a primeira opção, como aqui também se faz.

de incerta fé, prazeres dás e negas.

(50)

Se, porém, ouves, com tua bela mãe, quem roga,

conserva no meu peito o reino ativo.

Juntem-se ao reino, turba tão incerta, as moças;

e ambos os sexos te hão de venerar.

30

II, 10

Tu, Gracino, sim, tu, me lembro que negavas
 poder-se amar a um só tempo duas.
 Por tua culpa me enganei, fui pego inerte:
 e eis-me a um só tempo amando duas.
 Ambas são belas, ambas se esmeram em se ornar, 5
 não sei se esta ou esta o faz melhor.
 Esta é mais bela; aquela é ainda mais bela;
 esta me agrada mais; ‘inda mais esta.
 Como uma nau sujeita a ventos discordantes
 estes amores têm-me dividido. 10
 Por que duplicas, Ericina, as minhas dores?
 Não basta ter carinho só por uma?
 Por que estrelas ao pleno céu, folhas às árvores,
 e águas ao mar profundo acrescentas?
 Porém isto é melhor que viver sem amor. 15
 Para os meus inimigos, vida austera!
 Para os meus inimigos vá leito vazio
 e no meio da cama esparramar-se.
 Mas que o cruel Amor me tome o sono inerte,
 que eu não seja pro leito o fardo único. 20
 Que a minha amada esgote-me sem que o proíbam,
 se uma não bastar, me venham duas!
 Aguento: as juntas me são belas mas não fracas,
 de peso, não dureza, eu careço.²⁶
 Ao corpo a volúpia há de alimentar: 25
 nunca decepcionei a minha amada.
 Muitas vezes, após passar lascivo a noite,
 de manhã forte estava e produtivo.
 Feliz quem cai nos mútuos embates de Vênus!
 Façam os deuses que assim eu seja morto. 30

²⁶ “*Neruos*” também é usado para se denominar o pênis (cf. *Am.* I, 1, 18). Para manter o trocadilho, o traduzi por “dureza”.

Oferte o peito à lança inimiga o soldado
e alcance pelo sangue um nome eterno.

Busque o avaro riquezas e as águas que muito
já sulcou beba perjurando, náufrago.

Mas caiba a mim desfalecer na agitação
de Vênus e morrer enquanto atuo.

35

E que alguém diga em meu funeral entre lágrimas:
“a morte combinou com tua vida.”

II, 11

Primeira a ensinar às ondas maus caminhos,
 nau talhada nos píncaros do Pélion,
 que temerária entre rochas concorrentes
 notável velo d'ouro transportou,
 ai se, pra que ninguém movesse remos pelos 5
 mares, águas letais bebesse Argos!
 Eis que escapa do leito e do lar conjugal
 Corina e se prepara a vias pérfidas.
 Por que hei de temer por ti Euros e Zéfiros,
 gélido Bóreas, Noto degelado? 10
 Cidade alguma lá, nem bosques tu verás:
 cerúleo e só o aspecto da maré.
 Tênuas conchas não tem nem pedras coloridas
 o alto mar, mas nas praias se demoram.
 Marcaí, meninas, praias com os pés marmóreos, 15
 cá estais a salvo – o resto é via cega.
 Que outros vos narrem as pelejas contra os ventos,
 as águas que Caríbde e Cila assolam;
 de que rochas se erguem os videntes Ceráunios,
 o golfo onde se ocultam as duas Sirtes, 20
 estas coisas vos contem outros, e no dito
 crede! Ao crente procela alguma abate.
 Em vão se mira a terra se, soltas as cordas,
 corre a quilha recurva no amplo sal.
 O nauta inquieto treme ante os ventos contrários, 25
 tão perto a morte quanto as águas vê.
 E se agitadas ondas Tritão alvoroça,
 rubor nenhum conserva a tua face.
 Então invocarás bondosos astros, Ledas,
 “feliz”, dirás, “a quem sua terra aloja!” 30
 Mais seguro é ler livros e o leito aquecer,
 fazer soar com os dedos lira trácia.

Mas se a procela leva minhas vãs palavras,
que Galateia seja à nau adepta.
Sereis culpados pelo que ocorrer com ela, 35
ó Nereidas, e tu, pai das Nereidas.
Vai pensando em mim que em vento amigo voltas.
Infle com força a brisa suas velas.
Que Nereu faça o mar pender para estas praias,
soprem os ventos pra cá e a maré. 40
Tu mesma rogues que ao madeiro guiem os Zéfiros,
controla a próprio punho a vela túrgida!
Eu que, da praia, a barca primeiro verei,
e direi: "os meus deuses ela traz!"
Tomar-te-ei nos braços e mil beijos sem ordem 45
colherei; imolando então oferta.
Como leito estender-se-á a fina areia,
qualquer volume servirá de mesa.
Servido o vinho, muitas coisas narrarás:
como que a nau por pouco não submerge, 50
que, aproximando-se de mim, da noite as horas
não temias, nem Noto impetuoso.
Tomarei por verdade tudo, mesmo o falso –
por que meus votos não afagarei?
Tal dia traga o quanto antes, no alto céu 55
brilhando, Lúçifer em seus cavalos.

II, 12

Venham ornar-me, ó louros triunfais, as têmeoras,
 vencemos! Eis Corina em nossos braços!
 O amante, o guarda, a porta, ó quantos inimigos
 cuidavam que arte alguma a seduzisse.
 Vitória digna de um triunfo especial 5
 é aquela em que à presa falta sangue.
 Não muros baixos, não cidade por canais
 cingida, mas a jovem conquistei!
 Caindo Pérgamo numa guerra decênia,
 das loas quanto coube aos dois Atridas? 10
 Não é minha glória entre soldados partilhada
 nem tem do meu trabalho um outro o título.
 Eu, general, as ordens dei e executei:
 porta-bandeiras, cavaleiro e infante.
 Nem sorte misturou aos meus atos o acaso, 15
 cá estás, triunfo, fruto do meu zelo!
 Nem é tal guerra nova: não fosse raptada
 Helena, Europa e Ásia paz teriam.
 Uma mulher centauros e os selvagens Lápitais,
 servido o vinho, às armas conduziu. 20
 Uma mulher à guerra feroz os troianos
 incitou, ó Latino, contra ti.
 Mulheres, na nascente Roma, enviaram sogros
 contra os romanos e armas sevas deram-nos.
 Eu mesmo touros vi lutando por novilha, 25
 A própria, assistindo, os dava ânimo.
 A mim também, e a muitos, sem morte, Cupido
 encarregou as bandeiras da milícia.

II, 13

Tendo ferido temerária o ventre grávido,
 fraca Corina jaz: a vida em risco.

Porque em segredo o feito executou, é digna
 da minha ira, mas esta cede ao medo.

Porém de mim engravidou, ou o penso eu: 5
 tomo às vezes por certo o que é possível.

Ísis, que o Paretônio e os campos do Canopo,
 Mênfis e a rica em palmas Faro habitas,
 onde o célere Nilo por amplos canais
 desce e por sete portas chega ao mar, 10
 por teus sistros suplico e pelo horrendo Anúbis,
 (assim teus ritos ame o pio Osíris,
 deslize entre as ofertas a serpente lenta,
 se ajunte à procissão cornudo Ápis):
 volta a mim a tua face e poupa, em uma, duas, 15
 pois dás a ela vida, e ela a mim.

Com frequência ela esteve, devota, nos dias
 certos, onde os gauleses tingem louros.

E tu, compadecida por meninas grávidas,
 cujos corpos latente fardo estica, 20
 sê benigna e atende a minha prece, Ilítia,
 ela é digna de que lhe ordenes graças.

Darei eu mesmo incenso aos fumosos altares
 e levarei ofertas aos teus pés,
 “Nasão” inscrito “pela cura de Corina”. 25
 Dá hoje ocasião para estes votos,
 mas se entre tantos medos posso aconselhar-te,
 te baste ter lutado essa batalha.

II, 14

De que serve às meninas serem à guerra ilesas,
 nem com escudo seguirem duras tropas,
 se, sem Marte, feridas são por suas setas,
 e armam mãos cegas contra o próprio fado?
 Quem primeiro arrancou de si o tenro feto 5
 foi digna de morrer na sua milícia.
 Pois, para ao ventre a injúria das rugas faltar,
 à tua luta se espalha a triste areia?²⁷
 Se tal costume às mães antigas aprovesse,
 teria sido extinta a espécie humana, 10
 e ao que lançara ao vácuo pedras – nossa origem –
 precisaríamos buscar de novo.
 Quem teria esmagado Príamo, se a ninfa
 Tétis o justo fardo rejeitasse?
 Se Ília no ventre tímido os gêmeos negasse, 15
 seria morto o autor da Urbe excelsa.
 Se Vênus, ‘inda grávida, Eneias violasse,
 privaria de Césares a Terra,
 e tu, podendo bela nascer, eras morta
 se isto tentasse – como a ti – tua mãe; 20
 e eu mesmo, que prefiro perecer amando,
 por mãe negado, o dia não veria.
 Por que defraudas vides com uvas crescendo,
 e frutos verdes colhe a fria mão?
 Que caiam a seu tempo; deixa que eles cresçam, 25
 vida não é mau preço à breve espera.
 Por que abris as vísceras por meio d’armas
 e ao não nascido dai venenos ímpios?
 Pelo sangue dos filhos censuram a da Cólquida;
 lamentam Ítis, morto pela mãe; 30

²⁷ Referência às arenas dos gladiadores.

ambas, por tristes causas, – cruéis genitoras –
do esposo se vingaram na progênie.

Dizei, pois, que Tereu, que Jasão vos incita
a ferir vosso corpo com mão presta?

Nem as tigresas nos recônditos da Armênia, 35
nem leoas ousaram perder crias,

porém o fazem tenras moças – não impunes:
quem no ventre os seus mata, amiúde morre.

Morre e à pira, de coma esparsa, é conduzida 40
e bradam “mereceu-o!” os que a veem.

Mas dissipam-se as minhas palavras na brisa
e nenhum peso tenham os meus augúrios.

Bons deuses, dai socorro à que uma vez errou;
seja a segunda falta castigada.

II, 15

Anel que irá no dedo da bela menina,
 que em valor só o amor do que o dá vence,
 vá, grato mimo: que ela contente o receba
 e bota-o prontamente em seus dedinhos.
 Fiques nela tão bem quanto ela bem me fica, 5
 e alisa com teu corpo estreito o dedo.
 Feliz anel, serás manejado por ela
 (agora, triste, invejo o próprio dom).
 Ah, se eu pudesse transformar-me em meu presente
 pelas artes de Eeia ou de Cárpató, 10
 então, quando eu quisesse tocar-lhe os mamilos,
 na túnica inserir a mão esquerda,
 do dedo escaparia, embora casto e justo,
 pro decote por mágica acessível.
 Também para selar as tabuinhas secretas 15
 sem que o selo tenaz estrague a cera,
 tocarei, antes, da menina a boca úmida,
 mas que eu não sele cartas que me firam.
 Se eu for dado pra ser guardado, negarei
 de teus dedos sair os apertando. 20
 Não serei, minha vida, para ti vergonha
 nem fardo que recusem os tenros dedos.²⁸
 Usa-me quando em ducha quente te banhares,
 deixa que a água prejudique a gema.
 Creio que, a vendo nua, se erguerão meus membros 25
 e, como anel, farei papel de homem.
 Por que me aplico a coisas vãs? Vá, presentinho,
 que ela veja a fidelidade em ti.

²⁸ “Tenros dedos” (“*tener digitus*” v. 22) encontra-se no plural para evitar a ambiguidade: “nem fardo que recuse o tenro dedo”.

II, 16

Sulmo me abriga, parte dos prados pelígnios,
parva, mas fértil; águas a irrigam.
Embora o sol aproximado rache a terra,
do cão de Icário a ousada estrela brilhe,
fluidas águas perpassam os campos pelígnios, 5
no tenro solo assoma verde relva.
A terra é fértil a Ceres, mais ainda a uvas;
a oliveira de Palas também cresce;
devido aos rios que deslizam pela relva,
um tapete de grama cobre a terra. 10
Mas meu fogo me falta. Errei numa palavra:
quem me abrasa está longe – a brasa não.
Se me pusessem entre Pólux e Castor,
no céu, sem ti, não queria estar.
Jazam inquietos, oprimidos pela terra 15
os que notaram o mundo com suas rotas,
ou que mandassem ir com os jovens as meninas,
se atravessar a terra foi preciso!
Se eu vencesse os ventosos Alpes arrediado,
com a senhora, seria fácil a via. 20
Com a senhora, ousaria penetrar as Sirtes
e dar as velas aos incertos Notos.
Nem os monstros que ladram do púbis da virgem
temerei, nem, Melea, tua encosta;
nem a plena de barcas submersas Caríbdis, 25
que águas deita e retoma pela boca.
Mas se a ventosa força netúnia vencer,
e o mar levar os deuses protetores,
põe sobre os nossos ombros os teus níveos braços;
com prazer levarei teu doce peso. 30
Por Hero, amiúde, transnadara um jovem ondas;
nadava quando a via fez-se cega.

Sem ti, embora os campos de vinha operosos
me retenham e a lavra nade em córregos,
e chame aos seus arroios as águas o rústico 35
e a fria brisa afague arbóreas comas,
nem parece que estou nos salubres Pelígnios
(lugar em que nasci, paternos campos),
mas na Cítia, Cilícia, entre os verdes bretões,
nas rochas em que Prometeu sangrou. 40
O olmo ama a vide, ela não o abandona;
por que sou separado da senhora?
Mas sem cessar juraras sempre acompanhar-me
(por mim e por teus olhos: meu zodíaco).²⁹
Juras de jovens, leves mais que folhas secas, 45
são nulas; vento e ondas as carregam.
Mas se há, pelo deixado, em ti algum cuidado,
começa a juntar atos às promessas,
e o quanto antes, num carrinho com cavalos,
tu mesma brande o açoite pelas crinas. 50
Mas vós, montes por onde ela passe, sumi,
sede feitas de fáceis vales, vias.

²⁹ “*Sidera nostra*” (v. 44), “nossas estrelas”.

II, 17

Se houver quem tenha como torpe servir moças,
 seja eu por seu juízo condenado!

Seja eu torpe, contanto que me inflame menos
 quem Pafos e Citérea ondeada rege.

Quem dera presa de uma moça branda ter
 sido, quando fui presa de uma bela. 5

Beleza traz soberba, a de Corina é bélica.³⁰

Ai de mim, ela tem consciência disso!
 Certamente no espelho é o orgulho colhido,
 não se contempla antes de arrumar-se. 10

Se te dá tua beleza poder sobre tudo,
 beleza que nasceu pra ter-me os olhos,
 não debes desprezar por isso o ter-me ao lado.

Ao grande acomodar o baixo é lícito.
 Dizem que até Calipso, do amor de um mortal
 presa, o homem que a rejeitou reteve. 15

Crê-se que uma Nereide com o rei da Ftia
 deitava-se; e com o justo Numa Egéria.

Vênus é de Vulcano, embora, com o pé torto,
 ao deixar a bigorna ele manque. 20

Mesmo este canto é desigual, mas com justeza
 se emparelha ao heroico um verso breve.

Tu também, minha luz, me aceita nos teus termos,
 te cairá bem na praça dar-me as ordens.

Não serei erro, nem te alegrará deixar-me,
 este amor não fará que me renegues. 25

Prósperos cantos tenho como patrimônio,
 muitas querem por mim ganhar renome.

Soube de uma que protelava ser Corina.

³⁰ “*Facies animos dat*”: Jean-Pierre Néraudeau traduz “*La beauté rend orgueilleux*” (2005, p. 111), em consonância com Michael von Albrecht: “*Schönheit macht stolz*” (2010, p. 107); Carlos Ascenso André, porém, traduz “Dá a beleza ânimo” (2011, p. 164).

O que ela não daria para o ser?

30

Mas tal como não correm pelas mesmas margens

frio Eurotas e o Pó, que é rico em álamos,
não será outra em meus livrinhos entoada.

Só tu darás motivo ao meu engenho.

II, 18

Enquanto o canto estendes ao irado Aquiles
 e homens jurados cobres de armas priscas,
 eu, Macro, à doce sombra de Vênus repouso,
 Amor me impede que arrisque grandes temas.
 Eu disse à minha amada muitas vezes: “Vai-te!” – 5
 e prontamente alojou-se ela em meu colo.
 Eu disse: “me envergonhas!” – e ela lacrimosa:
 “Pobre de mim! Amar-me te envergonha?”,
 Seus braços enroscou-me ao redor do pescoço
 e – minha perdição! – mil beijos deu-me. 10
 Vencido, chamo o engenho pra longe das armas,
 canto as batalhas e as façanhas íntimas.
 Mas os cetros tomei, sob meu zelo a tragédia
 nasceu, estando eu mais que apto a ela.
 Riu-se Amor do meu manto e coturnos ornados, 15
 dos cetros que apressada a mão tomou.
 Arrancou-me de lá o poder de uma dama:
 vence Amor sobre o vate coturnado.
 Professo, pois me é lícito, as artes do Amor
 (ai, meus próprios preceitos me atormentam!) 20
 ou cartas que Penélope mandara a Ulisses
 escreverei, e, Fílis, tuas lágrimas;
 o que Páris, Jasão ingrato e Macareu
 leriam, e Hipólito e seus pais,
 e o que diria a triste Dido ao empunhar 25
 a espada, e à lira aônia a amada Lésbia.
 Quão cedo meu Sabino voltou de viagem,
 de diversos lugares trouxe escritos!
 Feliz, Penélope o sinal de Ulisses vê;
 Lê a madraستا a carta de Hipólito. 30
 À pobre Elisa respondeu o pio Eneias,
 e há o que lesse Fílis, se vivesse.

Triste carta viaja de Jasão a Hipsípila,

a Febo a amada de Lesbos lira oferta.

Não seja, onde é seguro cantar armas, Macro,

35

(campos de Marte) Amor por ti calado.

Lá está Páris, a adúltera, o famoso crime,

Laodâmnia, com o marido falecido.

Se o conheço, não narras guerras com mais gosto

que estas – dos teus campos vens aos meus.

40

II, 19

Se não guardas por ti, ó tolo, tua menina,
 faze-o por mim, pra que eu a queira mais!
 O fácil não compensa; o ilícito é que abrasa,
 insensível é quem ama o que outro deixa.
 Tenhamos pares esperança e medo, amantes; 5
 que a recusa casual sustenha as súplicas.
 Pra que sorte que nunca cuida em malograr?
 Tampouco amo o que em tempo algum me fere.
 Vira em mim este vício a ardilosa Corina,
 e astuta aprendeu recursos pra reter-me. 10
 Ah, quantas vezes dores fingiu de cabeça,
 mandou meus pés tardios irem embora.³¹
 Quantas vezes fingiu ter culpa, o quanto pode
 um inocente, mostrando ser danosa!
 Tendo, assim, me afligido, reavivava o fogo 15
 e era de novo apta aos meus desejos.
 Que carícias, que doces palavras dizia-me,
 que beijos, deuses, quantos beijos dava!
 Tu, também, que os meus olhos há pouco prendeu,
 teme amiúde insídias, nega a prece; 20
 permita que eu, prostrado aos degraus de tua porta,
 suporte de uma longa noite o frio.
 Assim perdura o amor, e aumenta com os anos.
 Isto me agrada e me alimenta a alma.
 Um amor farto e acessível vira tédio, 25
 como o alimento muito doce, enjoa.
 Não tivesse uma torre encarcerado Dânae,
 não a teria engravidado Jove.
 Enquanto Juno a Io, a de chifres, guardava,

³¹“*Cunctantem tardo iussit abire pede*”: Preferi transferir para os pés hesitantes a ordem de ir embora por necessidades métricas, optando, assim, por conservar a ambiguidade do original: a recusa dos poemas (tema que aparece também em outras elegias).

ela era a Jove mais graciosa que antes. 30
 Porque é fácil, quem desejar colhe das árvores³²
 folhas, de um rio grande bebe a água.
 A que quer um reinado longo iluda o amante
 – ai! Que não me torturem os meus conselhos!
 Aconteça o que for, bondade é dano; fujo³³ 35
 ao que me segue; persigo o que me foge.
 Mas tu, muito tranquilo com a tua bela amada,
 começa já a trancar a porta à noite;
 começa a perguntar-te quem furtivo bate
 aos portais, por que latem à noite os cães, 40
 que tabuinhas a escrava esperta leva e traz,
 por que ela deita-se sozinha ao leito.
 Que este cuidado roa às vezes tuas entranhas
 e dê lugar e causa aos meus enganos.
 Pode furtar de praias desertas a areia 45
 quem pode amar a esposa de um estulto.
 Eu o previno: se não comesas a vigiar
 tua menina, ela deixa de ser minha.
 Suportei muitas coisas; esperei amiúde
 que a guardasses, pra que eu te enrolasse. 50
 És mole, aturas o que os outros não aturam,
 mas pra mim chega ao fim um amor cedido.
 Então nunca serei impedido de entrar?
 Serão minhas noites livres de vingança?
 Não temerei e não suspirarei no sono? 55
 Nada farás pra eu querer-lhe a morte?
 De que me vale o trouxa, o cafetão marido?
 O seu vício corrompe o meu prazer!

³² “*Quod licet et facile est, quisquis cupit, arbore frondes [carpat v.32]*”. As versões de Carlos Ascenso André e Lucy Ana de Bem divergem sobre a interpretação deste verso. Ascenso André, a quem seguimos, traduz “Por ser consentido e fácil, quem assim o desejar, colha da árvore [a folhagem v.32]”; enquanto de Bem traduz “O lícito e fácil qualquer um deseja, das árvores [folhas recolha v.32]”.

³³ “*Quidlibet eueniat, nocet indulgentia nobis*”, “seja lá o que aconteça, a bondade [complacência, indulgência etc.] me prejudica”. Optei por reduzir a segunda parte do verso para encaixar ao final o início do verso seguinte, que receberia um prejuízo maior se ficasse confinado ao decassílabo.

Por que não buscas quem tua tolerância agrade?

Se te agrada me ter rival, impede-me!

60

LIVRO III

III, 1

Existe um bosque antigo, há anos intocado,
 é de se crer que um nume lá habita.
 Fonte sacra há no centro e uma gruta de púmices,
 por toda parte há doces queixas de aves.
 Enquanto aqui passeio, em sombras abrigado 5
 – busco obra que a minha Musa inspire –,
 veio a Elegia, de cheirosas comas presas,
 e, creio, um pé maior que o outro era.
 Forma adequada, veste tènue, amável face
 e o desvio dos pés razão de encanto. 10
 Veio Tragédia violenta, em passos largos,
 (comas na fronte turva, manto ao chão,
 a mão esquerda o cetro brandia amplamente,
 os pés atados em coturnos lídios)
 Disse primeiro: “Algum fim terá teu amor, 15
 ó poeta que tarda em seus assuntos?
 Festins fartos de vinho contam tuas torpezas,
 e encruzilhadas de caminhos vários.
 Muitas vezes alguém com o dedo aponta o vate,
 e diz ‘lá vai quem fero Amor abraça!’ 20
 faz de ti lenda – e nem percebes – a cidade,
 enquanto sem vergonha expões teus feitos.
 Já é tempo de um tirso mais forte mover-te;
 basta de ócio – empreende obra maior!
 Com tal matéria o engenho oprimes, canta feitos 25
 viris, dirás ‘eis campo para mim!’;
 brincou tua Musa com o que cantam moças tenras,
 moveu-se a juventude ao ritmo próprio.
 Que agora eu, Tragédia, ganhe em ti renome!
 Realizará as minhas leis teu fôlego.” 30
 Parou, e sobre ornados coturnos moveu
 três vezes, quatro, a cabeleira espessa.

Desdenhou, se me lembro, a outra com os olhinhos,
 engano-me, ou de mirto um ramo tinha?

Disse: “Por que, Tragédia exaltada, me oprimes 35
 com dura fala? Acaso nunca és branda?

No entanto, achaste digno usar de ritmos ímpares;
 com meus versos lutaste contra mim.

Eu não compararia, aos meus, versos sublimes;
 tua régia esmaga minha humilde porta. 40

Eu sou leve e comigo é o leve Cupido;
 não sou mais forte que o meu próprio assunto.

[Mas alcancei poder maior que o teu, sofrendo 47
 o que a tua austeridade não suporta.]³⁴

Sem mim seria a mãe de Amor lascivo rústica,
 nasci da deusa alcoviteira e cúmplice.

A porta que o teu duro coturno não pode 45
 abrir, minha doçura afrouxará.

Comigo, ao enganar o vigia, Corina 49
 aprendeu a violar trancada porta,
 a do leito escapar, envolta em solta túnica,
 e a mover pela noite pés discretos.

Quantas vezes pendi pregada em duras portas,
 sem medo de ser lida por passantes!

Lembro mais: ter ficado, até que se ausentasse 55
 o vigia, oculta em seios de criadas.

E quando envias-me de aniversário e ela
 rasga e, bárbara, afoga n’água ao lado?

Movi primeiro os férteis grãos da tua mente,
 tens meu dom, que esta aí te pede agora.” 60

Acabou, comecei: “às duas rogo, alcance
 ouvido atento à fala de um temente.

Uma me honra com coturno alto e cetro;

³⁴ O trecho que se estende do dístico 47-48 até 49-50 aparece organizado de formas diferentes nas edições que foram consultadas. Por motivos de uniformidade, sigo aqui a edição francesa da *Les Belles Lettres*, porém a ordem pode ser contestada.

na boca esguia agora há voz grandiosa.

A outra dá ao meu amor nome imortal; 65

vem, pois, e aos longos versos junta os breves!

Cede, Tragédia, ao vate um pouco mais de tempo;

eterno é o teu labor; pede esta um breve.”

Movida, cede a graça; Amores, corram enquanto

há tempo: obra maior me acossa o dorso! 70

III, 2

“Eu não me sento atento aos cavalos de raça,
 porém rogo que vença o que apoiares.
 Vim pra falar contigo e contigo sentar,
 para que o amor que excitas não ignores.
 Assistes às corridas, eu a ti; assista 5
 cada um o que aos olhos alimenta.
 Seja quem for, sortudo é o cocheiro que apoias!
 Conseguiu ele, pois, o teu afeto?
 Consiga-o eu também; deter-me-ei afoito
 sobre os corcéis que deixam as sacras baias. 10
 Soltarei ora as rédeas, ora açoitarei
 dorsos, raspando à meta a roda interna.³⁵
 Mas se na pista me assistires, tardarei,
 soltas das mãos as rédeas penderão.
 Por pouco Pélops não morreu por lança régia 15
 enquanto contemplava-te, Hipodâmia.
 Sem dúvida venceu pelo favor da amada.
 Vençamos cada qual por sua dona!
 Por que retrais-te em vão? A arquibancada junta-nos;
 o circo favorece este aconchego. 20
 Mas tu, quem quer que esteja à destra, poupa a moça;
 não a incomode o toque do teu corpo.
 E tu, atrás de nós, recolhe as tuas pernas.
 Tenha dó, poupa as costas dos joelhos.
 Mas grande parte do teu manto jaz à terra; 25
 recolhe-o ou eu mesmo o ajuntarei.
 Eras, veste, invejada. Belas pernas cobres;
 daí vês mais... sim, eras invejada.
 Tais quais as pernas de Atalanta, que Melânion
 desejou sustentar em suas mãos. 30

³⁵ Manobra perigosa na corrida e, por isso, testemunha da habilidade do condutor.

Tal qual pintam as pernas da armada Diana,
 quando acoessa, bravía, bravas feras.
 Sem as ver ardo, o que farei diante delas?
 Chamas em chamas tombas, no mar água.
 Suspeito que, além delas, todo o resto apraze, 35
 o que se esconde sob a veste tênue.
 Queres, enquanto isso, servir-se de brisa?
 A tabuinha que a mão agita a traz.
 Ou meu calor me vai na alma e não no ar,
 e ao peito escravo esquenta o amor por ela? 40
 Enquanto falo, cobre a poeira tuas vestes;
 deixa, pó sujo, o níveo corpo em paz.
 Já vem a pompa: aclamai de corpo e alma.
 Hora de aplausos: vem a áurea pompa!
 Trazem à frente a Vitória, com asas abertas; 45
 vem pra cá, deusa, e faz vencer o amor!
 Saudai Netuno, vós que em ondas confiai,
 nada tenho com o mar, retém-me a terra.
 Saúda Marte, militar. Odeio as armas;
 a paz é boa, onde o amor se encontra. 50
 Febo os áugures, Febe assista os caçadores,
 reclama a ti, Minerva, as mãos artífices.
 Campestres, levantai ao tenro Baco e a Ceres.
 Aos equestres, Castor; ao pugnaz, Pólux.
 Eu a ti, doce Vênus, e ao menino arqueiro 55
 saúdo; anuí, ó deusa, aos meus intentos,
 anima a minha nova dona a ser amada!
 Anuiu e, com gesto, foi propícia.
 Prometas, peço, o que me prometeu a deusa;
 em paz com Vênus, digo que és maior. 60
 Juro pelo cortejo desses tantos deuses:
 em todo tempo quis-te minha dona.
 Tens suspensas as pernas; se julgares útil,
 podes os pés nas grades encaixar.

No vago circo estreia o pretor o espetáculo 65
 máximo: deixam as baias os cavalos.
Vejo quem acompanhas; vença o que apoiars;
 (parece que os cavalos sabem quem).
Ai de mim! Contornou a meta em larga curva!
 O que fazes? Vem próximo o oponente! 70
O que fazes, desdito? O anseio dela frustras?
 Rogo, com a mão esquerda puxa as rédeas!
Um indolente apoiamos! Chamai-os de volta,
 Quirites, dai sinal movendo as togas.
Eis que voltam. Pra não turbar a toga a coma, 75
 tu podes recolher-te no meu peito.
Abrem-se novamente as portas dos estábulos,
 a massa multicolor de corcéis voa.
Avança agora, ao menos, no espaço que surge.
 Faz que se cumpram meu desejo e o dela. 80
Cumpriram-se os desejos dela; faltam os meus.
 Ele tem sua vitória, eu busco a minha."
Riu-se e com os olhos prometeu-me qualquer coisa.
 por ora basta; o resto dá depois.

III, 3

Crê que haja deuses. Ela traiu a sua jura
 e a beleza, como antes, permanece.
 Tão longa coma tinha antes do perjúrio
 quanto ora tem, após lesar os numes.
 Cândida e clara, imersa em um róseo rubor 5
 fora; o rubor reluz na nívea face.
 Era o pé curto; tem o pé aguda graça;
 foi alta e fina; alta e fina é.
 Tinha-os vivazes, brilham os olhos como astros,
 pelos quais tanto me enganou a pérfida. 10
 Sim, às jovens permitem jurar falsamente
 os deuses. A beleza é divina.
 Lembro-me que ela, há pouco, jurou pelos seus
 e os meus olhos; mas só os meus sofreram.
 Dizei-me, deuses, se a deixastes sem castigo, 15
 por que eu sofro o que merece um outro?
 Mas não vos é a filha de Cefeu odiosa,
 devido à bela mãe mandada à morte?
 Não basta não pesar o vosso testemunho
 e ela rir-se de mim e vós impune? 20
 Para remir a sua pena eu serei
 o traído e o vigário³⁶ da traíra?
 Ou o nome divino é vil, temido em vão,
 e ao povo move a estúpida credence;
 ou, se algum deus existe, ama as doces jovens 25
 e deixa que elas possam fazer tudo.
 Contra nós Marte opõe-se com espada letal,
 nos busca a lança da invicta Palas;
 contra nós o flexível arco Apolo estira,
 para nós, raios tem a mão de Júpiter. 30

³⁶ “*Vitima*”, no original, tem o sentido de vítima sacrificial, que recebe a punição em lugar o infrator.

Têm medo de ofender as formosas os deuses,
e as que não os temeram eles temem.
E há quem cuide de pôr incenso na braseira?
Decerto têm os homens mais espírito.
Júpiter, com seu fogo, cai sobre as cidades, 35
veta que firam as flechas as perjuras.
Tantas merecem pena, e ardeu a pobre Sêmele!
Foi o que recebeu por seu serviço.
Mas se ao amante se furtasse, não faria 40
o pai de Baco o papel de mãe.
Por que me queixo e faço estrondo a todo o céu?
Deuses têm coração, também têm olhos.
Se eu fosse um deus, meu nome deixaria usarem
em vão mulheres com fingida face.
Eu mesmo juraria que elas têm boa fé, 45
e não diriam que sou deus cruel.
Mas, tu, modera mais o uso deste dom,
ou poupa então, querida, estes olhos.

III, 4

Duro homem, impondo guarda à doce jovem
 nada ganhas: defende-a o seu caráter.
 Se sem temê-lo ela for casta, então é casta,
 a que não faz porque não pode, o faz.
 Por mais que o corpo guardes, a mente é adúltera, 5
 se ela não quer, não podes vigiá-la;
 mesmo trancando tudo, nem o corpo guardas:
 fechou-se tudo – o amante entrou primeiro.
 Quem tem chance adultera menos: tal poder 10
 enfraquece as sementes da malícia.
 Ouve bem:³⁷ deixa de incitar vícios vetando-os.
 Com teu favor, terás melhor vitória.
 Vi há pouco um cavalo, resistindo aos laços
 com a boca, como um raio disparar.
 Parou, assim que percebeu os freios frouxos, 15
 sob o pelo em desordem, amarras lassas.
 O veto gera esforço e ao negado almejamos,
 assim o enfermo atrai-se à água ilícita.
 Argos tinha cem olhos na frente, mais cem
 na nuca, e a todos enganou o Amor. 20
 Num quarto bem seguro, de aço e pedra, Dânae,
 que foi levada virgem, virou mãe.
 Penélope manteve-se, ausente o seu guarda,
 em meio a tantos pretendentes pura.
 Desejo mais o que é guardado: o zelo atrai 25
 o ladrão, poucos amam o consentido.
 Atrai-nos não a forma, mas o amor do esposo:
 pensa-se que algo há que te prendeu.
 Não é casta a que o esposo guarda, mas adúltera;
 o próprio medo encarece o corpo. 30

³⁷ “*Crede mihi*”, no contexto, introduz um conselho.

Podes zangar-te, bom é o desejo interdito.

Só a que diz “eu temo” é atraente.

No entanto, não é justo guardar jovem livre,

tal medo afete os povos estrangeiros!

Então, para que o guarda diga “eu que o fiz!”, 35

para o louvor do servo será casta?

Tão rude é quem se ofende com consorte adúltera,

não sabe bem costumes da cidade,

onde, não sem delito, nasceram de Marte

Remo Ilíade, Rômulo de Ília. 40

Como querias formas? Não sem castidade?

Não podem uma e outra conviver.

Se és sábio, favorece a dona. Despe a austera

face e não sigas leis de homens brutos.

Preza os amigos que ela te der – serão muitos! 45

Vêm assim grandes graças sem labor.

Assim, sempre hás de ir aos banquetes dos jovens,

verás em casa dons que não compraste.

III, 5

“Era noite, domava o sono os olhos lassos,
 apavorou-me a alma tal visão:
 Ao pé de ensolarada encosta, um bosque erguia-se
 de azinheiras – nos ramos muitas aves.
 Abaixo, na planície, um prado verdejante, 5
 banhava-o brando e ressonante córrego.
 Eu fugia ao calor sob as frondosas árvores,
 e sob as árvores, calor intenso.
 Eis que, buscando a relva com flores mesclada,
 parou-me, à vista, uma vaca branca, 10
 mais branca do que a neve quando cai recente,
 que o tempo ainda não verteu em águas,
 mais branca do que o leite, alvejando de espuma,
 que a ovelha ordenhada há pouco deixa.
 Um touro a acompanhava, marido de sorte, 15
 pousava à terra terra com a cômjuge.
 Enquanto jaz, rumina a erva lentamente,
 nutrindo-se de novo do comido.
 Parecia assaltado pelo sono, e à fértil
 terra a fronte cornífera deitava. 20
 Veio com leves penas, dos ares, um corvo
 gárrulo, que pousou na terra verde.
 Três vezes, com o bico atrevido, à novilha
 feriu, e à boca os alvos pelos carregou.
 Ela, após hesitar, deixou o touro e o pasto 25
 (mas negra chaga havia no seu peito),
 e ao ver ao longe touros comendo capim
 (alguns touros comiam ali capim),
 pra lá se retirou e ao gado misturou-se
 atrás de terra de mais férteis ervas. 30
 Anda, diz, adivinho da visão noturna,
 se ela é real, e o que ela me traz?”

Assim falei, e disse assim o adivinho,

pesando cada verbo na sua alma:

“o que querias evitar às leves folhas, 35

mas malogravas, era o ardor do amor.

A vaca é tua amada; a cor é própria à amada;

tu, pareado à vaca, o touro eras.

Bicava o peito um corvo, pois a alcoviteira

velhaca mexe com a cabeça dela. 40

Se depois de hesitar deixou a vaca o touro,

ao frio jazerás no leito vago.

Chagas e manchas negras no peito contrário

negam que ao peito falte nódoa adúltera.”

Disse o intérprete, e ao rosto frio o sangue escapa-me, 45

e impõe-se aos olhos uma noite densa.

III, 6

Rio de pantanosas margens com caniços,
à amada corro; para um pouco as águas!
Não tens pontes nem côncavo bote que pela
corda, sem remador, conduz à via.

Eras parvo, jamais fugi à travessia, 5
mal chegavam tuas ondas à canela.

Hoje corres, devido à neve deste monte
próximo, e revolves crassas águas.

De que valeu correr e pouco tempo dar
ao sono, e à noite acarretar o dia, 10
se devo aqui ficar, se não me é dado um meio
de a outra margem com meus pés calcar?

Agora, as asas que o herói de Dânae teve,
ao cortar a cabeça com serpentes,
eu desejo e o carro de onde as sementes 15
de Ceres foram à terra inauguradas.

Conto as lendas fantásticas de antigos vates,
dia algum teve, e nem terá, tais coisas.

Tu, rio que extrapola as amplas margens, antes
(e sempre assim) escorra em teus limites. 20

Meu ódio não suportarás, torrente, creia-me,
se este amante disserem que deteste.

Rios deviam ajudar no amor os jovens,
os próprios rios conheceram amor.

Ínaco andava pálido de amor por Mélia, 25
dizem, fervendo no gelado ventre.³⁸

Não fora Troia por dois lustros sitiada
quando Neera, Xanto, cativou-te.

O quê? Não fez Alfeu correr por variadas
terras o firme amor por virgem arcádia? 30

³⁸ Aproveito a sonoridade de “*vadis*” (fundo do mar) do original para chegar a *ventre* das águas, ao passo que recrio a imagem não rara em Ovídio das entranhas ardendo de amor.

Contam que tu, Peneu, a prometida a Xutho,
 Creúza, na Fiótida, ocultaste.

Por que lembrar Asopo, físgado por Tebe
 Marcial, futura mãe de cinco infantes?

Se eu por teus chifres perguntasse, ó Aqueloo, 35
 chorarias os ter quebrado Hércules,
 não valeu tanto Cálidon, nem toda a Etólia,
 no entanto, Dejanira, sim, valeu.

O farto rio Nilo, que por sete estuários
 flui e a pátria tão bem com águas guarda, 40
 contam que a chama que lhe deu Evante Asópide
 nas entranhas não pôde ele vencer.

Seco Enipeu, para abraçar a Salmonida,
 mandou saírem as águas, que cederam.

Nem te oblitero, tu que rolas pelas rochas 45
 e os campos regas da argiva Tíbur,
 a quem Ília agradou, embora fosse horrível,
 unhas traz nas comas e na face.

Ela, gemendo o ultraje do tio e os delitos
 de Marte, errava a pé por ermos sítios. 50

Viu-a Ânio animoso de suas ágeis ondas
 e rouca voz ergueu em meio às águas:
 “Diz, perturbada, por que trilhas nossas margens,
 Ília, estirpe de Laomedonte, o teucro?

Onde estão teus enfeites? Por que vagas só 55
 e fita alguma prende a solta coma?

Por que choras e os olhos maculas com lágrimas,
 e a mão insana ataca o peito nu?

No peito pedras tem e ferro, quem apático
 vir as lágrimas em teu terno rosto. 60

Deixa, Ília, o medo. Abro a ti meus reinos,
 todos te honrarão. Deixa, Ília, o medo.

De cem ninfas ou mais tu te assenhorarás,
 pois cem ninfas ou mais meus rios têm.

Peço apenas que não me rejeites, troiana; 65
 terás prêmios mais ricos que as promessas.”

Disse, e ela, com o olhar modesto fixo à terra,
 deitava ao peito a chuva de seu choro.

Tentou fugir três vezes, parando ante as ondas,
 furtava o medo as forças pra correr. 70

Depois, com dedo hostil lacerando os cabelos,
 expele a boca trepidante horrores:

“Ah, se me fosse a ossada em paterno sepulcro
 guardada enquanto era de uma virgem!

Por que me chamam, há pouco uma vestal, às núpcias, 75
 do repúdio dos fogos d’Ílio digna?

Por que vivo se o povo aponta-me adúltera?
 Que suma a face infame e vergonhosa!”

Pôs, então, sobre os olhos inchados a veste
 e se atirou perdida às águas rápidas. 80

Sob o seu peito pôs as mãos o rio lúbrico,
 dizem, e deu-lhe um leito conjugal.

Creio que a ti também ferveu uma menina,
 mas bosques e florestas cobrem o crime.

Enquanto falo, o imenso cresce com amplas ondas, 85
 e o fundo abismo não contém as águas.

Que tens comigo, fero? Por que obstas mútuo
 gozo e interrompes, bronco, o meu percurso?

E se fosses corrente de verdade, um rio
 nobre e de fama máxima no mundo? 90

Não tens nome, mendigas caducos riachos,
 fontes não tens, não tens um leito fixo.

Tens como fonte a neve que derrete e a chuva,
 riquezas que o inverno lento serve.

Ou corres lamacento na estação das brumas, 95
 ou calcas poeirento o chão de areia.

Que viajante pôde em ti matar a sede?
 Quem disse grato “que perene corras”?

Danoso ao gado és e mais danoso aos campos;
isto aos outros, a mim meu dano toca. 100

Contei insano a ele os amores dos rios,
envergonha-me os ter citado em vão.

Fiado neste não sei quem, de Aqueloo e Ínaco
pude os nomes lembrar, e, Nilo, o teu.

Desejo, por teu mérito, impuras águas, 105
seja-te o sol veloz e seco o inverno.

III, 7

Pois não é bela? Pois não é bem arrumada?

Não a buscam amiúde os meus desejos?

Porém, mal a possuo e, sem proveito, mole
no leito imóvel jazo, peso morto.

Não pude, desejando (e ela tanto quanto), 5
fruir da boa parte da virilha.

Ela sobre os meus ombros lançou os seus braços
marfim, mais brancos que sitônia neve,

e meteu-me na boca beijos com volúpia 10
e as pernas quentes pôs-me sobre as pernas,

e disse-me delícias, chamou-me senhor,
e, além disso, palavras prazerosas,

mas, como se tocado por cicuta, o membro
moroso desarmou os meus propósitos.

Lá fiquei, tronco inerte, feito um peso inútil, 15
e não certo se eu era corpo ou sombra.

Qual será meu destino na velhice, quando
a juventude falta aos seus deveres?

Mas que vergonha, ai! Pra que ser macho e jovem 20
se a amada não me sente macho ou jovem?

Como a virgem eterna se ergue às pias chamas
saiu. Como ao irmão a irmã saúda.

E há pouco à loira Clides duas, Pito três
vezes servi, e a Libas três seguidas.

Cobrou de mim Corina numa noite excelsa, 25
lembro-me, nove atos encenar.

Abate-se o meu corpo, alvo de tessálico
veneno? Encantos danam este mísero,

ou uma bruxa gravou meu nome em cera púnica 30
e fincou fina agulha no meu fígado?

Pelo encanto, desfaz-se em estéril relva Ceres,
definham, pelo encanto, fontes d'água.

Dos carvalhos bolotas, da videira a uva
 cai, e frutos sem nada que os derrube.
 O que impede que tombe o pau³⁹ por artes mágicas? 35
 Talvez por isso o corpo esteja inepto.
 Soma a isso o pudor. O pudor me lesava,
 foi a outra razão da minha falha.
 Porém, tal qual a vi, só toquei a menina
 (assim como a tocava a sua túnica)! 40
 Ao seu toque, se torna jovem o rei de Pilos,
 e os limites da idade vence Títono.
 Ela que me tocou, mas não a toca um homem.
 Que preces crio agora em novo anseio?
 Creio que os grandes deuses o dom de que fiz 45
 mau uso se arrependem de ter dado.
 Queria, sim, ser recebido: bem o fui.
 Dar beijos: dei; estar bem perto: estive.
 Pra que ter tanta sorte e reinos sem proveito?
 Não passo de um avaro junta-posses. 50
 Assim, em meio a ondas resseca o que conta
 segredos. Frutos tem que nunca toca.
 E há quem, junto à menina, se levante pela
 manhã e vá de pronto aos santos deuses?
 Mas ela não gastou em mim seus doces ótimos 55
 beijos? Não provocou de tantos modos?
 Podia ela carvalhos e duros diamantes,
 surdas rochas mover com seus carinhos.
 Decerto digna foi de mover homens vivos:
 mas nem homem nem vivo fui, como antes. 60
 De que adianta a Fêmio cantar para surdos?
 De que vale a pintura ao pobre Tâmires?
 Mas que prazeres concebi na mente tácita!
 Que fórmulas criei e preparei!

³⁹ Cf. Nota em Am. II, 10 sobre “*neruos*”.

Porém meu membro, como morto, lá jazia, 65
 pior do que a mais murcha rosa de ontem.
Agora, intempestivo, mostra força e viço,
 agora me convoca à sua milícia.
Por que não te aquietas, minha pior parte?
 Já caí antes nestas tuas promessas. 70
Faltaste ao teu senhor, inerte me deixaste,
 tristes danos sofri envergonhado.
Nem desdenhou de ti minha menina quando
 te estimulou com a mão suavemente.
Mas de forma nenhuma podendo te erguer, 75
 fora de si, ao ver-te lá caído,
“Por que zombas de mim?” – disse – “quem te ordenou,
 demente, a vir-me ao leito a contragosto?
Ou com lã transpassada enfeitiçou-te a bruxa
 Ea, ou vens cansado de outro amor.” 80
De pronto salta, em solta túnica enrolada
 (caiu bem escapar com os pés desnudos),
e, pra que as servas não soubessem que ia intacta,
 o vexame encobriu tomando um banho.

III, 8

Há ‘inda hoje quem respeite honestas artes,
 ou vê os tenros cantos como dote?
 O engenho outrora mais do que ouro valia;
 hoje, grande barbárie é nada ter.
 Embora tenham os livros à senhora agradado, 5
 onde eles ir puderam eu não pude.
 Embora me elogie, a porta a mim se fecha.
 Indignamente vago com o engenho.
 Eis novo rico, o posto a golpes alcançado,
 o por sangue nutrido a mim preferem. 10
 Podes isso abraçar, vida, com tenros braços?
 Podes, vida, em seu peito te deitares?
 Se não sabes, portava esta cabeça um elmo,
 cingia a espada o corpo que a serve;
 a mão cruel, que agora traz ouro, levou 15
 escudo; toca a destra – foi sangrenta!
 Podes a destra por que alguém morreu provar?
 Ai, onde está tua sensibilidade?
 Atenta às cicatrizes: vestígios de lutas –
 o que possui ganhou pelo seu corpo. 20
 Talvez indique quantos homens degolou!
 Podes tocar, avara, mãos confessas?
 Quanto a mim, puro servo de Febo e das Musas,
 à dura porta canto inúteis cantos.
 Não aprendais, ó sábios, o que sabe o inerte, 25
 mas a seguir a espada e os férreos campos,
 e no lugar do verso conservai o golpe!
 Podes ter isso, Homero, se o quiseres!
 Júpiter soube: nada é mais forte que o ouro.
 Ele próprio foi o preço de uma virgem. 30
 Faltava soldo: o pai era duro, severa
 a filha e férreas torres e umbrais.

Depois que o adúltero verteu-se em prêmio, a moça
 o recebeu e, ordenada a dar-se, deu-se.

Quando o velho Saturno reinava no céu, 35
 Terra apertava em sombras toda posse;
 bronze, prata e com ouro ferro aos montes eram
 dos Manes e metal não se ajuntava.

Coisas melhores dava: ceifa sem charrua,
 frutas e mel colhido nos carvalhos. 40

Ninguém fendia a terra com robusto arado,
 nem solo se marcava com limites;
 não varriam as ondas deitando-lhes remos
 e a praia era aos mortais a rota última.

Contra ti, natureza humana, foste hábil, 45
 muito engenhosa em prejuízo próprio.

De que vale cingir cidades com muralhas
 e mãos contrárias ajuntar às armas?

Que tens com os mares? Antes te bastasse a terra!
 Por que do céu não fazes outro reino? 50

[Conquanto possas, busca ‘inda o céu; templos Líber,
 Quirino e Alcides têm, e há pouco César.]⁴⁰

Cavamos terras não por grãos mas ouro sólido;
 pelo sangue o soldado tem suas posses.

A cúria é vedada aos pobres; bens dão honras: 55
 deles vêm o soldado e o juiz.

Que tenham tudo! Sirvam-lhes o campo márcio⁴¹
 e o fórum, façam paz e cruéis guerras,
 porém não arrematem os nossos amores;
 deixem, ao menos, ter o pobre algo. 60

Pode ela parear-se às funestas Sabinas,
 rege-a, como cativa, quem dar pode.

Guarda me expulsa, ela por mim teme o marido:

⁴⁰ Dístico de procedência duvidosa.

⁴¹ Em latim, lê-se apenas *campus*, porém podemos deduzir que se trata dos campos de guerra pela oposição que se segue no segundo verso: campo – fórum; guerras – paz.

se eu pago, ambos cedem toda a casa.
Ai, se algum deus vingar o amante rejeitado, 65
torne as posses de torpe origem pó.

III, 9

Se choraram as mães de Mêmnon e de Aquiles,
 se tristes fados tocam grandes deusas,
 flébil Elegia, arranca os cabelos indignos!
 Ai, como é verdadeiro esse teu nome.⁴²

Ele, tua fama, vate operoso, Tibulo 5
 arde à pira elevada: um corpo inerte.

Eis o filho de Vênus de aljava invertida,
 o arco quebrado e tocha sem luz leva.

Olha como vai triste, com asas caídas,
 e como a mão nefasta aflige o peito. 10

Acolhem esparsas mechas no pescoço lágrimas,
 e ecoa a voz cortada por engasgos.⁴³

Assim, ao funeral do irmão Eneias, dizem,
 saiu da tua casa, ó belo Iulo.

Não menos sofreu Vênus com Tibulo morto 15
 do que com um porco abrindo o seu amado.

“Sacros” nos chamam, vates, e esmero dos deuses,
 e há quem pense que temos divindade.

Certo é que a morte ultraja tudo que é sagrado,
 sobre tudo ela lança as mãos sombrias. 20

De que valeram pai e mãe a Orfeu ismário?
 De que valeu com canto acalmar feras?

O mesmo pai em bosques profundos “ai, Lino!”
 cantava, dizem, com forçada lira.

Soma o Meônida, que, como fonte infinda, 25
 banha os vates com águas da Piéria.

Também este afundou na escuridão do Averno,
 somente o canto escapa à pira ávida.

Dura – obra dos vates – a fama de Tróia

⁴² Alusão à suposta derivação (hoje desacreditada) da palavra *elegia* do verbo grego *legein*, lamentar.

⁴³ A recorrência de consoantes oclusivas no verso acompanha o som dos engasgos.

e o tecido no escuro desmanchado.⁴⁴ 30

Assim Délia, assim Nêmesis terão renome;
o amor primeiro e a paixão recente.⁴⁵

De que vos valem ritos? Como ajudam sistros
egípcios, e deitar-se ao leito vago?

Quando furtam os fados aos bons (perdoai-me), 35
sou levado a pensar que não há deuses.

Se vives pio, morres pio; adotas ritos:
do templo à cova a morte leva o fiel.

Nos bons cantos confia; eis que jaz Tibulo,
mal resta dele o que uma urna acolha. 40

Sacro vate, pilharam-te chamus funéreas?
Não temeram em teu peito apascentar-se?

Poderiam até queimar dos santos deuses
os áureos templos tão profanas chamus.

Esconde o rosto⁴⁶ a dona dos cimos do Érice, 45
alguns dizem que não continha as lágrimas.

Porém, isso é melhor do que em solo feácio
ser enterrado na vil terra anônimo.

Aqui fechou os olhos do que se esvaía
a mãe, e às cinzas levou a oferta última. 50

Aqui a irmã tomou da dor materna parte,
de lacerada coma sem enfeites.

Aos dela,⁴⁷ Nêmesis e a anterior juntaram
seus beijos, não deixando a pira erma.

Délia, chegando, disse: “fui melhor amada 55
por ti; viveste enquanto fui teu fogo.”

Ao que Nêmesis: “De que vale a ti minha dor?
Ele, ao morrer, me tinha pela mão.”

⁴⁴ Referência ao engodo de Penélope. Trad. Carlos Ascenso André: “e a longa teia tecida em noturno ardil”.

⁴⁵ Porque a ordem dos nomes do verso anterior foi mudada na tradução (“*Sic Nemesis longum, sic Delia nomen habebunt*”, v. 31), o mesmo procedimento foi adotado aqui, com vistas a conservar o paralelismo.

⁴⁶ Embora “*averto*” signifique “desviar”, penso que “esconder” reproduza melhor o gesto da deusa.

⁴⁷ No original, “*tuis*”. Porém do contexto se depreende que são os beijos da irmã. Enquanto Carlos Ascenso André conserva o conflito semântico, Lucy Ana de Bem transforma “*soror*” do verso anterior em vocativo, de modo a dar sentido ao “*tuis*”.

Mas se de nós alguma coisa, além do nome,
resta, Tibulo irá para os Elísios. 60

Lá virás ter com ele, com heras nas têmeoras,
douto Catulo, junto com teu Calvo.

Também tu, se for falsa a traição do amigo,
ó Galo, da tua alma e sangue pródigo.

A estes se unirá tua sombra (se é que existe); 65
cresce a cifra dos pios, culto vate.

Ossos, eu peço, repousai na amena urna,
que a terra seja leve às tuas cinzas.

III, 10

Chegou a época dos festivais de Ceres,
 deita-se só no leito vago a jovem.
 Loura Ceres, de espigas nos tênues cabelos,
 por que durante os ritos negas gozo?
 Chamam-te, deusa, em toda parte generosa; 5
 que deus inveja menos os humanos?
 Antes, o tosco agreste não torrava o trigo,
 nem era conhecido o nome “campo”.
 Produzia o carvalho frutos – prisco oráculo –;
 isto e leiva serviam de alimento. 10
 Foi Ceres que ensinou fazer brotarem campos,
 e com foice ceifou corados grãos.
 A primeira a fazer os bois levarem jugos
 e a velha terra abriu com curva relha.
 Quem crê que ela se alegre com amantes em lágrimas, 15
 que recato e tormento são bom culto?
 Porém não é, embora ame campos férteis,
 rústica; peito sem amor não tem.
 Atestam-no os cretenses (nem sempre eles mentem),
 terra soberba, pois susteve Júpiter. 20
 Lá, o que rege o cimo estrelado do mundo
 bebeu, menino, leite com a boquinha.
 Fiel é o testemunho; atesta-o a criança:
 Ceres confessará meus crimes, creio.
 Vira a deusa Jasão, sob o Ida de Creta, 25
 com mão segura subjugando feras.⁴⁸
 Viu e, ao arder o doce coração, brotaram
 pudor de um lado e, na outra banda, amor.
 Amor venceu o pudor. Terias visto sulcos
 secarem e a lavra produzir o mínimo. 30

⁴⁸ Com o verbo “subjugar”, procurei unir duas palavras no verso: *fingentem* (instruir, domar, amimar) e *terga* (dorso), esta última caracterizada pelo adjetivo *ferina* (de feras).

Tendo inquietas enxadas revolvido os campos,
 curvo arado fendido a dura terra,
 e ajuntados os grãos pelas amplas searas,
 foi negado o desejo do cultor.

A deusa da colheita em bosques repousava; 35
 longe das comas o festão de espigas.

Somente Creta foi naquele ano fértil;
 por onde ia a deusa havia ceifa,

Ida, o local dos bosques, de grãos alvejava,
 e o feroz javali colhia o trigo. 40

Desejou a si Minos anos semelhantes,
 desejou que durasse o amor de Ceres,
 o que a triste abstinência te traria, loura
 deusa, eu sofro durante os ritos teus.

Por que me entristecer quando tua filha achaste 45
 reinando – sina só menor que Juno?

Dias festivos chamam Vênus, canto e vinho;
 tais ofertas convém levar aos deuses.

III, 11a

O quanto suportei, porém venceu-me o vício.

Deixa o exausto peito, torpe amor!

Decerto libertei-me e fugi às algemas,

do que não me pejava me envergonho.

Venci e com os pés calquei um amor domado, 5

tardios chifres chegam à minha cabeça.

Persiste e aguenta! A dor será um dia útil;

amiúde anima ao fraco a amarga essência.

Por isso consenti, escorraçado à porta,

o corpo fiel pousar na terra dura? 10

Foi por um não sei quem, que ora estreitas nos braços,

que fiz guarda ante à porta como um servo?

Vi o amante cansado sair pela porta

arrastando o exausto e fraco corpo,

porém, pior que isso é ser por ele visto – 15

sobre inimigos caia tal vexame!

Quando a ti eu deixei de estar grudado e firme,

teu guarda, teu marido e companheiro?

Por mim acompanhada é que ao vulgo agradavas;

muitos amores nosso amor causou. 20

Por que relembrarei tuas mentiras infames

e as falsas juras, ai!, que me lesaram?

E os acenos discretos de jovens em festas,

e palavras por códigos veladas?

Disse-me passar mal: corri em seu socorro; 25

cheguei: ao meu rival passava bem.

Por estas coisas, e outras que calo, passei.

Procura em meu lugar quem isso aceite.

Ornada com coroa votiva, minha barca

ouve impassível as tumescentes águas. 30

Larga as palavras e carícias, tão potentes

outrora; não sou burro como antes.

III, 11b⁴⁹

Lutando, ao peito fácil impelem opostos

Ódio cá, lá Amor, mas vence Amor.

Odiarei, podendo; ou amarei forçado. (35)

Ao jugo o boi não ama: o leva e odeia.

Fujo à lascívia – atrasa a fuga a formosura; 5

recuso o mau caráter – amo o corpo.

Nem contigo ou ausente de ti posso ser,

e tenho incerto aquilo a que me entrego. (40)

Quisera fosses menos bela, ou menos ímproba;

não fossem pares formas tais com os hábitos. 10

Atos dignos de ódio; a tez que inspira amor.

Pobre de mim, mais valem nela os vícios!

Poupa-me, pelas juras conjugais, por todos (45)

os deuses que se dão aos teus enganar,

por tua face, a mim símile dos grandes numes, 15

e por teus olhos, que arrebatam os meus!

Seja o que for, serás de meu, conforme o queiras:

eu também o querendo, ou coagido. (50)

Melhor será ao vento dar velas, que, não

o querendo, querer forçado amar-te. 20

⁴⁹ Cf. nota à elegia II, 9b

III, 12

Que dia foi, no qual cantastes ao que sempre
 ama, escuras aves, maus agouros?
 Qual estrela suponho cruzar nosso fado?
 Qual deus acuso de fazer-me guerra?
 A que há pouco diziam por mim só amada, 5
 com muitos temo ter de partilhar.
 Engano-me, ou meus livros que lhe deram fama?
 Será? Prostituiu-a o meu engenho.
 Pois bem feito! Por que fiz pregão de suas formas?
 Por minha culpa a moça está à venda. 10
 Sou eu seu rufião; sou eu que guio o amante;
 a porta é pelas minhas mãos aberta.
 Versos são úteis? Não sei: sempre me lesaram;
 atraíram inveja ao bem que eu tinha.
 Havendo Tebas, Troia, ou os feitos de César; 15
 Corina apenas comoveu meu estro.
 Ai, se eu tivesse ao versejar, Musas adversas!
 E Febo a obra em curso abandonasse!
 No entanto, não é hábito crer em poetas;
 melhor seria não pesar-me a fala. 20
 Por nós, Cila furtou ao pai as caras mechas
 e ao púbis e à virilha traz cães rábidos;
 demos penas aos pés; aos cabelos serpentes;
 sobre alado corcel vence o Abantíada.
 Também nós estendemos Tício em largo abismo, 25
 E ao cão vipéreo demos três cabeças;
 Fizemos dardejar com mil braços Encélado,
 E homens presos à voz de ambíguas virgens
 Cerramos Euro Eólico em odre do Itácio;
 Tem sede em meio ao rio o loquaz Tântalo. 30
 Níobe, em rocha; em ursa uma ninfa tornamos.
 Cecrópia ave entoa o odrísio Ítis.

Júpiter se transforma ora em ave, ora em ouro,
ora, touro, com virgem cruza o mar.

Como lembrar Proteu e as sementes de Tebas, 35

dentes; e os bois que vomitavam chamas;
e chorarem, Auriga, tuas irmãs âmbar;
e as naus de outrora serem hoje deusas;

o banquete funesto de Atreu apartando
o dia; a rocha movida pela lira? 40

Corre infinda a fecunda licença dos vates,
sem impor às palavras fé histórica.

Devíeis ter por falso o louvor da amada,
vossa credulidade me é nociva!

III, 13

Pois minha esposa vem dos faliscos frutíferos,
 Camilo, aos muros que venceste vamos.
 De Juno as servas preparavam as castas festas,
 com o gado local e ilustres jogos.
 Testemunhar os ritos vale a estada, embora 5
 de árduas encostas seja o acesso à vila.
 Há um velho e escuro bosque com árvores densas,
 observa e aprovarás: lá mora um nume.
 Recebe as preces e os incensos dos devotos
 um altar sem arte erguido por antigos. 10
 Pra lá, ao ressoar a flauta um canto sacro,
 segue o cortejo por cingidas⁵⁰ vias.
 Níveas novilhas são levadas sob aplausos,
 as quais nutriu a relva de Falérios,⁵¹
 e minazes vitelos de fronte pacíficas;⁵² 15
 do chiqueiro, uma vítima menor,
 e o chefe do rebanho, de chifres recurvos.
 Só a cabra é odiável à deusa magna,⁵³
 por culpa dela, a diva foi exposta em densa
 selva, dizem, a fuga abandonando. 20
 Hoje ainda, meninos caçam a delatora,
 ela mesma é o prêmio do agressor.⁵⁴
 Por onde a deusa passa, jovens e meninas
 tímidas cobrem as vias com mantilhas;
 ouro e diamantes prendem-se às comas das virgens, 25
 um altivo manto toca os pés dourados.

⁵⁰ “*Velatas*” significa tanto veladas quanto enfeitadas (SARAIVA, 2006, p. 1208). Carlos Ascenso André traduz “veredas sombrias”, enquanto Lucy Ana de Bem segue a segunda interpretação, como aqui fiz.

⁵¹ Terra dos faliscos (GREEN, 2011, p. 473).

⁵² O verso contrasta a ameaça a que os novinhos aspiram com sua falta de chifres, marcada pelas fronte ainda não temíveis (“*nondum metuenda fronte*”).

⁵³ O adjetivo está relacionado ao poder de dominação do soberano, por isso a opção por ele na tradução de “*dominae*”.

⁵⁴ Provável referência a um dos “jogos ilustres” (v. 4) que faziam parte das festas.

Em alvas vestes, como o costume dos gregos,
objetos sacros na cabeça levam.

Cala-se o povo ao vir o cortejo dourado,
após as servas vem a própria deusa.

30

De ar argivo é o séquito: morto Agamêmnon,
fugiu Helaso ao crime e aos bens da pátria.

Errando, após a fuga, por terras e mares,
grandes muros ergueu com hábeis mãos.

Ele os ritos de Juno ensinou aos faliscos.

35

Sejam ao seu povo e a mim propícios sempre.

III, 14

Que me traias, já que és formosa, não rejeito,
 mas que eu saiba, ai de mim, não é preciso;
 nem manda a minha censura que em recato andes,
 no entanto, roga que o dissimules.

Não trai quem quer que possa negar que traiu 5
 só culpa confessada faz renome.

Que insânia é lançar luz no que se oculta à noite,
 e o que em segredo fazes tornar público!

A meretriz, ao dar seu corpo a um anônimo,
 baixada a tranca, aparta-se do povo, 10
 e tu porás na esquina teus crimes infames
 em conjunto trazendo os seus⁵⁵ indícios?

Tem bom senso: que eu pense que imitas as castas
 e que és íntegra, embora não o sejas.

Foi feito o que fizeste, mas nega que o fazes, 15
 nem te cores falando com decência.

Um lugar há que excita malícias; satura-o
 de delícias, e longe vá o pudor.

Ao saíres de lá, que a lascívia de pronto
 se esvaia, e os crimes deixa no teu leito. 20

Lá não seja vergonha a túnica depor,
 nem coxas sustentar com outras coxas.

Lá acolham os lábios vermelhos a língua,
 de mil modos conceba o amor prazeres.

Lá vozes e palavras afáveis não faltem, 25
 trema a cama ao balanço da lascívia.

Cobre o rosto que teme os crimes com a túnica
 e renegue o pudor impuros atos.

Enrole a mim e ao povo, deixa-me andar néscio,
 que eu goze de credulidade estúpida. 30

⁵⁵ Preferi “seus” a “teus” para enfatizar que os indícios são dos crimes.

Por que tantas tabuinhas vejo indo e vindo?
Por que a cama está tão revirada?
Por que mais que por sono os cachos embolados,
marcas de dentes no pescoço observo?
Só não conduza o crime diante destes olhos, 35
se não poupas tua fama, poupa a mim.
Perco a cabeça e morro quando tu confessas,
e pelo corpo flui suor gelado.
Ora amo, ora odeio em vão (pois devo amar),
ora quero morrer – porém contigo. 40
De fato, nada inquirirei e o que ocultares
não buscarei – será o engano dádiva.
Mas se vieres a ser pega em meio ao ato,
e ser virem meus olhos as desonras,
o que vi muito bem, ter sido visto nega: 45
cederão às palavras os meus olhos.
Fácil troféu: vencer o que quer ser vencido;
só lembre a língua de dizer “não fiz”,
já que cumpre ganhar com essas duas palavras.
Se pela causa não, pelo juiz. 50

III, 15

Busca, mãe dos Amores ternos, novo vate,
eis o marco final das elegias,
as quais eu, filho dos Pelignos, escrevi
(minhas delícias não me denegriram),
e, se isto conta, equestre desde o bisavô, 5
não feito há pouco no tropel de guerras.
Mântua estima Virgílio, Verona a Catulo.
Dirão que sou a glória dos pelignos,
a quem levou a liberdade às justas armas,
quando Roma temeu as mãos amigas. 10
Que algum turista, ao ver os muros desta aquosa
Sulmona, que tão poucos campos tem,
diga: “a ti, que geraste tamanho poeta,
por pequena que sejas, chamo grande!”
Belo menino e a amatússia genitora, 15
dos meus campos levai as áureas flâmulas;
com tirso mais pesado abala-me o Lieu,
pista maior reclamam meus cavalos.
Imbeles elegias, Musa alegre, adeus,
obra e vestígio meu após a morte. 20

4 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, C. Leonardo B. “Abordagens de tradução poética para Safo Fr. 31”. *Revista Letras*, n. 89, Jan/Jun 2014. Curitiba: Editora UFPR, 2014, p. 223-236.

BARSBY, John [1973]. *Ovid – Amores I*. London: Bristol Classical Press, 2005.

BARTHES, Roland. *Fragmentos de um discurso amoroso*. Trad.: Márcia Valéria Martinez de Aguiar. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BEM, Lucy Ana de. *O amor e a guerra no livro I d’Os Amores de Ovídio*. Dissertação de Mestrado em Linguística – IEL, Unicamp, Campinas, 2007.

_____. *Metapoesia e confluência genérica nos Amores de Ovídio*. Tese de Doutorado em Linguística – IEL, Unicamp, Campinas, 2011.

_____. “Amores I 5, II 1, II 18 e III 1 e algumas refrações da “metapoesia ovidiana”. *Letras Clássicas*, n. 10, São Paulo: FFLCH / USP, 2006, p. 119-138.

BENJAMIN, Walter [1973]. *O conceito de crítica de arte no romantismo alemão*. Trad., prefácio e notas SELIGMANN-SILVA, Márcio. São Paulo: Iluminuras, 2011a.

_____. [1921]. “A tarefa do tradutor” *In: Escritos sobre mito e linguagem (1915-1921)*. Org. Jeanne Marie Gagnebin; Trad. Susana Kampff Lages. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2011b, p. 101-119.

BERMAN, Antoine. *A prova do estrangeiro*. Trad. Maria Emília Pereira Chanut. Bauru: Edusc, 2002.

_____. *A tradução e a letra ou o albergue do longínquo*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2007.

BOYD, B. W. *Ovid’s literary loves. Influence and innovation in the Amores*. Ann Arbor: The University of Michigan Press, 1997.

BRITTO, Paulo Henriques. *A tradução literária*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

CAMPOS, Haroldo de. “Para transcriar a ‘Ilíada’.” *Revista USP*, São Paulo, v. 12, 1991, p. 143-161.

CAMPOS, Haroldo de. *Transcrição*. Org. TÁPIA, Marcelo; NÓBREGA, Thelma M.; São Paulo: Perspectiva, 2013.

CARVALHO, Raimundo. “Tradução de poesia latina clássica: uma tradição sempre renovada”. *Revista Letras*, n. 89, Jan/Jun 2014. Curitiba: Editora UFPR, 2014, p. 105-116.

CONTE, Gian B. “Love without elegy: The *Remedia Amoris* and the Logic of a Genre. In: *Poetics Today*, vol. 10, n. 3, 1989, p. 441-469.

_____. Latin literature: a history. Baltimore: The John Hopkins University Press, 1994.

DAVIS, John T. *Fictus Adulter: Poet as actor in the Amores*. Amsterdam: J. C. Gieben, 1989.

FALCÓN, Rafael S. Guimarães. “O dístico elegíaco latino em português: uma proposta de tradução. In: *Cadernos de Literatura em Tradução*, n. 10, 2009, p. 71-79.

FANTHAM, Elaine. “Un-Augustan activities”. In: *Roman literary culture: from Cicero to Apuleius*. London: The John Hopkins University Press, 1999, p. 102-125.

FEDELI, Paolo. “As interseções dos gêneros e dos modelos”. In: CAVALLO, G.; FEDELI, P.; GIARDINA, A. (orgs.) (1989). *O espaço literário da Roma antiga*. Trad. Daniel P. Carrara; Fernanda M. Moura. Belo Horizonte: Tessitura, 2010, p. 393-416.

_____. “A poesia de amor”. In: CAVALLO, G.; FEDELI, P.; GIARDINA, A. (orgs.) (1989). *O espaço literário da Roma antiga*. Trad. Daniel P. Carrara; Fernanda M. Moura. Belo Horizonte: Tessitura, 2010, p. 151-186.

FLORES, Guilherme G.; GONÇALVES, Rodrigo T. “Polimetria latina em português”. *Revista Letras*, n. 89, Jan/Jun 2014. Curitiba: Editora UFPR, 2014, p. 147-172.

FULKERSON, Laurel. “*Seruitium amoris*: the interplay of dominance, gender and poetry”. In: THORSEN, T. (edit.) *The Cambridge Companion to Latin love elegy*. Cambridge: Cambridge University Press, 2013, s/n. [versão eletrônica]

GAFFIOT, Félix [1934]. *Dictionnaire Illustré Latin-Français*. Paris: Hachette, 1985

HARRISON, Stephen. “Time, place and political background”. In: THORSEN, T. (edit.) *The Cambridge Companion to Latin love elegy*. Cambridge: Cambridge University Press, 2013, s/n. [versão eletrônica]

GIBSON, Roy. “Love Elegy”. In: *The Blackwell’s Companion to Latin literature*. Ed. Stephen J. Harrison, Blackwell, 2005, s/n. [versão eletrônica]

GRIMAL, Pierre [1965]. “A literatura augustana”. *O século de Augusto*. Coimbra: Edições 70, 2008, p.65-95.

HUMBOLDT, Wilhelm von. “Einleitung zu Agamemnon / Introdução a Agamêmnon”. In: *Clássicos da teoria da tradução*. Org. HEIDERMAN, Werner. Trad. LAGES, Susana K. Florianópolis: UFSC / Núcleo de Pesquisas em Literatura e Tradução, 2010, p. 104-117.

HUNTER, Richard. "Greek elegy". In: THORSEN, T. (edit.) *The Cambridge Companion to Latin love elegy*. Cambridge: Cambridge University Press, 2013, s/n. [versão eletrônica]

JAKOBSON, Roman. "Aspectos lingüísticos da tradução" In: *Lingüística e Comunicação*. Trad. Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo, Cultrix, 1977.

JOUTEUR, Isabelle. "Hybrides ovidiens au service de l'imagination créatrice". In: CASANOVA-ROBIN, Hélène (org.). *Ovide: Figures de l'hybride*. Paris: Honoré Champion, 2009, p.43-58.

KENNEDY, Duncan F. *The arts of Love: five studies in the discourse of Roman love elegy*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

LAGES, Susana Kampff. *Wanter Benjamin: tradução e Melancolia*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2007.

MESCHONNIC, Henri. *Poética do traduzir*. Trad. Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Perspectiva, 2010.

MILLER, Paul A. *Subjecting verses: latin love elegy and the emergence of the real*. Princeton and Oxford: Princeton University Press, 2002.

MORA, Carlos de Miguel. "Ovidio, el poeta sincero (*Amores*, 1.1-5). In: *Ágora – estudos clássicos em debate*. vol. 8, Aveiro: Universidade de Aveiro, 2006, p. 59-78.

NIETZSCHE, Friedrich. "Zum Problem des Übersetzens / Sobre o problema da Tradução". In: *Clássicos da teoria da tradução*. Org. HEIDERMAN, Werner. Trad. ZENKER, Richard. Florianópolis: UFSC / Núcleo de Pesquisas em Literatura e Tradução, 2010, p. 194-199.

NOGUEIRA, Érico. *Verdade, contenda e poesia nos Idílios de Teócrito*. São Paulo: Humanitas, 2012.

OLIVA NETO, João Angelo. "O hexâmetro datílico de Carlos Alberto Nunes: teoria e repercussões". *Revista Letras*, n. 89, Jan/Jun 2014. Curitiba: Editora UFPR, 2014, p. 187-204.

OLIVA NETO, João Angelo. "Introdução". In: CATULO. *O livro de Catulo*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996.

OVÍDIO. *Amores & Arte de amar*. Tradução: Carlos Ascenso André; Prefácio e apêndices: Peter Green. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2011.

_____. *The art of love and other poems*. Ed. by Jeffrey Henderson; Trans. by: J. H. Mozley. Cambridge: Harvard University Press, 2004.

_____. *Heroides, Amores*. Trans. by: Grant Showerman. Cambridge: Harvard University Press, 1977.

_____. *Les Amours*. Trad. par: Henri Bornecque. Introduction et notes par: Jean-Pierre Néraudau. Paris: Les Belles Lettres, 2005.

PAVLOCK, Barbara. “Narcissus and Elegy”. In: *The image of the poet in Ovid’s Metamorphoses*. Madison: University of Wisconsin Press, 2009, p. 14-37.

PIAZZI, Lisa. “Latin love elegy and other genres”. In: THORSEN, T. (edit.) *The Cambridge Companion to Latin love elegy*. Cambridge: Cambridge University Press, 2013, s/n. [versão eletrônica]

PLATNAUER, Maurice [1951]. *Latin elegiac verse: a study of the metrical usages of Tibullus, Propertius and Ovid*. Cambridge: The University Press, 2013.

PROPÉRCIO. *Elegias de Sexto Propércio*. Org., trad., introd. FLORES, Guilherme G. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

REZENDE, Antônio Martinez. *Rompendo o silêncio: a construção do discurso oratório em Quintiliano*. Belo Horizonte: Crisálida, 2010.

SARAIVA, F. R. dos Santos [1927]. *Novíssimo dicionário latino português*. Belo Horizonte: Livraria Garnier, 2006.

SERIGNOLLI, Lya Valeria Grizzo. *Imagines Amoris*. Trabalho de conclusão de curso – São Paulo: Universidade de São Paulo, 2010.

SHARROCK, Alison. “Ovid and the discourses of love: the amatory works”. In: HARDIE, Philip (ed.). *The Cambridge Companion to Ovid*. Cambridge: Harvard University Press, 2002, p.150-162.

_____. “The poeta-amator, nequitia and recusatio”. In: THORSEN, T. (edit.) *The Cambridge Companion to Latin love elegy*. Cambridge: Cambridge University Press, 2013, s/n. [versão eletrônica]

STEINER, George. *Depois de Babel: questões de linguagem e tradução*. Trad. Carlos Alberto Franco. Curitiba: Editora da UFPR, 2005.

TÁPIA, Marcelo. “Questões de equivalência métrica em tradução de poesia antiga”. *Revista Letras*. Nº 89, Jan/Jun 2014. Curitiba: Editora UFPR, 2014, p. 205-221.

TARRANT, Richard. “Ovid and ancient literary history”. In: HARDIE, Philip (ed.). *The Cambridge Companion to Ovid*. Cambridge: Harvard University Press, 2002, 13-33.

THAMOS, Márcio. “Propércio, I 1; I 2; I 7; I 12: algumas elegias do livro de Cíntia”. *Letras Clássicas*, n. 10, 2006, p. 215-224.

_____. “Do hexâmetro ao decassílabo – equivalência estilística baseada na materialidade da expressão”. In: *Scientia Traductionis*, n. 10, 2011, p. 201-213.

THORSEN, Thea S. “Ovid the love elegist”. In: THORSEN, T. (edit.) *The Cambridge Companion to Latin love elegy*. Cambridge: Cambridge University Press, 2013, s/n. [versão eletrônica]

TREVIZAM, Matheus. “*Milita Amoris* em *Am.* I 9 e na *Ars Amatoria* II 233-248 ovidiana”. *Letras Clássicas*, n. 10, São Paulo: FFLCH / USP, 2006, p. 139-156.

VALÉRY, Paul. “Variações sobre as bucólicas”. Trad. Raimundo Carvalho. *Suplemento Literário* n. 47, Belo Horizonte, 1999, p. 17-24.

VASCONCELLOS, Paulo Sérgio de. “Horácio, *Odes* I, 33 e a recepção da poesia amorosa”. In: *Clássica*. vol. 21, São Paulo: Universidade de São Paulo, 2008, p. 112-125.

_____. “A tradução poética e os Estudos Clássicos no Brasil de hoje: algumas considerações”. *Scientia Traductionis*, n. 10, 2011a, p. 68-79.

_____. “Esquecer Veyne?”. *Nuntius antiquus*. vol. 7, n° 1, jan-jun. Belo Horizonte: Universidade de Minas Gerais, 2011b, p. 105-118.

VEYNE, Paul. *L'élégie érotique romaine*. Paris: Le Seuil, 1983.

VIRGÍLIO. *Bucólicas*. Trad. e coment. CARVALHO, Raimundo. Belo Horizonte: Crisálida, 2005.

_____. *Eneida*. Trad. Carlos Alberto Nunes; Org. João Angelo Oliva Neto. São Paulo: Editora 34, 2014.

5 ANEXOS

5.1 ANEXO A – *AMORES*

LIBER PRIMVS

*Qui modo Nasonis fueramus quinque libelli,
Tres sumus; hoc illi praetulit auctor opus;
Vt iam nulla tibi nos sit legisse uoluptas,
At leuior demptis poena duobus erit.*

I, 1

Arma graui numero uiolentaque bella parabam

Edere, materia conueniente modis.

Par erat inferior uersus; rississe Cupido

Dicitur atque unum surripuisse pedem.

“Quis tibi, saeue puer, dedit hoc in carmina iuris?” 5

Pieridum uates, non tua turba sumus.

Quid, si praerepiat flauae Venus arma Mineruae,

Ventilet accensas flaua Minerua faces?

Quis probet in siluis Cererem regnare iugosis,

Lege pharetratae uirginis arua coli? 10

Crinibus insignem quis acuta cuspide Phoebum

Instruat, Aoniam Marte mouente lyram?

Sunt tibi magna, puer, nimiumque potentia regna;

Cur opus adfectas, ambitiose, nouum?

An, quod ubique, tuum est? tua sunt Heliconia tempe?” 15

Vix etiam Phoebo iam lyra tuta sua est?

Cum bene surrexit uersu noua pagina primo,

Attenuat neruos proximus ille meos.

Nec mihi materia est numeris leuioribus apta,

Aut puer aut longas compta puella comas.” 20

Questus eram, pharetra cum protinus ille soluta

Legit in exitium spicula facta meum

Lunauitque genu sinuosum fortiter arcum

“Quod”que “canas, uates, accipe, dixit, opus!”

Me miserum! certas habuit puer ille sagittas! 25

Vror, et in uacuo pectore regnat Amor.

Sex mihi surgat opus numeris, in quinque residat!

Ferrea cum uestris bella ualete modis!

Cingere litorea flauentia tempora myrto,

Musa, per undenos emodulanda pedes! 30

I, 2

Esse quid hoc dicam, quod tam mihi dura uidentur

Strata, neque in lecto pallia nostra sedent,

Et uacuius somno noctem, quam longa, peregi,

Lassaque uersati corporis ossa dolent?

Nam, puto, sentirem, siquo temptarer amore.

5

An subit et tecta callidus arte nocet?

Sic erit; haeserunt tenues in corde sagittae,

Et possessa ferus pectora uersat Amor.

Cedimus an subitum luctando accendimus ignem?

Cedamus; leue fit, quod bene fertur, onus.

10

Vidi ego iactatas mota face crescere flammam

Et rursus nullo concutiente mori;

Verbera plura ferunt, quam quos iuuat usus aratri,

Detractant pressi dum iuga prima boues;

Asper equus duris contunditur ora lupatis;

15

Frena minus sentit, quisquis ad arma facit.

Acrius inuitos multoque ferocius urget,

Quam qui seruitium ferre fatentur, Amor.

En ego confiteor: tua sum noua praeda, Cupido;

Porrigitur uictas ad tua iura manus.

20

Nil opus est bello; ueniam pacemque rogamus,

Nec tibi laus armis uictus inermis ero.

Necte comam myrto, maternas iunge columbas;

Qui deceat, currum uitricus ipse dabit,

Inque dato curru, populo clamante triumphum,

25

Stabis et adiunctas arte mouebis aues.

Ducentur capti iuuenes captaeque puellae.

Haec tibi magnificus pompa triumphus erit.

Ipse ego, praeda recens, factum modo uulnus habebo

<i>Et noua captiua uincula mente feram.</i>	30
<i>Mens Bona ducetur manibus post terga retortis.</i>	
<i>Et Pudor et castris quidquid Amoris obest.</i>	
<i>Omnia te metuent; ad te sua bracchia tendens</i>	
<i>Volgus "io" magna uoce "trumphe!" canet.</i>	
<i>Blanditiae comites tibi erunt Errorque Furrorque,</i>	35
<i>Adsidue partes turba secuta tuas.</i>	
<i>His tu militibus superas hominesque deosque;</i>	
<i>Haec tibi si demas commoda, nudus eris.</i>	
<i>Laeta triumphanti de summo mater Olympo</i>	
<i>Plaudet et adpositas sparget in ora rosas.</i>	40
<i>Tu pinnas gemma, gemma uariante capillos,</i>	
<i>Ibis in auratis aureus ipse rotis.</i>	
<i>Tunc quoque non paucos, si te bene nouimus, ures,</i>	
<i>Tunc quoque praeteriens uulnera multa dabis;</i>	
<i>Non possunt, licet ipse uelis, cessare sagittae;</i>	45
<i>Feruida uicino flamma uapore nocet.</i>	
<i>Talis erat domita Bacchus Gangetide terra;</i>	
<i>Tu grauis alitibus, tigribus ille fuit.</i>	
<i>Ergo cum possim sacri pars esse triumphi,</i>	
<i>Parce tuas in me perdere, uictor, opes.</i>	50
<i>Aspice cognati felicia Caesaris arma;</i>	
<i>Quid uincit, uictos protegit ille manu.</i>	

I, 3

<i>Iusta precor; quae me nuper praedata puella est</i>	
<i>Aut amet aut faciat cur ego semper amem.</i>	
<i>A, nimium uolui; tantum patiatu amari;</i>	
<i>Audierit nostras tot Cytherea preces.</i>	
<i>Accipe, per longos tibi qui deseruiat annos,</i>	5
<i>Accipe, qui pura norit amare fide.</i>	
<i>Si me non ueretum commendant magna parentum</i>	
<i>Nomina, si nostri sanguinis auctor eques</i>	

Nec meus innumeris renouator campus aratri
Temperat et sumptus parcus uterque parens, 10
At Phoebus comitesque nouem uitisque repertor
Hinc faciunt, at me qui tibi donat, Amor,
At nulli cessura fides, sine crimine mores
Nudaque simplicitas purpureusque pudor.
Non mihi mille placent, non sum desultor amoris; 15
Tu mihi, siqua fides, cura perennis eris;
Tecum, quos dederint annos mihi fila sororum,
Viuere contingat teque dolente mori.
Te mihi materiem felicem in carmina praebe;
Prouenient causa carmina digna sua. 20
Carmine nomen habent exterrita cornibus Io
Et quam fluminea lusit adulter aue
Quaeque super pontum simulato uecta iuueno
Virginea tenuit cornua uara manu.
Nos quoque per totum pariter cantabimur orbem, 25
Iunctaque semper erunt nomina nostra tuis.

I, 4

Vir tuus est epulas nobis aditurus easdem;
Vltima cena tuo sit, precor, illa uiro.
Ergo ego dilectam tantum conuiua puellam
Aspiciam? tangi quem iuuet, alter erit,
Alteriusque sinus apte subiecta fouebis? 5
Iniciet collo, cum uolet, ille manum?
Desine mirari, posito quod candida uino
Atracis ambiguos traxit in arma uiros.
Nec mihi silua domus, nec quo mea membra cohaerent;
Vix a te uideor posse tenere manus. 10
Quae tibi sint facienda tamen, cognosce nec Euris
Da mea nec tepidis uerba ferenda Notis.
Ante ueni, quam uir; nec quid, si ueneris ante,

Possit agi, uideo, sed tamen ante ueni.
Cum premet ille torum, uultu comes ipsa modesto 15
Ibis ut accumbas, clam mihi tange pedem;
Me specta nutusque meos uultumque loquacem,
Excipe furtiuas et refer ipsa notas.
Verba superciliis sine uoce loquentia dicam;
Verba leges digitis, uerba notata mero. 20
Cum tibi succurrit ueneris lasciuiam nostrae,
Purpureas tenero pollice tange genas;
Siquid erit, de me tacita quod mente queraris,
Pendeat extrema mollis ab aure manus;
Cum tibi, quae faciam, mea lux, dicamue, placebunt, 25
Versetur digitis anulus usque tuis.
Tange manu mensam, tangunt quo more precantes,
Optabis merito cum mala multa uiro.
Quod tibi miscuerit, sapias, bibat ipse, iubeto;
Tu puerum leuiter posce quod ipsa uoles; 30
Quae tu reddideris, ego primus pocula sumam,
Et, qua tu biberis, hac ego parte bibam.
Si tibi forte dabit quod praegustauerit ipse,
Reice libatos illius ore cibos,
Nec premat indignis sinu tua colla lacertis, 35
Mite nec in rigido pectore pone caput,
Nec sinus admittat digitos habilesue papillae.
Oscula praecipue nulla dedisse uelis.
Oscula si dederis, fiam manifestus amator
Et dicam "mea sunt!" iniciamque manum. 40
Haec tamen aspiciam, sed quae bene pallia celant,
Illa mihi caeci causa timoris erunt.
Nec femori committe femur nec crure cohaere,
nec tenerum duro cum pede iunge pedem.
Multa miser timeo, quia feci multa proterue, 45
Exemplique metu torqueor, ecce, mei.
Saepe mihi dominaeque meae properata uoluptas

Veste sub iniecta dulce peregit opus.
Hoc tu non facies; sed, ne fecisse puteris,
Conscia de tergo pallia deme tuo. 50
Vir bibat usque roga (precibus tamen oscula desint)
Dumque bibit, furtim, si potes, adde merum.
Si bene compositus somno uinoque iacebit,
Consilium nobis resque locusque dabunt.
Cum surges abitura domum, surgemus et omnes, 55
In medium turbae fac memor agmen eas;
Agmine me inuenies aut inuenieris in illo;
Quidquid ibi poteris tangere, tange mei.
Me miserum! monui, paucas quod prosit in horas;
Separor a domina nocte iubente mea. 60
Nocte uir includet; lacrimis ego maestus obortis,
Qua licet, ad saeuas prosequar usque fores.
Oscula iam sumet, iam non tantum oscula sumet;
Quod mihi das furtim, iure coacta dabis.
Verum inuita dato (potes hoc) similisque coactae; 65
Blanditiae taceant, sitque maligna uenus.
Si mea uota ualent, illum quoque ne iuuuet, opto,
Si minus, at certe te iuuuet inde nihil.
Sed quaecumque tamen noctem fortuna sequetur,
Cras mihi constanti uoce dedisse nega. 70

I, 5

Aestus erat mediamque dies exegerat horam;
Adposui medio membra leuanda toro.
Pars adaperita fuit, pars altera clausa fenestrae,
Quale fere siluae lumen habere solent,
Qualia sublucent fugiente crepuscula Phoebos, 5
Aut ubi nox abiit nec tamen orta dies;
Illa uerecundis lux est praebenda puellis,
Qua timidus latebras speret habere pudor.

Ecce Corinna uenit, tunica uelata recincta,
Candida diuidua colla tegente coma; 10
Qualiter in thalamos formonsa Semiramis isse
Dicitur et multis Lais amata uiris.
Deripui tunicam; nuc multum rara nocebat,
Pugnabat tunica sed tamen illa tegi;
Quae cum ita pugnaret tamquam quae uincere nollet, 15
Victa est non aegre prodicione sua.
Vt stetit ante oculos posito uelamine nostros,
In toto nusquam corpore menda fuit.
Quos umeros, quales uidi tetigique lacertos!
Forma papillarum quam fuit apta premi! 20
Quam castigado planus sub pectore uenter!
Quantum et quale latus! quam iuuenale femur
Singula quid referam? Nil non laudabile uidi
Et nudam pressi corpus ad usque meum.
Cetera quis nescit? Lassi requieuiamus ambo. 25
Proueniant medii sic mihi saepe dies!

I, 6

Ianitor, indignum, dura religate catena,
Difficilem moto cardine pande forem.
Quod precor, exiguum est; aditu fac ianua paruo
Oblicum capiat semiadaperta latus.
Longus amor tales corpus tenuauit in usus 5
Aptaque subducto corpore membra dedit;
Ille per excubias custodum leniter ire
Monstrat, inoffensos dirigit ille pedes.
At quondam noctem simulacraque uana timebam;
Mirabar, tenebris quisquis iturus erat. 10
Risit, ut audirem, tenera cum matre Cupido
Et leuiter “fies tu quoque fortis”, ait.
Nec mora, uenit amor; non umbras, nocte uolantis,

Non timeo strictas in mea fata manus;
Te nimium lentum timeo, tibi blanditior uni; 15
Tu, me quo possis perdere, fulmen habes.
Aspice (ut uideas, inmitia claustra relaxa!)
Vda sit ut lacrimis ianua facta meis.
Certe ego, cum posita stares ad uerbera ueste,
Ad dominam pro te uerba tremente tuli; 20
Ergo quae ualuit pro te quoque gratia quondam,
Heu facinus! pro me nunc ualet illa parum?
Redde uicem meritis; grato licet esse, quod optas.
Tempora noctis eunt; excute poste seram.
Excute; sic umquam longa releuere catena, 25
Nec tibi perpetuo serua bibatur aqua.
Ferreus orantem nequiquam, ianitor, audis,
Roboribus duris ianua fulta riget.
Vrbibus obsessis clausae munimina portae
Porsunt; in media pace quid arma times? 30
Quid facies hosti, qui sic excludis amantem?
Tempora noctis eunt; excute poste seram.
Non ego militibus uenio comitatus et armis;
Solus eram, si non saeuus adesset Amor;
Hunc ego, si cupiam, nusquam dimittere possum; 35
Ante uel a membris diuidar ipse meis.
Ergo Amor et modicum circa mea tempora uimen
Mecum est et madidis lapsa corona comis.
Arma quis haec timeat? quis non eat obuius illis?
Tempora noctis eunt; excute poste seram. 40
Lentus es, an somnus, qui te male praebet amanti,
Verba dat in uentos aure repulsa tua?
At, memini primo cum te celare uolebam,
Peruigil in mediae sidera noctis eras.
Forsitan et tecum tua nunc requiescit amica; 45
Heu melior quanto sors tua sorte mea;
Dummodo sic, in me durae transite catenae.

Tempora noctis eunt; excute poste seram.
Fallimur, an uerso sonuerunt cardine postes,
Raucaque concussae signa dedere fores? 50
Fallimur; impulsa est animoso ianua uento.
Ei mihi! quam longe spem tulit aura meam!
Si satis es raptae, Borea, memor Orithyiae,
Huc ades et surdas flamine tunde foris.
Vrbe silent tota, uitreoque madentia rore 55
Tempora noctis eunt; excute poste seram.
Aut ego iam ferroque ignique paratior ipse,
Quem face sustineo, tecta superba petam.
Nox et Amor uinumque nihil moderabile suadent;
Illa pudore uacat, Liber Amorque mtu. 60
Omnia consumpsi, nec te precibus minisque
Mouimus, o foribus durior ipse tuis.
Non te formonsae decuit seruare puellae
Limina; sollicito carcere dignus eras.
Iamque pruinosis molitur Lucifer axes 65
Inque suum miseros excitat ales opus.
At tu, non laetis detracta corona capillis,
Dura super tota limina nocte iace;
Tu dominae, cum te proiectam mane uidebit,
Temporis absumpti tum male testis eris. 70
Qualiscumque uale sentique abeuntis honorem
Lente nec admissio turpis amante, uale.
Vos quoque, crudeles rigido cum limine postes
Duraque conseruae ligna, ualete, fores.

I, 7

Adde manus in uincla meas (meruere catenas),
Dum furor omnis abit, siquis amicus ades.
Nam furor in dominam temeraria brachia mouit;

Flet mea uesana laesa puella manu.
Tunc ego uel caros potui uiolare parentes 5
Saeua uel in santos uerbera ferre deos.
Quid? non clipei dominus septemplicis Aiax
Strauit deprensos lata per arua greges,
Et, uindex in matre patris, malus ultor, Orestes
Ausus in arcanas poscere tela deas? 10
Ergo ego digestos potui laniare capillos?
Nec dominam motae dedecuerunt comae.
Sic formonsa fuit; talem Schoeneida dicam
Maenalias arcu sollicitasse feras;
Talis periuri promissaque uelaeque Thesei 15
Fleuit praecipites Cressa tulisse Notos;
Sic, nisi uittatis quod erat Cassandra capillis,
Procubuit templo, casta Minerua, tuo.
Quis mihi non "demens" quis non mihi "barbare" dixit?
Ipsa nihil; pauido est lingua retenta metu; 20
Sed taciti fecere tamen conuicia uultus,
Egit me lacrimis ore silente reum.
Ante meos umeris uellem cecidisse lacertos;
Vtiliter potui parte carere mei;
In mea uesanas habui dispendia uires 25
Et ualui poenam fortis in ipse meam.
Quid mihi uobiscum, caedis scelerumque ministrae?
Debita sacrilegae uincla subite manus.
An, si pulsassem minimum de plebe Quiritem,
Plecterer; in dominam ius mihi maius erit? 30
Pessima Tydides scelerum monimenta reliquit;
Ille deam primus perculit; alter ego.
Et minus ille nocens; mihi, quam profitebar amare
Laesa est, Tydides saeuus in hoste fuit.
I nunc, magnificos uictor molire triumphos; 35
Cinge comam lauro uotaque redde Ioui,
Quaeque tuos currus comitantum turba sequetur,

Clamet: "Io! forti uicta puella uiro est."
Ante eat, effuso tristis captiua capillo,
Si sinerent laese, candida toda, genae. 40
Aptius impressis fuerat liuere labellis,
Et collo blandi dentis habere notam.
Denique, si tumidi ritu torrentis agebar
Caecaque me praedam fecerat ira suam,
Nonne satir fuerat timidae inclamasse puellae 45
Nec nimium rigidas intonuisse minas
Aut tunicam summa deducere turpiter ora
Ad mediam? Mediae zona tulisset opem.
At nunc sustinui raptis a fronte capillis
Ferreus ingenuas ungue notare genas. 50
Adstitit illa amens albo et sine sanguine uultu,
Caeduntur Pariis qualia saxa iugis;
Exanimes artus et membra trementia uidi,
Vt cum populeas uentilat aura comas,
Vt leni Zephyro graecilis uibratur harundo, 55
Summae cum tepido stringitur unda Noto.
Suspensaeque diu lacrimae fluxere per ora,
Qualiter abiecta de niue manat aqua.
Tunc ego me primum coepi sentire nocentem;
Sanguis erat lacrimae, quas dabat illa, meus. 60
Ter tandem ante pedes uolui procumbere supplex;
Ter formidatas reppulit ilia manus.
At tu ne dubita (minuet uindicta dolorem)
Protinus in uoltus uinguibus ire meos,
Nec nostris oculis nec nostris parce capillis; 65
Quamlibet infirmas adiuuat ira manus;
Neue mei sceleris tam tristia signa supersint,
Pone recompositas in statione comas.

I, 8

*Est quaedam (quicumque uolet cognoscere lenam,
 Audiat), est quaedam nomine Dipsas anus.
 Ex re nomen habet; nigri non illa parentem
 Memnonis in roseis sobria uidit equis.
 Illa magas artes Aeaeaque carmina nouit 5
 Inque caput liquidas arte recuruat aquas;
 Scit bene quid gramen, quid torto concita rhombo
 Licia, quid ualeat uirus amantis equae.
 Cum uoluit, toto glomerantur nubila caelo;
 Cum uoluit, puro fulget in orbe dies. 10
 Sanguine, siqua fides, stellantia sidera uidi;
 Purpureus Lunae sanguine uoltus erat.
 Hanc ego nocturnas uersam uolitare per umbras
 Suspikor et pluma corpus anile tegi;
 Suspikor et fama est; oculis quoque pupula duplex 15
 Fulminat et gemino lumen ab orbe micat.
 Euocat antiquis proauos atausque sepulcris
 Et solidam longo carmine findit humum.
 Haec sibi proposuit thalamos temerare pudicos,
 Nec tamen eloquio lingua nocente caret. 20
 Fors me sermoni testem dedit; illa monebat
 Talia (me duplices occulere fores):
 "Scis here te, mea lux, iuueni placuisse beato?
 Haesit et in uoltu constitit usque tuo.
 Et cui non placeas? nulli tua forma secunda est; 25
 Me miseram! dignus corpore cultus abest.
 Tam felix esses quam formonsissima, uellem:
 Non ego, te facta diuite, pauper ero.
 Stella tibi oppositi nocuit contraria Martis;
 Mars abiit; signo nunc Venus apta tuo. 30
 Prosit ut adueniens, em aspice! diues amator
 Te cupiit: curae, quid tibi desit, habet.*

*Est etiam facies, quae se tibi conparet, illi;
 Si te non emptam uellet, emendus erat.”*

*Erubuit. “Decet alba quidem pudor ora, sed iste, 35
 Si simules, prodest; uerus obesse solet.*

*Cum bene deiectis gremium spectabis ocellis,
 Quantum quisque ferat, respiciendus erit.*

*Forsitan immundae Tatio regnante Sabinae
 Noluerint habiles pluribus esse uiris; 40*

*Nunc Mars externis animos exercet in armis,
 At Venus Aeneae regnat in urbe sui.*

*Ludunt formonsae: casta est, quam nemo rogauit
 Aut, si rusticitas non uetat, ipsa rogat.*

*Has quoque, quae frontis rugas in uertice portant, 45
 Excute; de rugis crimina multa cadent.*

*Penelope iuuenum uires temptabat in arcu;
 Qui latus argueret, corneus arcus erat.*

*Labitur occulte fallitque uolatilis aetas
 Et celer admissis labitur Annus equis. 50*

*Aera nitent usu; uestis bona quaerit haberi;
 Canescunt turpi tecta relictia situ:*

*Forma, nisi admittas, nullo exercente senescit.
 Nec satis effectus unus et alter habent;*

*Certior e multis nec iam inuidiosa rapina est; 55
 Plena uenit canis de grege praeda lupis.*

*Ecce, quid iste tuus praeter noua carmina uates
 Donat? amatoris milia multa leges.*

*Ipsa deus uatum palla spectabilis aurea
 Tractat inauratae consona fila lyrae. 60*

*Qui dabit, ille tibi magno sit maior Homero;
 Crede mihi, res est ingeniosa dare.*

*Nec tu, siquis erit, capitis mercede redemptus,
 Despice; gypsati crimen inane pedis.*

*Nec te decipiant ueteres circum atria cerae: 65
 Tolle tuos tecum, pauper amator, auos.*

Quin, quia pulcher eirt, poscet sine munere noctem?
Quod det, amatorem flagitet ante suum!
Parcius exigito pretium, dum retia tendis,
Ne fugiant; captos legibus ure tuis. 70
Nec nocuit simulatus amor; sine credat amari,
At caue ne gratis hic tibi constet amor.
Saepe nega noctes; capitis modo finge dolorem,
Et modo, quae causas praebeat, Isis erit.
Mox recipe, ut nullum patiendi colligat usum, 75
Neue relentescat saepe repulsus amor.
Surda sit oranti tua ianua, laxa ferenti;
Audiat exclusi uerba receptus amans;
Et, quasi laesa, prior nonnumquam irascere laeso.
Vanescit culpa culpa repensa tua. 80
Sed nunquam dederis spatiosum tempus in iram;
Saepe simultates ira morata facit.
Quin etiam discant oculi lacrimare coacti
Et faciant udas ille uel ille genas;
Nec, siquem falles, tu periurare timeto; 85
Commodat in lusus numina surda Venus.
Seruus et ad partes sollers ancilla parentur,
Qui doceant apte quid tibi possit emi
Et sibi pauca rogent; multos si pauca rogabunt,
Postmodo de stipula grandis aceruus erit. 90
Et soror et mater, nutrix quoque carpat amantem;
Fit cito per multas praeda petita manus.
Cum te deficient poscendi munera causae,
Natalem libo testificare tuum.
Nec securus amet nullo riuale, caueto; 95
Non bene, si tollas proelia, durat amor.
Ille uiri uideat toto uestigia lecto
Factaque lasciuis liuida colla notis;
Munera praecipue uideat, quae miserit alter;
Si dederit nemo, Sacra roganda uia est. 100

*Cum multa abstuleris, ut non tamen omnia donet,
 Quod numquam reddas, commodet, ipsa roga.
 Lingua iuuuet mentemque regat; blandire noceque;
 Impia sub dulci melle uenena latent.*
Haec si praestiteris usu mihi cognita longo, 105
*Nec tulerint uoces uentus et aura meas,
 Saepe mihi dices uiuae bene, saepe rogabis
 Vt mea defunctae molliter ossa cubent.”*
*Vox erat in cursu, cum me mea prodidit umbra,
 At nostrae uix se continuere manus* 110
*Quin albam raramque comam lacrimosaque uino
 Lumina rugosas distraherentque genas.
 Di tibi dent nullosque Lares inopemque senectam
 Et longas hiemes perpetuamque sitim!*

I, 9

*Militat omnis amans et habet sua castra Cupido;
 Attice, crede mihi, militat omnis amans.
 Quae bello est habilis, ueneri quoque conuenit aetas;
 Turpe senex miles, turpe senilis amor.*
Quos petiere duces animos in milite forti, 5
Hos petit in socio bella puella uiro.
*Peruigilant ambo; terra requiescit uterque;
 Ille fores dominae seruat, at ille ducis;
 Militis officium longa est uia: mitte puellam,
 Strennus exempto fine sequetur amans;* 10
*Ibit in aduersos montes duplicataque nimbo
 Flumina, congestas exeret ille niues,
 Nec freta pressurus tumidos causabitur Euros
 Aptaque uerrendis sidera quaeret aquis.*
Quis nisi uel miles uel amans et frigora noctis 15
Et denso mixtas perferet imbre niues?
Mittitur infestos alter speculator in hostes;

In riuale oculus alter, ut hoste, tenet.
Ille graues urbes, hic durae limen amicae
Obsidet; hic portas frangit, at ille fores. 20
Saepe soporatos inuadere profuit hostes
Caedere et armata uulgus inerme manu;
Sic fera Threicii ceciderunt agmina Rhesi
Et dominum capti deseruistis equi;
Saepe maritorum somnis utuntur amantes 25
Et sua sopitis hostibus arma mouent.
Custodum transire manus uigilumque cateruas
Militis et miseri semper amantis opus.
Mars dubius nec certa Venus; uictique resurgunt,
Quosque neges umquam posse iacere, cadunt. 30
Ergo desidiam quicumque uocabat amorem,
Desinat; ingenii est experientis amor.
Ardet in abducta Briseide maestus Achilles;
Dum licet, Argiuas frangite, Troes, opes.
Hector ab Andromaches complexibus ibat ad arma, 35
Et, galeam capiti quae daret, uxor erat.
Summa ducum, Atrides, uisa Priameide fertur
Maenadis effusis obstipuisse comis.
Mars quoque deprensus fabrilis uincula sensit;
Notior in caelo fabula nulla fuit. 40
Ipsa ego segnis eram discinctaque in otia natus;
Mollierant animos lectus et umbra meos;
Impulit ignauum formonsae cura puellae
Iussit et in castris aera merere suis.
Inde uidet agilem nocturnaue bella gerentem. 45
Qui nolet fieri desidiosus, amet!

I, 10

Qualis ab Eurota Phrygiis auecta carinis
Coniugibus belli causa duobus erat,

Qualis erat Lede, quam plumis abditus albis
Callidus in falsa lusit adulter aue,
Qualis Amymone siccis errauit in Argis, 5
Cum premeret summi uerticis urna comas,
Talis eras; aquilamque in te taurumque timebam
Et quidquid magno de Ioue fecit amor.
Nunc timor omnis abest animique resanuit error
Nec facies oculos iam capit ista meos. 10
Cur sim mutatus quaeris? Quia munera poscis;
Haec te non patitur causa placere mihi.
Donec eras simplex, animum cum corpore amaui;
Nunc mentis uitio laesa figura tua est.
Et puer est et nudus Amor; sino sordibus annos 15
Et nullas uestes, ut sit apertus, habet.
Quid puerum Veneris pretio prostare iubetis?
Quo pretium condat, non habet ille sinum.
Nec Venus apta feris Veneris nec filius armis;
Non decet imbelles aera merere deos. 20
Stat meretrix certo cuiuis mercabilis aere,
Et miseras iusso corpore quaerit opes;
Deuouet imperium tamen haec lenonis auari,
Et, quod uos facitis sponte, coacta facit.
Sumite in exemplum pecudes ratione carentes: 25
Turpe erit ingenium mitius esse feris.
Non equa munus equum, non taurum uacca poposcit,
Non aries placitam munere captat ouem.
Sola uiro mulier spoliis exultat ademptis;
Sola locat noctes; sola locanda uenit 30
Et uendit quod utrumque iuuat, quod uterque petebat,
Et pretium, quanti gaudeat ipsa, facit.
Quae Venus ex aequo uentura est grata duobus,
Altera cur illam uendit et alter emit?
Cur mihi sit damno, tibi sit lucrosa uoluptas 35
Quam socio motu femina uirque ferunt?

*Nec bene conducti uendunt periuria testes,
 Nec bene selecti iudicis arca patet.*
*Turpe reos empta miseris defendere lingua;
 Quod faciat magnas turpe tribunal opes;* 40
*Turpe tori reditu census augere paternos.
 Et faciem lucro prostituisse suam.*
*Gratia pro rebus merito debetur inemptis;
 Pro male conducto gratia nulla toro.*
Omnia conductor soluit mercede soluta; 45
Non manet officio debitor ille tuo.
*Parcite, formonsae, pretium pro nocte pacisci;
 Non habet euentus sordida praeda bonos.*
*Non fuit armillas tanti pepigisse Sabinas
 Vt premerent sacrae uirginis arma caput;* 50
*E quibus exierat, traiecit uiscera ferro
 Filius et poenae causa monile fuit.*
*Nec tamen indignum est a diuite praemia posci;
 Munera poscenti quod dare possit, habet;*
Carpite de plenis pendentes uitibus uuas. 55
Praebeat Alcinoi benignus ager.
*Officium pauper numerat studiumque fidemque.
 Quod quis habet, dominae conferat omne suae.*
*Est quoque carminibus meritas celebrare puellas;
 Dos mea! Quam uolui, nota fit arte mea.* 60
*Scindentur uestes, gemmae frangentur et aurum;
 Carmina quam tribuent, fama perennis erit.*
*Nec dare, sed pretium posci dedignor et odi;
 Quod nego poscenti, desine uelle, dabo.*

I, 11

*Colligere incertos et in ordine ponere crines
 Docta neque ancillas inter habenda Nape
 Inque ministeriis furtivae cognita noctis*

Utilis et dandis ingeniosa notis,
Saepe uenire ad me dubitantem hortata Corinnam, 5
Saepe laboranti fida reperta mihi,
Cccipe et ad dominam peraratas mane tabellas
Perfer et obstantes sedula pelle moras.
Nec silicum uenae nec durum in pectore ferrum
Nec tibi simplicitas ordine maior adest. 10
Credibile est et te sensisse Cupidinis arcus;
In me militiae signa tuere tuae.
Si quaeret quid agam, spe noctis uiuere dices;
Cetera fert blanda cera notata manu.
Dum loquor, hora fugit. uacuae bene redde tabellas, 15
Verum continuo fac tamen illa legat.
Adspicias oculos mando frontemque legentis;
E tacito uultu scire futura licet.
Nec mora, perlectis rescribat multa, iubeto;
Odi, cum late splendida cera uacat. 20
Comprimat ordinibus uersus, oculosque moretur
Margine in extremo littera rasa meos.
Quid digitos opus est graphio lassare tenendo?
Hoc habeat scriptum tota tabella "ueni!"
Non ego uictrices lauro redimire tabellas 25
Nec Veneris media ponere in aede morer.
Subscribam "Veneri fidas sibi naso ministras
Dedicat, at nuper uile fuistis acer".

I, 12

Flete meos casus; tristes rediere tabellae,
Infelix hodie littera posse negat.
Omina sunt aliquid; modo cum discedere uellet
Ad limen digitos restitit icta Nape.
Missa foras iterum limen transire memento 5
Cautius atque alte sobria ferre pedem.

*Ite hinc, difficiles, funebria ligna, tabellae,
 Tuque, negaturis cera referta notis,
 Quam, puto, de longae collectam flore cicutae
 Melle sub infami Corsica misit apis. 10
 At tamquam minio penitus medicata rubebas;
 Ille color uere sanguinolentus erat.
 Proiectae triuiis iaceatis, inutile lignum,
 Vosque rotae frangat praetereuntis onus.
 Illum etiam, qui uos ex arbore uertit in usum, 15
 Conuincam puras non habuisse manus.
 Praebuit illa arbor misero suspendia collo;
 Carnifici diras praebuit illa cruces;
 Illa dedit turpes raucis bubonibus umbras,
 Volturis in ramis et strigis oua tulit. 20
 His ego commisi nostros insanus amores
 Molliaque ad dominam uerba ferenda dedi!
 Aptius hae capiant uadimonia garrula cerae,
 Quas aliquis duro cognitor ore legat;
 Inter ephemeridas melius tabulasque iacerent, 25
 In quibus absumptas fleret auarus opes.
 Ergo ego uos rebus duplices pro nomine sensi;
 Auspicii numerus non erat ipse boni.
 Quid precer iratus, nisi uos cariota senectus
 Rodat et immundo cera sit alba situ? 30*

I, 13

*Iam super oceanum uenit a seniore marito
 Flaua pruinoso quae uehit axe diem.
 Quo properas, Aurora? mane! Sic Memnonis umbris
 Annua sollemni caede parentet auis.
 Nunc iuuat in teneris dominae iacuisse lacertis; 5
 Si quando, lateri nunc bene iuncta meo est.
 Nunc etiam somni pingues et frigidus aer,*

Et liquidum tenui gutture cantat auis.
Quo properas, ingrata uiris, ingrata puellis?
Roscida purpurea supprime lora manu. 10
Ante tuos ortus melius sua sidera seruat
Nauita nec media nescius errat aqua.
Te surgit quamuis lassus ueniente uiator,
Et miles saeuas aptat ad arma manus.
Prima bidente uides oneratos arua colentes; 15
Prima uocas tardos sub iuga panda boues.
Tu pueros somno fraudas tradisque magistris.
Vt subeant tenerae uerbera saeua manus,
Atque eadem sponsum multos ante Atria mittis,
Vnius ut uerbi grandia damna ferant; 20
Nec tu consulto, nec tu iucunda diserto;
Cogitur ad lites surgere uterque nouas.
Tu, cum feminei possint cessare lacerti,
Lanificam reuocas ad sua pensa manum.
Omnia perpeterer; sed surgere mane puellas, 25
Quis, nisi cui non est ulla puella, ferat?
Optauit quotiens, ne Nox tibi cedere uellet,
Ne fugerent uoltus sidera mota tuos.
Optauit quotiens, aut uentus frangeret axem
Aut caderet spissa nube retentus equus! 30
[Quid, si Cephalio numquam flagraret amore?
An putat ignotam nequitiam esse suam?]
Inuida, quo properas? quod erat tibi filius ater,
Materni fuerat pectoris ille color.
Tithono uellem de te narrare liceret; 35
Femina non caelo turpior ulla foret.
Illum dum refugis, longo quia grandior aeuo,
Surgis ad inuisas a sene mane rotas;
At si, quem mauis, Cephalum complexa teneres,
Clamares: "Lente currite, Noctis equi" 40
Cur ego plectar amans, si uir tibi marcet ab annis?

Num me nupsisti conciliante seni?
Aspice quot somnos iuueni donarit amato
Luna, neque illius forma secunda tuae.
Ipse deum genitor, ne te tam saepe uideret, 45
Commisit noctes in sua uota duas.
Iurgia finieram; scires audisse; rubebat;
Nec tamen adsueto tardius orta dies.

I, 14

Dicebam “medicare tuos desiste capillos.”
Tingere quam possis, iam tibi nulla coma est.
At si passa fores, quid erat spatiosius illis?
Contigerant imum, qua patet usque, latus.
Quid, quod erant tenues, et quos ornare timeres, 5
Vela colorati qualia Seres habent,
Vel pede quod gracili deducit aranea filum,
Cum leue deserta sub trabe nectit opus.
Nec tamen ater erat nec erat tamen aureus ille,
Sed, quamuis neuter, mixtus uterque color, 10
Qualem cliuosae madidis in uallibus Idae
Ardua derepto cortice cedrus habet.
Adde, quod et dociles et centum flexibus apti
Et tibi nullius causa doloris erant.
Non acus abruptit, non uallum pectinis illos; 15
Ornatrix tuto corpore semper erat;
Ante meos oculos saepe est ornata nec umquam
Bracchia derepta saucia fecit acu.
Saepe etiam nondum digestis mane capillis
Purpureo iacuit semisupina toro; 20
Tum quoque erat neglecta decens, ut Threcia Bacche,
Cum temere in uiridi gramine lassa iacet.
Cum graciles essent tamen et lanuginis instar,
Heu! male uexatae quanta tulere comae!

<i>Quam se praebuerunt ferro patienter et igni,</i>	25
<i>Vt fieret torto nexilis orbe sinus!</i>	
<i>Clamabam "scelus est istos, scelus urere crines;</i>	
<i>Sponte decent; capiti, ferrea, parce tuo.</i>	
<i>Vim procul hinc remoue! non est qui debeat uri;</i>	
<i>Erudit admotas ipse capillus acus."</i>	30
<i>Formonsae periere comae, quas uellet Apollo,</i>	
<i>Quas uellet capiti Bacchus inesse suo;</i>	
<i>Illis contulerim, quas quondam nuda Dione</i>	
<i>Pingitur umentis sustinuisse manu.</i>	
<i>Quid male dispositos quereris periisse capillos?</i>	35
<i>Quid speculum maesta ponis, inepta, manu?</i>	
<i>Non bene consuetis a te spectaris ocellis;</i>	
<i>Vt placeas, debes inmemor esse tui.</i>	
<i>Non te cantatae laeserunt paelicis herbae,</i>	
<i>Non anus Haemonia perfida lauit aqua;</i>	40
<i>Nec tibi uis morbi nocuit (procul omen abesto!)</i>	
<i>Nec minuit densas inuida lingua comas.</i>	
<i>Facta manu culpaque tua dispendia sentis;</i>	
<i>Ipsa dabas capiti mixta uenena tuo.</i>	
<i>Nunc tibi captiuos mittet Germania crines;</i>	45
<i>Tuta triumphatae munere gentis eris.</i>	
<i>O quam saepe comas aliquo mirante rubebis,</i>	
<i>Et dices "empta nunc ego merce probor;</i>	
<i>Nescio quam pro me laudat nunc iste Sygambram;</i>	
<i>Fama tamen memini cum fuit ista mea."</i>	50
<i>Me miserum! lacrimas male continet oraque dextra</i>	
<i>Protegit ingenuas picta rubore genas;</i>	
<i>Sustinet antiquos gremio spectatque capillos,</i>	
<i>Ei mihi! non illo munera digna loco.</i>	
<i>Collige cum uoltu mentem! reparabile dampnum est</i>	55
<i>Postmodo natiua conspiciere coma.</i>	

I, 15

*Quid mihi Liuor edax, ignauos obicis annos,
 Ingeniique uocas carmen inertis opus;
 Non me more patrum, dum strenua sustinet aetas,
 Praemia militiae puluerulenta sequi
 Nec me uerbosas leges ediscere nec me 5
 Ingrato uocem prostituisse foro?
 Mortale est, quod quaeris, opus: mihi fama perennis
 Quaeritur, in toto semper ut orbe canar.
 Viuet Maeonides, Tenedos dum stabit et Ide,
 Dum rapidas Simois in mare uoluet aquas. 10
 Viuet et Ascraeus, dum mustis uua tumebit,
 Dum cadet incurua falce resecta Ceres
 Battiades semper toto cantabitur orbe,
 Quamuis ingenio non ualet, arte ualet;
 Nulla Sophocleo ueniet iactura cothurno. 15
 Cum sole et luna semper Aratus erit.
 Dum fallax seruus, durus pater, improba lena
 Viuent et meretrix blanda, Menandros erit.
 Ennius arte carens animosique Accius oris
 Casurum nullo tempore nomen habent. 20
 Varronem primamque ratem quae nesciet aetas,
 Aureaque Aesonio terga petita duci?
 Carmina sublimis tunc sunt peritura Lucreti,
 Exitio terras cum dabit una dies.
 Tityrus et fruges Aeneiaque arma legentur, 25
 Roma triumphati dum caput orbis erit.
 Donec erunt ignes arcusque Cupidinis arma,
 Discentur numeri, culte Tibulle, tui;
 Gallus et Hesperii et Gallus notus Eois,
 Et sua cum Gallo nota Lycoris erit. 30
 Ergo cum silices, cum dens patientis aratri
 Depereant aeuo, carmina morte carent.*

Cedant carminibus reges regumque triumphis,

Cedat et auriferi ripa benigna Tagi.

Vilia miretur vulgus; mihi flavus Apollo

35

Pocula Castalia plena ministret aqua,

Sustineamque comam metuentem frigora myrtum

Atque ita sollicito multum amantem legar!

Pascitur in vivis Livor, post fata quiescit,

Cum suus ex merito quemque tuetur honos.

40

Ergo etiam cum me supremus adederit ignis,

Vivam, parsque mei multa superstes erit.

LIBER SECVNDVS

II, 1

*Hoc quoque composui Paelignis natus aquosis,
 Ille ego nequitiae Naso poeta meae.
 Hoc quoque iussit Amor; procul hinc, procul este seuerae!
 Non estis teneris apta theatra modis.
 Me legat in sponsi facie non frigida uirgo 5
 Et rudis ignoto tactus amore puer;
 Atque aliquis iuuenum, quo nunc ego, saucius arcu
 Agnoscat flammae conscia signa suae
 Miratusque diu “quo, dicat, ab indice doctus
 Composuit casus iste poeta meos?” 10
 Ausus eram, memini, caelestia dicere bella
 Centimanumque Gygen (et satis oris erat),
 Cum male se Tellus ulta est ingestaque Olympo
 Ardua deuexum Pelion Ossa tulit;
 In manibus nimbos et cum Ioue fulmen habebam, 15
 Quod bene pro caelo mitteret ille suo.
 Clausit amica fores: ego cum Ioue fulmina misi;
 Excidit ingenio Iuppiter ipse meo.
 Iuppiter, ignoscas; nil me tua tela iuuabant;
 Clausa tuo maius ianua fulmen habet; 20
 Blanditias elegosque leuis, mea tela, resumpsi;
 Mollierunt duras lenia uerba fores.
 Carmina sanguineae deducunt cornua lunae,
 Et reuocant niueos Solis euntis equos.
 Carmine dissiliunt abruptis faucibus angues. 25
 Inque suos fontes uersa recurrit aqua.
 Carminibus cessere fores insertaque posti,*

Quamuis robur erat, carmine uicta sera est.
Quid mihi profuerit uelox cantatus Achilles?
Quid pro me Atrides alter et alter agant, 30
Quique tot errando, quot bello, perdidit annos,
Raptus et Haemoniis flebilis Hectos equis?
At facie tenerae laudata saepe puellae,
Ad uatem, pretium carminis ipsa, uenit.
Magna datur merces! heroum clara ualete 35
Nomina; non apta est gratia uestra mihi.
Ad mea formonsos uoltus adhibete, puellae,
Carmina, purpureus quae mihi dictat Amor.

II, 2

Quem penes est dominam seruandi cura, Bagoe,
Dum perago tecum pauca, sed apta, uaca.
Hesterna uidi spatiantem luce puellam
Illa, quae Danaï porticus agmen habet.
Protinus, ut placuit, misi scriptoque rogauit; 5
Rescripsit trepida "non licet" illa manu,
Et, cur non liceat, quaerenti reddita causa est.
Quod nimium dominae cura molesta tua est.
Si sapis, o custos, odium, mihi crede, mereri
Desine; quem metuit quisque, perisse cupit. 10
Vir quoque non sapiens. Quid enim seruare labore
Vnde nihil, quamuis non tueare, perit?
Sed gerat ille suo morem furiosos amori
Et castum, multis quod placet, esse putet.
Huic furtiua tuo libertas munere detur, 15
Quam dederis illi, reddat ut illa tibi.
Consciis esse uelis; domina est obnoxia seruo.
Consciis esse times; dissimulare licet.
Scripta leget secum; matrem misisse putato.
Venerit ignotus; postmodo notus erit. 20

Ibit ad affectam, quae non languebit, amicam;
Visat, et indiciis aegra sit illa tuis.
Si faciet tarde, ne te mora longa fatiget,
Inposita gremio stertere fronte potes.
Nec tu linigeram fieri quid possit ad Isim 25
Quaesieris nec tu curua theatra time.
Conscius assiduos commissi tollet honores.
Quis minor est autem quam tacuisse labor?
Ille placet uersatque domum neque uerbera sentit.
Ille potens; alii, sordida turba, iacent. 30
Huic uerae ut lateant causae, finguntur inanes,
Atque ambo domini, quod probat uma, probant.
Cum bene uir traxit uultum rugasque coegit,
Quod uoluit fieri blanda puella, facit.
Sed tamen interdum tecum quoque iurgia nectat 35
Et simulet lacrimas carnificemque uocet;
Tu contra obicies quae tuto diluat illa,
Et ueris falso crimine deme fidem.
Sic tibi sempre honos, sic alta peculia crescent.
Haec fac; in exiguo tempore liber eris, 40
Aspicias indicibus nexas per colla catenas;
Squalidus orba fide pectora carcer habet.
Quaerit aquas in aquis et poma fugacia captat
Tantalus; hoc illi garrula lingua dedit.
Dum nimium seruat custos Iunonius Ion, 45
Ante suos annos occidit, illa dea est.
Vidi ego compedibus liuentia crura gerentem,
Vnde uir incestum scire coactus erat;
Poena minor merito; nocuit mala lingua duobus:
Vir doluit, famae damna puella tulit. 50
Crede mihi, nulli sunt crimina grata marito,
Nec quemquam, quamuis audiat, illa iuuant.
Seu tepet, indicium securas perdis ad aures;
Siue amat, officio fit miser ille tuo.

Culpa nec ex facili quamuis manifesta probatur; 55
Iudicis illa sui tuta fauore uenit.
Viderit ipse licet, credet tamen ille neganti
Damnabitque oculos et sibi uerba dabit.
Aspiciat dominae lacrimas, plorabit et ipse
Et dicet "poenas garrulus iste dabit." 60
Quid dispar certamen inis? Tibi uerbera uicto
Adsunt; gremio iudicis illa sedet.
Non scelus adgredimur, non ad miscenda coimus
Toxica, non stricto fulminat ense manus;
Quaerimus ut tuto per te possimus amare; 65
Quid precibus nostris mollius esse potest?

II, 3

Ei mihi, quod dominam nec uir nec femina seruas
Mutua nec Veneris gaudia nosse potes!
Qui primus pueris genitalia membra recidit,
Vulnera quae fecit dabuit ipse pati.
Mollis in obsequium facilisque rogantibus esses, 5
Si tuus in quamuis praetepuisset amor.
Non tu natus equo, non fortibus utilis armis,
Bellica non dextrae conuenit hasta tuae.
Ista mares tractent, tu spes depone uiriles;
Sunt tibi cum domina signa ferenda tua. 10
Hanc inple meritis, huius tibi gratia prosit;
Si careas illa, quis tuus usus erit?
Est etiam facies, sunt apti lusibus anni;
Indigna est pigro forma perire situ.
Fallere te potuit, quamuis habere molestus; 15
Non caret effectu quod uoluere duo.
Aptius ut fuerit precibus temptasse, rogamus,
Dum bene ponendi munera tempus habes.

II, 4

Non ego mendosos ausim defendere mores

Falsaque pro uitiiis arma mouere meis.

Confiteor, siquid prodest delicta fateri;

In mea nunc demens crimina fassus eo.

Odi nec possum cupiens non esse, quod odi; 5

Heu! quam, quae studeas ponere, ferre graue est!

Nam desunt uires ad me mihi iusque regendum;

Auferor ut rapida concita puppis aqua.

Non est certa meos quae forma inuitet amores;

Centum sunt causae, cur ego semper amem. 10

Siue aliqua est oculos in humum deiecta modestos,

Vror, et insidiae sunt pudor ille meae;

Siue procax aliqua est, capior quia rustica non est

Spemque dat in molli mobilis esse toro.

Aspera si uisa est rigidasque imitata Sabinas, 15

Velle, sed ex alto dissimulare puto.

Siue es docta, places raras dotata per artes;

Siue rudis, placita es simplicitate tua.

Est quae Callimachi prae nostris rustica dicat

Carmina; cui placeo, protinus ipsa placet; 20

Est etiam quae me uatem et mea carmina culpet,

Culpantis cupiam sustinuisse femur.

Molliter incedit; motu capit. Altera dura est;

At poterit tacto mollior esse uiro.

Haec quia dulce canit flectitque facillima uocem, 25

Oscula cantanti rapta dedisse uelim;

Haec querulas habili percurrit pollice chordas;

Tam doctas quis non possit amare manus?

Illa placet gestu numerosaque bracchia ducit

Et tenerum molli torquet ab arte latus; 30

Vt taceam de me, qui causa tangor ab omni,

Illic Hippolytum pone, Priapus erit.

Tu, quia tam longa es, ueteres heroidas aequas
Et potes in toto multa iacere toro.
Haec habilis breuitate sua est; corrumpor utraque; 35
Conueniunt uoto longa breuisque meo.
Non est culta; subit quid cultae accedere possit.
Ornata est; dotes exhibet ipsa suas.
Candida me capiet, capiet me flaua puella,
Est etiam in fusco grata colore uenus. 40
Seu pendent niuea pulli ceruice capilli,
Leda fuit nigra conspicienda coma.
Seu flauent, placuit croceis Aurora capillis.
Omnibus historiis se meus aptat amor.
Me noua sollicitat, me tangit serior aetas; 45
Haec melior specie corporis, illa sapit.
Denique quas tota quisquam probet urbe puellas,
Noster in has omnis ambitiosus amor.

II, 5

Nullus amor tanti est (abeas, pharetrate Cupido),
Vt mihi sint totiens maxima uota mori.
Vota mori mea sunt, cum te peccasse recordor,
Ei mihi perpetuum nata puella malum.
Non mihi deceptae nudant tua facta tabellae 5
Nec data furtiue munera crimen habent.
O utinam arguerem sic, ut non uincere possem!
Me miserum! quare tam bona causa mea est?
Felix, qui quod amat defendere fortiter audet,
Cui sua "non feci" dicere amica potest. 10
Ferreus est nimiumque suo fauet ille dolori,
Cui petitur uicta palma cruenta rea.
Ipsa miser uidi, cum me dormire putares,
Sobrius apposito crimina uestra mero.
Multa supercilio uidi uibrante loquentes; 15

Nutibus in uestris pars bona uocis erat.
Non oculi tacuere tui conscriptaque uino
Mensa nec in digitis littera nulla fuit.
Sermonem agnoui, quod non uideatur, agentem
Verbaque pro certis iussa ualere notis. 20
Iamque frequens ierat mensa conuiuia relict;
Compositi iuuenes unus et alter erant:
Improba tum uero iungentes oscula uidi
(Illa mihi lingua nexa fuisse liquet),
Qualia non fratri tulerit germana seuro, 25
Sed tulerit cupido mollis amica uiro,
Qualia credibile est non Phoebum ferre Dianae,
Sed Venerem Marti saepe tulisse suo.
“Quid facis? Exclamo. Quo nunc mea gaudia defers?”
Iniciam dominas in mea iura manus. 30
Haec tibi sunt mecum, mihi sunt communia tecum:
In bona cur quisquam tertius ista uenit?”
Haec ego, quaeque dolor linguae dictauit; at illi
Conscia purpureus uenit in ora pudor,
Quale coloratum Tithoni coniuge caelum 35
Subrubet, aut sponso uisa puella nouo;
Quale rosae fulgent inter sua lilia mixtae
Aut ubi cantatis Luna laborat equis
Aut quod, ne longis flauescere possit ab annis,
Maeonis Assyrium femina tinxit ebur. 40
His erat aut alicui color ille simillimus horum,
Et numquam casu pulchrior illa fuit.
Spectabat terram; terram spectare decebat;
Maesta erat in uultu; maesta decenter erat.
Sicut erant (et erant culti), laniare capillos 45
Et fuit in teneras impetus ire genas;
Vt faciem uidi, fortes cecidere lacerti;
Defensa est armis nostra puella suis.
Qui modo saeuus eram, supplex ultroque rogau

Oscula ne nobis deteriora daret. 50
Risit et ex animo dedit optima, qualia possent
Excutere irato tela trisulca Ioui;
Torqueor infelix ne tam bona senserit alter,
Et uolo non ex hac illa fuisse nota.
Haec quoque, quam docui, multo meliora fuerunt, 55
Et quiddam uisa est addidicisse noui.
Quod nimium placuere, malum est, quod tota labellis
Lingua tua est nostris, nostra recepta tuis.
Nec tamen hoc unum doleo, non oscula tantum
Iuncta queror, quamuis haec quoque iuncta queror: 60
Illa nisi in lecto nusquam potuere doceri;
Nescio quis pretium grande magister habet.

II, 6

Psittacus, Eois imitatrix ales ab Indis,
Occidit; exequias ite frequenter, aues.
Ite, piae uolucres, et plangite pectora pinnis
Et rigido teneras ungue notate genas;
Horrida pro maestis lanietur pluma capillis; 5
Pro longa resonent carmina uestra tuba.
Quod scelus Ismarii quereris, Philomela, tyranni,
Expleta est annis ista querela tuis;
Alitis in rarae miserum deuertere funus:
Magna sed antiqua est causa doloris Itys. 10
Omnes quae liquido libratis in aere cursus,
Tu tamen ante alios, turtur amice, dole.
Plena fuit uobis omni concordia uita
Et stetit ad finem longa tenaxque fides.
Quod fuit Argolico iuuenis Phoeus Orestae, 15
Hoc tibi, dum licuit, psittace, turtur erat.
Quid tamen ista fides, quid rari forma coloris,
Quid uox mutandis ingeniosa sonis,

<i>Quid iuuat, ut datus es, nostrae placuisse puellae?</i>	
<i>Infelix, auium gloria, nempe iaces!</i>	20
<i>Tu poteras fragiles pinnis hebetare zmaragdos</i>	
<i>Tincta gerens rubro Punica rostra croco.</i>	
<i>Non fuit in terris uocum simulantior ales:</i>	
<i>Reddebas blaeso tam bene uerba sono.</i>	
<i>Raptus es inuidia: non tu fera bella mouebas;</i>	25
<i>Garrulus et placidae pacis amator eras.</i>	
<i>Ecce, coturnices inter sua proelia uiuunt,</i>	
<i>Forsitan et fiant inde frequenter anus.</i>	
<i>Plenus eras minimo nec prae sermonis amore</i>	
<i>In multos poterant ora uacare cibos:</i>	30
<i>Nux erat esca tibi causaeque papauera somni,</i>	
<i>Pellebatque sitim simplicis umor aquae.</i>	
<i>Viuit edax uultur ducensque per aera gyros</i>	
<i>Miluus et pluuiiae graculus auctor aquae;</i>	
<i>Viuit et armiferae cornix inuisa Mineruae,</i>	35
<i>Illa quidem saeculis uix moritura nouem.</i>	
<i>Occidit ille loquax humanae uocis imago</i>	
<i>Psittacus, extremo munus ab orbe datum.</i>	
<i>Optima prima fere manibus rapiuntur auaris;</i>	
<i>Implentur numeris deteriora suis:</i>	40
<i>Tristia Phylacidae Thersites funera uidit</i>	
<i>Iamque cinis uiuis fratribus Hector erat.</i>	
<i>Quid referam timidae pro te pia uota puellae,</i>	
<i>Vota procelloso per mare rapta Noto?</i>	
<i>Septima lux uenit non exhibitura sequentem,</i>	45
<i>Et stabat uacuo iam tibi Parca colo;</i>	
<i>Nec tamen ignauo stupuerunt uerba palato:</i>	
<i>Clamauit moriens lingua: "Corinna, uale."</i>	
<i>Colle sub Elysio nigra nemus ilice frondet,</i>	
<i>Vdaque perpetuo gramine terra uiret.</i>	50
<i>Siqua fides dubiis, uolucrum locus ille piarum</i>	
<i>Dicitur, obscenae quo prohibentur aues.</i>	

Illic innocui late pascuntur olores

Et uiuax phoenix, unica semper auis;

Explicat ipsa suas ales Iunonia pinnas, 55

Oscula dat cupido blanda columba mari.

Psittacus has inter nemorali sede receptus

Conuertit uolucres in sua uerba pias.

Ossa tegit tumulus, tumulus pro corpore magnus,

Quo lapis exiguus par sibi carmen habet: 60

“Colligor ex ipso dominae placuisse sepulcro;

Ora fuere mihi plus aue docta loqui.”

II, 7

Ergo sufficiam reus in noua crimina semper?

Vt uincam, totiens dimicuisse piget.

Siue ego marmorei respexi summa theatri,

Eligis e multis unde dolere uelis,

Candida seu tacito uidit me femina uultu, 5

In uultu tacitas arguis esse notas.

Siquam laudaui, misero petis ungue capillos;

Si culpo, crimen dissimulare putas.

Siue bonus color est, in te quoque frigidus esse,

Seu malus, alterius dicor amore mori. 10

Atque ego peccati uellem mihi conscius essem:

Aequo animo poenam, qui meruere, ferunt.

Nunc temere insimulas credendoque omnia frustra

Ipsa uetas iram pondus habere tuam.

Aspice, ut auritus miserandae sortis asellus 15

Assiduo domitus uerbere lentus eat.

Ecce nouum crimen. Sollers ornare Cypassis

Obicitur dominae contemerasse torum.

Di melius! Quam me, si sit peccasse libido,

Sordida contemptae sortis amica iuuet! 20

Quis ueneris famulae conubia liber inire

Tergaque complecti uerbere secta uelit?
Adde quod ornandis illa est operata capillis
Et tibi per doctas est grata ministra manus:
Scilicet ancillam, quae tam tibi fida, rogarem? 25
Quid, nisi ut indicio iuncta repulsa foret?
Per Venerem iuro puerique uolatilis arcus
Me non admissi criminis esse reum.

II, 8

Ponendis in mille modos perfecta capillis,
Comere sed solas digna, Cypassi, deas,
Et mihi iucundo non rustica cognita furto,
Apta quidem dominae sed magis apta mihi,
Quis fuit inter nos sociati corporis index? 5
Sensit concubitus unde Corinna tuos?
Num tamen erubui? num, uerbo lapsus in ullo,
Furtiuae ueneris conscia signa dedi?
Quid quod, in ancilla siquis delinquere possit,
Illum ego contendi mente carere bona? 10
Thessalus ancillae facie Briseidos arsit;
Serua Mycenaeano Phoebas amata duci;
Nec sum ego Tantalide maior, nec maior Achille;
Quod decuit reges, cur mihi turpe putem?
Vt tamen iratos in te defixit ocellos, 15
Vidi te totis erubuisse genis.
At quanto, si forte refers, praesentior ipse
Per Veneris feci numina magna fidem!
Tu, dea, tu iubeas animi periuria puri
Carpathium tepidos per mare ferre Notos. 20
Pro quibus officii pretium mihi dulce repende
Concubitus hodie, fusca Cypassi, tuos.
Quid renuis fingisque nouos, ingrata, timores?
Vnum est e dominis emeruisse satis.

Quod si stulta negas, index anteacta fatebor 25
Et ueniam culpae proditor ipse meae,
Quoque loco tecum fuerim quotiensque, Cypassi,
Narrabo dominae, quotque quibusque modis.

II, 9a

O numquam pro me satis indignate Cupido,
O in corde meo desidiose puer,
Quid me, qui miles numquam tua signa reliqui,
Laedis, et in castris uulneror ipse meis?
Cur tua fax urit, figit tuus arcus amicos? 5
Gloria pugnantes uincere maior erat.
Quid? Non Haemonius, quem cuspide perculit, heros
Confossum medica postmodo iuuat ope?
Venator sequitur fugientia, capta relinquit,
Semper et inuentis ulteriora petit. 10
Nos tua sentimus, populus tibi deditus, arma;
Pigra reluctanti cessat in hoste manus.
Quid iuuat in nudis hamata retundere tela
Ossibus? Ossa mihi nuda relinquit Amor.
Tot sine amore uiri, tot sunt sine amore puellae: 15
Hinc tibi cum magna laude triumphus eat.
Roma, nisi inmensum uires promosset in orbem,
Stramineis esset nunc quoque tecta casis.
Fessus in acceptos miles deducitur agros,
Mittitur in saltus carcere liber equus, 20
Longaque subductam celant naualia pinum,
Tutaque deposito poscitur ense rudis.
Me quoque, qui totiens merui sub amore puellae,
Defunctum placide uiuere tempus erat.

II, 9b

<i>“Viue, deus, posito, siquis mihi dicat, amore”,</i>	(25)
<i>Deprecer, usque adeo dulce puella malum est.</i>	
<i>Cum bene pertaesum est, animoque relanguit ardor,</i>	
<i>Nescio quo miserae turbine mentis agor.</i>	
<i>Vt rapit in praeceps dominum spumantia frustra</i>	5
<i>Frena retentantem durior oris equus,</i>	(30)
<i>Vt subitus, prope iam presa tellure, carinam</i>	
<i>Tangentem portus uentus in alta rapit,</i>	
<i>Sic me saepe refert incerta Cupidinis aura</i>	
<i>Notaque purpureus tela resumit Amor.</i>	10
<i>Figē, puer! positus nudus tibi praebeor armis;</i>	(35)
<i>Hic tibi sunt uires, hic tua dextra facit,</i>	
<i>Huc tamquam iussae ueniunt iam sponte sagittae;</i>	
<i>Vix illis prae me nota pharetra sua est.</i>	
<i>Infelix, tota quicumque quiescere nocte</i>	15
<i>Sustinet et somnos praemia magna uocat.</i>	(40)
<i>Stulte, quid est somnus gelidae nisi mortis imago?</i>	
<i>Longa quiescendi tempora fata dabunt.</i>	
<i>Me modo decipiant uoces fallacis amicae</i>	
<i>(Sperando certe gaudia magna feram),</i>	20
<i>Et modo blanditias dicat, modo iurgia nectat;</i>	(45)
<i>Saepe fruar domina, saepe repulsus eam.</i>	
<i>Quod dubius Mars est, per te, priuigne Cupido, est,</i>	
<i>Et mouet exemplo uitricus arma tuo.</i>	
<i>Tu leuis es multoque tuis uentosior alis</i>	25
<i>Gaudiaque ambigua dasque negasque fide.</i>	(50)
<i>Si tamen exaudis, pulchra cum matre, rogantem,</i>	
<i>Indeserta meo pectore regna gere:;</i>	
<i>Accedant regno, nimium uaga turba, puellae;</i>	
<i>Ambobus populis sic uenerandus eris.</i>	30

II, 10

Tu mihi, tu certe, memini, Graecine, negabas
Vno posse aliquem tempore amare duas.
Per te ego decipior, per te deprensus inermis,
Ecce, duas uno tempore turpis amo.
Vtraque formosa est, operosae cultibus ambae; 5
Artibus in dubio est haec sit an illa prior.
Pulchrior hac illa est, haec est quoque pulchrior illa;
Et magis haec nobis et magis illa placet.
Errant ut uentis discordibus acta phaselos
Diuiduumque tenent alter et alter amor. 10
Quid geminas, Erycina, meos sine fine dolores?
Non erat in curas una puella satis?
Quid folia arboribus, quid pleno sidera caelo,
In freta collectas alta quid addis aquas?
Sed tamen hoc melius, quam si sine amore iacerem. 15
Hostibus eueniat uita seuera meis;
Hostibus eueniat uacuo dormire cubili
Et medio late ponere membra toro.
At mihi saeuus Amor somnos abrumpat inertes,
Simque mei lecti non ego solus onus; 20
Me mea disperdat nullo prohibente puella,
Si satis una potest; si minus una, duae.
Sufficiam; graciles, non sunt sine uiribus artus:
Pondere, non neruis corpora nostra carent.
Et lateri dabit in uires alimenta uoluptas; 25
Decepta est opera nulla puella mea;
Saepe ego lasciue comsumpsi tempora noctis
Vtilis et forti corpore mane fui.
Felix, quem Veneris certamina mutua rumpunt!
Di faciant leti causa sit ista mei! 30

Induat aduersis contraria pectora telis

Miles et aeternum sanguine nomen emat;

Quaerat auarus opes et, quae lassarit arando,

Aequora periuro naufragus ore bibat;

At mihi contingat Veneris languescere motu, 35

Cum moriar, medium soluar et inter opus,

Atque aliquis nostro lacrimans in funere dicat.

“Conueniens uitae mors fuit ista tuae.”

II, 11

Prima malas docuit mirantibus aequoris undis

Peliaco pinus uertice caesa uias,

Quae concurrentis inter temeraria cautes

Conspicuum fuluo uellere uexit ouem.

O utinam, nequis remo freta longa moueret, 5

Argo funestas pressa bibisset aquas!

Ecce fugit notumque torum sociosque Penates

Fallacisque uias ire Corinna parat.

Quam tibi, me miserum, Zephyros Eurosque timebo

Et gelidum Borean egelidumque Notum! 10

Non illic urbes, non tu mirabere siluas;

Vna est iniusti caerula forma maris.

Nec medius tenuis conchas pictosque lapillos

Pontus habet; bibuli litoris illa mora est.

Litora marmoreis pedibus signate, puellae; 15

Hactenus est tutum; cetera caeca uia est.

Et uobis alii uentorum proelia narrent,

Quas Scylla infestet quasue Charybdis aquas,

Et quibus emineant uiolenta Ceraunia saxis,

Quo lateant Syrtes magna minorque sinu. 20

Haec alii referant ad uos; quod quisque loquetur,

Credite; credenti nulla procella nocet.

Sero respicitur tellus, ubi fune soluto

Currit in immensum panda carina salum,
Nauita sollicitus cum uentos horret iniquos 25
Et prope tam letum quam prope cernit aquam.
Quod si concussas Triton exasperet undas,
Quam tibi sit toto nullus in ore color!
Tum generosa uoces fecundae sidera Ledaie
Et "felix dicas quem sua terra tenet!" 30
Tutius est fouisse torum, legisse libellos,
Threiciam digitis increpuisse lyram.
At si uana ferunt uolucres mea dicta procellae,
Aequa tamen puppi sit Galatea tuae:
Vestrum crimen erit talis iactura puellae, 35
Nereidesque deae Nereidumque pater.
Vade memor nostri, uento reditura secundo;
Inpleat illa tuos fortior aura sinus.
Tum mare in haec magnus proclinet litora Nereus,
Huc uenti spectent, huc agat aestus aquas! 40
Ipsa roges, Zephyri ueniant in lintea soli,
Ipsa tua moueas turgida uela manu.
Primus ego aspiciam notam de litore puppim
Et dicam "nostros aduehit illa deos!"
Excipiamque umeris et multa sine ordine carpam 45
Oscula; pro reditu uictima uota cadet,
Inque tori formam molles sternentur harenae
Et cumulus mensae quilibet esse potest.
Illic apposito narrabis multa Lyaeo,
Paene sit ut mediis obruta nauis aquis, 50
Dumque ad me properas, neque iniquae tempora noctis
Nec te praecipites extimuisse Notos.
Omnia pro ueris credam, sint ficta licebit;
Cur ego non uotis blandiar ipse meis?
Haec mihi quam primum caelo nitidissimus alto 55
Lucifer admisso tempora portet equo.

II, 12

Ite triumphales circum mea tempora laurus!
Vicimus; in nostro est, ecce, Corinna sinu,
Quam uir, quam custos, quam ianua firma, tot hostes.
Seruabant, nequa posset ab arte capi.
Haec est praecipuo uictoria digna triumpho, 5
In qua, quaecumque est, sanguine praeda caret.
Non humiles muri, non paruis oppida fossis
Cincta, sed est ductu capta puella meo.
Pergama cum caderent bello superata bilustri,
Ex tot in Atridis pars quota laudis erat? 10
At mea seposita est et ab omni milite dissors
Gloria, nec titulum muneris alter habet;
Me duce ad hanc uoti finem, me milite ueni;
Ipsaeques, ipse pedes, signifer ipse fui.
Nec casum fortuna meis immiscuit actis; 15
Huc ades, o cura parte triumphae meae!
Nec belli noua causa mea est. Nisi rapta fuisset
Tyndaris, Europae pax Asiaeque foret.
Femina siluestris Lapithas populumque biforem
Turpiter apposito uertit in arma mero. 20
Femina Troianos iterum noua bella mouere
Inpulit in regno, iuste Latine, tuo.
Femina Romanis, etiamnunc Vrbe recenti,
Inmisit soceros armaque saeua dedit.
Vidi ego pro niuea pugnantem coniuge tauros; 25
Spectatrix animos ipsa iuuenca dabat.
Me quoque, qui multos, sed me sine caede, Cupido
Iussit militiae signa mouere suae.

II, 13

*Dum labefactat onus grauidi temeraria uentris,
 In dubio uitae lassa Corinna iacet.
 Illa quidem clam me tantum molita pericli
 Ira digna mea, sed cadit ira metu.
 Sed tamen aut ex me conceperat, aut ego credo; 5
 Est mihi pro facto saepe quod esse potest.
 Isi, Paraetonium genialiaque arua Canopi
 Quae colis et Memphin palmiferamque Pharon,
 Quaque celer Nilus lato delapsus in alueo
 Per septem portus in maris exit aquas, 10
 Per tua sinistra precor, per Anubidis ora uerendi
 (Sic tua sacra pius semper Osiris amet
 Pigraque labatur circa donaria serpens
 Et comes in pompa corniger Apis eat!)
 Huc adhibe uultus, et in una parce duobus. 15
 Nam uitam dominae tu dabis, illa mihi.
 Saepe tibi sedit certis operata diebus,
 Qua tingit laurus Gallica turma tuas.
 Tuque, laborantes utero miserata puellas
 Quarum tarda latens corpora tendit onus, 20
 Lenis ades precibusque meis faue, Ilithyia!
 Digna est quam iubeas muneris esse tui.
 Ipse ego tura dabo fumosis candidus aris;
 Ipse feram ante tuos munera uota pedes;
 Adiciam titulum "seruata Naso Corinna". 25
 Tu modo fac titulo muneribusque locum.
 Si tamen in tanto fas est monuisse timore,
 Hac tibi sit pugna dimicuisse satis.*

II, 14

Quid iuuat immunes belli cessare puellas
Nec fera peltatas agmina uelle sequi,
Si sine Marte suis patiuntur uulnera telis
Et caecas armant in sua fata manus?
Quae prima instituit teneros conuellere fetus, 5
Militia fuerat digna perire sua.
Scilicet ut careat rugarum crimine uenter,
Sternetur pugnae tristis harena tuae?
Si mos antiquis placuisset matribus idem,
Gens hominum uitio deperitura fuit, 10
Quique iterum iaceret generis primordia nostri
In uacuo lapides orbe, parandus erat.
Quis Priami fregisset opes, si numen aquarum
Iusta recusasset pondera ferre Thetis?
Ilia si tumido geminos in uentre necasset, 15
Casurus dominae conditor Urbis erat;
Si Venus Aenean grauida temerasset in aluo,
Caesaribus tellus orba futura fuit.
Tu quoque, cum posses nasci formosa, perisses,
Temptasset, quod tu, si tua mater opus. 20
Ipsa ego, cum fuerim melius periturus amando,
Vidissem nullos matre negante dies.
Quid plenam fraudas uitem crescentibus uuis
Pomaque crudeli uellis acerba manu?
Sponte fluant matura sua; sine crescere nata; 25
Est pretium paruae non leue uita morae.
Vestra quid effoditis subiectis uiscera telis
Et nondum natis dira uenena datis?
Colchida respersam puerorum sanguine culpant
Aque sua caesum matre queruntur Ityn: 30
Vtraque saeua parens, sed tristibus utraque causis
Iactura socii sanguinis ulta uirum.

Dicite, quis Tereus, quis uos inritet Iason
Figere sollicita corpora uestra manu?
Hoc neque in Armeniis tigres fecere latebris, 35
Perdere nec fetus ausa leaena suos.
At tenerae faciunt, sed non inpune, puellae;
Saepe, suos utero quae necat, ipsa perit.
Ipsa perit ferturque rogo resoluta capillos,
Et clamant "merito" qui modo cumque uident. 40
Ista sed aetherias uanescant dicta per auras,
Et sint ominibus pondera nulla meis.
Di faciles, peccasse semel concedite tuto;
Et satis est: poenam culpa secunda ferat.

II, 15

Anule, formosae digitum uincture puellae,
In quo censendum nil nisi dantis amor,
Munus eas gratum; te laeta mente receptum
Protinus articulis induat illa suis;
Tam bene conuenias quam mecum conuenit illi 5
Et digitum iusto commodus orbe teras.
Felix, a domina tractaberis, anule, nostra;
Inuideo donis iam miser ipse meis.
O utinam fieri subito mea munera possem
Artibus Aeaeae Carpathiue senis! 10
Tunc ego si cupiam dominae tetigisse papillas
Et laeuam tunicis inseruisse manum,
Elabar digito quamuis angustus et haerens
Inque sinum mira laxus ab arte cadam.
Idem ego, ut arcanas possim signare tabellas 15
Neue tenax ceram siccaque gemma trahat
Vmida formosae tangam prius ora puellae;
Tantum ne signem scripta dolenda mihi!
Si trahar ut condar loculis, exire negabo,

Astringens digitos orbe minore tuos. 20
Non ego dedecori tibi sim, mea uita, futurus,
Quodue tener digitus ferre recuset, onus.
Me gere, cum calidis perfunderis imbribus artus,
Damnaque sub gemmam perfer euntis aquae.
Sed, puto, te nuda mea membra libidine surgent, 25
Et peragam partes anulus ille uiri.
Inrita quid foueo? Paruum proficiscere munus;
Illa datam tecum sentiat esse fidem.

II, 16

Pars me Sulmo tenet Paeligni tertia ruris,
Parua, sed inriguis ora salubris aquis.
Sol licet admoto tellurem sidere findat,
Et micet Ikarii stella proterua canis,
Arua pererrantur Paeligna liquentibus undis, 5
Et uiret in tenero fertilis herba solo.
Terra ferax Cereris multoque feracior uuis,
Dat quoque baciferam Pallada rarus ager
Perque resurgentes riuis labentibus herbas
Gramineus madidam caespes obumbrat humum. 10
At meus ignis abest. Verbo peccauimus uno.
Quae mouet ardores est procul; ardor adest.
Non ego, si medius Polluce et Castore ponar,
In caeli sine te parte fuisse uelim.
Solliciti iaceant terraque premantur iniqua, 15
In longas orbem qui secuere uias;
Aut iuuenum comites iussissent ire puellas,
Si fuit in longas terra secanda uias.
Tum mihi, si premerem uentosas horridus Alpes.
Dummodo cum domina, molle fuisset iter; 20
Cum domina Libycas ausim perrumpere Syrtes
Et dare non aequis uela ferenda Notis;

Non quae uirgineo portenta sub inguine latrant
Nec timeam uestros, curua Malea, sinus
Nec quae submersis ratibus saturata Charybdis 25
Fundit et effusas ore receptat aquas.
Quod si Neptuni uentosa potentia uincit,
Et subuenturos auferat unda deos,
Tu nostris niueos umeris inpone lacertos;
Corpore nos facili dulce feremus onus. 30
Saepe petens Hero iuuenis transnauerat undas;
Tum quoque transnasset, sed uia caeca fuit.
At sine te, quamuis operosi uitibus agri
Me teneant, quamuis amnibus arua natent
Et uocet in riuos currentem rusticus undam, 35
Frigidaque arboreas mulceat aura comas,
Non ego Paelignos uideor celebrare salubres,
Non ego natalem, rura paterna, locum,
Sed Scythiam Cilicasque feros uiridesque Britannos,
Quaeque Prometheo saxa cruore rubent. 40
Ulmus amat uitem, uitis non deserit ulmum;
Separor a domina cur ego saepe mea?
At mihi te comitem iuraras usque futuram
Per me perque oculos, sidera nostra, tuos:
Verba puellarum, foliis leuiora caducis, 45
Inrita, qua uisum est, uentus et unda ferunt.
Si qua mei tamen est in te pia cura relictis,
Incipe pollicitis addere facta tuis
Paruaque quamprimum rapientibus esseda mannis
Ipsa per admissas concute lora iubas. 50
At uos, qua ueniet, tumidi subsidite montes,
Et faciles curuis uallibus este, uiae.

II, 17

*Siquis erit, qui turpe putet seruire puellae,
 Illo conuincar iudice turpis ego;
 Sim licet infamis, dum me moderatius urat
 Quae Paphon et fluctu pulsa Cythera tenet.
 Atque utinam dominae miti quoque praeda fuissem, 5
 Formonsae quoniam praeda futurus eram!
 Dat facies animos. Facie uiolenta Corinna est.
 Me miserum! Cur est tam bene nota sibi?
 Scilicet a speculi sumuntur imagine fastus,
 Nec nisi conpositam se prius illa uidet. 10
 Non, tibi si facies animum dat et omina regni,
 O facies oculos nata tenere meos!
 Collatum idcirco tibi me contemnere debes.
 Aptari magnis inferiora licet.
 Traditur et nympe mortalis amore Calypso 15
 Capta recusantem detinuisse uirum;
 Creditur aequoream Pthio Nereida regi,
 Egeriam iusto concubuisse Numae,
 Volcani Venus est, quamuis incude relictam
 Turpiter obliquo claudicet ille pede. 20
 Carminis hoc ipsum genus inpar, sed tamen apte
 Iungitur herous cum breuiore modo.
 Tu quoque me, mea lux, in quaslibet accipe leges;
 Te deceat medio iura dedisse foro.
 Non tibi crimen ero, nec quo laetere remoto: 25
 Non erit hic nobis infitiandus amor.
 Sunt mihi pro magno felicia carmina censu.
 Et multae per me nomen habere uolunt.
 Noui aliquam, quae se circumferat esse Corinnam;*

<i>Vt fiat, quid non illa dedisse uelit?</i>	30
<i>Sed neque diuersi ripa labuntur eadem</i>	
<i>Frigidus Eurotas populiferque Padus,</i>	
<i>Nec nisi tu nostris cantabitur ulla libellis;</i>	
<i>Ingenio causas tu dabis una meo.</i>	
II, 18	
<i>Carmen ad iratum dum tu perducis Achillen</i>	
<i>Primaque iuratis induis arma uiris,</i>	
<i>Nos, Macer, ignaua Veneris cessamus in umbra,</i>	
<i>Et tener ausuros grandia frangit Amor.</i>	
<i>Saepe meae “tandem dixi discede” puellae;</i>	5
<i>In gremio sedit protinus illa meo.</i>	
<i>Saepe “pudet!” dixi; lacrimis uix illa retentis</i>	
<i>“Me miseram! Iam te dixit amare pudet?”</i>	
<i>Implicuitque suos circum mea colla lacertos</i>	
<i>Et, quae me perdunt, oscula mille dedit.</i>	10
<i>Vincor et ingenium sumptis reuocatur ab armis</i>	
<i>Resque domi gestas et mea bella cano.</i>	
<i>Sceptra tamen sumpsi curaque tragoedia nostra</i>	
<i>Creuit et huic operi quamlibet aptus eram.</i>	
<i>Risit Amor pallamque meam pictosque cothurnos</i>	15
<i>Sceptraque priuata tam cito sumpta manu.</i>	
<i>Hinc quoque me dominae numen deduxit iniquae,</i>	
<i>Deque cothurnato uate triumphat Amor.</i>	
<i>Quod licet, aut artes teneri profitemur Amoris;</i>	
<i>(Ei mihi, praeceptis urgeor ipse meis)</i>	20
<i>Aut quod Penelopes uerbis reddatur Vlxi,</i>	
<i>Scribimus et lacrimas, Phylli relictas, tuas,</i>	
<i>Quod Paris et Macareus et quod male gratus Iaso</i>	
<i>Hippolytique parens Hippolytusque legant,</i>	
<i>Quodque tenens Dido strictum miserabilis ense</i>	25
<i>Dicat et Aoniae Lesbis amata lyram.</i>	

Quam cito de toto rediit meus orbe Sabinus
Scriptaque diuersis rettulit ille locis!
Candida Penelope signum cognovit Vlixis;
Legit ab Hippolyto scripta nouerca suo; 30
Iam pius Aeneas miserae rescripsit Elissae,
Quodque legat Phyllis, si modo uiuit, adest;
Tristis ad Hypsipylen ab Iasone littera uenit;
Det uotam Phoebo Lesbis amata lyram.
Nec tibi, qua tutum uati, Macer, arma canenti 35
Aureus in medio Marte tacetur Amor
Et Paris est illic et adultera, nobile crimen,
Et comes extincto Laodamia uiro.
Si bene te noui, non bella libentius istis
Dicis et a uestris in mea castra uenis. 40

II, 19

Si tibi non opus est seruata, stulte, puella,
At mihi fac serues, quo magis ipse uelim.
Quod licet, ingratum est; quod non licet acrius urit;
Ferreus est, siquis, quod sinit alter, amat
Speremus pariter, pariter metuamus amantes, 5
Et faciat uoto rara repulsa locum.
Quo mihi fortunam, quae numquam fallere curet?
Nil ego, quod nullo tempore laedat, amo.
Viderat hoc in me uitium uersuta Corinna,
Quaque capi possem, callida norat opem. 10
A! quotiens sani capitis mentita dolores
Cunctantem tardo iussit abire pede!
A! quotiens finxit culpam, quantumque licebat
Insonti, speciem praebuit esse nocens!
Sic ubi uexarat tepidosque refouerat ignes, 15
Rursus erat uotis comis et apta meis.
Quas mihi blanditias, quam dulcia uerba parabat!

Oscula, di magni, qualia quotque dabat!
Tu quoque, quae nostros rapuisti nuper ocellos,
Saepe time insidias, saepe rogata nega; 20
Et sine me ante tuos proiectum in limine postis
Longa pruinosa frigora nocte pati.
Sic mihi durat amor longosque adolescit in annos;
Hoc iuuat; haec animi sunt alimenta mei.
Pinguis amor nimiumque patens in taedia nobis 25
Vertitur et, stomacho dulcis ut esca, nocet.
Si numquam Danaen habuisset aenea turris,
Non esset Danae de Ioue facta parens;
Dum seruat Iuno mutatam cornibus Io,
Facta est, quam fuerat, gratior illa Ioui. 30
Quod licet et facile est, quisquis cupit, arbore frondis
Carpat et e magno flumine potet aquam!
Siqua uolet regnare diu, deludat amantem!
Ei mihi! ne monitis torquear ipse meis!
Quidlibet eueniat, nocet indulgentia nobis; 35
Quod sequitur, fugio; quod fugit, ipse sequor.
At tu, formonsae nimium secure puellae,
Incipe iam prima claudere nocte forem;
Incipe, quis totiens furtim tua limina pulset,
Quaerere, quid latrent nocte silente canes, 40
Quas ferat et referat sollers ancilla tabellas,
Cur totiens uacuo secubet ipsa toro.
Mordeat ista tuas aliquando cura medullas,
Detque locum nostris materiamque dolis.
Ille potest uacuo furari litore harenas, 45
Vxorem stulti siquis amare potest.
Iamque ego praemoneo; nisi tu seruare puellam
Incipis, incipiet desinere esse mea!
Multa diuque tuli; speraui saepe futurum,
Cum bene seruasses, ut bene uerba darem. 50
Lentus es et pateris nulli patienda marito;

At mihi concessi finis amoris erit.

Scilicet infelix numquam prohibebor adire?

Nox mihi sub nullo uindice semper erit?

Nil metuam? Per nulla traham suspiria somnos? 55

Nil facies, cur te iure perisse uelim?

Quid mihi cum facili, quid cum lenone marito?

Corrumpit uitio gaudia nostra suo.

Quin alium, quem tanta iuuat patientia, quaeris?

Me tibi riualet si iuuat esse, ueta! 60

LIBER TERTIVS

III, 1

Stat uetus et multos incaedua silua per annos;
Credibile est illi numen inesse loco.
Fons sacer in medio speluncaque pumice pendens,
Et latere ex omni dulce queruntur aues.
Hic ego dum spatior tectus nemoralibus umbris 5
(Quod mea, quaerebam, Musa moueret opus),
Venit odoratos Elegia nexa capillos,
Et, puto, pes illi longior alter erat;
Forma decens, uestis tenuissima, uultus amantis,
Et pedibus uitium causa decoris erat. 10
Venit et ingenti uiolenta Tragoedia passu
(Fronte comae torua, palla iacebat humi;
Laeua manus sceptrum late regale mouebat,
Ludius alta pedum uincla cothurnus erat)
Et prior "ecquis erit, dixit, tibi finis amandi, 15
O argumenti lente poeta tui?
Nequitiam uinosa tuam conuiuia narrant,
Narrant in multas compita secta uias.
Saepe aliquis digito uatem designat euntem,
Atque ait 'hic, hic est, quem ferus urit Amor'. 20
Fabula, nec sentis, tota iactaris in urbe,
Dum tua praeterito facta pudore refers.
Tempus erat thyrso pulsum graviore moueri;
Cessatum satis est; incipe maius opus.
Materia premis ingenium; cane facta uirorum. 25
'haec animo, dices, area facta meo est!'
Quod tenerae cantent, lusit tua Musa, puellae,
Primaque per numeros acta iuuenta suos;
Nunc habeam per, te Romana Tragoedia, nomen!
Inplebit leges spiritus iste meas." 30
Hactenus, et mouit pictis innixa cothurnis
Densum caesarie terque quaterque caput.

Altera, si memini, limis subrisit ocellis;
(Fallor, an in dextra myrtea uirga fuit?)
“Quid grauibus uerbis, animosa Tragoedia, dixit, 35
Me premis? an numquam non grauis esse potes?
Inparibus tamen es numeris dignata moueri;
In me pugnasti uersibus usa meis.
Non ego contulerim sublimia carmina nostris;
Obruit exiguas regia uestra fores. 40
Sum leuis, et mecum leuis est, mea cura, Cupido;
Non sum materia fortior ipsa mea.
Et tamen emerui plus quam tu posse, ferendo 47
Multa supercilio non patienda tuo. 48
Rustica sit sine me lasciui mater Amoris;
Huic ego proueni lena comesque deae;
Quam tu non poteris duro reserare cothurno, 45
Haec est blanditiis ianua laxa meis.
Per me decepto didicit custode Corinna 49
Liminis adstricti sollicitare fidem
Delabique toro tunica uelata soluta
Atque inpercussos nocte mouere pedes.
Vel quotiens foribus duris infixam pependi,
Non uerita a populo praetereunte legi!
Quin ego me memini, dum custos saeuus abiret, 55
Ancillae miseram delituisse sinu.
Quid, cum me munus natali mittis, at illa
Rumpit et adposita barbara mersat aqua?
Prima tuae movi felicia semina mentis;
Munus habes, quod te iam petit ista, meum.” 60
Desierat; coepi: “per uos utramque rogamus,
In uacuas aures uerba timentis eant.
Altera me sceptro decoras altoque cothurno:
Iam nunc contacto magnus in ore sonus.
Altera das nostro uicturum nomen amori: 65
Ergo ades et longis uersibus adde breues!

Exiguum uati concede, Tragoedia, tempus:

Tu labor aeternus; quod petit illa, breue est.'

Mota dedit ueniam — teneri properentur Amores,

Dum uacat; a tergo grandius urguet opus! 70

III, 2

“Non ego nobilium sedeo studiosus equorum;

Cui tamen ipsa faues, uincat ut ille, precor.

Vt loquerer tecum ueni, tecumque sederem,

Ne tibi non notus, quem facis, esset amor.

Tu cursus spectas, ego te; spectemus uterque 5

Quod iuuat, atque oculos pascat uterque suos.

O, cuicumque faues, felix agitator equorum!

Ergo illi curae contigit esse tuae?

Hoc mihi contingat, sacro de carcere missis

Insistam forti mente uehendus equis, 10

Et modo lora dabo, modo uerbere terga notabo,

Nunc stringam metas interiore rota.

Si mihi currenti fueris conspecta, morabor,

Neque meis manibus lora remissa fluent.

At quam paene Pelops Pisaea concidit hasta, 15

Dum spectat uultus, Hippodamea, tuos!

Nempe fauore suae uicit tamen ille puellae.

Vincamus dominae quisque fauore suae!

Quid frustra refugis? Cogit nos linea iungi;

Haec in lege loci commoda circus habet. 20

Tu tamen a dextra, quicumque es, parce puellae;

Contactu lateris laeditur ista tui.

Tu quoque, qui spectas post nos, tua contrahe crura,

Si pudor est, rigido nec preme terga genu.

Sed nimium demissa iacent tibi pallia terra. 25

Collige uel digitis en ego tollo meis!

Inuida, uestis, eras, quae tam bona crura tegebas;

Quoque magis spectes... inuida, uestis, eras!
Talia Milanion Atalantes crura fugacis
Optauit manibus sustinuisse suis. 30
Talia pinguntur succinctae crura Dianae
Cum sequitur fortes fortior ipsa feras.
His ego non uisis arsi; quid fiet ab ipsis?
In flammam flammis, in mare fundis aquas.
Suspikor ex istis et cetera posse placere, 35
Quae bene sub tenui condita ueste latent.
Vis tamen interea faciles arcessere uentos?
Quos faciet nostra mota tabella manu.
An magis hic meus est animi, non aeris aestus,
Captaque femineus pectora torret amor? 40
Dum loquor, alba leui sparsa est tibi puluere uestis;
Sordide de niueo corpore, puluis, abi.
Sed iam pompa uenit; linguis animisque fauete!
Tempus adest plausus; aurea pompa uenit.
Prima loco fertur passis Victoria pinnis; 45
Huc ades et meus hic fac, dea, uincat amor.
Plaudite Neptuno, nimium qui creditis undis.
Nil mihi cum pelago, me mea terra capit.
Plaude tuo Marti, miles. Nos odimus arma;
Pax iuuat et media pace repertus amor. 50
Auguribus Phoebus, Phoebe uenantibus adsit;
Artifices in te uerte, Minerva, manus.
Ruricolae, Cereri teneroque adsurgite Baccho.
Pollucem pugiles, Castora placet eques.
Nos tibi, blanda Venus, puerisque potentibus arcu 55
Plaudimus; inceptis adnue, diua, meis
Daque nouae mentem dominae; patiatur amari!
Adnuit et motu signa secunda dedit.
Quod dea promisit, promittas ipsa, rogamus;
Pace loquar Veneris, tu dea maior eris. 60
Per tibi tot iuro testes pompamque deorum.

Te dominam nobis tempus in omne peti.
Sed pendent tibi crura; potes, si forte iuuabit,
Cancellis primos inseruisse pedes.
Maxima iam uacuo praetor spectacula circo 65
Quadriugos aequo carcere misit equos.
Cui studeas, uideo; uincet, cuicumque fauebis;
Quid cupias, ipsi scire uidentur equi.
Me miserum! metam spatioso circuit orbe.
Quid facis? admoto proxumus axe subit. 70
Quid facis, infelix? perdis bona uota puellae;
Tende, precor, ualida lora sinistra manu!
Fauimus ignauo; sed enim reuocate, Quirites,
Et date iactatis undique signa togis!
En, reuocant! at, ne turbet toga mota capillos, 75
In nostros abdas te licet usque sinus.
Iamque patent iterum reserato carcere postes;
Euolat admissis discolor agmen equis.
Nunc saltem supera spatioque insurge patenti.
Sint mea, sint dominae fac rata uota meae! 80
Sunt dominae rata uota meae, mea uota supersunt.
Ille tenet palmam; palma petenda mea est.”
Risit, et argutis quiddam promisit ocellis.
Hoc satis est: alio cetera redde loco!

III, 3

Esse deos, i, crede. Fidem iurata fefellit,
Et facies illi, quae fuit ante, manet.
Quam longos habuit nondum periura capillos,
Tam longos, postquam numina laesit, habet.
Candida candorem roseo suffusa rubore 5
Ante fuit; niueo lucet in ore rubor.
Pes erat exiguus; pedis est artissima forma.
Longa decensque fuit; longa decensque manet.

Argutos habuit; radiant ut sidus ocelli,
Per quos mentita est perfida saepe mihi. 10
Scilicet aeterno falsum iurare puellis
Di quoque concedunt, formaque numen habet.
Perque suos illam nuper iurasse recordor
Perque meos oculos; et dolere mei.
Dicite, di, si uos inpune fefellerat illa, 15
Alterius meriti quor ego damna tuli?
An non inuidiae uobis cepheia uirgo est,
Pro male formonsa iussa parente mori?
Non satis est quod uos habui sine pondere testis,
Et mecum lusos ridet inulta deos? 20
Vt sua per nostram redimat periuria poenam,
Victima deceptus decipientis ero?
Aut sine re nomen deus est frustra que timetur
Et stulta populos credulitate mouet,
Aut, si quis deus est, teneras amat ille puellas 25
Et nimium solas omnia posse iubet.
Nobis fatifero Mauors accingitur ense;
Nos petit inuicta Palladis hasta manu;
Nobis flexibiles curuantur Apollinis arcus;
In nos alta Iouis dextera fulmen habet; 30
Formonsas superi metuunt offendere laesi
Atque ultro, quae se non timuere, timent.
Et quisquam pia tura focis inponere curat?
Certe plus animi debet inesse uiris.
[Iuppiter igne suo lucos iaculatur et arces 35
Missaque periuras tela ferire uetat.
Tot meruere peti; Semele miserabilis arsit!
Officio est illi poena reperta suo;
At si uenturo se subduxisset amanti,
Non pater in Baccho matris haberet opus.] 40
Quid queror et toto facio conuicia caelo?
Di quoque habent oculos, di quoque pectus habent.

Si deus ipse forem, numen sine fraude liceret
Femina mendaci falleret ore meum;
Ipse ego iurarem uerum iurasse puellas 45
Et non de tetricis dicerer esse deus.
Tu tamen illorum moderatius utere dono,
Aut oculis certe parce, puella, meis.

III, 4

Dure uir, inposito tenerae custode puellae
Nil agis; ingenio est quaeque tuenda suo.
Siqua metu dempto casta est, ea denique casta est;
Quae, quia non liceat, non facit, illa facit.
Vt iam seruaris bene corpus, adultera mens est. 5
Nec custodiri, ne uelit, ulla potest,
Nec corpus seruare potes, licet omnia claudas;
Omnibus exclusis intus adulter erit.
Cui peccare licet, peccat minus; ipsa potestas
Semina nequitiae languidiora facit. 10
Desine, crede mihi, uitia inritare uetando;
Obsequio uinces aptius illa tuo.
Vidi ego nuper equum contra sua uincla tenacem
Ore reluctanti fulminis ire modo;
Constitit, ut primum concessas sensit habenas 15
Frenaque in effusa laxa iacere iuba.
Nitimur in uetitum semper cupimusque negata;
Sic interdictis imminet aeger aquis.
Centum fronte oculos, centum cervice gerebat
Argus, et hos unus saepe fefellit Amor; 20
In thalamum Danae ferro saxoque perennem
Quae fuerat uirgo tradita, mater erat.
Penelope mansit, quamuis custode carebat,
Inter tot iuuenes intemerata procos.
Quidquid seruatur cupimus magis, ipsaque furem 25

Cura uocat; pauci, quod sinit alter, amant.
Nec facie placet illa sua, sed amore mariti;
Nescio quid, quod te ceperit, esse putant.
Non proba sit, quam uir seruat, sed adultera cara;
Ipse timor pretium corpore maius habet. 30
Indignere licet, iuuat inconcessa uoluptas;
Sola placet, "timeo!" dicere siqua potest.
Nec tamen ingenuam ius est servare puellam;
Hic metus externae corpora gentis agat!
Scilicet ut possit custos "ego" dicere "feci", 35
In laudem serui casta sit illa tui?
Rusticus est nimium, quem laedit adultera coniunx,
Et notos mores non satis urbis habet,
In qua Martigenae non sunt sine crimine nati
Romulus Iliades Iliadesque Remus. 40
Quo tibi formosam, si non nisi casta placebat?
Non possunt ullis ista coire modis!
Si sapis, indulge dominae uultusque seueros
Exue nec rigidi iura tuere uiri
Et cole, quos dederit (multos dabit) uxor, amicos. 45
Gratia sic minimo magna labore uenit;
Sic poteris iuuenum conuiuia semper inire
Et, quae non dederis, multa uidere domi.

III, 5

"Nox erat, et somnus lassos submitit ocellos;
Terruerunt animum talia visa meum.
Colle sub aprico creberrimus ilice lucus
Stabat, et in ramis multa latebat auis.
Area gramineo suberat uiridissima prato, 5
Vmida de guttis lene sonantis aquae.
Ipse sub arboreis uitabam frondibus aestum;
Fronde sub arborea sed tamen aestus erat.

Ecce, petens uariis inmixtas floribus herbas
Constitit ante oculos candida uacca meos, 10
Candidior niuibus, tunc cum cecidere recentes,
In liquidas nondum quas mora uertit aquas;
[Candidior, quod adhuc spumis stridentibus albet
Et modo siccata, lacte, reliquit ouem.]
Taurus erat comes huic, feliciter ille maritus, 15
Cumque sua teneram coniuge pressit humum.
Dum iacet et lente reuocatas ruminat herbas
Atque iterum pasto pascitur ante cibo,
Visus erat, somno uires adimente, feraci
Cornigerum terra deposuisse caput. 20
Huc leuibus cornix pinnis delapsa per auras
Venit et in uiridi garrula sedit humo,
Terque bouis niueae petulanti pectora rostro
Fodit et albentes abstulit ore iugas.
Illa locum taurumque diu cunctata relinquit, 25
(Sed niger in uaccae pectore lior erat)
Vtque procul uidit carpentes pabula tauros,
(Carpebant tauri pabula laeta procul)
Illuc se rapuit gregibusque inmiscuit illis
Et petiit herbae fertilioris humum. 30
Dic age, nocturnae, quicumque es, imaginis augur,
Siquid habent ueri, uisa quid ista ferant.”
Sic ego; nocturnae sic dixit imaginis augur,
Expendens animo singula dicta suo:
“Quem tu mobilibus foliis uitare uolebas, 35
Sed male uitabas, aestus amoris erat.
Vacca puella tua est; aptus color ille puellae;
Tu uir et in uacca conpare taurus eras.
Pectora quod rostro cornix fodiebat acuto,
Ingenium dominae lena mouebat anus. 40
Quod cunctata diu taurum sua uacca reliquit,
Frigidus in uiduo destituere toro.

*Liur et aduerso maculae sub pectore nigrae
 Pectus adulterii labe carere negant.”
 Dixerat interpres. Gelido mihi sanguis ab ore 45
 Fugit, et ante oculos nox stetit alta meos.*

III, 6

*Amnis harundinibus limosas obsite ripas,
 Ad dominam propero; siste parumper aquas.
 Nec tibi sunt pontes nec quae sine remigis ictu
 Concaua traiecto cumba rudente uehat.
 Paruus eras, memini, nec te transire refugi, 5
 Summaque uix talos contigit unda meos.
 Nunc ruis adposito niuibus de monte solutis
 Et turpi crassas gurgite uoluis aquas.
 Quid properasse iuuat, quid parca dedisse quieti
 Tempora, quid nocti conseruisse diem, 10
 Si tamen hic standum est, si non datur artibus ullis
 Vltior nostro ripa premenda pede?
 Nunc ego, quas habuit pinna Danaeius heros,
 Terribili densum cum tulit angue caput,
 Nunc opto currum, de quo Cerealia primum 15
 Semina uenerunt in rude missa solum.
 Prodigiosa loquor ueterum mendacia uatum,
 Nec tulit haec umquam nec feret ulla dies.
 Tu potius, ripis effuse capacibus amnis,
 (Sic aeternus eas!) labere fine tuo. 20
 Non eris inuidiae, torrens, mihi crede, ferendae,
 Si dicar per te forte retentus amans.
 Flumina deberent iuuenes in amore iuuare;
 Flumina senserunt ipsa quid esset amor.
 Inachus in Melie Bithynide pallidus isse 25
 Dicitur et gelidis incaluisse uadis.
 Nondum Troia fuit lustris obsessa duobus,*

Cum rapuit uultus, Xanthe, Neaera tuos.
Quid? Non Alpheon diuersis currere terris
Virginis Arcadiae certus adegit amor? 30
Te quoque promissam Xutho, Pennee, Creusam
Pthiotum terris occuluisse ferunt.
Quid referam Asopon, quem cepit Martia Thebe,
Natarum Thebe quinque futura parens?
Cornua si tua nunc ubi sint, Acheloe, requiram, 35
Herculis irata fracta querere manu;
Nec tanti Calydon nec tota Aetolia tanti,
Vna tamen tanti Deianira fuit.
Ille fluens diues septena per ostia Nilus,
Qui patriam tantae tam bene celat aquae, 40
Fertur in Euanthe collectam Asopide flammam
Vincere gurgitibus non potuisse suis.
Siccus ut amplecti Salmonida posset Enipeus,
Cedere iussit aquam; iussa recessit aqua.
Nec te praetereo, qui per caua saxa uolutans 45
Tiburis Argei pomifera arva rigas,
Ilia cui placuit, quamuis erat horrida cultu,
Vngue notata comas, ungue notata genas.
Ilia gemens patruique nefas delictaque Martis
Errabat nudo per loca sola pede; 50
Hanc Anien rapidis animosus uidit ab undis
Raucaque de mediis sustulit ora uadis
Atque ita: "Quid nostras dixit teris anxia ripas,
Ilia, ab Idaeo Laumedonte genus?"
Quo cultus abiere tui? quid sola uagaris, 55
Vitta nec euinctas inpedit alba comas?
Quid fles et madidos lacrimis corrumpis ocellos
Pectoraque insana plangis aperta manu?
Ille habet et silices et uiuum in pectore ferrum,
Qui tenero lacrimas lentus in ore uidet. 60
Ilia, pone metus! Tibi regia nostra patebit,

Teque colent amnes. Ilia, pone metus.
Tu centum aut plures inter dominabere nymphas:
Nam centum aut plures flumina nostra tenent.
Ne me sperne, precor, tantum, Troiana propago; 65
Munera promissis uberiora feres.”
Dixerat. Illa oculos in humum deiecta modestos
Spargebat tepido flebilis imbre sinus.
Ter molita fugam ter ad altas restitit undas,
Currendi uires eripiente metu; 70
Sera tamen scindens inimico pollice crinem
Edidit indignos ore tremente sonos:
“O utinam mea lecta forent patrioque sepulcro
Condita, cum poterant uirginis ossa legi!
Cur, modo Vestalis, taedas inuitor ad ullas 75
Turpis et Iliacis infitianda focus?
Quid moror et digitis designor adultera uulgi?
Desint famosus quae notet ora pudor!”
Hactenus et uestem tumidis praetendit ocellis
Atque ita se in rapidas perdita misit aquas. 80
Supposuisse manus ad pectora lubricus amnis
Dicitur et socii iura dedisse tori.
Te quoque credibile est aliqua caluisse puella;
Sed nemora et siluae crimina uestra tegunt.
Dum loquor, increuit latis spatiosior undis, 85
Nec capit admissas alueus altus aquas.
Quid mecum, furiose, tibi? quid mutua differs
Gaudia? quid coeptum, rustice, rumpis iter?
Quid? si legitimum flueres, si nobile flumen,
Si tibi per terras maxima fama foret? 90
Nomen habes nullum, riuis collecte caducis,
Nec tibi sunt fontes nec tibi certa domus;
Fontis habes instar pluuiamque nivesque solutas,
Quas tibi diuitias pigra ministrat hiemps;
Aut lutulentus agis brumali tempore cursus, 95

Aut premis arentem puluerulentus humum.
Quis te tum potuit sitiens haurire uiator?
Quis dixit grata uoce "perennis eas"?
Damnosus pecori curris, damnosior agris.
Forsitan haec alios; me mea damna mouent. 100
Huic ego, uae! demens narrabam fluminum amores
lactasse indigne nomina tanta pudet.
Nescio quem hunc spectans Acheloon et Inachon amnem
Et potui nomen, Nile, referre tuum!
At tibi pro meritis, opto, non candide torrens, 105
Sint rapidi soles siccaque semper hiemps!

III, 7

At non formonsa est, at non bene culta puella,
At, puto, non votis saepe petita meis.
Hanc tamen in nullos tenui male languidus usus,
Sed iacui pigro crimen onusque toro
Nec potui cupiens, pariter cupiente puella, 5
Inguinis effeti parte iuuante frui.
Illam quidem nostro subiecit eburnea collo
Bracchia Sithonia candidiora niue
Osculaque inseruit cupide luctantia linguis
Lascium femori supposuitque femur 10
Et mihi blanditias dixit dominumque uocauit
Et quae praeterea publica uerba iuuant.
Tacta tamen ueluti gelida mea membra cicuta
Segnia propositum destituere meum;
Truncus iners iacui, species et inutile pondus, 15
Et non exactum, corpus an umbra forem.
Quae mihi uentura est, siquidem uentura, senectus,
Cum desit numeris ipsa iuuenta suis?
A! pudet annorum! quo me iuuenemque uirumque
Nec iuuenem nec me sensit amata uirum? 20

Sic flammis aditura piis aeterna sacerdos
Surgit et a caro fratre uerenda soror.
At nuper bis flaua Chlide, ter candida Pitho,
Ter Libas officio continuata meo est;
Exigere a nobis angusta nocte Corinnam 25
Me memini numeros sustinuisse nouem.
Num mea Thessalico languent deuota ueneno
Corpora? num misero carmen et herba nocent,
Sagaue poenicea defixit nomina cera
Et medium tenuis in iecur egit acus? 30
Carmine laesa Ceres sterilem uanescit in herbam;
Deficiunt laesi carmine fontis aquae,
Illicibus glandes cantataque uitibus uua
Decidit et nullo poma mouente fluunt.
Quid uetat et neruos magicas torpere per artes? 35
Forsitan inpatiens fit latus inde meum.
Huc pudor accessit: facti pudor ipse nocebat;
Ille fuit uitii causa secunda mei.
At qualem uidi tantum tetigique puellam
(Sic etiam tunica tangitur illa sua)! 40
Illius ad tactum Pylius iuuenescere possit
Tithonosque annis fortior esse suis.
Haec mihi contigerat; sed uir non contigit illi.
Quas nunc concipiam per noua uota preces?
Credo etiam magnos, quo sum tam turpiter usus, 45
Muneris oblati paenituisse deos.
Optabam certe recipi; sum nempe receptus.
Oscula ferre; tuli; proximus esse; fui.
Quo mihi fortunae tantum? Quo regna sine usu?
Quid, nisi possedi diues avarus opes? 50
Sic aret mediis taciti uulgator in undis
Pomaque, quae nullo tempore tangat, habet.
A tenera quisquam sic surgit mane puella,
Protinus ut sanctos possit adire deos?

Sed, non blanda, puto, non optima perdidit in me 55
Oscula; non omni sollicitauit ope?
Illa graues potuit quercus adamantaque durum
Surdaque blanditiis saxa mouere suis.
Digna mouere fuit certe uiuosque uirosque;
Sed neque tum uixi nec uir, ut ante, fui. 60
Quid iuuat, ad surdas si cantet Phemius aures?
Quid miserum Thamyran picta tabella iuuat?
At quae non tacita formaui gaudia mente!
Quos ego non finxi disposuique modos!
Nostra tamen iacuere uelut praemortua membra 65
Turpiter hesterna languidiora rosa.
Quae nunc, ecce, uigent intempestiia ualentque,
Nunc opus exposcunt militiamque suam.
Quin istic pudibunda iaces, pars pessima nostri?
Sic sum pollicitis captus et ante tuis; 70
Tu dominum fallis; per te deprehensus inermis
Tristia cum magno damna pudore tuli.
Hanc etiam non est mea dedignata puella
Molliter admota sollicitare manu;
Sed postquam nullas consurgere posse per artes 75
Inmemoremque sui procubuisse uidet:
“Quid me ludis? ait, quis te, male sane, iubebat
Inuitum nostro ponere membra toro?
Aut te traiectis Aeaea uenefica lanis
Deuouet, aut alio lassus amore uenis.” 80
Nec mora, desiluit tunica uelata soluta
(Et decuit nudos proripuisse pedes)
Neve suae possent intactam scire ministrae,
Dedecus hoc sumpta dissimulauit aqua.

III, 8

*Et quisquam ingenuas etiamnunc suspicit artes,
 Aut tenerum dotes carmen habere putat?
 Ingenium quondam fuerat pretiosius auro;
 At nunc barbaria est grandis, habere nihil.*

*Cum pulchre dominae nostri placuere libelli, 5
 Quo licuit libris, non licet ire mihi;
 Cum bene laudauit, laudato ianua clausa est.
 Turpiter huc illuc ingeniosus eo.*

*Ecce, recens diues parto per uulnera censu
 Praefertur nobis sanguine pastus eques. 10
 Hunc potes amplecti formosis, uita, lacertis?
 Huius in amplexus, uita, uenire potes?
 Si nescis, caput hoc galeam portare solebat;
 Ense latus cinctum, quod tibi seruit, erat;*

*Laeua manus, cui nunc serum male conuenit aurum, 15
 Scuta tulit; dextram tange; cruenta fuit!
 Qua periit aliquis, potes hanc contingere dextram?
 Heu! ubi mollities pectoris illa tui?
 Cerne cicatrices, ueteris uestigia pugnae;
 Quaesitum est illi corpore, quidquid habet. 20
 Forsitan et, quotiens hominem iugulauerit, ille
 Indicet! Hoc fassas tangis, auara, manus.
 Ille ego Musarum purus Phoebique sacerdos
 Ad rigidas canto carmen inane fores?*

*Discite, qui sapitis, non quae nos scimus inertes, 25
 Sed trepidas acies et fera castra sequi
 Proque bono uersu primum deducite pilum.
 Hoc tibi, si uelles, possit, Homere, dari.
 Iuppiter, admonitus nihil esse potentius auro,
 Corruptae pretium uirginis ipse fuit. 30
 Dum merces aberat, durus pater, ipsa seuera,
 Aerati postes, ferrea turris erat;*

*Sed postquam sapiens se in munere uertit adulter,
 Praebuit ipsa sinus et dare iussa dedit.*
At cum regna senex caeli Saturnus haberet, 35
*Omne lucrum tenebris alta premebat humus;
 Aeraque et argentum cumque auro pondera ferri
 Manibus admorat nullaue massa fuit.*
At meliora dabat, curuo sine uomere fruges
Pomaque et in quercu mella reperta caua. 40
*Nec ualido quisquam terram scindebat aratro,
 Signabat nullo limite mensor humum,
 Non freta demisso uerrebant eruta remo:
 Vltima mortali tum uia litus erat.*
Contra te sollers, hominum natura, fuisti 45
Et nimium damnis ingeniosa tuis.
*Quo tibi turritis incingere moenibus urbes?
 Quo tibi discordes addere in arma manus?
 Quid tibi cum pelago? terra contenta fuisses!*
Cur non et caelum, tertia regna, facis? 50
*[Qua licet, adfectas caelum quoque; templa Quirinus,
 Liber et Alcides et modo Caesar habent.]*
*Eruimus terra solidum pro frugibus aurum;
 Possidet inuentas sanguine miles opes;
 Curia pauperibus clausa est; dat census honores;* 55
Inde grauis iudex, inde seuerus eques!
*Omnia possideant; illis Campusque forumque
 Seruiat, hi pacem crudaque bella gerant;
 Tantum ne nostros auidi liceantur amores*
Et (satis est) aliquid pauperis esse sinant. 60
*At nunc, exaequet tetricas licet illa Sabinas,
 Imperat ut captae, qui dare multa potest.
 Me prohibet custos, in me timet illa maritum;*

Si dederim, tota cedit uterque domo.
O si neglecti quisquam deus ultor amantis 65
Tam male quaesitas puluere mutet opes!

III, 9

Memnona si mater, mater plorauit Achillem
Et tangunt magnas tristia fata deas,
Flebilis indignos, Elegeia, solue capillos.
A! nimis ex uero nunc tibi nomen erit.
Ille tui uates operis, tua fama, Tibullus 5
Ardet in extructo, corpus inane, rogo.
Ecce, puer Veneris fert euersamque pharetram
Et fractos arcus et sine luce facem;
Adspice, demissis ut eat miserabilis alis
Pectoraque infesta tundat aperta manu; 10
Excipiunt lacrimas sparsi per colla capilli,
Oraque singultu concutiente sonant.
Fratris in Aeneae sic illum funere dicunt
Egressum tectis, pulcher Iule, tuis;
Nec minus est confusa Venus moriente Tibullo, 15
Quam iuueni rupit cum ferus inguen aper.
At sacri uates et diuum cura uocamur;
Sunt etiam qui nos numen habere putent.
Scilicet omne sacrum mors inportuna profanat;
Omnibus obscuras inicit illa manus. 20
Quid pater Ismario, quid mater profuit Orptheo?
Carmine quid uictas obstipuisse feras?
Et Linon in siluis idem pater "aelinon!" altis
Dicitur inuita concinuisse lyra;
Adice Maeoniden, a quo ceu fonte perenni 25
Vatum Pieriis ora rigantur aquis.
Hunc quoque summa dies nigro submersit Auerno.
Defugiunt auidos carmina sola rogos;

Durant, uatis opus, Troiani fama laboris
Tardaue nocturno tela retexta dolo. 30
Sic Nemesis longum, sic Delia nomen habebunt,
Altera cura recens, altera primus amor.
Quid uos sacra iuuant? quid nunc Aegyptia prosunt
Sistra? quid in uacuo secubuisse toro?
Cum rapiunt mala fata bonos (ignoscite fasso) 35
Sollicitor nullos esse putare deos.
Vive pius; moriere; pius. Cole sacra; colentem
Mors grauis a templis in caua busta trahet;
Carminibus confide bonis — iacet, ecce, Tibullus,
Vix manet e toto, parua quod urna capit. 40
Tene, sacer uates, flammae rapuere rogales
Pectoribus pasci nec timuere tuis?
Aurea sanctorum potuissent templa deorum
Vrere, quae tantum sustinuerunt nefas.
Auertit uultus, Erycis quae possidet arces; 45
Sunt quoque, qui lacrimas continuisse negant.
Sed tamen hoc melius, quam si Phaeacia tellus
Ignotum uili supposuisset humo.
Hinc certe madidos fugientis pressit ocellos
Mater et in cineres ultima dona tulit; 50
Hinc soror in partem misera cum matre doloris
Venit inornatas dilaniata comas,
Cumque tuis sua iunxerunt Nemesisque priorque
Oscula nec solos destituere rogos.
Delia descedens “felicius, inquit, amata 55
Sum tibi; uixisti, dum tuus ignis eram.”
Cui Nemesis “quid, ait, tibi sunt mea damna dolori?”
Me tenuit moriens deficiente manu.”
Si tamen e nobis aliquid nisi nomen et umbra
Restat, in Elysia ualle Tibullus erit: 60
Obuius huic uenies hedera iuuenalia cinctus
Tempora cum Caluo, docte Catulle, tuo;

*Tu quoque, si falsum est temerati crimen amici,
 Sanguinis atque animae prodige Galle tuae.
 His comes umbra tua est; siqua est modo corporis umbra, 65
 Auxisti numeros, culte Tibulle, pios.
 Ossa quieta, precor, tuta requiescite in urna,
 Et sit humus cineri non onerosa tuo!*

III, 10

*Annua uenerunt Cerealis tempora sacri;
 Secubat in uacuo sola puella toro.
 Flaua Ceres, tenues spicis redimita capillos,
 Cur inhibes sacris commoda nostra tuis?
 Te, dea, munificam gentes ubi quaeque loquuntur 5
 Nec minus humanis invidet ulla bonis.
 Ante nec hirsuti torrebant farra coloni
 Nec notum terris area nomen erat,
 Sed glandem quercus, oracula prima, ferebant;
 Haec erat et teneri caespitis herba cibus. 10
 Prima Ceres docuit turgescere semen in agris
 Falce coloratas subsecuitque comas;
 Prima iugis tauros supponere colla coegit
 Et ueterem curuo dente reuellit humum.
 Hanc quisquam lacrimis laetari credit amantum 15
 Et bene tormentis secubituque coli?
 Nec tamen est, quamuis agros amet illa feraces,
 Rustica nec uiduum pectus amoris habet.
 Cretes erunt testes; nec fingunt omnia Cretes,
 Crete nutrito terra superba Ioue. 20
 Illic sideream mundi qui temperat arcem
 Exiguus tenero lac bibit ore puer.
 Magna fides testi; testis laudatur alumno.
 Fassuram Cererem crimina nostra puto.
 Viderat Iasium Cretaea diua sub Ida 25*

Figentem certa terga ferina manu.
Vidit, et ut tenerae flammam rapuere medullae,
Hinc pudor, ex illa parte trahebat amor;
Victus amore pudor. Sulcos arere uideres
Et sata cum minima parte redire sui. 30
Cum bene iactati pulsarant arua ligones,
Ruperat et duram uomer aduncus humum
Seminaque in latos ierant aequaliter agros,
Inrita decepti uota colentis erant.
Diua potens frugum siluis cessabat in altis; 35
Deciderant longae spiceaserta comae.
Sola fuit Crete fecundo fertilis anno;
Omnia, qua tulerat se dea, messis erat;
Ipsa, locus nemorum, canebat frugibus Ide,
Et feros in silua farra metebat aper. 40
Optauit Minos similes sibi legifer annos;
Optasset, Cereris longus ut esset amor.
Quod tibi secubitus tristes, dea flaua, fuissent,
Hoc cogor sacris nunc ego ferre tuis?
[Cur ego sim tristis, cum sit tibi nata reperta 45
Regnaque quam Iuno sorte minore regat?]
Festa dies ueneremque uocat cantusque merumque;
Haec decet ad dominos munera ferre deos.

III, 11a

Multa diuque tuli; uitiis patientia uicta est;
Cede fatigato pectore, turpis amor.
Scilicet adserui iam me fugique catenas,
Et quae non puduit ferre, tulisse pudet.
Vicinus et domitum pedibus calcamus amorem; 5
Venerunt capiti cornua sera meo.
Perfer et obdura; Dolor hic tibi proderit olim;
Saepe tulit lassus sucus amarus opem.

Ergo ego sustinui, foribus tam saepe repulsus,
Ingenuum dura ponere corpus humo? 10
Ergo ego nescio quoi quem tu complexa tenebas
Excubui clausam, seruus ut, ante domum?
Vidi, cum foribus lassus prodiret amator,
Inualidum referens emeritumque latus.
Hoc tamen est leuius, quam quod sum uisus ab illo. 15
Eueniat nostris hostibus ille pudor!
Quando ego non fixus lateri patienter adhaesi,
Ipse tuus custos, ipse uir, ipse comes?
Scilicet et populo per me comitata placebas;
Causa fuit multis noster amoris amor. 20
Turpia quid referam uanae mendacia linguae
Et periuratos in mea damna deos?
Quid iuuenum tacitos inter conuiuia nutus
Verbaque conpositis dissimulata notis?
Dicta erat aegra mihi; praeceps amensque cucurri; 25
Veni, et riuali non erat aegra meo!
His et quae taceo durauit saepe ferendis;
Quaere alium pro me qui queat ista pati.
Iam mea uotiua puppis redimita corona
Lenta tumescentes aequoris audit aquas. 30
Desine blanditias et uerba, potentia quondam,
Perdere; non ego nunc stultus, ut ante fui!

III, 11b

Luctantur pectusque leue in contraria tendunt
Hac amor hac odium, sed, puto, uincit amor.
Odero, si potero; si non, inuitus amabo. (35)
Nec iuga taurus amat; quae tamen odit, habet.
Nequitiam fugio; fugientem forma reducit; 5
Auersor morum crimina; corpus amo;
Sic ego nec sine te nec tecum uiuere possum,

<i>Et uideor uoti nescius esse mei.</i>	(40)
<i>Aut formonsa fores minus aut minus improba uellem</i>	
<i>Non facit ad mores tam bona forma malos.</i>	10
<i>Facta merent odium, facies exorat amorem.</i>	
<i>Me miserum, uitiis plus ualet illa suis!</i>	
<i>Parce, per o lecti socialia iura, per omnis,</i>	(45)
<i>Qui dant fallendos se tibi saepe, deos,</i>	
<i>Perque tuam faciem, magni mihi numinis instar,</i>	15
<i>Perque tuos oculos, qui rapuere meos!</i>	
<i>Quidquid eris, mea semper eris; tu selige tantum,</i>	
<i>Me quoque uelle uelis, anne coactus amem!</i>	(50)
<i>Lintea dem potius uentisque ferentibus utar,</i>	
<i>Vt, quamuis nolim, cogar amare, uelim.</i>	20

III, 12

<i>Quis fuit ille dies, quo tristia semper amanti</i>	
<i>Omina non albae concinuistis aues?</i>	
<i>Quodue putem sidus nostris occurrere fati,</i>	
<i>Quosue deos in me bella mouere querar?</i>	
<i>Quae modo dicta mea est, quam coepi solus amare,</i>	5
<i>Cum multis uereor ne sit habenda mihi.</i>	
<i>Fallimur an nostris innotuit illa libellis?</i>	
<i>Sic erit; ingenio prostitit illa meo.</i>	
<i>Et merito! quid enim formae praeconia feci?</i>	
<i>Vendibilis culpa facta puella mea est.</i>	10
<i>Me lenone placet, duce me perductus amator,</i>	
<i>Ianua per nostras est adaperta manus.</i>	
<i>An prosint, dubium, nocuerunt carmina semper;</i>	
<i>Inuidiae nostris illa fuere bonis.</i>	
<i>Cum Thebae, cum Troia foret, cum Caesaris acta,</i>	15
<i>Ingenium mouit sola Corinna meum.</i>	
<i>Auersis utinam tetigissem carmina Musis,</i>	
<i>Phoebus et inceptum destituisset opus!</i>	

<i>Nec tamen ut testes mos est audire poetas;</i>	
<i>Malueram uerbis pondus abesse meis.</i>	20
<i>Per nos Scylla patri caros furata capillos</i>	
<i>Pube premit rabidos inguinibusque canes.</i>	
<i>Nos pedibus pinnas dedimus, nos crinibus angues;</i>	
<i>Victor Abantiades alite fertur equo.</i>	
<i>Idem per spatium Tityon porreximus ingens</i>	25
<i>Et tria uipereo fecimus ora cani.</i>	
<i>Fecimus Enceladum iaculantem mille lacertis,</i>	
<i>Ambiguae captos uirginis ore uiros,</i>	
<i>Aeolios Ithacis inclusimus utribus Euros;</i>	
<i>Proditor in medio Tantalus amne sitit;</i>	30
<i>De Niobe silicem, de uirgine fecimus ursam.</i>	
<i>Concinit Odrysium Cecropis ales Ityn;</i>	
<i>Iuppiter aut in aues aut se transformat in aurum</i>	
<i>Aut secat inposita uirgine taurus aquas.</i>	
<i>Protea quid referam Thebanaque semina, dentes;</i>	35
<i>Qui uomerent flammis ore, fuisse boues;</i>	
<i>Flere genis electra tuas, Auriga, sorores,</i>	
<i>Quaeque rates fuerint, nunc maris esse deas,</i>	
<i>Auersumque diem mensis furialibus Atrei,</i>	
<i>Duraque percussam saxa secuta lyram?</i>	40
<i>Exit in immensum fecunda licentia uatum,</i>	
<i>Obligat historica nec sua uerba fide.</i>	
<i>Et mea debuerat falso laudata uideri</i>	
<i>Femina; credulitas nunc mihi uestra nocet.</i>	

III, 13

<i>Cum mihi pomiferis coniunx foret orta Faliscis,</i>	
<i>Moenia contigimus victa, Camille, tibi.</i>	
<i>Casta sacerdotes Iunoni festa parabant</i>	
<i>Et celebres ludos indigenamque bouem.</i>	
<i>Grande morae pretium ritus cognoscere, quamuis</i>	5

Difficilis cliuis huc uia praebet iter.
Stat uetus et densa praenubilis arbore lucus;
Adspice, concedas numen inesse loco.
Accipit ara preces uotiuaque tura piorum,
Ara per antiquas facta sine arte manus. 10
Hinc, ubi praesonuit sollemni tibia cantu,
It per uelatas annua pompa uias.
Ducuntur niueae populo plaudente iuuencae,
Quas aluit campis herba Falisca suis,
Et uituli nondum metuenda fronte minaces, 15
Et minor ex humili uictima porcus hara
Duxque gregis cornu per tempora dura recuruo;
Inuisa est dominae sola capella deae.
Illiis indicio siliis inuenta sub altis
Dicitur inceptam destituisse fugam. 20
Nunc quoque per pueros iaculis incessitur index
Et pretium auctori uulneris ipsa datur.
Qua uentura dea est, iuuenes timidaeque puellae
Praeuerrunt latas ueste iacente uias,
Virginei crines auro gemmaque premuntur 25
Et tegit auratos palla superba pedes.
More patrum Graio uelatae uestibus albis
Tradita supposito uertice sacra ferunt.
Ora fauent populi tum cum uenit aurea pompa,
Ipsa sacerdotes subsequiturque suas. 30
Argiua est pompae facies; Agamemnone caeso
Et scelus et patrias fugit Halaesus opes
Iamque pererratis profugus terraque fretoque
Moenia felici condidit alta manu.
Ille suos docuit Iunonia sacra Faliscos. 35
Sint mihi, sint populo semper amica suo.

III, 14

*Non ego, ne pecces, cum sis formosa, recuso,
 Sed ne sit misero scire necesse mihi,
 Nec te nostra iubet fieri censura pudicam,
 Sed tamen, ut temptes dissimulare, rogat.*

*Non peccat, quaecumque potest peccasse negare, 5
 Solaque famosam culpa professa facit.*

*Quis furor est, quae nocte latent, in luce fateri,
 Et quae clam facias, facta referre palam?*

*Ignoto meretrix corpus iunctura Quiriti
 Apposita populum summovet ante sera; 10
 Tu tua prostitues famae peccata sinistrae
 Commissi perages indiciumque tui?
 Sit tibi mens melior, saltemue imitare pudicas,
 Teque probam, quamuis non eris, esse putem,*

*Quae facis, haec facito; tantum fecisse negato 15
 Nec pudeat coram uerba modesta loqui!
 Est qui nequitiam locus exigat; omnibus illum
 Deliciis inple, stet procul inde pudor.*

*Hinc simul exieris, lasciuiam protinus omnis
 Absit, et in lecto crimina pone tuo. 20
 Illic nec tunicam tibi sit posuisse pudori
 Nec femori inpositum sustinuisse femur;
 Illic purpureis condatur lingua labellis,
 Inque modos uenerem mille figuret amor;*

*Illic nec uoces nec uerba iuuantia cessent, 25
 Spondaque lasciua mobilitate tremat!
 Indue cum tunicis metuentem crimina uultum,
 Et pudor obscenum diffiteatur opus;
 Da populo, da uerba mihi; sine nescius errem,
 Et liceat stulta credulitate frui! 30
 Cur totiens uideo mitti recipique tabellas?
 Cur pressus prior est interiorque torus?*

*Cur plus quam somno turbatos esse capillos
 Collaque conspicio dentis habere notam?
 Tantum non oculos crimen deducis ad ipsos; 35
 Si dubitas famae parcere, parce mihi!
 Mens abit et morior, quotiens peccasse fateris,
 Perque meos artus frigida gutta fluit.
 Tunc amo, tunc odi frustra, quod amare necesse est.
 Tunc ego, sed tecum, mortuus esse uelim! 40
 Nil equidem inquiram; nec quae celare parabis,
 Insequar, et falli muneris instar erit.
 Si tamen in media deprensa tenebere culpa
 Et fuerint oculis probra uidenda meis,
 Quae bene uisa mihi fuerint, bene uisa negato; 45
 Concedent uerbis lumina nostra tuis.
 Prona tibi uinci cupientem uincere palma est,
 Sit modo “non feci!” dicere lingua memor.
 Cum tibi contingat uerbis superare duobus,
 Etsi non causa, iudice uince tuo! 50*

III, 15

*Quaere nouum uatem, tenerorum mater Amorum;
 Raditur hic elegis ultima meta meis;
 Quos ego composui, Paeligni ruris alumnus
 (Nec me deliciae dedecuerunt meae),
 Siquid id est, usque a proauis uetus ordinis heres, 5
 Non modo militiae turbine factus eques.
 Mantua Vergilio, gaudet Verona Catullo;
 Paelignae dicar gloria gentis ego,
 Quam sua libertas ad honesta coegerat arma,
 Cum timuit socias anxia Roma manus. 10
 Atque aliquis spectans hospes Sulmonis aquosi
 Moenia, quae campi iugera pauca tenent,
 “Quae tantum, dicet, potuistis ferre poetam,*

Quantulacumque estis, uos ego magna uoco."

Culte puer puerique parens Amathusia culti, 15

Aurea de campo uellite signa meo.

Corniger increpuit thyrsos grauiore Lyaeus:

Pulsanda est magnis area maior equis.

Inbelles elegi, genialis Musa, ualete,

Post mea mansurum fata superstes opus. 20